

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

JULIANA GARCIA RODRIGUES SWOBODA

**VIOLETA (1878-1879):
UM PERIÓDICO LITERÁRIO SUL-RIO-GRANDENSE**

Rio Grande
2017

JULIANA GARCIA RODRIGUES SWOBODA

**VIOLETA (1878-1879):
UM PERIÓDICO LITERÁRIO SUL-RIO-GRANDENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em História da Literatura da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras.

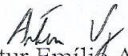
Orientador: Prof. Dr. Artur Emilio Alarcom Vaz


Rio Grande
2017

Juliana Garcia Rodrigues Swoboda

Violeta (1878-1879): um periódico literário sul-riograndense

Dissertação aprovada como requisito parcial e último para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração em História da Literatura, do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Rio Grande. A Comissão de Avaliação esteve constituída pelos seguintes professores:


Prof. Dr. Artur Emílio Alarcon Vaz
(FURG) - (Orientador)


Profª. Drª. Yasmin Jamíl Nadaf
(AML – Academia Mato-Grossense de Letras)


Prof. Dr. Francisco das Neves Alves
(FURG)

AGRADECIMENTOS

A realização da presente pesquisa não seria possível sem o apoio, a compreensão e principalmente o incentivo daqueles com os quais convivemos. Aqui expresso meu agradecimento a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a concretização deste trabalho.

Primeiramente, agradeço à minha família, minha mãe e meu pai, Arita e Ronaldo, minha avó Luzanira, meu irmão, Gustavo e meus sogros, Lea e Elmo. Sou uma pessoa privilegiada por ter vocês.

Agradeço ao meu orientador, Artur Emílio Alarcom Vaz, pela orientação segura, pelo apoio em todos os momentos do trabalho e especialmente pela paciência.

Às amigas Fernanda, Lisiane, Giselle, Elisa, Joice e Daiane acredito nesses versos que dizem que “tem coisas que tem seu valor avaliado em quilates e cifras e fins e outras não tem o apreço nem pagam o preço que valem pra mim”, assim é a amizade de vocês.

À banca examinadora, pela disposição em participar da defesa.

Por fim, agradeço ao Elmer, por ter contribuído do início ao fim dessa jornada, pelas palavras de incentivo, os abraços acolhedores, por ter sido um verdadeiro companheiro, não imagino essa empreitada sem a tua presença.

“Basta uma crise política, econômica e religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados”

Simone de Beauvoir

RESUMO

Esta dissertação objetiva apresentar uma análise dos textos literários publicados – voltados exclusivamente para o público feminino – no impresso *Violeta* que circulou em Rio Grande (RS) de 1878 e 1879 e que teve Julieta de Mello Monteiro como proprietária e redatora. Cabe destacar que esta dissertação está vinculada à linha de pesquisa "Literatura sul-rio-grandense" do mestrado em História da Literatura da Universidade Federal do Rio Grande e ao projeto "Dicionários de autores de Rio Grande no século XIX", coordenado pelo professor Artur Emílio Alarcon Vaz. Este trabalho buscou analisar como este periódico contribuiu para a formação e a consolidação do sistema literário sul-rio-grandense, de acordo com os pressupostos teóricos abordados por Itamar Even Zohar em sua Teoria dos Polissistemas. O foco dessa dissertação é a análise dos textos literários publicados no *Violeta* considerando o contexto de produção no qual o jornal estava inserido, contribuindo para a reconstrução de uma historiografia literária em que as produções femininas do século XIX obtenham visibilidade.

Palavras-chave: periódicos; sistema-literário rio-grandense; Violeta.

ABSTRACT

The present dissertation aims to present an analysis of published literary texts - exclusively aimed at the female audience - in the printed *Violeta* which circulated in Rio Grande (RS) in 1878 and 1879 with Julieta de Mello Monteiro as the owner and copywriter. It should be noted that this dissertation is linked to the "South Rio-Grandense Literature" area of research of the master's degree in History of Literature of the Federal University of Rio Grande and to the project "Dictionaries of authors of Rio Grande in the nineteenth century", coordinated by Professor Artur Emilio Alarcon Vaz. This study sought to analyze how the aforementioned journal contributed to the formation and consolidation of the South-Rio-Grandense literary system, according to the theoretical assumptions addressed by Itamar Even Zohar in his Theory of Polysystems. The focus of this dissertation is the analysis of the literary texts published in the *Violeta* considering the production context within which the newspaper was inserted, contributing to the reconstruction of a literary historiography in which feminine productions of the 19th century gain visibility.

Key words: magazines; literary system; Violeta.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	IMPrensa LITERÁRIA SUL-RIO-GRANDENSE E JULIETA DE MELO MONTEIRO	12
2	VIOLETA	20
	2.1 “REVISTAS DOS JORNAIS”	24
	2.2 “ROSAS LITERÁRIAS”	27
	2.3 “ÍRIS POÉTICO”	39
	2.4 “MÍRIADES”	48
	2.5 “JOGO DE PACIÊNCIA”	55
3	OS PRIMÓRDIOS DE UM SISTEMA LITERÁRIO	57
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
	REFERÊNCIAS	69
	ANEXOS	72

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa investigar as ideias difundidas pelo jornal *Violeta* e de que forma esse periódico contribuiu para a formação e consolidação do sistema literário sul-rio-grandense. Foi na disciplina “Imprensa e História”, ministrada pelo professor Francisco Alves, que foram apresentados os primeiros dados sobre o *Violeta* e sua redatora Julieta de Melo Monteiro, na ocasião estudávamos as características da pequena imprensa e o professor nos apresentou o *Violeta* como representante de tal seguimento. Por intermédio do professor Mauro Póvoas, obtivemos de forma digitalizada as edições disponíveis na Biblioteca Rio-Grandense.

A partir das atividades desenvolvidas ao longo do primeiro semestre na pós-graduação, realizamos uma comunicação sobre o periódico *Violeta* e também um curso de extensão sobre Literatura Feminina, no qual o jornal e uma breve biografia da proprietária e redatora Julieta de Melo Monteiro foram apresentados¹.

As pesquisas com fontes primárias têm por finalidade proceder a uma revisão da produção de um autor, de um movimento ou de autores que foram excluídos das histórias literárias. Para Regina Zilberman (2003), o retorno às fontes primárias permite um novo ângulo acerca das histórias literárias já cristalizadas:

Com efeito, o retorno às fontes primárias – e há muitas delas aguardando nossa atenção em periódicos brasileiros e hispano-americanos (vertente muito pouco investigada por nossos pesquisadores) – tem sentido enquanto representa uma retomada da história da literatura desde um ângulo menos viciado. A história da literatura, no modo como se apresenta no ensino e nas obras que a narram, é um prato feito, que nos cabe consumir ou rejeitar. Se, coerentes com o posicionamento sugerido pelas recentes linhas de investigação no campo das ciências humanas, rechaçamos idéias prontas e fatos consumados, cabe começar, por exemplo, pelo questionamento da história da literatura.

É nesse sentido que pesquisar fontes corresponde não apenas a uma atitude, mas a um programa que supõe um posicionamento perante a teoria e a história da literatura. Corresponde igualmente à tomada de posição perante o canônico e o marginal, já que, quando se trata de recuperar elos perdidos de nosso passado literário e

¹Trabalho intitulado “*Violeta*: Uma contribuição para a história das mulheres sul-rio-grandenses”, no evento I Seminário Internacional Literatura, Imaginário e Cultura e do I Seminário Internacional Vozes Femininas e escritas do Eu, em Rio Grande, RS. Curso de extensão intitulado “A literatura feminina através dos textos”, sob coordenação da professora Michelle Vasconcelos, desenvolvido pelo Instituto de Letras e Artes ILA, da FURG.

cultural, passam a ocupar o proscênio coadjuvantes que, seguidamente, ainda não suscitaram interesse, foram reprimidos ou ocultados, ficaram de fora da corrente dominante, as *mainstreams* das escolas e tendências (ZILBERMAN, 2003, p. 7).

Levando em consideração a relevância que os jornais tiveram na vida social rio-grandina do século XIX, este trabalho objetiva resgatar a produção literária no jornal *Violeta*, o qual circulou de março de 1878 a julho de 1879 e era um periódico semanal de quatro páginas, que tinha como redatora e proprietária Julieta de Melo Monteiro (1855-1928) que, além de jornalista, foi professora, contista, teatróloga e poetisa.

Através desta dissertação de mestrado traremos à luz textos e autores esquecidos pela crítica, ainda que possua maior valor histórico do que estético, entende-se que este periódico contribuiu para a formação e a consolidação do sistema literário sul-rio-grandense.

Para isso, o primeiro capítulo irá contextualizar o jornal *Violeta* na imprensa literária sul-rio-grandense e reunir os dados biográficos de Julieta de Melo Monteiro. O segundo capítulo parte para a descrição do jornal *Violeta* e de suas seções literárias: “Revistas dos jornais”, “Rosas literárias”, “Íris poético”, “Miríades” e “Jogo da paciência”, analisando as obras encontradas em cada uma dessas seções. O terceiro capítulo, antes das conclusões, organiza o periódico dentro dos primórdios de um sistema literário, nos termos de EvenZohar. Dessa forma, pretende-se jogar luz sobre a importância desse periódico no contexto da literatura sul-rio-grandense.

1. IMPRENSA LITERÁRIA SUL-RIO-GRANDENSE E JULIETA DE MELO MONTEIRO

O Brasil assistiu o nascer da sua imprensa tardiamente, bem como nas demais colônias portuguesas. A chegada da Corte imperial e a instalação da tipografia da Imprensa Régia em 1808 marcaram este surgimento, que se deu em meio a um denso período de transformações nas relações de poder que diziam respeito às dimensões políticas e sociais. *Correio Braziliense* e *Gazeta do Rio de Janeiro* foram os primeiros jornais brasileiros, iniciando a publicação, respectivamente, em 1º de junho e de 10 de setembro de 1808, mas, ao contrário dos principais países latino-americanos, o Brasil entrou no século XIX com modesta tipografia e sem jornais.

No Rio Grande do Sul, a imprensa que se desenvolveu na primeira metade do século XIX tinha como mote editorial os textos doutrinários de cunho político: o *Diário de Porto Alegre* (1827), por exemplo, era uma publicação do governo, patrocinada pelo presidente da Província, Salvador José Maciel. Guilhermino Cesar, em sua *História da Literatura do Rio Grande do Sul*, cita na cidade de Porto Alegre 34 jornais publicados na década de 1830. Neste período, funcionaram na cidade de Rio Grande vários teatros, livrarias e gabinetes de leitura, com destaque para Biblioteca Rio-Grandense, fundada em 1846, que se tornou uma das mais importantes instituições culturais gaúchas.

Durante o século XIX, a imprensa escrita, além de disseminar informações, difundiu a leitura e construiu hábitos, costumes, opiniões e ideologias. Além das folhas político-partidárias e literárias, circulavam pasquins, jornais caricatos e a grande imprensa constituída dos jornais noticiosos, os quais foram evoluindo de pequenas tipografias até chegarem à imprensa industrial na virada do século. De acordo com Athos Damasceno Ferreira (1975), o primeiro periódico literário gaúcho foi *O Guayba*, publicado em Porto Alegre, em 1856.

Em *Precedência malograda: A Rosa Brasileira, o primeiro jornal literário do Rio Grande do Sul?* Mauro Póvoas aponta para o impresso *Rosa Brasileira* como o primeiro periódico exclusivamente literário do Rio Grande do Sul, sua publicação teve início no ano de 1851, em Rio Grande, porém o autor salienta os motivos que possivelmente excluíram o impresso das histórias literárias:

Com efeito, se *A Rosa Brasileira* foi a primeira tentativa de periódico literário na Província sulina, tal iniciativa foi malograda pela descoberta do plágio, o que colaborou na ausência de comentários crítico historiográficos sobre a existência do jornal. A cópia descarada de textos de um congênere pernambucano, ao mesmo tempo em que excluiu e obnubilou o periódico, inviabilizou-o comercialmente, no momento em que o descrédito recaiu sob a iniciativa, o que levou Melo a trocar sucessivas vezes o nome e o caráter de seus empreendimentos ao longo de 1851, conforme já visto (PÓVOAS, 2015, p. 80).

Além dos fatos apresentados acima, Povóas afirma que *A Rosa Literária* “não se constituiu como um empreendimento de um grupo mais ou menos coeso e consciente de suas atitudes e atribuições, como se dará com *O Guaíba*, cinco anos depois” (PÓVOAS, 2015, P. 80). No âmbito das folhas literárias gaúchas, notadamente a que obteve maior destaque foi *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*, fundada em 1868. Tal agremiação contribuiu para o desenvolvimento cultural e a consolidação de uma elite intelectual sul-rio-grandense, sendo responsável pela promoção do intercâmbio entre os escritores espalhados pelas mais diversas localidades da Província. Fernanda Branco (2005) apresenta um panorama da importância do *Partenon* à sociedade da época:

A atuação da *Sociedade Partenon Literário* não se resumia apenas à divulgação de textos literários, filosóficos ou históricos, mas visava expandir a cultura aos rio-grandenses, oferecendo inclusive cursos noturnos, criando uma biblioteca e um museu, contribuindo para que uma parcela maior da população tivesse acesso ao conhecimento. Porém, indiscutivelmente, a maior contribuição da *Sociedade Partenon Literário* foi a publicação da *Revista Mensal*, a qual está fortemente ligada às emergências da imprensa do Sul e à necessidade de um espaço destinado às Letras da Província, já que o espaço dedicado às letras na imprensa diária era restrito, estando os periódicos ainda muito vinculados às questões políticas e à defesa e à divulgação de interesses partidários, delegando a segundo plano as matérias culturais (BRANCO, 2005, p. 11).

O *Partenon* marcou o apogeu da sistematização da produção literária sul-rio-grandense, porém também foram relevantes as manifestações literárias que surgiram anterior, paralelas e posterior às da agremiação porto-alegrense.

A cidade de Rio Grande, pioneira da ocupação portuguesa nas terras sul-rio-grandenses, teve seu progresso ao longo do século XIX diretamente ligado à sua estratégica posição geográfica que permitiu o escoamento da produção pecuária

que se desenvolvia de modo crescente no Rio Grande do Sul. O porto de Rio Grande desempenhou papel fundamental no desenvolvimento econômico da Província o crescimento urbano e o progresso cultural da cidade geraram o ambiente propício para as práticas jornalísticas e o desenvolvimento da imprensa. Segundo Francisco Alves (2002), a imprensa rio-grandina foi uma das mais destacadas do Rio Grande do Sul e mesmo do Brasil, tanto pela quantidade quanto pela qualidade de seus periódicos. Alves aponta três fases dos periódicos da imprensa rio-grandina:

A primeira fase assinala o surgimento da imprensa na cidade, desenvolvendo-se durante a década de 30 e a primeira metade dos anos 40 e sendo demarcada pelo processo de afirmação do Estado Nacional Brasileiro e pela deflagração e desenvolvimento da Revolução Farroupilha. A segunda etapa identifica um primeiro momento o crescimento e diversificação dos jornais rio-grandinos, ocorrendo da segunda metade da década de 40 até o final dos anos 60 e coincidindo com a época da estabilização político-econômica nacional e provincial. Finalmente, a terceira fase refere-se ao período de desenvolvimento máximo da pequena imprensa, durante a três últimas décadas do século XIX, até o seu declínio e, praticamente desaparecimento, ocorrido na virada do século XX, identificando-se com o processo de transição Monarquia – República e de consolidação da nova forma de governo (ALVES, 1999, p. 23).

Entre os gêneros jornalísticos desenvolvidos na cidade de Rio Grande, daremos espaço no presente trabalhos publicações literárias que tiveram sua expansão na segunda metade do século XIX, com títulos como *Arcádia* (1867-1869); a *Inúbia* (1868); *AGrinalda* (1870 -1871), a *Violeta* (1878 -1879), o *Arauto da Letras* (1884), o *Litterato*, *A Lanterna* (1893 -1894) e o *Correio Literário* (1900). Com o aparecimento deste jornalismo especializado, a literatura transpôs uma função meramente secundária nos jornais diários e firmou-se como elemento elitizante e foi possível sofisticar os hábitos desta sociedade. Em março de 1878, Julieta de Mello Monteiro (1855-1928) funda o jornal *Violeta*, um periódico semanal de quatro páginas, atuando como redatora e proprietária.

Julieta de Mello Monteiro nasceu em Rio Grande no dia 21 de outubro de 1855, primogênita de João Correa de Mello e Revocata Figueroa de Mello, que teve outros quatro filhos: Revocata Heloisa, João, Octaviano e Romeu. Maria Christina Minasi (2006), então bolsista PIBIC do projeto “Dicionários de autores de Rio Grande

no século XIX”, esclarece as imprecisões com relação à data e ao local de nascimento de Julieta:

A busca pela confirmação desse fato começou pelo Centro de Documentação História (CDH) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), onde foi encontrado o registro de casamento, denominado de “Autos Matrimoniais”. Esse registro é datado de 21 de outubro de 1876, dia em que a poetisa também completou 21 anos.

Essa informação determinaria a data de nascimento de Julieta em 21 de outubro de 1855, o que é confirmada pelo registro feito pela avó materna, Ana dos Passos Figueroa, em 27 de maio de 1860, no registro de batismo encontrado na Diocese de Rio Grande, que indica também que Julieta nasceu em Rio Grande e não na capital gaúcha (MINASI, 2016, p. 8).

Julieta casou-se com o jornalista Francisco Guilherme Pinto Monteiro: Poeta português radicado nas cidades de Pelotas e Rio Grande, Pinto Monteiro faleceu em Rio Grande, em 23 de janeiro de 1889. (VAZ, 2003, P.226).

A estreia de Julieta como poeta ocorreu com a obra *Prelúdios (1881)*, prefaciada pelo escritor português Augusto Emílio Zaluar. Sua segunda publicação foi *Oscilantes(1891)*, apresentada por Luís Guimarães. Em prosa Julieta publicou *Coração de mãe (1893)*, *Alma e coração (1897)*, *Noivado do céu (1899)*, juntamente com Revocata a obra *Berilos (1911)* e *Terra Sáfara (1928)* publicação póstuma organizada pela irmã.

Em *História Literária do Rio Grande do Sul (1924)*, João Pinto da Silva² busca, nos capítulos iniciais, mapear o processo de formação do estado e delinear os principais aspectos que definem a região e o homem do Rio Grande do Sul. Levando em consideração que esse tipo de publicação era um gênero em formação no cenário nacional, Pinto da Silva destaca-se também por estabelecer em sua obra relações entre os acontecimentos políticos e as produções literárias.

Acompanhando os mesmos moldes empregados por Sívio Romero na escrita de *História da literatura brasileira*, João Pinto da Silva delimita como sendo literatura toda produção cultural escrita no Rio Grande do Sul, fator que dá margem para que textos de história geral, crítica literária e jornalismo sejam incluídos em seu trabalho.

² João Pinto da Silva (1889-1950) foi jornalista, poeta, crítico e diplomata. Dedicou-se à análise da poesia, em especial do movimento simbolista, do qual fez parte. Publicou *Estalactites (1910)*, *Vultos do meu caminho - Estudos e impressões de literatura (1918)*, *Bolhas de espuma (1920)*, *Fisionomias de novos (1922)*, *História da Literatura do Rio Grande do Sul (1924)*, com segunda edição, em 1930. (BAUMGARTEN, 1997, p. 179).

Silva não menciona escritoras se não de forma ilustrativa e não interferindo no conjunto da obra, encontramos Rita Barém de Melo (1840 – 1868) e Francisca Júlia da Silva (1871-1920) apenas em notas de rodapé.

Guilhermino Cesar, em *História da Literatura no Rio Grande do Sul* (1956), realiza um levantamento mais amplo da produção literária sul-rio-grandense e inclui referência a treze escritoras, incluindo Julieta de Mello Monteiro, indicando erroneamente como sendo porto-alegrense nascida no dia 21 de outubro de 1863.

Se Pinto Silva, em 1924, reserva somente os rodapés para as autoras mulheres, não há muitas mudanças na obra de Guilhermino César, em 1956, pois as poucas citadas receberam atenção meramente cronológica e análises tendenciosas carregadas de juízo de valor. Julieta de Mello Monteiro “oferece escassas condições de comunicabilidade, descritiva sem grande acuidade, deixou de sentir, por exemplo, o aveludado, a doçura quase mística da paisagem gaúcha” (CÉSAR, 2006, p. 314). A partir das palavras do crítico, conseguimos vislumbrar o modelo literário que recebeu reconhecimento por participar de um projeto nacional que valorizava a paisagem local como uma das ferramentas para a construção da identidade.

Mesmo em outras obras, mesmo nas especializadas, encontramos poucas referências sobre a biografia e análise dos escritos da autora. Os equívocos com relação à data de nascimento de Julieta foram reforçados ao longo dos anos por vários historiadores, conforme aponta Minasi:

Um dos pilares do projeto é acabar com imprecisões biográficas dos autores locais, que – no caso de Julieta – ocorrem com sua data e local de nascimento, questionadas ao longo de décadas. Sacramento Blake (1883), Celuta Moreira Gomes (1977), Pedro Leite Villas-Bôas (1991), Afrânio Coutinho e J. Galante Sousa (1990, 2001), Rita Schimidt (2000), SchumaSchumacher e Érico Vital Brazil (2000) e Nelly Novaes Coelho (2002) marcam o nascimento como em 21 de outubro de 1863, em Porto Alegre, enquanto Guilhermino César (1971) omite o ano de nascimento (MINASI, 2016, p. 8).

Mary Del Priori (2006) aponta que, no século XIX, formou-se no Brasil uma rede de jornais fundados por mulheres e indica as irmãs Julieta e Revocata como importantes na produção literária do Rio Grande do Sul:

No Brasil do século XIX, várias mulheres fundaram jornais visando esclarecer as leitoras, dar informações, chegando, no final do período, a reivindicações objetivas. Muitas vezes esses jornais pertenciam a mulheres de classe média, algumas das quais investiram todos os seus recursos neles. Eram tantos que chegaram a formar uma rede, de norte a sul, atentos as publicações e ações das mulheres. No Rio Grande do Sul, fios importantes dessa rede foram o *Escrínio* e o *Corimbo* das irmãs Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro, ambas literatas que escreveram poesia, contos e peças teatrais. O *Corymbo* durou sessenta anos (1884 – 1944) e durante esse tempo cobriu qualquer aventura de mulheres brasileiras no campo das letras e de várias profissões (PRIORI, 2006, p. 426).

Rita Terezinha Schmidt (2004) – incorrendo nos mesmos erros de datas nas biografias tradicionais – faz uma análise da produção poética de Julieta e conclui que foi neste gênero que a autora se destacou:

O núcleo da obra de Julieta de Melo Monteiro é a produção poética. O seu trabalho com a palavra não foi somente uma forma de sobrevivência mas, sobretudo, uma forma de resistência ao aniquilamento do Eu em face à corrosão do tempo e à experiência dolorosa de perdas, fatores determinantes na sua trajetória pessoal (...). É importante ressaltar que a poesia de Julieta registra a presença de algumas características que apontam os caminhos trilhados pela lírica no ocidente: o confessionalismo e, por consequência, o extravasamento da interioridade; o sentimento da morte que expõe a precariedade da vida; e o memorialismo que se fixa num passado feliz e pleno em justaposição ao presente de ausências. Muito embora a poeta tenha adotado uma forma prestigiada pelo parnasianismo – o soneto –, e se tenha pronunciado pelo realismo em pleno fastígio do movimento, no seu lirismo compõem certos toques e motivos, a paisagem outonal evocativa, por exemplo – que prenuncia o simbolismo, podendo sua obra ser considerada, sob esse aspecto, como pré-simbolista (SCHMIDT, 2004, p. 309).

Hilda Agnes Flores (1999) aponta os periódicos e revistas nos quais Julieta atuou como colaboradora: *Almanaque Literário e Estatístico do RS*, em *Interrogações*, *Almanaque Popular Brasileiro* (1897) *Tribuna do Povo*, *Kosmos* de Montevideú, *Almanack de Senhoras* de Lisboa e *La Fronde* de Paris.

Na dissertação de mestrado intitulada *Atuação literária de escritoras no Rio Grande do Sul: um estudo do periódico corimbo, 1885- 1925*, Miriam Vieira apresenta dados relevantes com relação a atuação de Revocata e Julieta a frente do *Corimbo*,

segundo a autora a família proveniente das letras contribuiu para o reconhecimento das irmãs:

Através desta publicação, podemos verificar que, ao apresentarem a origem familiar, destacam seu vínculo às letras, principalmente tratando-se das escritoras Revocata de Figueirôa e Mello e Amália Figueirôa, mãe e tia, respectivamente, de Revocata e Julieta.

São publicados vários artigos ou notas que cultuam esta origem familiar, principalmente nos aniversários natalícios e de morte desses familiares maternos, de forma a apresentar as redatoras do periódico como continuadoras desta tradição letrada, o que, por fim, contribui para conferir uma legitimidade à ambas enquanto escritoras (VIEIRA, 1997, p. 91).

Mauro Póvoas em sua tese, *Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX*, estuda produção poética de três periódicos gaúchos do século XIX e ao referir-se ao *Corimbo*, salienta os escassos estudos sobre o periódico no campo literário:

O *Corimbo* pouco teve analisada a sua produção literária por pesquisadores e críticos da área de Letras. Até hoje, os estudos realizados a partir da matéria publicada em suas páginas sempre se circunscreveram ao campo da história. Nos compêndios de literatura sul-rio-grandense, a ausência é completa, com o *Corimbo* não aparecendo nem como referência esparsa ou nota de rodapé. Histórias literárias, antologias, índices e dicionários biográfico-literários, se não dedicam espaço ao *Corimbo*, referem-se às irmãs Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro, as fundadoras e editoras do periódico, onde, aliás, publicaram a maior parte das suas respectivas produções literárias (POVOAS, 2005, p. 118).

Mesmo constituindo-se do veículo literário dirigido por mulheres de maior longevidade no Brasil (60 anos) os estudos relacionados ao *Corimbo* ainda são escassos. Com relação à existência do periódico *Violeta*, objeto de análise do presente estudo, encontramos referências apenas em artigos do professor Francisco das Neves Alves. Em "*Violeta: breve história de um jornal literário no contexto sul-rio-grandense do século XIX*", Alves, além de fazer um apanhado geral da vida da Julieta, apresenta as seções e as características do periódico:

Uma das particularidades da *Violeta* estava ligada ao fato de que, além de ter uma mulher como redatora e proprietária, praticamente a totalidade de suas colaborações era também da

autoria de representantes do sexo feminino, além disso, o principal público alvo da folha literária eram também as mulheres. As seções do jornal bem demarcavam suas intenções essencialmente voltadas à literatura e à cultura, caso das “Rosas literárias”, na qual eram divulgados escritos em prosa, “Íris poético”, destinada aos textos em versos e “Miríades”, em que aparecia uma série de correspondências trocadas entre as leitoras. Além dessas, eram publicados comentários acerca de periódicos e obras bibliográficas e uma “Revista dos jornais”, na qual eram citados os diversos periódicos com os quais a *Violeta* fazia intercâmbio, enviando e recebendo exemplares. Tal prática demonstrava o alcance da folha literária rio-grandina que fazia permutas com publicações oriundas não só do Rio Grande do Sul, como também de diversas localidades espalhadas pelo sul, centro, nordeste, norte e oeste do império, bem como do exterior, caso dos Estados Unidos e de Portugal (ALVES, 2013, p. 130).

Na recente obra de Constância Lima Duarte, *Imprensa feminina e feminista no Brasil* (2016) o impresso *Violeta* é citado e os dados para sua apresentação foram extraídos do texto acima citado. Na tentativa de resgatar parte da vida e obra de escritoras do século XIX, o projeto de pesquisa “Retratos de Camafeu: biografias de escritoras sul-rio-grandenses”, de caráter interinstitucional que reúne pesquisadores da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e da Universidade de Caxias do Sul (UCS), irá biografar onze escritoras sul-rio-grandenses que publicaram no final do século XIX e início do século XX, Julieta de Mello Monteiro está entre as contempladas.

2. VIOLETA (1878-1879)

O impresso *Violeta*, publicado em Rio Grande, circulou de 24 de março de 1878 a julho de 1879 e era um periódico semanal de quatro páginas que no seu primeiro trimestre tinha o formato de 20 cm por 26 cm e a partir de junho de 1878 adotou o tamanho de 20 cm por 30 cm, nas quais se distribuíam oito colunas. *Violeta* não estampa em suas páginas anúncios publicitários, fator que possivelmente tenha contribuído para sua extinção. Na presente pesquisa analisamos os 49 exemplares que se encontram na coleção do periódico da Biblioteca Rio-Grandense, em Rio Grande (RS).

O impresso sofreu diversas modificações na periodicidade, característica da pequena imprensa da época, porém o número de páginas e a tipografia mantiveram-se inalterados ao longo de sua existência. O preço da assinatura era de 500 réis mensais para Rio Grande, devendo o pagamento ser feito adiantadamente e a assinatura para fora da cidade saía por 2\$000, o trimestre.

O jornal não apresentava gravuras, no entanto, há dois exemplares que receberam destaque: o número 30 (06 out. 1878), apresentando bordas pretas, em razão do falecimento de Amália Figueiroa, tia da redatora e proprietária do jornal. E a edição número 44 (13 abr. 1879), também ganhou uma diagramação diferenciada, em função da morte de Joaquina Maria Soares, avó de Julieta de Mello Monteiro.

O jornal era composto por cinco seções: *Revista dos Jornais* e *Rosas Literárias*, nas primeiras colunas, e *Íris Poético*, *Miríades* e *Jogo da Paciência* nas últimas. Na primeira página, encontramos a seção *Revista dos Jornais* que consistia na listagem dos periódicos e cidades com os quais *Violeta* fazia intercâmbio, enviando e recebendo exemplares e a seção *Rosas Literárias* era destinada aos textos em prosa. Julieta de Melo Monteiro incitava suas leitoras em colaborar com o impresso e os escritos recebidos eram publicados na seção *Miríades* (carta das leitoras) e *Íris Poético* (poesias).

Quanto à variedade de produções literárias que circularam pelo jornal, podemos afirmar que as irmãs Julieta e Revocata estiveram empenhadas em formar um extenso grupo de mulheres que se conheciam e se liam por meio do intercâmbio literário, trocando elogios e opiniões, pois – nos 17 meses que existiu – o periódico publicou 106 poesias, 36 cartas, quatorze crônicas, dez contos, duas narrativas, um

folhetim, e, na última coluna, ainda apareciam de forma recorrente algumas charadas e logogrifos. A redatora abria espaço para toda e qualquer contribuição recebida, o que garantiu ao impresso um caráter diversificado.

O semanário *Violeta* contou com a colaboração de diversos escritores, alguns atualmente reconhecidos pelo cânone literário e outros atualmente desconhecidos, porque não figuram nas nossas histórias literárias. Entre os primeiros, está Múcio Teixeira, que despontou nas páginas da *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*, e temos nomes como Saturnina Arruda, Honorina Torres e Moriwald Costa entre os atualmente desconhecidos.

Uma das particularidades da publicação está ligada ao fato de que, além de ter uma mulher como redatora e proprietária, a grande maioria de suas colaborações eram de representantes do sexo feminino e tinha como principal público-alvo as mulheres. Conforme destaca Alves (2013), *Violeta* foi definida por sua redatora como:

um ensaio de jornalismo feminil, constituindo um dos primeiros tentames que se fazia na imprensa rio-grandense para mostrar que a mulher, além do encanto do lar e da flor mimosa a embelezar o caminho da vida, poderia também, na república das letras, nas lutas da inteligência e nos prélios da imprensa, ostentar as mimosas graças de seu espírito (VIOLETA, 28 jul. 1878, p. 1).

Os jornais da época costumavam esboçar os seus planos editoriais no primeiro exemplar, mas como não dispomos da primeira edição do *Violeta*, é através de trechos, como o salientado no recorte acima, que podemos vislumbrar a política editorial do impresso e sua principal missão: viabilizar um meio de aglutinação e divulgação das escritoras gaúchas sul-rio-grandenses. Em suas páginas, não foram esboçados textos que rompessem com a ideologia patriarcal que dominava a época e, ao mesmo tempo que a redatora defende o direito à instrução, há textos em que se restringe o lugar da mulher à “flor do lar”, pois tem suas publicações situadas no tempo de um feminismo nascente que primeiramente vai ocupar-se de garantir o direito à educação.

Por muito tempo se reproduziu que *O Jornal das Senhoras*, fundado em 1852 e dirigido por Joana Paula Manso de Noronha (1819 – 1875), tenha sido o primeiro escrito por mulheres e para mulheres. Esse jornal era editado aos domingos e seu objetivo maior anunciava-se como o projeto de “propagar a ilustração e cooperar

com todas as suas forças para o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher". Entretanto, a pesquisadora Zahidé Lupinacci Muzart (2003) aponta para uma gaúcha como pioneira da imprensa feminina:

Maria Josefa foi poetisa e feminista, tendo fundado um jornal, com o estranho título de Belona Irada contra os Sectários de Momo, mais conhecido como Belona. Esse teria sido o primeiro jornal fundado por mulher no Brasil, 19 anos antes daquele de Juana Paula Manso, que é considerado por todos como o fundador do periodismo feminino. O jornal, como o nome o indica, polêmico, era um jornal político, muito diferente dos objetivos do Jornal das Senhoras. O Belona não fez escola, e o que se tornou modelo inicial para os periódicos feministas do século XIX foi o Jornal das Senhoras. Maria Josefa não era lady, era uma trabalhadora e uma mulher “de faca na bota” (MUZART, 2003, p.5).

Podemos afirmar que Julieta de Mello Monteiro seguiu os padrões adotados por Joana Paula Manso de Noronha e direcionou seus escritos a temas recorrentes aos seus pares, que eram um grupo composto por mulheres – brancas na sua totalidade – com condições econômicas elevadas. As publicações jornalísticas produzidas ou dedicadas ao sexo feminino, apesar de não constarem nos principais estudos sobre a formação e consolidação da imprensa brasileira, foram parte fundamental da mesma e propagaram-se no Brasil ao longo do século XIX. Contudo, seja estampando temas polêmicos e políticos, seja abordando a moda e os bons costumes, por muito tempo esses impressos foram fadados a um lugar comum: o esquecimento. A produção de autoria feminina, antes de ser integrante de uma história descontínua, pertence a uma situação bem específica da sociedade burguesa, que colocou as autoras na margem e que ainda cerceia a liberdade da voz feminina com conceitos perpetuados ao longo dos séculos.

Constância Lima Duarte, na obra *Imprensa Feminina e Feminista no Brasil* (2016), reúne 143 títulos de revistas e jornais ligadas à imprensa feminina e/ou feminista que circularam no país neste período e, segundo a autora, este número pode ser apenas a “ponta do iceberg”. Tal afirmativa justifica-se, pois pesquisas apontam que foi somente a partir da década de 1980 que o periodismo feminino é revisitado no Brasil e torna-se tema de artigos, dissertações, teses e livros.

Os impressos que pipocaram no país na segunda metade do século XIX, bem como o estudado nesta pesquisa, tinham em seus nomes metáforas da figura feminina como pedras preciosas, animais delicados e flores (*A Grinalda, Camélia,*

Jasmim, Esmeralda, Violeta, Beija-flor, Colibri, Borboleta, etc). Ao destacar os títulos conseguimos vislumbrar o emissor, o conteúdo e as destinatárias desses veículos, confirmando que nos primórdios a imprensa feminina não rompeu diretamente com os padrões vigentes e desempenhou sim o papel de mola propulsora de diversas lutas travadas no decorrer do século XX como o direito à profissão e ao voto.

No Rio Grande do Sul, foram publicados vários periódicos literários sob a direção de mulheres, o primeiro que se tem notícia foi o impresso *Violeta* no fim da década de 1870. Pedro Soares menciona em ordem cronológica alguns títulos, dos quais encontrou pelo menos um exemplar: "*Violeta* (1878), em Rio Grande, dirigido por Julieta de Mello Monteiro; *Saudade* (1880), em Jaguarão, de Maria Amélia F. C.; *A Grinalda* (1896), em Porto Alegre, de Maria da Cunha; *A Violeta* (1897), em Arroio Grande, de Beatriz P. de Andrade e Cecília P. Caldas e *O Orvalho* (1898), em Livramento, de Alaíde Ulrich e Matilde Ulrich Filha"(SOARES, 1980, p. 145).

É pertinente ressaltar que, no período da ebulição dessas folhas já citadas, as mulheres passaram a serem vistas como consumidoras em potencial, não só dos jornais e revistas, mas também dos produtos anunciados neles e, neste sentido, pensamos que a literatura de cunho moralizante e doutrinário, comum a estas folhas, nasceu rotulada como literatura de menor importância. Essa literatura, dita feminina, era menosprezada e desqualificada pelos homens da época. Em 1902, o crítico literário José Veríssimo afirma que a instrução feminina não alcança a "grande literatura" e o que elas lêem não pode ser considerado "grande literatura" por ser apreciado por elas (LAJOLO, 1999, p. 244). Socorro (2014) ao analisar anúncios da *Gazeta de Notícias* de 1881, apontou possíveis razões para o preconceito estabelecido à literatura apreciada por mulheres:

Pelas notícias de encontros e saraus, a noção de "validade estética" ainda estava sendo discutida e construída. Dessa forma torna-se até compreensível que alguns escritores associassem o periódico à promoção e à difusão de um "gênero menor" e popular como o romance folhetim, que se supunha circular e ser o preferido de um público não especializado, em sua maioria feminino (SOCORRO, 2004, p. 44).

O artigo *Lendo Júlia da Costa*, de Zahidé Muzart, reflete sobre o lugar de fala das mulheres do século XIX, pois o que elas liam e o que elas produziram não pode ser comparado ao lido pelos homens, por questões óbvias, já que elas não

dispunham do mesmo acesso à informação, à cultura e à instrução que eles. Destacamos abaixo uma observação de ZahidéMuzart que ilustra a importância de mencionarmos o contexto de produção ao resgatarmos os textos femininos do século XIX:

O reconhecimento e resgate das pioneiras não se dará pelas qualidades dos livros. Não serão comparadas às 'grandes obras', dos homens da mesma época, mas como livros de mulheres que não puderam ter a mesma educação. Mulheres às quais estavam fechadas as portas da instituição e do convívio com pensadores ilustres. Tais livros são estudados e resgatados como válidos porque são as primeiras manifestações de mulheres brasileiras (MUZART, 1990, p. 68).

No presente momento, entendemos que a importância do periódico *Violeta* não está centrada no valor literário dos textos publicados, como já foi mencionado anteriormente, mas no fato de ter sido o pioneiro em Rio Grande e no Rio Grande do Sul a ser dirigido por uma mulher e ser escrito para mulheres.

2.1 “REVISTA DOS JORNAIS”

A seção “Revista dos jornais” abre o impresso e inicia listando os jornais e revistas com os quais *Violeta* fazia intercâmbio, que se constituía numa ferramenta de divulgação e circulação muito recorrente do século XIX. Ao todo, foram noventa publicações citadas neste espaço e oriundas dos mais diversos lugares: *Diabrete*, *Censor* e *Lusitano*, de Rio Grande (RS); *Progresso Litterário* e *Gazeta Mercantil*, de Pelotas (RS); *O Caixeiro*, de Porto Alegre (RS); *Esperança*, de Parati (RJ); *Mosaico*, de Ouro Preto (MG); *Baixo Amazonas*, de Santarém (PA); a *Estrea*, de Maceio (AL); *O Correio de Natal*, de Natal (RN); além do português *Correspondência de Lisboa*, de Lisboa; e do norte-americano *Correspondência de Nova Iorque*, de Nova Iorque.

A redatora costumava, após a listagem dos jornais e revistas recebidos na semana, reproduzir textos que os mesmos publicaram contendo elogios à *Violeta*:

Transcrevemos em seguida o que disse em seu número de 30 de maio o *Guarany*, interessante periódico que se publica na Uruguaiana:
VIOLETA – Bela, perfumante e delicada como a flor de seu nome e como ela escondendo-se modestamente no centro do primoroso

“Bouquet” que todas as semanas nos brinda o correio nacional, assim é *Violeta* – periódico literário, crítico e instrutivo que começou a publicar-se na cidade do Rio Grande.

Todas as folhas do *Violeta* exalam os suaves perfumes da juventude e do talento que, ainda bem são de maior duração que os da pobre flor que o tomou o nome.

Agradecemos os números da *Violeta* com que fomos obsequiados e fazemos votos pela sua longa duração (*VIOLETA*, 30 jun. 1878, n. 16, p. 1).

Transcrevemos hoje o que disse da nossa singela *Violeta* a ilustrada redação da *Imprensa Ituana*.

É com alma a transbordar de gratidão que endereçamos a mesma redação os nossos sinceros agradecimentos.

Fomos honrados com o recebimento do n. 11 do mimoso jornalzinho, que sob o título *Violeta*, se publica no Rio Grande do Sul.

Traz artigos bem escritos, onde recende o delicioso perfume da modéstia, símbolo da mimosa flor, cujo nome tomou para inscrição.

É redigido por uma ilustre brasileira, que faz honrar nossa pátria. Ainda bem que vai soando a hora da regeneração da mulher, ainda bem que para nosso adorador Brasil vem despontando uma aurora brilhante.

Não é este o primeiro periódico que aparece tendo a sua frente o simpático nome de uma senhora, a Corte e outros lugares tem se vangloriado com estes tentames de progresso.

Saudado do fundo da alma a Exm. Sra. D. Julieta de M. Monteiro, desejamos longa vida a *Violeta* e com satisfação enviamos o nosso modesto jornal (*VIOLETA*, 21 jul. 1878, n. 19, p. 1).

Exemplos como estes são comuns ao longo das edições e são importantes por dois motivos: primeiro porque exemplificam o alcance da folha e percebemos que não era somente uma troca e sim que ocorria uma leitura efetiva das publicações que realizavam o intercâmbio e segundo porque confirmamos que este período foi o início da formação de uma rede de escritoras que obtiveram com os impressos um veículo de divulgação dos seus textos.

Este espaço também foi utilizado para anunciar os livros recebidos na redação e atividades culturais. Desfrutaram desta divulgação o livro *Sombras e Clarões* (1877), de Múcio Teixeira; o drama *Aida - A Escrava Ethiope*, de Manoel Ferreira Bastos Junior, e depois a notícia de que esse drama seria encenado em Rio Grande; a chegada da companhia dramática do empresário e ator Guilherme da Silveira; o livro *Ideias de moço*, de Silva Jardim e Valentim Magalhães,; o romance de Jorge de Andrade intitulado *Um typo de mulher*³, o livro *Canções românticas*, de

³ Para a redatora este romance foi escrito por Damasceno Vieira. “Assegura-se ser a citada obra produção do nosso distinto comprovinciano o conhecido literato Damasceno Vieira, que ou por modéstia ou enfim por motivos que não nos são dados a saber ocultou-se sob este pseudônimo” (*VIOLETA*, 27 out. 1878, n. 33, p. 1)

Alberto de Oliveira; um volume de poesias intitulado *Mariposas*, de Lobo da Costa; o livro de críticas *A gente do mosteiro*, de Silvio Jardim, e uma comédia publicada na corte de autoria de Moreira de Vasconcelos. Julieta também aproveitou o espaço para divulgação de sua obra *Prelúdios*:

PRELÚDIOS – Com este título vai brevemente entrar no prelo, um livro de versos da proprietária deste jornalzinho. Será o mesmo livro precedido de um juízo crítico de um dos primeiros literatos da nossa terra. Assina-se nesta tipografia preço de cada volume 2\$000 rs(VIOLETA, 14 abr. 1878, n. 5, p. 1).

Esta seção que listava os jornais e revistas e divulgava livros passou a se chamar “Expediente” na edição de número 26 (7 set. 1878). Nesta edição, a primeira coluna da referida seção é ocupada com um texto intitulado “Sete de Setembro”, que discorre sobre o 56º aniversário da Independência Nacional e homenageia a memória de D. Pedro I e a Família Imperial.

O *Violeta* de 06 de outubro de 1878 apresenta bordas pretas em virtude do falecimento de Amália Figueroa, tia da proprietária, e o texto inicial é em homenagem à poeta. O mesmo ocorre no *Violeta* de 06 de abril de 1879, que inicia com o texto “A memória de meu idolatrado pai”, no qual Julieta escreve sobre o sentimento de perda e a saudade. No “Expediente”, a redatora pede desculpas às leitoras pela interrupção de três meses motivada por “desgostos de família” e anuncia que a folha passará por algumas alterações e tratará notícias sobre modas e a biografia de senhoras ilustres, principalmente sul-rio-grandenses, embora tais mudanças não chegam a aparecer no jornal. A edição seguinte volta a apresentar bordas pretas e no texto de abertura Julieta lamenta a morte da avó: “a fatalidade que nestes últimos tempos parece não querer abandonar-nos acaba de enlutar esta obscura redação” (VIOLETA, 13 abr. 1879, n. 44, p. 1).

As assinaturas constituíam-se como a única fonte de renda do impresso e a forma de angariar assinantes era mesma praticada pelos demais periódicos: enviava-se o jornal às residências (principalmente para as cidades de Pelotas e Rio Grande) e quem não desejasse assiná-lo deveria devolvê-lo no escritório da redação, indicando nome e endereço. As pessoas que assim não procedessem passariam a ser considerados assinantes. Assim sendo, é recorrente na seção “Expediente” encontrarmos lembretes da redatora pedindo que fosse providenciado o pagamento ou que o “jornalzinho” fosse devolvido.

Outros dois textos publicados nesta seção merecem destaque: “A educação da mulher”, de Julieta de Mello Monteiro, e “A mulher e seus direitos”, de Revocata Heloisa de Mello. Ambos trazem a importância da educação e dos estudos para a formação das mulheres, indicando que a leitura e a instrução devem vir após os cumprimentos das tarefas domésticas e que cabe a cada uma encontrar na sua rotina tempo para ambas as atividades:

Mais tarde quando em nós se desenvolver o gosto pelo belo, já não necessitamos que nos mandem estudar, e mesmo quando nossos muitos afazeres nos roubam todos os instantes, temos a noite a hora da tranqüilidade, a melhor para esta bela ocupação (VIOLETA, 20 abr. 1879, n. 45, p. 2).

Os textos apontavam para uma postura mais condescendente evitando o enfrentamento:

Deixe-nos por hastear nosso estandarte e soltarmos o grito não da rebelião, nem da revolta anarquista, mas sim do apelo ao templo de Minerva, a luta em prol de nossos direitos (VIOLETA, 01 jun. 1879, n. 49, p. 2).

A menção à deusa Minerva comprova o tom complacente do discurso, sendo que essa entidade representa a sabedoria e também as artes úteis e ornamentais como a fiação, a tecelagem e os trabalhos de agulha. Minerva era uma divindade guerreira, porém não simpatizava com o selvagem amor de Marte pela violência e pelo derramamento de sangue.

2.2 “ROSAS LITERÁRIAS”

“Rosas literárias” era uma seção destinada aos textos em prosa, que ocupou espaço significativo no impresso, apesar do gênero lírico ter alcançado maior destaque em virtude do número de publicações, pois tivemos um fluxo grande de contos e crônicas, além de um folhetim incompleto.

Violeta publicou, em quase todas as suas edições, o folhetim “O botão de rosa”, assinado por Americana, pseudônimo de Revocata dos Passos Figueroa de Mello, mãe da redatora do jornal. A palavra “folhetim” vem do francês *feuilleton* que significa pequena folha, o termo primeiramente foi utilizado para designar um espaço no jornal preenchido por variedades e posteriormente passou a se referir aos romances publicados de forma fragmentada na imprensa diária (MEYER, 1996).

O modelo importado da França recebeu caloroso acolhimento em solo brasileiro e em pouco tempo virou sucesso. Já na imprensa feminina, além das traduções, as redatoras ou colaboradoras tinham espaço para divulgação de textos inéditos, como destaca Meyer:

Folheando rapidamente essa imprensa, percebe-se que novelas e folhetins ocupavam sistematicamente o espaço consagrado do rodapé, em traduções feitas por senhoras ou em produto nacional, muitas vezes de autoria das mesmas senhoras (MEYER, 1996, p. 299).

Violeta, por ser uma folha literária, o folhetim estava incluído na seção dedicada aos textos em prosa e não se situava, como ocorria nos demais jornais, no rodapé. Seguindo o modelo tradicional do folhetim, segundo Juliane Cardozo de Mello (2013), a cidade de Rio Grande acompanhou a tendência nacional no século XIX:

Em pesquisas nos periódicos da Biblioteca Rio-Grandense, Andrea da Silveira Estima e Rosana Tejada, então bolsistas do projeto “O sistema literário rio-grandino no século XIX: estudo sobre a sua formação e consolidação”, disponível no site www.fontes.furg.br, localizaram 162 folhetins publicados nas folhas locais, num período que compreende o primeiro folhetim, publicado no jornal *O Rio-Grandense*, em 1845, até o final do período republicano, em 1889 (MELLO, 2013, p. 18).

Ressaltamos que “O botão de rosa” foi escrito especialmente para ser publicado no jornal de Julieta, pois com a enfermidade de sua autora interrompe-se a veiculação por algumas edições, característica da pequena imprensa:

Botão de Rosa – Em razão de achar-se enferma a Americana deixa de sair neste número a continuação do romance do título acima.

Esperamos em Deus que seus males serão passageiros, bem como que logo que se ache restabelecida continue o seu romance, que felizmente tanta simpatia tem conquistado entre alguns de nossos leitores (VIOLETA, 04 ago. 1878, n. 21, p. 2).

O enredo deste folhetim apresenta a vida de duas jovens, Helena e Adalgisa, que disputam o amor de um mesmo homem. Já no seu início é descrito para o leitor

um mistério que vai permear toda a trama: quem deixou o botão de rosa? E a quem ele era destinado?

O texto, seguindo os padrões da época, era recheado de adjetivos e já iniciava fazendo referência à mitologia:

A beleza deste feiticeiro *boudoir*, só faltava alvura puríssima deste perfumoso botão de rosa, que mão de poeta aqui veio depor, sim de poeta, pois qual outro homem ousaria transpor os umbrais deste augusto recinto?

Agora resta-nos saber a quem pertence esta significativa flor, se é destinada a morena Adalgisa ou a loira Helena.

Adalgisa a melancólica é sem dúvida a Melpomene deste parnaso, mas Helena a prazenteira, é sem contradição a amiga do amor, a musa do lirismo, a formosa Erato. O poeta ama-me, será pois o botão de rosa uma das flores da nova coroa de sua caprichosa musa (VIOLETA, 07 abr. 1878, n. 4, p. 2).

O narrador já marca a diferença entre as moças fazendo alusão à mitologia grega, uma como Melpomene, a musa da tragédia, outra como a musa da poesia romântica; uma loira, outra morena; binarismos utilizados em larga escala pelo Romantismo.

Além das primas, os demais personagens relevantes na composição da história são: Fernando, por quem as duas moças nutrem um amor idealizado; Dr. Álvaro irmão de Helena, amigo de Fernando, apaixonado pela prima Adalgisa; Rafael, irmão mais novo de Helena e de Dr. Álvaro; e o casal Túlia e Armando Loureiro.

O espaço descrito na narração é quase sempre o mesmo, a casa da família Loureiro, onde religiosamente Helena toca piano e todos se reúnem à sala para escutar os poemas declamados por Adalgisa ou por Fernando, amigo da família. Percebemos, além das práticas cotidianas de uma família burguesa da época, um culto excessivo à literatura. Em todos os trechos da obra, encontramos alusões à mitologia ou referências a textos e poetas:

Vamos Helena levanta-se e acompanha ao piano o Sr. Fernando para que nos faça ouvir uma das suas belas poesias. Helena obedecendo a sua mãe abriu o piano e começou uma dessas harmonias divinas que só mãos profissionais são capazes de reproduzir.

Adalgisa continuava no mesmo lugar, sem olhar para Fernando, só de tempo em tempo, fixando seus belos olhos sobre um magnífico espelho que lhe ficava fronteiro e por onde podia ela seguir todos os movimentos do mancebo.

Fernando ao apelo expresso pelas vozes do instrumento levantou-se desculpando-se que nada escrevera ultimamente mas que recitaria uma bela inspiração do festejado cantor o Dr. Lobo da Costa (VIOLETA, 28 abr. 1878, n. 7, p. 2).

A citação do poeta pelotense Lobo da Costa torna-se importante à medida que conseguimos captar quais eram as referências de autores e obras para o período de produção do romance e, por conseguinte, o estilo literário valorizado pela autora.

Esses jornais literários podem ser vistos como um dos meios de difusão cultural que possuiu um alcance considerável sobre os sujeitos sociais, as referências às obras funcionam como uma indicação de leitura e, para o contexto do século XIX, esta imprensa, além de ter atuado como um meio de comunicação, configurou-se como um meio educativo, principalmente para as mulheres.

A manutenção de valores morais e de posturas permitidas à sociedade da época pode ser percebida em vários trechos:

Por sua parte Adalgisa sentia por seu primo, uma amizade e respeitosa admiração, que quase tocava as raias do fanatismo: mas isso não era amor interessado egoísta e cioso. Como ser essa afeição da alma, que nos subjuga por outrem. Adalgisa amava Fernando, porém por muito altiva, calava este sentimento, até que o moço se declarasse...

Ninguém em casa suspeitava tal.

Helena amava também a Fernando, mas apesar de muito expansiva, nunca confiara este segredo de pessoa alguma. O pudor tolhia-lhe a voz e as expansões. Ele o ardente mancebo, correspondia-lhe com loucura, com delírio, contudo, guardava as conveniências sociais que muito respeitava e temia também, desgostar o Dr. Álvaro a quem idolatrava (VIOLETA, 19 maio 1878, n. 10, p. 2).

O conteúdo deste folhetim é bem simples, apresentando um triângulo amoroso, no qual Helena e Adalgisa nutrem um amor por Fernando. O texto é rico em descrições e a autora incorporou as características do já consagrado romance-folhetinesco, utilizando-se dos recursos como o “Continua” e o corte no momento de tensão, conforme salienta Nadaf:

Esses elementos estruturais remetem-nos à velha fórmula discursiva da esperta Xerazade, aquela das *Mil e uma noites* que enganava e encantava o poderoso sultão Xeriar com suas infundáveis estórias, interrompidas no momento mais empolgante do desfecho, em troca de sua sobrevida, ou melhor, de mais uma noite de vida. Aqui, numa versão atualizada, Xerazade se transformou no jornal e no autor que, através do romance-folhetim passaram a construir teias infinitas para sua sobrevivência (NADAF, 2002, p. 20).

No trecho abaixo, exemplificamos os elementos estruturais largamente utilizados pelos romances-folhetinescos:

Adalgisa dando alguns passos em direção aos bouquets para e voltando para Helena os seus formosos olhos, exclama: - vejo três bouquets, nós somos duas, que quer isto dizer, acaso encomendaste três? (VIOLETA, 26 maio 1878, n. 11, p. 3).

- Não respondeu Helena, eu só pedi dois, porém vejamos e tomando o de fita rosa o entregou a sua prima, dizendo este é teu, o de fita azul é meu, porém ainda temos o de fita verde (VIOLETA, 02 jun. 1878, n. 12, p. 2).

No desenrolar da história, descobrimos que o botão de rosa foi colocado na antessala das moças pelo menino Rafael à pedido de Fernando que, apaixonado por Helena, pede-a em casamento. Seguindo os precursores nacionais desse gênero, que se aproveitaram das características dos melodramas para compor suas obras, no romance *O botão de rosa*, Álvaro fica doente ao cogitar que Adalgisa possa não o corresponder ao seu amor e que está apaixonada por outro mancebo.

A família Loureiro, como representante da alta sociedade, costumava frequentar os bailes e foi, em um destes compromissos sociais, que Adalgisa conheceu o jovem militar Agenor. À primeira vista, o jovem lança um “olhar de fogo”, deixando a moça constrangida. Na última edição do *Violeta* a que temos acesso, datada de 20 de julho de 1879, Agenor e Adalgisa, que tinham a intenção de contrair matrimônio, descobrem-se irmãos. De acordo com Nadaf, temas como este foram repetitivos nos romances folhetinescos:

Lembramos a recorrência usual no romance-folhetim de estórias de amores contrariados, paternidades trocadas, filhos bastardos, heranças usurpadas, todas elas seguidas de duelos,

raptos, traições, assassinatos e prisões. Núcleos de romances narrativos geradores de muita tensão, testados e aprovados com êxito pelo citado melodrama, e que nesse modo de romance foram acrescidos de um recheio extraído do próprio *habitat* e dos conflitos da vida doméstica do público consumidor elevando ainda mais sua carga emotiva (NADAF, 2002, p. 21).

O impresso interrompeu sua circulação sem comunicar seus assinantes, fato que nos leva a crer que o romance prosseguiria, caso o jornal tivesse continuidade. Jaqueline Cunha, em sua dissertação, faz referência à divulgação do folhetim “O botão de rosa” no jornal pelotense *Arauto das Letras*, no qual foram veiculados só as seis primeiras partes do folhetim. Cunha atribui erroneamente esta ocorrência à morte da autora em 1882, fato que distante temporalmente da publicação no *Arauto da Letras*, pois no *Violeta* (1878-1879) o folhetim foi veiculado por quase um ano, estando presente em 35 edições do impresso rio-grandino.

O conto também ganhou destaque nesta seção do periódico, considerando-se como conto – nos conceitos teóricos de Gotlib (1990) – os textos em prosa que possuem uma unidade de efeito e constituem-se de uma narrativa breve. Em “Marina”, assinado com o pseudônimo de Nativa, temos as fases da vida de uma mulher, com o nascimento da personagem sendo comemorado e sentido pelos animais e pelas flores e, ao chegar na mocidade, Marina foi recebida nos salões e “todos curvaram-se ante tanta graça, tanta beleza, tantas mil virtudes; e ela sorrindo a esse cortejo imenso, fugia aos homens e adorava Deus” (VIOLETA, 07 abr. 1878, n. 6, p. 2). Valores importantes à sociedade da época são reforçados neste trecho, com o narrador apresentando a trajetória de vida da personagem como um ciclo inquestionável de acontecimentos:

Quando ela amou os astros mais fulgentes, desmaiaram ao brilho de seus olhos, das aves o cantar mais mavioso, nada teve de doce, ante as palavras que de seus lábios se escaparam meigas.

E ela crente, imaginou a vida, santo poema de ilusão querida. Quando ela foi traída, néveas gotas do mais tristonho e dolorido pranto rolaram-lhe na face mais mimosa, que os lírios todos que as campinas ornaram.

E a flor tristonha do cruel martírio, nasceu no seio desse néveo lírio (VIOLETA, 07 abr. 1878, n. 6, p. 2).

A personagem nasce, entra na mocidade, ama, é traída e morre. Esses são os estágios da vida ressaltados pelo narrador e selecionados como passagens relevantes para se contar a vida e o papel das mulheres do século XIX.

Em “Marina”, a natureza é cúmplice da felicidade da personagem e, no conto “Cismando”, essas mesmas relações são estabelecidas, pois o narrador em primeira pessoa recorda a dia em que o casal encontrou-se e o ambiente foi o reflexo dos sentimentos de ambos: o céu estava azul, os pássaros cantavam, as palavras eram doces como favo de mel, porém ao final do encontro um nuvem cinza ocultou a Lua e, para nossa narradora, o fato foi um profecia do fim, encarada como “quimeras” por seu companheiro. Ao final do conto, percebemos uma ruptura e um desencantamento na relação:

E acaso a nuvem mentiu? Acaso teu amor de hoje assemelha-se ao de então? Quem sabe, talvez que meu nome já não te recordes, enquanto que o teu sempre para mim um perene talismã (VIOLETA, 5 maio 1878, n. 8, p. 2).

Os encontros e desencontros foram temática recorrente na seção de prosa do periódico *Violeta*, pois encontramos nos textos analisados a idealização do amor, o amor não correspondido e a perda do amado, reforçando as características do período literário romântico. Para os autores deste tempo, a mulher representava dois papéis distintos: ou ela é apresentada como a pecadora que leva o homem para perdição ou ela é o anjo dotado de virtudes divinas. Nos textos publicados no *Violeta*, as traições e os amores não correspondidos foram os infortúnios das personagens, que por sua vez foram sempre representadas como seres divinais, pois nas páginas desse periódico não havia nenhuma transgressora, reforçando o tom moralizante da folha literária sempre carregada de “bons exemplos” para suas leitoras.

A narrativa “Juramento de um dia”, de Revocata de Mello, descreve a história do casal Jaime e Emelina e começa compondo para o leitor com minúcias a descrição de elementos da natureza e do cenário envolvendo os protagonistas em um ambiente harmônico e romântico. O amor idealizado e o casamento mais uma vez são apontados como elementos essenciais na vida das personagens:

Oh! Emelina tinha razão quem que na florida quadra da mocidade não suspire por um doce amor, como diz Hallevy: Coração sem amor é jardim sem flor.

Quem não aspira encontrar um peito onde se abrigue um luminoso raio desse sentimento que Pigmalião tanto almejou para sua formosa Galatea.

Sentir os prantos de um infinito afeto, palpitar as adoradas sensações de um amor que se desabrocha pura e sincero, não é realizar um dos mais aguerridos sonhos da vida?

O amor para certas almas é uma necessidade, umas das poucas ambições do homem que compreende a poesia do coração, almas a transbordar de sentimentalismo, repletas de emoções delirantes, ardentes, capazes de lançarem-se ao abismo num arroubo de paixão, é do amor que nasce a gemedora fonte do lirismo (VIOLETA, 18 ago. 1878, n. 23, p. 1).

Podemos ler a referência a Pigmalião como um projeção de conduta, pois segundo a mitologia grega, Galatea foi esculpida porque seu criador se negava a conviver com as mulheres vulgares e cheias de vícios, ou seja, para estar à altura desse companheiro imaginado era necessário possuir virtudes.

Emelina e Jayme se uniram e, por alguns meses, desfrutaram de dias repletos de felicidade. Percebemos por parte do narrador uma valorização de hábitos comuns à sociedade burguesa, que estava em franca expansão no período. A leitura e o culto à música são recorrentes nos textos e encontramos, como já apontado anteriormente, quais eram os autores lidos, recomendados e possivelmente consagrados para época:

E tão bela a quadra das ilusões porque há de passar tão breve? A tardinha Emelina cantava e Jayme acompanhava no piano, nas longas e frias noites de inverno faziam amenos serões, enquanto Emelina e sua mãe bordavam ou costuravam, Jayme as distraia lendo as sublimes páginas de Rafael, de Lamartine⁴, ou a pedido da moça as Tristezas à beira mar, de Pinheiro Chagas, e assim nesta doce união passavam os dias e os meses sem que o mais leve sopro frisasse o sereno regato onde se refletia esse grupo feliz (VIOLETA, 18 ago. 1878, n. 23, p. 2).

⁴ Alphonse de Lamartine (1790 -1869) influenciou o Romantismo na França e no mundo e o poeta português Pinheiro Chagas (1842-1895) publicou nos jornais brasileiros *O País* e *O Diário Popular*, ambos do Rio de Janeiro.

Jayme abandona a amada e o motivo da sua partida não é descrito pelo narrador, o texto revela apenas que, ao partir, o casal fez um juramento que não se esqueceriam jamais um do outro e Jayme presenteou Emelina com um anel dos seus cabelos. Passados três anos, o personagem retorna e encontra a casa abandonada, procurando alguém que lhe pudesse informar o que aconteceu, ele descobre que Emelina e sua mãe tinham morrido, Jayme passou de companheiro idealizado à responsável pela morte da amada:

Tudo fenecera com a sua bela cultora, o abandono reinava ali, Jayme percorreu todos esses lugares que lhe traziam dolorosas recordações, quantas lágrimas derramou ele, ali no silêncio de uma saudade imensa e de um pungente remorso.

Procurou alguém que lhe dissesse o que era feito dessas duas criaturas, então soube que depois da morte da velhinha, a filha ficara com as idéias alteradas, entregando-se a uma desesperação tal que perdera a razão, coitadinha enlouquecera de dor.

A tardinha costumava assentar-se a soleira da porta e quando via alguém apontava para o fim da estrada e dizia: Ele não voltou mais, depois desatava do pescoço um veludo negro de onde pendia uma medalha, e abrindo-a beijava uns cabelos, repetindo sempre, ele não voltou mais (VIOLETA, 7 set. 1878, n. 26, p. 4).

Em “Noite de agonia”, de Nyny⁵, a morte não é o desfecho final e sim o tema principal. O narrador em terceira pessoa apresenta o velório de um jovem guerreiro, sendo carregado de descrições do ambiente e das atitudes de dois personagens, a noiva e o amigo. A amada recebe um destaque ao chegar no funeral:

Súbito ressoa um grito agudo, longo, tétrico e pavoroso, e uma jovem mulher assoma ao fatal recinto. Desvairados olhares lança uma e outra parte, em passos vacilantes sea cerca do infeliz guerreiro.

E louca febricitante, tocou a fonte gélida do mancebo, com seus gélidos lábios... (VIOLETA, 28 abr. 1878 n .7, p. 2).

No conto, não há o nome dos personagens e não existe diálogos entre eles e a história finaliza com uma pergunta: “Qual dos três seria mais digno de

⁵ Embora tenham sido consultadas várias fontes referentes à biografia não foram encontrados dados relativos a este pseudônimo.

compaixão?” (VIOLETA, 28 abr. 1878, n.7, p.2), provocando assim um exercício de reflexão das leitoras.

Nyny contribuiu ainda com outro conto para o *Violeta*. Nesse, sem título, temos uma narradora-personagem que, nos primeiros parágrafos, descreve a natureza e os outros personagens: a mãe e o noivo. Inicialmente, os personagens estão no jardim e são surpreendidos por um mendigo, que ao pedir uma esmola é escorraçado pelo noivo e a personagem desaprova a atitude do noivo em menosprezar aquela criança pobre que pedira esmola:

A grade do jardim rangeu ao impulso de alguém que se acercara e nossa atenção foi atraída para aquele lado.

Era um mendigo, sua pálida face sulcada pela desgraça, conservava ainda belos traços infantis, era terno e choroso o seu olhar, sua boca maviosa e pura.

- Senhor dai-me uma esmola por amor desse anjo que tanto vos ama!

- Fora! Bradou aquele que eu havia divinizado nos meus devaneios de donzela, fora miserável, vadio!

Eu soltei um grito pungente e fui cair nos braços de minha mãe que chorava. O pobrezinho seguiu soluçando.

E ele, o verdadeiro miserável, ria, ria qual possesso condenado (VIOLETA, 16 jun. 1878, n.14, p.2).

É a primeira vez que personagens de classes menos favorecidas aparecem no *Violeta*, mas o ponto alto da narrativa é quando o leitor descobre que tudo não passou de uma fantasia: “Foi um sonho horrível, acordei aos beijos de minha mãe. Éramos de novo a sós no mundo?”. Nyny mais uma vez coloca sua marca nos textos encerrando-os com uma indagação para o leitor e, quem sabe, se o encerramento do texto não possa ser, mesmo que de forma incipiente, os primeiros passos desta autora para a produção de uma literatura realista.

Dividido em duas edições do impresso, o conto “Marcos”, cuja autoria é atribuída a “N”, centra-se no personagem principal, com então 23 anos, que sofre de tísica e na narradora-personagem, que faz uma retrospectiva dos últimos momentos da vida de Marcos, descrevendo quando ela conheceu-o em um baile e como ficaram próximos:

Um dia era num salão de festas, as luzes, as flores e os arrebatadores sons da orquestra confundiam-te. A mocidade sorria, era feliz, e a velhice recordando seus venturosos passados, era presa de um delicioso sonhar.

Só eu, não sei porque indiferente a esses prazeres, cismava em meio deles nos cruéis contrastes desse malfadado mundo.

É que enfrente a mim viera sentar-se Marcos, um mancebo triste e pensativo que buscava quem sabe, em meio desse turbilhão, o esquecimento de uma dor oculta.

Uma tosse cavernosa vinha de quando em quando assaltar o infeliz mancebo, e ele seguia como eu com o olhar indiferente a esses felizes pares que voavam presos no delírio da valsa.

(...)foi essa a primeira vez que o vi, tempo depois viemos a dar-nos como irmãos (VIOLETA, 20 out. 1878, n.32, p.3).

A narradora-personagem apresenta-se fora dos padrões das moças de seu tempo, pois se sente deslocada nesse ambiente festivo e acaba encontrando afinidade com Marcos que também estava hostil ao meio, em função de sua doença. O personagem lamenta não ter conhecido a “irmã” antes:

- Porque não nos havíamos conhecer a mais tempo?
 -Porque não apareceste quando ainda fosse tempo de salvar-me?
 Não vez que estou mais perto de Deus que dos mortais? Para que queres despertar em meu seio esse doce afeto que tão desgraçado me fez? (VIOLETA, 20 out. 1878, n.32, p.3).

A descrição da morte de Marcos encerra a narrativa:

Depois... o anjo da morte venho lentamente descendo e estendeu suas asas sobre o poeta. Marcos inclinou a suarenta fronte no seio de sua mãe, tomou-me a mão e expirou.

Há dores que se não podem descrever e são como diz Casimiro de Abreu: “Dores fundas, agonias lentas”.

Eu desde então não sei o que se passa em mim, a imagem de Marcos passa continuamente por diante de meus entristecidos olhos e parece dizer-me o derradeiro adeus... (VIOLETA, 27 out. 1878 n.33, p.2).

Dividido em duas edições do *Violeta* o conto “Júlia”, de J.G., esboça a importância das virtudes femininas reforçando o modelo principal de identificação pelo qual se centralizou a educação das mulheres, a temática que envolve a

narrativa é o amor impossível entre dois jovens, o relacionamento não se concretiza em função da ambição do pai da personagem:

Mas... Júlia foi uma infeliz, porque seu pai era ambicioso, sua primeira ambição era o ouro e depois um casamento vantajoso para sua encantadora filha.

Bárbaro! Julgava que a maior felicidade do mundo constituía na riqueza, porém o coração de Júlia só ambicionava um amor verdadeiro (VIOLETA, 3 nov. 1878, n. 34, p. 2).

E como uma transgressão às regras consolidadas por essa sociedade patriarcal não poderia ser sugerida, Júlia, descrita como uma filha exemplar, prefere a morte a desobedecer ao pai. A morte mais uma vez é representada nos enredos como sendo a solução para o sofrimento.

Os contos “Moço do gorro negro”, de Hermenegarda, pseudônimo de Revocata Heloisa de Mello (SCHMIDT, 2000, p. 894), e “Cantor do cemitério”, sem referência de autoria, não estavam concluídos quando o impresso interrompeu sua circulação e ambas as narrativas mantiveram a temática do amor impossível com finais trágicos. O conto “Moço do gorro negro” foi publicado mais tarde na obra *Folhas Errantes* (1882) e narra a história de uma jovem que se apaixonada por seu vizinho, um moço pálido e triste que a narradora-protagonista no desenrolar do enredo descobre que o jovem é cego, mais uma vez o amor é bloqueado pela fatalidade.

Seguindo as ideias românticas, as crônicas publicadas no *Violeta* versaram sobre a morte, amores, memórias da infância e culto às artes. Na crônica intitulada “A música”, de Revocata Heloisa de Mello, a valorização das composições eruditas e as sensações que as mesmas provocam no ouvinte são os elementos que norteiam o texto. Observa-se também o conhecimento que a autora tinha dos clássicos:

Quer nos vejamos embalados por estes conjuntos de doces harmonias, sublimes inspirações das fecundas imaginações de Weber, Beethoven, Spohr, Shubert, grandiosos cultores da divina música alemã, ou as imortais composições do tão chorado cantor da Sicília, o mavioso Bellini, ou de Rossini, gênios desabrochados a voz da barcarola, lá sobre o decantado golfo italiano, ou mesmo na música dramática diletta de Auber, Grety, Sulby, etc. Nomes que legaram à França gloriosas flores para sua coroa de artistas, é

sempre a música a bela encantadora e formosa filha do céu (VIOLETA, 2 de jun. 1878, n.12, p.1).

Nesta breve passagem, percebe-se que Revocata faz um apanhado dos principais compositores clássicos europeus apreciados pela elite brasileira da segunda metade do século XIX, que além de internalizar os costumes vindos do outro lado do Atlântico, também menosprezava os gêneros músicas mais populares: “Não falo dessa música chula, das polcas ou habaneiras, executada apenas para servir de passatempo, sons que vão-se com a vórtice da dança, sem encontrarem eco nos corações” (VIOLETA, 2 de jun. 1878, n. 12, p. 1). Ao citar a música erudita, a narradora lança mão de inúmero adjetivos vazios, que no seu ver caracterizam as composições clássicas e enaltece o ouvinte que sabe apreciá-las. Ao citar em suas crônicas personalidades e obras diversas, Revocata parece indicar às leitoras que padrões devem ser conhecidos e cultuados, possivelmente com o intuito de realizar uma unificação comportamental e instrutiva, assumindo a posição de uma conselheira.

Em “Saudades da infância”, sem referência de autoria, a narradora apresenta uma nostalgia pelo passado e relembra a infância como a melhor fase da vida, época feliz e livre de conflitos, também carregado de adjetivos vazios, o texto apresenta a fase adulta como um período de desilusões e incertezas:

E quando o amor se apodera de nossos corações, é quando um sentimento novo vem habitar em nossa alma.

Então... quase que infelizmente sempre dizemos adeus as nossas felicidades, porque raro é o amor feliz, raro é o afeto correspondido (VIOLETA, 13 jul. 1879, n. 53, p. 3).

São trabalhados nestes textos dois elementos que permearam boa parte da produção romântica brasileira do século XIX, o amor não correspondido e a lembrança da infância.

2.3 “IRIS POÉTICO”

A poesia foi o gênero literário que liderou em quantidade as produções veiculadas pelo *Violeta*, e foi nesta seção que o periódico mais obteve

colaboradoras, no entanto, mais da metade dos poemas publicados foram da redatora e de sua irmã, por vezes assinando seus nomes e por vezes utilizando-se de pseudônimos.

Os assuntos abordados não apresentaram um temário variado e mantiveram-se dentro da tendência romântica com versos exaltando o amor que raramente é concretizado. Lamartine, Pinto Monteiro, Felix da Cunha, Gonçalves Dias e Emílio Zaluar foram os poetas que frequentemente ocuparam as epígrafes dos poemas, evidenciando o estilo literário valorizado pelas poetisas/colaboradoras.

No poema “Duvidas?”, publicado em 24 de março de 1878 (n. 2, p. 2), de J. N., o eu lírico busca retirar dos pensamentos de seu possível pretendente uma desconfiança de que o amor não seja correspondido e para isso é capaz de morrer, caso o amado assim desejar:

Dize o que queres, que aspiras,
Mais sonhos, mais terno amor,
Olha eu morrera sorrindo,
Se tu quisesses cantar!

O eu lírico devota ao companheiro idealizado um “puro afeto”, e os sentimentos nobres e castos são valorizados no poema porque neste contexto servem como modelos de conduta feminina, as leitoras não encontram nos poemas, assim como não encontraram nos textos em prosa, exemplos transgressores. O amado é indagado: “Julgas que possa outra imagem,/ Turbar meus sonhos de virgem? ”, de modo que o termo virgindade salientado no verso reforça o clichê romântico da inacessibilidade da virgem, já que ela não poderia ter olhos para outro homem, pois é pura, imaculada e portanto, merecedora de admiração e de tratamento cortês.

Publicado em 7 de abril de 1878 (n. 4, p. 3), os versos iniciais do poema “Crepúsculo”, de Penseirosa, pseudônimo de Julieta, remetem ao declínio da relação: “Agora que a noite desce,/ E o dia saudoso expira”. A voz lírica rememora os sonhos e as crenças que viveu com o companheiro que se encontra distante, e essa noite que anteriormente foi cúmplice desse amor agora se apresenta como o momento propício para aflorarem angústia e interrogações: “Oh! Deves lembrar-te eu creio!”. Nos 24 versos que compõem o poema, o eu lírico relembra e espera que

o amado também recorde, com a mesma importância, os períodos que passaram juntos e ao final sinaliza que ainda o espera:

Vem, não tardes, eu te espero
Cheia de louca ansiedade
Que eu morrera de saudade,
Se te esqueces de mim!

Assim como no primeiro poema a morte aparece mais uma vez associada à impossibilidade da relação amorosa, porém nos versos de Julieta temos uma visão mais otimista desse amor e uma esperança de que ele se concretize

Dentro dos desdobramentos da temática amorosa, encontramos a valorização do amor materno como razão da existência da mulher e este sentimento nato do sexo feminino. No poema “Mãe”, publicado em 07 de maio (n. 9, p. 2), de Julieta Monteiro, a voz lírica compara a mãe a símbolos que remetem a doçura e a pureza:

Tem em si mais perfumes que o lírio
Mais doçura que o mel, que a ambrosia,
Mais fulgores que o astro brilhante,
Que as belezas da terra alumia.
Tem em si mais perfumes que o lírio,
Mais doçura que o mel, que a ambrosia.

Ao trazer a imagem do sol, que “é a fonte de luz, do calor, da vida” (CHEVALIER, 2015, p. 836), percebemos a valorização do papel da mãe construído culturalmente como um ser iluminado no sentido de colocar sua vida em segundo plano para priorizar o marido e os filhos, uma missão sagrada às mulheres e ao mesmo tempo que representa a grandiosidade do sol a figura feminina tem o perfume e a fragilidade do lírio. O poema estrutura-se em quatro estrofes de seis versos na quais os dois primeiros versos são repetidos ao final de cada estrofe.

No poema que Julieta dedica ao marido, recém-casados, intitulado “Escuta”, publicado em 28 de junho (n. 15, p. 3) o relacionamento do casal é descrito como um período afortunado de elevação e sentimentos nobres. “Tua alma urna de santos carinhos/ Erário onde eu guardo meus sonhos de amor”, a idealização do casamento é expressa nos versos, os sonhos de amor não são concretos ou realizáveis, a poetisa mesmo casada os recolhe, o amor está portanto, no plano divino, sublime aos olhos do casal. Ao finalizar os versos o sujeito lírico recupera a importância da mãe:

E lembra-te sempre que acima de tudo,
Dois entes eu amo, com ânsia e fervor,
A mãe que meus passos guiou até hoje
E tu que me coroas de esperança e amor!

A importância da família na sociedade patriarcal permeia várias das produções veiculadas no impresso, no trecho acima, podemos observar a mãe e o marido como as principais referências do eu lírico, a primeira figura é do passado até o presente e a segunda do presente ao futuro, o universo feminino esteve diretamente relacionado ao sentimento amoroso em suas diversas facetas, no poema apresentado figuram o amor maternal e o conjugal.

No poema “Amor”, publicado em 21 de junho (n. 19, p. 4) de Marieta, outro pseudônimo de Julieta, o amor se faz presente na paisagem, nas flores, no cemitério, o eu lírico encontra o amor em diversos cenários. Del Priore afirma que “ama-se porque todo o período romântico ama. Ama-se o amor e não propriamente as pessoas (...) ama-se então um conjunto de ideias sobre o amor” (DEL PRIORE, 2015, p.216), demonstrando como o amor foi divulgado enquanto matéria literária em boa parte do século XIX no Brasil. Para encerrar os versos o sujeito poético conclama seu amado:

Porque fugires da minha alma ardente,
Que sonha e aspira com sublime ardor,
Se a terra inteira nos repete: amemos
Vamos unidos repetir – amor!

Em “A ele”, publicado em 21 de julho (n. 22, p. 3), sem referência de autoria, a voz lírica recorda os momentos afortunados que tiveram juntos, porém se mostra desiludida conformando-se apenas com a possibilidade de ocupar as lembranças do amado:

Recorda-te de mim, dos nossos sonhos,
Dessa quadra de amor, de felicidade,
Embora já nem reste uma esperança,
Relembra com saudade.

Pois na minha alma há tanto amor e crença,
Tanto anelo meu Deus, tanta esperança,
Que hei de guardar lá no meu sepulcro
Teu nome na lembrança!

Nos versos que encerram o poema ocorre mais uma vez a relação da morte com o amor, o eu poético se mostra resignado a continuar amando solitariamente. A desilusão também foi retratada no poema “Segredo”, publicado em 7 de setembro (n. 26, p. 3), de Marieta, onde pela primeira vez, a figura masculina não é idealizada e comparada a poetas e cantores e sim, apresentada com um tom de desconfiança:

São os homens estátuas de gelo,
A pregarem de fria razão,
E é por isso que as vezes sorrio,
Quando os ouço jurarem paixão.

O eu lírico não acredita nas declarações masculinas e ao usar as expressões “estátua de gelo” e “fria razão” confirma o par dicotômico, razão/emoção, largamente difundido no século XIX reforçando estereótipos que ligaram a figura feminina ao sentimentalismo e a amabilidade e a figura masculina ao pensamento e à razão. O sujeito poético do poema “Desilusão”, publicado em 13 de outubro (n. 31, p. 4), também de Marieta, assume um tom acusativo frente ao descaso do ser amado e o questiona:

Porque viste procurar minha alma
Que no silêncio definhava aos poucos?
Porque vieste alimentar meu seio,
Com tuas juras, teus protestos loucos?

O desencanto perante o mundo não é resultado somente da desilusão amorosa, porque o eu lírico não transita de um passado feliz para um presente de mágoa, ela já se encontrava sem alegrias e a decepção amorosa lhe tirou o sossego: “E a paz ditosa que eu então gozava,/Hoje pra sempre me deixou, finou-se!”.

A morte representou nos poemas dos românticos um processo libertador, pois somente através dela as angústias e frustrações teriam fim, e também foi descrita nos poemas como uma certeza face a sua inexorabilidade, este foi o tema do poema “Lembrança de morrer”, publicado em 14 de julho (n. 18, p. 3), de Penserosa, no qual o eu lírico reflete sobre a postura de seu amado quando chegar o momento de sua partida:

Não deixarás dormir no esquecimento,
 Quem tanto, tanto amor tinha consagrado?
 Sem ires uma vez sobre seu túmulo
 Lançar um triste lírio desfolhado.

Oh não, tua alma é cheia de ternura,
 Teu coração é urna de bondade,
 Bem sei que embora eu deixe a luz dos vivos,
 Há de seguir-me eterna uma saudade!

A descrição dos momentos que antecederam a morte de uma jovem foi o tópico desenvolvido no poema “A...”, publicado em 24 de julho (n. 20, p. 3), sem autoria, que descreve a moça no leito acompanhada pela mãe que reza por sua alma:

Ao lado, a mãe curvada pelo sono
 Em fervorosa prece ajoelhada,
 Parece que sua alma a Deus envia
 Rogando pela filha idolatrada

A religiosidade também está presente no poema, a mãe vendo a morte se aproximar roga a Deus que anteceda por sua filha, tais construções corresponde ao discurso religioso cristão valorizado e difundido no século XIX, que mais uma vez coloca a figura materna próxima de um ser divino que talvez, possa ser ouvida por Deus.

Alguns dos textos poéticos publicados no *Violeta* seguiram a tendência dos periódicos femininos oitocentistas que se tornaram ferramentas de incentivo à instrução, conforme aponta Constância Duarte: “A imprensa feminina tornou-se não só um canal de expressão eficaz para as sufocadas vocações literárias das mulheres, mas exerceu ainda uma função de conscientização, catártica, psicoterápica, pedagógica e de lazer” (DUARTE, 2005, p. 229) conforme podemos constatar no poema “O estudo”, publicado em 29 de abril (n. 45, p. 4), sem autoria, que relaciona a instrução feminina ao distanciamento das “trevas”:

É no estudo apurado das letras
 Que a mulher procurar deve a luz,
 Não nos bailes, nas salas festivas
 Onde a louca vaidade transluz.

Estudar é buscar um futuro
 Nobre, santo, querido por Deus,
 Estudar é buscar no trabalho

Desvendar das ciências os véus.

Estudai, pois ó flores singelas
Meigas virgens que em trevas viveis,
Que áureo premio de vossos trabalhos
No saber muito breve achareis.

O eu lírico reflete sobre o lugar de fala da mulher sem instrução e afirma que as moças vivem na escuridão e que aprimoramento educacional lhes levará à luz. O poema também sugere que as mulheres não devem dedicar o seu tempo à vaidade e às festas, percebemos no texto uma crítica sutil ao que era esperado e aceito pela sociedade em relação ao papel feminino e, em forma de conselho, o sujeito poético sugere uma mudança de postura por parte das suas leitoras apresentando o estudo como uma forma de ascensão, de “buscar um futuro”.

Personalidades literárias, mulheres do círculo de amizade das colaboradoras e membros da família de Julieta foram constantemente agraciados com poesias laudatórias, para alguns críticos essa vertente da poesia não possuía grandes qualidades estéticas. Antonio Dimas, por exemplo, ao comentar a poesia da revista *Kosmos*, relaciona o utilitarismo na literatura a uma qualidade estética inferior:

Literatura como meio de reforçar valores ou como instrumentodissuasório são faces opostas de uma mesma moeda, que atribui função utilitária ao fenômeno literário. Valendo-se de uma dessas faces, muitos colaboradores de *Kosmos* reafirmavam o caráter de solidariedade do periódico com seus consumidores ao lhes fornecer exemplos de edificação moral, no mesmo tempo em que, animados por solicitações estranhas ao ofício poético, comprometiam inapelavelmente a qualidade de seus versos (DIMAS, 1983, p.98).

Porém ao levarmos em conta que o sistema literário rio-grandense ainda era incipiente no período de circulação do *Violeta*, podemos inferir, sem valorações estéticas, que estes versos laudatórios serviram na divulgação, não só dos poemas, mas principalmente, para revelar escritoras. A literatura serviu de instrumento de louvação de características positivas de pessoas próximas de quem escreve, como ocorre no poema “A minha irmã”, publicado em 28 de abril (n. 7, p. 3), que Julieta dedica à Revocata:

Não ouves voz maviosa,
Tristonha, meiga, chorosa,

Falar de quadra formosa
 Que além nas sombras morreu,
 Não te recorda o passado,
 Sonho de amor encantado,
 Em que vivia a teu lado
 Um santo amor qual o meu?

Não lembras nossos brinquedos
 Os nossos sonhos tão ledos,
 Nossos risonhos folguedos
 Que nunca mais voltaram
 Meiga e gentil criatura,
 Dentro de tua alma tão pura,
 Não sentes passar então?

A infância que passaram juntas é recordada com saudosismo correspondendo ao período dos sonhos, do amor puro, o eu lírico demonstra devoção à irmã. Revocata responde à homenagem no poema “A Julieta”, publicado em 5 de maio (n. 8, p. 3), no qual também tece recordações e a natureza se faz presente nos versos compondo um cenário de nostalgia à felicidade:

Tua imagem é sempre a meu lado,
 Como de antes no tempo passado,
 Arroubada no mesmo sonhar,
 Vendo as flores estação dos amores
 Quando além se desdobram as cores,
 De uma aurora de lindo raiar.

A ligação das irmãs refletiu também nas suas produções, conforme aponta Guilhermino César, as duas estiveram tão associadas que é difícil separar suas produções. “Com sua irmã, Revocata Heloisa de Mello, também poetisa, a que se ligou a tal modo que entre a obra de uma e de outra existe a mais completa identidade” (CÉSAR, 2006, p. 313).

Julieta também foi matéria poética de suas colaboradoras, no poema “A Dona Julieta Monteiro”, de Saturnina Arruda⁶, a poetisa é parabenizada pela publicação e pela escolha do nome do periódico, o empreendimento de Julieta é tão valorizado que eu lírico propõe hiperbolicamente que a ela seja erguido um monumento:

E no gênio feminino
 És a primeira em talento
 Ante ti curvar-se o manto,

⁶ Embora tenham sido consultadas várias fontes referentes à biografia de autoras, não foram encontrados dados referentes a esta autora.

E ergue-te um monumento

No título do poema “Ao inteligente jovem o Sr. Moriwald Costa”, publicado em 30 de junho (n. 16, p. 3), Julieta procura por meio dos seus versos valorizar o trabalho do colega de ofício e no subtítulo do poema escreve “em resposta a sua bela poesia”. A exaltação mútua entre as escritoras foi a maneira encontrada para elas se valorizarem, se cultuarem, enfim se sentirem lidos. Os poemas aparecem, em sua maioria, com adjetivações abundantes, como podemos observar:

Poeta teus lindos versos
 Repletos de inspiração,
 Tem mais beleza que as rosas
 Lindas, puras, do Japão.
 Tem mais perfume que os lírios
 Os lírios do coração.

Em “A guerra do parnaso”, publicado no dia 4 de agosto (n. 21, p. 3), também de Julieta, os versos são dedicados a Múcio Teixeira e no poema são descritas algumas características do Parnasianismo enquanto movimento literário que priorizava o emprego da ciência e da poesia social. Ao final dos versos o eu lírico dialoga com suas leitoras:

Conhecem? É moço ardente,
 Fronte espaçosa, altaneira,
 Quer que o chamem realista,
 Mas... ele é Múcio Teixeira.

O sujeito poético parece não se importar com definições que limitem os poemas a escolas literárias. Essa crítica leve ao Realismo é reafirmada no poema “As novas ideias”, publicado em 6 de julho (n. 54, p. 4), da mesma autora, no qual ela exalta o romantismo e mostra não estar apta a novas formas e temáticas:

Oh frio realismo, oh torpe e inexorável
 Diz-me o que hei de cantar que agrada a tua escola
 As galinhas? O gato? As couves lá da horta
 Meu Deus! Que realismo em minha menteróla.

Os temas do Realismo são apresentados no poema como sendo inferiores ao Romantismo, tanto que o sujeito poético desconhece como escrever para “agradar a tua escola” e menciona que “na época fatal em que o lirismo expira”, ou seja, o eu

lórico não concebe se fazer poesia sem sentimentalismo e para marcar a diferença consistente entre as escolas sugere que se fale dos animais e das plantas. No subtítulo do poema *Julietta* escreve que é “a propósito de um crítica” que pelo tom dos versos não foi encarada de maneira positiva, mostrando que não lhe agradaram as possibilidades de mudança e de inovação.

Durante todas as edições do *Violeta*, a seção *Íris Poético* manteve-se fiel aos princípios que regeram o período romântico, seus poemas cantaram o sentimentalismo e foram indiferentes às transformações pelas quais o mundo estava passando. Segundo Antônio Cândido, alguns temas foram recorrentes aos poetas desse período, são eles:

O sentimento da natureza; a atitude religiosa; o amor; a infância o lar e a pátria; determinadas atitudes perante a moral vigente e a sociedade; amplitude dada á curiosidade do mundo exterior; o exotismo; o historicismo e a Idade média; o aproveitamento da literatura popular; o nacionalismo; até mesmo as atitudes mais pessoais de vida, seguidas e imitadas, a ponto de se definirem como tendência, como foi o caso do byronismo (CANDIDO, 1982, p. 205).

A partir da afirmativa acima, podemos averiguar que a linha que conduziu as publicações no impresso *Violeta* correspondeu a um movimento literário, guardando-se as devidas proporções, estas escritoras também estiveram inseridas em um projeto, se não foi o de pensar a “cor local”, foi o de levar literatura a seus pares.

2.4 “MIRÍADES”

A seção dedicada às cartas configurou-se como um espaço de conversa entre as leitoras e a redação do *Violeta*, com textos predominantemente descritivos, podemos traçar um panorama da vida destas mulheres. Muzart afirma que:

é na seção de cartas que se encontra esse diálogo entre elas. Embora segregadas da vida literária, da vida produtiva, refugiaram-se nessas atividades não respeitadas e encaradas com olhares condescendentes, tais como brinquedos de crianças com quem elas seriam sempre identificadas (MUZART, 2003, p. 231).

As publicações orbitaram em torno dos passeios na praça municipal, das festas, das peças teatrais assistidas, e principalmente das suas intrigas amorosas. Em todas as cartas publicadas, as autoras usaram diversos pseudônimos, incluindo

a redatora e sua irmã, garantindo maior liberdade para expor algumas atitudes que, possivelmente, seriam condenadas para sociedade da época, e para falar mais livremente da vida alheia, conforme podemos observar:

A Brasilina aconselhou-me que consultasse a cartomante e me acho disposta a seguir esse conselho, pois não é assim que se fere o amor próprio de uma jovem.

Também a Faneca aconselhou-me que reunisse um *meitinga* fim de tomarmos enérgicas providências a respeito desses bandoleiros que vivem a alimentar mil amores, rindo-se depois de tudo e de todos.

Ouvi vários murmúrios em ocasião da última trezena, em desabono do Alfredo Araujo. Este Sr. é um imenso volúvel agora anda pretendendo uma menina de Piratini, na verdade tem bom gosto, a jovem é linda como os amores.

Adeus, querida redatora, não posso continuar porque uma visita impertinente bate a porta (VIOLETA, 14 abr. 1878, n. 5, p. 4).

Foram nas cartas que as leitoras expressaram suas frustrações com o sexo masculino, comparados a “bandoleiros” à procura de diversão, a grande maioria dos homens presentes nos relatos não eram confiáveis e os textos serviram como um alerta. Lili⁷, corresponde da carta acima, sugere que as moças se reúnam afim de tomar alguma providência para que não sejam mais enganadas, leitora da cidade de Pelotas, escreveu algumas cartas à redação do *Violeta*, visando informar sobre os acontecimentos no município vizinho, no trecho abaixo, a mensageira lamenta a falta de matrimônios na sociedade pelotense:

Esta nossa amável Pelotas vai cada vez melhor no que diz respeito ao sexo amável.

Os Romeus tornaram-se raros por tal forma que já se toma por milagre quando é efetuado um casório.

E as minhas camaradas se queixam amargamente desse fato, por motivo de verem os anos se escoar na ampulheta do tempo, sem que as sorte lhe tenha designado o seu romeuzinho (VIOLETA, 5 mai. 1878, n. 8, p. 4).

⁷ Embora tenham sido consultadas várias fontes referentes à biografia e pseudônimos de autores, não foram encontrados dados referentes a esta autora.

O matrimônio era valorizado e almejado pelas mulheres deste período como um acontecimento de ascensão social, portanto o passar dos anos sem que tal sonho se concretizasse gerava frustração e sofrimento. Neste texto Lili conclama suas companheiras a proclamarem “guerra ao celibato” e se diz “escarmentada” com tal realidade.

Aspecto relevante de ser salientado nesta seção é o fato das irmãs Julieta e Revocata terem desenvolvido uma espécie de personagens para conversar entre si. Os pseudônimos Penserosa e Marieta foram utilizados pela redatora para destinar cartas à irmã que as respondeu assinado como Hermengarda. Na publicação de 26 de maio, Penserosa ironicamente faz críticas a redatora do jornal:

Querida Hermengarda,

Estou muito zangada, a proprietária da *Violeta* encheu-a de notícias e a respeito de lugar para crônica nada, para o seguinte número é necessário vingarmo-nos.

Dize ao moço loiro que o Zé Tolo, pelo nome (tolo) logo viu que era com ele e zangou-se. A vingança não poderia ser mais estrondosa, devolveu a *Violeta*. E o que mais, escreveu na mesma, uma asneira que ninguém entendeu, dirigia-se a ele, ora o jornal tem proprietária, entendam lá.

Tua Penserosa (VIOLETA, 26 mai. 1878, n. 11, p. 4).

Revocata e Julieta “trocaram” correspondências em várias edições do impresso, talvez tal estratégia possa ter sido adotada em função do número baixo de textos enviados pelas leitoras. Ao longo desta seção, bem como das demais, os textos das irmãs Mello aparecem em maior número. Nas cartas trocadas, as irmãs representavam carecer de informações uma da outra, como podemos observar no trecho assinado por Hermengarda:

Estava saudosa e ansiosa por conversar contigo. Tinha que contar-te como vais ver, perdoa-me, pois, se em primeiro lugar vou tratar de minha obscura pessoa, que queres, estou ainda sob a impressão de uma agradável surpresa, que afastou por um pouco do meu mundo de cogitações.

Recordaste do meu Noturno? Singela fantasia publicada em dos números da nossa *Violeta*?

Pois tão fraca produção, mereceu belas e lisonjeiras frases repletas de elegância, do ameno e inspirado cronista de a *Ideia*, florescente periódico literário, que se publica na cidade de Santos.

A tão distinto cavaleiro a minha sincera e indelével gratidão, como tributo a suas tão honrosas como animadoras palavras (VIOLETA, 2 jun. 1878, n. 12, p. 4).

Podemos inferir que tal publicação possa ter sido uma tática de autopromoção das irmãs, pois foi uma forma de mostrar às leitoras a recepção dos textos publicados no *Violeta* e conseqüentemente legitimar o seu valor literário. Este espaço também foi utilizado na divulgação de autores e de peças teatrais, Marieta inicia uma de suas cartas interrogando suas leitoras: “Amais a literatura?” e após a interrogação anuncia que nesta edição preencherá este espaço abordando tal tema. Assim como o realizado na seção Expediente, a correspondente cita alguns impressos literários que elogiaram a atuação do *Violeta* e afirma que a redatora lhe encomendou tal texto: “Assim me pediu a redatora desse jornalzinho”. Nesta carta que versa sobre literatura é ressaltado o desempenho do escritor Carlos Ferreira⁸:

O ilustre e festejado escritor Carlos Ferreira está escrevendo um drama cujo título é – O crime do homem.

É de crer que seja mais uma pérola para sua já tão esplendida coroa.

Receba o nosso ilustre amigo as nossas sinceras felicitações.

Na cidade de São Paulo está fazendo grande furor o drama (do notável escritor que acima tratamos) que tem por título – O marido da doida.

A representação do mesmo teve lugar no teatro São José e constanos que ao finalizar o drama, o entusiasmo dos espectadores tocará ao delírio (VIOLETA, 9 jun. 1878, n. 13, p. 3).

A redação do *Violeta* mostra desfrutar de informações privilegiadas acerca da recepção das peças teatrais e de lançamentos de obras. Dentro do inventário de

⁸ Membro do Partenon Literário foi noivo de Amália dos Passos Figueiroa, tia de Julieta e Revocata

matérias de interesse das leitoras, nesta seção, a partida da atriz Emilia Adelaide⁹ foi mencionada com pesar por Hermengarda:

Estou triste, a Emilia Adelaide deixou-nos, e o nosso Rio Grande caiu de novo em completa monotonia.

Quarta-feira por ocasião da partida do vapor, dizem que muitos olhos se encheram de lágrimas, o que achei imensamente razoável, visto que não se pode ver sem comoção, fugir-nos a felicidade.

O espetáculo da terça – feira esteve sublime, falamos apenas do desempenho que teve a importante comédia, “O Tartufo”, quanto ao merecimento da mesma não ousaremos dizer coisa alguma, os ilustres nomes de Moliere e Castilho são quanto basta para recomendá-la (VIOLETA, 12 mai. 1878, n. 9, p. 4).

Rio Grande, durante o século XIX, vivenciou notável movimentação cultural e o teatro constituiu-se como um relevante espaço de sociabilidade para as mulheres, no trecho acima exemplificamos sua importância, na partida da atriz, segundo a mensageira, a felicidade partiu também e o marasmo retornou à cidade.

Como já foi mencionado, por se tratar de uma escrita próxima de uma conversa informal, esta seção também revelou algumas posturas femininas que acenaram fugir um pouco dos padrões impostos pela sociedade patriarcal burguesa, na descrição abaixo a moça assume protagonismo no momento da conquista:

A M. A... Foi na terça – feira para ver se com aqueles olhos matadores conseguia prender o Pombinho, mas qual, de balde lhe dizia, que um olhar de amor de seus lábios, deveria ser o complemento de todas as felicitações na terra, finalmente ela lhe disse – os teus olhos me matam – e entregou-lhe um mimoso *bouqueta* onde continha o seguinte acróstico, que depois a Jovina nos mostrou:

Pra inda serem mais brilhantes,
Os olhos do meu amado
Mesmo cupido engraçado
Beijo-os por um instante!
Infiltrou-lhes tentação
Ninguém já pode igualá-los
Hei-depra sempre adorá-los
Os tipos da perfeição.

⁹ Provavelmente, refira-se à atriz portuguesa Emília Adelaide Pimentel (1836-1905), que atuou por muito tempo nos palcos brasileiros.

E digam que ela não tem aspiração poética!
Depois de termos lido o acróstico fomos em comissão cumprimentá-la (VIOLETA, 9 jun. 1878, n. 13, p. 4).

Com o pseudônimo de “A desconhecida”, a carta acima revela uma mulher sedutora que possuía “olhos matadores”. Del Priore salienta que “a mulher podia quando muito cruzar o seu olhar com o do homem. Um olhar feminino livre seria percebido como um olhar obsceno, lúbrico. Olhar, portanto, era coisa de macho” (DEL PRIORE, 2015, p. 120), a partir de tal afirmativa percebemos uma tentativa de ruptura.

Marieta dedicou uma de suas cartas à temática religiosa escrevendo que foi convidada para participar de uma sessão espírita, na mesma carta a mensageira relata sobre uma antiga experiência com um médium. No início, o texto parece elogiar os discípulos de Alan Kardec, porém ao final percebemos a ironia em relação à doutrina espírita:

Ora caras leitoras vejam lá uma amostra: Eu interrogo o espírito de um ente que me foi caro:

- Diga-me quando irei fazer-lhe companhia?

Resposta: -Oh! Muitas Saudades! Eu contive a custo uma gargalhada, o simpático médium acrescenta: ou a Sra. está brincado comigo, ou então desculpe dizer-lhe não creio que fosse essa pergunta.

Bem, façamos outra experiência: eu comunicarei minha pergunta a uma das pessoas presentes, eu dirijo-me a um dos circunstantes e digo-lhe qual a pergunta que pretendo fazer mentalmente. És mais feliz do que eras neste mundo O médium escreve: “Oh! Se me lembro!”

A vista disto não me pude conter, ri-me a mais não puder, na presença do grande adepto do espiritismo, que aqui para nós, ficou um pouco encavado (VIOLETA, 7 jul. 1878, n. 17, p. 4).

Os dogmas do Catolicismo conduziram o comportamento da sociedade brasileira do século XIX e, portanto, colocar em dúvida outras práticas religiosas constituiu-se como uma forma de defesa adotada pelos cristãos. Vale salientar que no período de circulação do *Violeta*, a igreja e o estado não haviam se desassociado, separação que só foi concretizada em 1889, com a instalação da República Brasileira que decretou, pelo menos oficialmente o fim desta conjuntura.

O tema que mais pautou as correspondências publicadas no periódico foram os relatos amorosos da vida alheia e podemos afirmar que esta seção organizou-se como uma rede social no século XIX. Sempre preservando os nomes completos dos envolvidos, utilizando apenas iniciais ou apelidos, as leitoras ocuparam-se de várias páginas descrevendo conversas alheias:

Teve o mesmo lugar entre um moço que me disseram chamar V. S. M. e uma moça moreninha a quem ouvi chamar Lindocá.

Dizia o mancebo – Você (gosto desse tratamento) não costuma ir aos bailes de instrução?

- Não senhor eu sou pouca amiga de bailes, aprecio mais essas reuniões familiares, não acha que a gente diverte-se mais?

- De certo, você é tal e qual a minha tia Francisca, ela também diz que não gosta desses divertimentos e que aprecia muito mais ficar em casa e comer um pedaço de charque frito.

- Porém eu (acrescentou a moça) não gosto de charque, já vê o senhor que não tenho a honra de parecer-me com a Sra. sua tia.

Eu estava encantada da conversação, porém infelizmente um chamado da dona da casa, privou-me de ouvir este primor, pelo que fiquei bem sentida (VIOLETA, 18 ago. 1878, n. 23, p. 4).

Ocorre uma valorização da mulher que não está apenas preocupada com as festas e salões e que privilegia o ambiente familiar e, neste sentido, o relato reforça a imagem da mulher recatada. Por outro lado, a figura masculina é representada nas cartas como perversa e traiçoeira:

Ah leitoras! O Mello está mesmo caído pela mimosa Elf..enquanto as encantadoras O... e C...vão arrebatando outros corações.

A moreninha querida do M. também assegurou que o simpático Porto-Alegrense recém chegado vê-se inteiramente entregue a graciosa e elegante Adal...B. e que o conquistador Levy vai com as suas belas cantilenas embalando a pálida daqui e a morena de Pelotas (VIOLETA, 15 set. 1878, n. 27, p. 4).

Por meio das cartas, conseguimos vislumbrar uma realidade um pouco distante das representações literárias analisadas nas seções anteriores, as mulheres descritas nos textos epistolares cultivaram um amor menos romantizado e, mesmo que de forma controlada, assumiram posturas mais audaciosas. Esta seção permitiu

observar de forma mais nítida o contexto social e o lugar de fala dessas leitoras, ampliando o conhecimento que se tem atualmente de elementos do sistema literário de então.

2.5 JOGO DA PACIÊNCIA

Essa seção, localizada na última coluna do impresso, publicava charadas, conceitos, enigmas e logogrifos, servindo de espaço dedicado ao entretenimento e à diversão e que também desempenhou papel instrutivo. Nessa seção, foram publicadas charadas propostas pelas assinantes e eram oferecidos prêmios a quem primeiro descobrisse os enigmas propostos.

Na edição de 21 de abril de 1878 (n. 6, p. 4), a redatora explica que “houve diversos decifradores que vieram em busca do doce, mas como ele era só um, coube ao Sr. José Monteiro de Almeida, que foi o primeiro a mandar a decifração”. Foram comuns as charadas e logogrifos dedicados à proprietária, à redação ou ao periódico em si. A charada publicada no dia 23 de junho de 1878 (n. 15, p. 4) tinha como resposta o nome do impresso:

Esta máquina asiática	4765
Perda ou lucro pode dar	174565
Esta rua muito estreita	125447
Isto aperta o calcanhar	67473
E torre serão campanários	7674727
Alimento pode dar	42265
Está no seio da donzela	6567
Agora está no altar	1547
Noutros tempos foi severo	674273
Custa-lhe agora falar	6763
É quadrúpede com certeza	1255447
Entre montes há de achar	17445

Os passatempos estiveram inseridos na grande maioria dos jornais – literários ou não – do século XIX, porém na presente pesquisa merecem destaque porque não cumpriram somente o papel de recreação, mas foram também ferramenta de instrução pelo nível de compreensão exigido para a obtenção das respostas, segundo a própria redatora afirma: “Para esta charada chamamos a atenção dos leitores, por ser muito difícil” (VIOLETA, 1878, n. 40, p. 4): “1-1-1-2 Elemento na quimera é base que tem água e reúne muitas ilhas”.

Esta seção, bem como as demais, recebeu colaborações das leitoras, o que comprova seu papel educacional, assim como a resolução dos enigmas exigiam interpretação e sua elaboração possivelmente pode ser considerada uma atividade complexa, levando em conta todos os fatores ligados à educação feminina no século XIX. O pesquisador Osmar Pereira Oliva, ao explicar a resolução dos logogrifos, salienta sua dificuldade:

Entre as charadas, havia um tipo chamado logogrifo, de difícil solução. Logogrifo – modalidade de charada que consiste em formar certo número de palavras com letras de outra palavra ou das palavras integrantes de uma locução. Para isso numeram-se as letras da palavra ou locução escolhida e com esses números se indicam as letras utilizadas nas palavras que se formarem. É condição do logogrifo que no conjunto das palavras assim formadas figurem todas as letras da palavra ou locução básica e, no mínimo, se repita a metade mais uma. O logogrifo pode ser feito em prosa ou verso, mas de preferência em verso. (Compõe-se um logogrifo incluindo-se numa ou mais frases de sentido completo, ou num poema, sinônimos das palavras formadas [parciais] e em último lugar o da palavra ou locução que serve de solução [conceito], indicando-se ao lado de cada parcial, entre parênteses ou ao pé da composição [quando em prosa], e no fim do verso em que aparecem ou ao pé do poema [quando em verso], os algarismos, separados por vírgulas, correspondentes às letras do conceito utilizadas na sua formação. (OLIVA, 2010, p.5)

A maioria dos logogrifos presentes no *Violeta* podem ser resolvidos obedecendo a lógica descrita acima. O recebimento de material para esta seção foi registrado na edição de 5 de maio (n. 8, p. 1): “Recebemos um logogrifo a nós oferecido e um enigma produção da Sra. D. Thereza Mollins. Por falta de espaço deixam de sair neste número ficando para o seguinte. Agradecemos”. Esta colaboradora não foi registrada em outras publicações, portanto podemos inferir que as leitoras que não tinham aptidões literárias tiveram também a oportunidade de ter seus nomes citados no periódico, colaborando com essa produção destinada ao entretenimento. Algumas charadas eram de fácil resolução, como as publicadas no dia 18 de agosto de 1878 (n. 23, p. 4):

- 1 – 2 Este verbo no cabelo é réptil.
- 2 – 1 Este rio aflige e é dignidade.
- 1 – 2 Algarismo que alegra e aflige.
- 1 – 2 Astro e no jogo defende a praia.
- 1 – 1 Afirmativa, de tirar o pão, é nossa parenta e sentimento doce.

2 – 2 Sinônimo de pura que junto desta mulher tem o poder de inspirar.

Observando a publicação da resposta na edição seguinte percebemos que na forma de resolver a charada que os número iniciais são as sílabas de cada parte da charada. Na primeira charada 1 – 2 este verbo [ser tem 1 sílaba] no cabelo [pente tem 2] é réptil [palavra final tem 3], a resposta é serpente. Os anagramas, os logogrifos e as charadas, se constituíam como legítimos e corriqueiros nos séculos XVII e XVIII e foram banidos dos livros e antologias que nos chegaram, possivelmente por serem pouco cultivados pelos autores do cânone.

3. OS PRIMÓDIOS DE UM SISTEMA LITERÁRIO

Antonio Candido teoriza sobre a concepção de sistema literário apontando que o mesmo só se consolidou no Brasil durante o Romantismo. O autor ampara seus pressupostos levando em conta que durante tal período ocorreram os seguintes fatores fundamentais:

a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros. O conjunto dos três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece, sob este ângulo como sistema simbólico, por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contato entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade (CANDIDO, 2007, p. 25).

Além disso, Candido menciona a importância da continuidade para a consolidação desse sistema, “espécie de transmissão de tocha entre corredores, que assegura no tempo o movimento conjunto, definindo os lineamentos de um todo” (CANDIDO, 2007, p. 25), e coloca as obras anteriores a este período no rol de “manifestações literárias”, pois não se encaixam no conceito de sistema que exige a presença do autor, da obra e do público para efetivar-se. Compreendendo a obra de Candido pelo viés das construções historiográficas literárias, observamos que a organização de tais compêndios, mesmo as que se pretendem totalizadoras, passam por um processo de seleção, sendo levado em conta o gosto e o ponto de vista do seu autor/organizador, e no caso do crítico acima citado, o relevante no processo de escolha foi apresentar a literatura como uma ferramenta na construção e na afirmação da nacionalidade brasileira.

De acordo com os pressupostos estabelecidos por Candido, não podemos reconhecer a existência de um sistema literário sul-rio-grandense no século XIX, porém na teoria dos polissistemas, proposta por Itamar Even-Zohar, a concepção de polissistema é definida como sendo algo dinâmico e heterogêneo. Tal conceito é entendido como uma rede de relações estabelecidas entre diferentes sistemas, nas palavras de Zohar, é “um sistema múltiplo, um sistema de vários sistemas com interseções e sobreposições mútuas, que usa diferentes opções correntes, mas que

funciona como um todo estruturado, cujos membros são independentes” (ZOHAR, 2015, p. 3).

O teórico israelense construiu, a partir do modelo de comunicação e linguagem produzido por Roman Jakobson, um esquema para exemplificar os elementos que compõem o polissistema literário e tais elementos adquiriram nomenclatura e significados novos e todos estão interligados, não existem diferenças ou valorações entre os elementos, pois um atua como complemento do outro, conforme salienta Zohar:

um CONSUMIDOR pode “consumir” um PRODUTO produzido por um PRODUTOR, mas para o “produto” ser gerado (o “texto”, por exemplo), deve existir um REPERTÓRIO comum, cuja possibilidade de uso está determinada por uma certa INSTITUIÇÃO. E deve existir também um MERCADO no qual ele possa ser transmitido (ZOHAR, 2015, p. 30).

Seguindo os conceitos apontados por Even Zohar (2015), em sua Teoria do Polissistemas, na qual ele apresenta a existência de produtores (emissor/receptor), consumidores (receptor/leitor), instituição (contexto), mercado (canal), repertório (código) e produto (mensagem), podemos identificar no cenário de produção e circulação da imprensa literária rio-grandina, em específico no jornal *Violeta*, elementos que configuram o surgimento de um sistema literário. A compreensão de cada um desses elementos será detalhada à medida que vamos relacionando-os com a produção literária do semanário.

Violeta é a instituição (contexto) que compreende o conjunto de fatores envolvidos com a manutenção da literatura enquanto atividade sociocultural, como as editoras, as escolas, as universidades, as academias, os críticos, determinados grupos de escritores, os meios de comunicação, entre outros. É a instituição que estabelece as regras que prevalecem no polissistema ao valorizar uns em detrimento de outros, ao regular quem vai estar no seu próprio cânone. O semanário, ao dar visibilidade para alguns autores ou eventos, opera neste sentido conforme podemos observar:

Aida – consta-nos que este belo drama composição do nosso distinto patricio o Sr. Manoel J. P. Bastos Junior¹⁰, brevemente subirá a cena nesta cidade.

Desejamos ardentemente que isto se realize, a fim de termos ocasião mais uma vez de saudarmos seu digno autor, bem como os distintos artistas que se encarregam da interpretação do mesmo drama (VIOLETA, 21 abr. 1878, n. 6, p. 1).

O periódico anuncia a apresentação da peça teatral e cobre de elogios o autor da trama, mostrando que a instituição tem legitimidade para indicar os produtos relacionados ao seu repertório (código). Zohar afirma que “a natureza da produção, assim como a do consumo, está regida pela instituição; naturalmente, na medida em que, dadas as correlações com todos os demais fatores operando no sistema, seus esforços tenham êxito” (ZOHAR, 2015, p. 36). O mesmo ocorre com as indicações, mesmo que de forma implícita, de gêneros músicas, obras e autores. Para elucidar o que seria o relacionamento da instituição com os demais elementos, Zohar utiliza o termo reputação, sob a ótica Pierre Bourdieu:

O que cria uma reputação não é como creem os Rastignac das províncias, tal qual uma pessoa influente, tal qual uma instituição, revista, academia, cenáculo, marchand ou editor, nem sequer como os que chamamos às vezes de personalidades do mundo das artes e das letras, mas sim como o campo da produção baseando-se em um sistema de relações objetivas entre os agentes ou das instituições e o lugar das lutas pelo monopólio do poder de consagração em que se engendram continuamente o valor das obras e no acreditar neste valor (ZOHAR, 2015, p. 36).

De acordo com Zohar, o repertório (código) “designa o conjunto de regras e materiais que regem tanto a confecção como o uso de qualquer produto” (ZOHAR, 1990, p. 37). No presente estudo, entendemos o repertório como sendo os textos literários, pois no seu frontispício o semanário revela suas intenções, declarando-se “periódico literário, crítico e instrutivo”. Conforme já foi mencionado, Julieta dialogava com seus pares a fim de levar uma literatura que obtivesse ressonância perante suas leitoras. Dessa forma, o teórico israelense afirma que “sem um mínimo de conhecimento compartilhado não haverá virtualmente intercâmbio. “Pré-conhecimento” e “acordo” são, pois, as noções chave do conceito de repertório” (ZOHAR, 1990, p. 37). Este elemento do sistema literário é extremamente relevante

¹⁰ Manuel Pereira Bastos Júnior (Rio Grande, 6 abr. 1832; Rio de Janeiro, 22 jul. 1903), autor de *O nobre e o plebeu* (Rio de Janeiro, 1852) e *A condessa d’Azola* (Rio de Janeiro, 1853), entre outras obras.

quando pensamos no pioneirismo do *Violeta* enquanto órgão da imprensa literária feminina na cidade de Rio Grande e no estado do Rio Grande Sul. Julieta precisou não só criar, mas também fidelizar um público para a manutenção do seu empreendimento. A escolha dos temas românticos revela uma preferência por um repertório que já estava solidificado, facilitando a aproximação das leitoras com as publicações.

O responsável pela produção é um sujeito que constrói operando efetivamente no repertório, fornecendo bens desenvolvidos a partir de novas leituras do que já existe ou com um caráter totalmente inovador, este elemento é intitulado produtor (emissor). Julieta Monteiro incitava suas leitoras em colaborar com o periódico e os escritos recebidos eram publicados, principalmente na seção “Miríades” e “Íris Poético”. Tanto a redatora bem como suas leitoras e colaboradoras podem ser consideradas as produtoras deste sistema, pois o periódico foi utilizando como meio de divulgação dos textos literários desses sujeitos. Zohar exemplifica esta afinidade entre os elementos quando afirma:

Não nos encontramos meramente com “um produtor”, ou tão só com um grupo de “produtores” individuais, mas com grupos, ou comunidades sociais, de pessoas envolvidas na produção, organizadas de diferentes formas e, em todo caso, não menos inter-relacionadas umas com outras que com seus consumidores potenciais. Como tais, constituem parte tanto da instituição literária como do mercado literário (ZOHAR, 2015, p. 32).

Estas relações são percebidas quando verificamos que o público leitor do impresso *Violeta*, em inúmeras edições, foi também o produtor. Julieta Monteiro soube articular seu público no sentido de legitimar e de tornar reconhecido o seu trabalho, à medida que inspiradas nela e utilizando o espaço por ela criado, suas leitoras passaram a ser provedoras de repertório literário. A atividade, quando defendida por um grupo, torna-se mais potente a partir disso, tornou-se visível. Neste caso, o grupo constituiu-se como uma indústria na qual seus produtos foram apresentados ao mercado com mais reconhecimento do que se fossem produzidos e publicados de forma isolada.

O grupo de produtores vinculados ao periódico foi criado e consolidado a partir dos convites publicados pela redatora, conforme podemos observar: “Aproveitamos a ocasião para pedirmos a todas as senhoras que nos queiram dar a

honra de colaborar para a *Violeta*, o obsequio de assinarem seus escritos, ainda mesmo quando queiram publicamente usar de pseudônimo” (VIOLETA, 1878, n. 15, p. 1). É importante ressaltar que se no século XIX as publicações de textos literários utilizando pseudônimos foram uma iniciativa positiva, no sentido de encorajar as produções femininas, mas tal prática dificulta hoje o reconhecimento dos indivíduos produtores que operaram nestes sistemas.

Uma vez organizados em torno de uma instituição e produzindo de acordo com os repertórios definidos por essa, os produtos são apresentados aos consumidores (receptor/leitor). Zohar ao definir este elemento afirma:

Todos os membros de qualquer comunidade são ao menos consumidores “indiretos” de textos literários. Em tal qualidade, nós, como membros da comunidade, simplesmente consumimos uma quantidade de fragmentos literários, digeridos e transmitidos por variados agentes culturais e integrados no discurso diário. Fragmentos de velhas narrações, alusões e frases feitas, parábolas e expressões cunhadas, todo isto e muito mais constitui o repertório vivo depositado no armazém de nossa cultura (ZOHAR, 2015, p. 33).

Ao diferenciar consumidores diretos de indiretos, o teórico inclui no sistema literário os indivíduos que não cultivam o interesse por literatura, mas que de forma indireta acabam contaminados pelo contato com leitores e interagem com referências e conceitos que compõem os universos culturais. Algumas das leitoras do *Violeta* não nutriam a técnica da escrita e foi possivelmente a partir da publicação do impresso que foram incentivadas para o exercício de tal prática, conforme podemos averiguar:

Queridas leitoras
Pela primeira vez que tenho a ventura de vir conversar convosco, sinto-me bem acanhada, visto que não possuo nenhum desses recursos necessários para entreter-vos.
Contudo não quis negar-me ao pedido que me foi feito e farei aquilo que estiver ao meu alcance (VIOLETA, 1878, n.23, p. 4).

A redatora do periódico e sua irmã, principal colaboradora, também se revelaram consumidoras em potencial, a partir da análise do impresso, realizado no capítulo anterior do presente trabalho, observamos que indicações de autores e de fragmentos de obras, principalmente nas epígrafes, foram frequentes nas edições do *Violeta*, aparecendo de forma explícita na seção “Expediente” ou de forma indireta

no conteúdo dos textos em prosa e dos poemas. Zohar refere-se a este tipo de consumo quando afirma:

Quantos daqueles que iriam conhecer um célebre escritor ou escritora realmente leram sua obra? Ou quantos o terão lido de tal modo que lhes permita ao menos uma discussão semi-profissional em certo modo sobre a obra? Os consumidores de literatura (como os de música, teatro, balé e muitas outras atividades sócio-culturais institucionalizadas) consomem frequentemente a função sócio-cultural dos atos envolvidos na atividade em questão (que às vezes assume abertamente a forma de “acontecimento” [“happening”]), mais do que o que é concebido como “o produto”. Realizam esta forma de consumo inclusive quando obviamente consomem “o texto”, mas a questão aqui é que podem realizá-la ainda que nenhum consumo de textos esteja envolvido (ZOHAR, 2015, p. 34).

Podemos inferir que muitas das consumidoras do *Violeta* o fizeram pelo prestígio atribuído a tal ato, não foram só consumidoras do texto literário, mas também do conjunto de valores e do prestígio que foi creditado a essa instituição. Zohar fecha suas considerações acerca do elemento consumidor afirmando que “não existem só consumidores individuais no sistema literário, mas também consumidores como grupo, para os quais nossa tradição cultural tem uma denominação comum: o público” (ZOHAR, 2015, p. 35).

Ao apresentar o conceito de mercado (canal) dentro do sistema literário, o teórico israelense o define como sendo:

o conjunto dos fatores envolvidos no comércio de produtos literários e na promoção de tipos de consumo. Isto inclui não só instituições abertamente dedicadas ao intercâmbio de mercados, tais como livrarias, clubes de leitura ou bibliotecas, como também todo os fatores que participam no intercâmbio semiótico (“simbólico”) no qual estas estão envolvidas, junto com outras atividades relacionadas. Enquanto é a “instituição” literária a que pode tentar dirigir e ditar as classes de consumo, determinando os preços (valores) dos vários artigos produzidos, não é a classe de interação que é capaz de estabelecer com o mercado o que determina seu êxito ou fracasso (ZOHAR, 2015, p. 36).

O canal diz respeito aos fatores que interferem nas relações de compra e venda de produtos literários, assim como na promoção dos mesmos. É o mercado que aponta a direção do tipo de obra que deverá ser consumida. Ao longo do ano de

1878, Julieta Monteiro divulgou o lançamento do seu livro *Prelúdios* em quase todas as edições do *Violeta*:

Prelúdios – com este título vai brevemente entra no prelo um livro de versos da proprietária desse jornalzinho, será o mesmo livro precedido de um juízo crítico de um dos primeiros literatos de nossa terra.

Assinasse nesta tipografia, preço de cada volume 2\$000 réis (VIOLETA, 1878, n. 31, p.2).

Neste caso, a instituição e o canal apontam na mesma direção como salienta Zohar “na realidade sociocultural, os fatores da instituição literária e os do mercado literário podem naturalmente entrecruzar-se no mesmo espaço: os “salões” literários, por exemplo, são tanto instituições como mercados” (ZOHAR, 2015, p. 36).

Por fim, ao tratar do produto, compreendemos que este elemento engloba todos os textos veiculados no periódico *Violeta*, seguindo os pressupostos definidos por Zohar:

Os “textos” circulam no mercado de modos variados e nunca apenas – especialmente se estão altamente canonizados e armazenados afinal no cânone histórico - como os vêem os críticos literários, por exemplo, como textos integrais. Alguém poderia também sustentar, portanto, que os fragmentos (segmentos) para uso diário são produto literário muito notável. Citações, parábolas curtas e episódios aos que podem fazer referência facilmente são alguns exemplo desses fragmentos (ZOHAR, 2015, p. 42).

Vale ressaltar que, para o teórico, os produtos são os conjuntos de textos, retirados das obras ou referentes a elas, tais como resumos, resenhas, críticas, citações, referências, e não apenas o texto literário, ou seja, todos os elementos negociados e manipulados pelos integrantes de uma cultura são, portanto, seus produtos.

Logo, quando se pesquisa a produção literária de uma comunidade, é importante ter em vista as relações de produção, de recepção e de divulgação das obras e discursos veiculados por tal grupo. A definição de sistema apresentada por Zohar permite chegar a tais apontamentos:

Na teoria dos polissistemas, no entanto, o termo supõe um compromisso com o conceito de “sistema” do funcionalismo (dinâmico), isto é, a rede de relações que podem hipotetizar-se

(propor como hipótese) para um conjunto dado de observáveis (“eventos”/ “fenômenos”). Isso implica que “o conjunto de observáveis assumidos” não é uma “entidade” independente “na realidade”, pelo contrário, é uma entidade dependente das relações que alguém esteja disposto a propor (ZOHAR, 2015, p. 22).

A partir de tais conceitos percebemos que todos os fatores que direta ou indiretamente influem no conjunto de atividades denominadas de literárias devem ser compreendidos como elementos relevantes para o polissistema, além disso, tal pressuposto não requer hierarquias de importância entre os seus fatores. Basta reconhecer que nenhum deles funciona de modo isolado e que as relações que estabelecem entre si afetam ou podem afetar os demais fatores.

Não podemos compreender o sistema literário como uma realidade análoga, como já foi mencionado, transmissora de um corpo padronizado de valores. Ao contrário, seus mecanismos, mais que unidades coesas, segundo Zohar, se constituem:

... sistemas de opções concorrentes parcialmente alternativos. Esses sistemas não são iguais, uma vez que estão hierarquizados no seio do polissistema. O que constitui o estado sincrônico (dinâmico) do sistema – como sugeriu Tynianov- é a luta permanente entre vários estratos. O que constitui a mudança no eixo diacrônico é a vitória de um estrato sobre outro. Neste movimento opostamente centrífugo e centrípeto, os fenômenos são arrastados do centro à periferia, enquanto, no sentido contrário, certos fenômenos podem abrir passo para o centro e ocupá-lo. Um polissistema, no entanto, não se deve pensar em termos de um centro apenas e somente uma periferia, posto que teoricamente se supõem várias dessas posições. Pode ter lugar um movimento, por exemplo, no qual certa unidade (elemento, função) transfira-se da periferia de um sistema à periferia do sistema adjacente dentro do mesmo polissistema, e nesse caso poderá logo continuar movendo-se, ou não, até o centro do segundo (ZOHAR, 2015, p. 6)

Além de conceituar os polissistemas, Zohar discorre sobre o conceito de estratos canonizados frente a estratos não-canonizados, relevantes para o presente estudo porque partindo de tais princípios, pode-se afirmar que o conjunto de produtos veiculados no periódico *Violeta* figuram atualmente como estratos não canonizados, visto que se constituem como “aquelas normas e textos que esses círculos rejeitam como ilegítimas e cujos produtos, em longo prazo, a comunidade esquece frequentemente” (ZOHAR, 2015, p. 6). Entendemos a expressão “esses

círculos rejeitam” representando a historiografia literária que não viabilizou a permanência de tais produções e as colocou a margem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O número representativo de textos literários veiculados no periódico *Violeta* comprova que foi na pequena imprensa que a literatura adquiriu visibilidade no decorrer do século XIX. Foi a partir de empreendimentos como o de Julieta de Mello Monteiro que a literatura deixou de ser utilizada apenas para preencher lacunas da imprensa diária e passou a atuar mais fortemente na formação cultural.

O periódico *Violeta* oferece conteúdo amplo, como foi demonstrado com este trabalho, não só pela divulgação literária, mas principalmente por conceder voz e vez a publicações femininas. Ao longo desta pesquisa podemos dimensionar a importante atuação do impresso na formação intelectual de suas leitoras, ao debater os direitos da mulher, podemos afirmar, sem dúvida, que este foi o grande legado do *Violeta*.

Trazer à luz estes textos e recolocá-los no cenário acadêmico foi a missão desta dissertação de mestrado, por compreender que as publicações femininas foram postas a margem durante muito tempo. As manifestações literárias veiculadas nas páginas do *Violeta* recuperam lacunas da história das mulheres gaúchas e permitem preservar este material de difícil acesso, para que venha servir a outras pesquisas, evitando que a produção literária feminina rio-grandense, do século XIX, permaneça no esquecimento.

Podemos afirmar também que ainda há muito a ser pesquisado no que diz respeito à imprensa literária oitocentista. A revisão do cânone conduziu à necessidade de se verificar o que tais textos esquecidos podem acrescentar a historiografia literária. Assim, os textos recuperados dentro desta nova perspectiva não foram apenas aqueles que, apesar de cumprir os requisitos de qualidade literária, foram injustamente subestimados, mas também os que, mesmo sendo caracterizados como inferiores influenciaram na formação do sistema literário.

Os pressupostos teóricos apontados por Even-Zohar nos permitiram compreender as especificidades do sistema literário sul-rio-grandense e a relevância do *Violeta* para o que podemos chamar de uma rede de elementos que fizeram circular a literatura produzida por mulheres, ao contabilizarmos noventa veículos que fizeram intercâmbio com o impresso de Julieta verificamos a quão sólida e frutífera tornou-se esta rede de publicações.

Percebeu-se também que há uma série de lacunas, de dados imprecisos ou equivocados que foram perpetuados em novos trabalhos sobre o tema, já que poucos pesquisadores retornam às fontes primárias, conforme podemos constatar no que diz respeito à data de nascimento de Julieta Monteiro.

É importante salientar que não foram encontradas referências da maioria das autoras que publicaram no *Violeta*, contudo as iniciais e os pseudônimos encontrados nas edições, embora não catalogados nas biografias disponíveis, nos permitem inferir que todos os textos veiculados no periódico foram escritos por mulheres, e seguindo os apontamentos de Soares (1980) *Violeta* talvez seja o primeiro periódico literário feito por mulheres e destinado a mulheres no Rio Grande do Sul. Foi a partir da presente pesquisa que se pode constatar que o escritor Damasceno Vieira utilizou o pseudônimo Jorge de Andrade para publicar o romance *Um typo de mulher*, fato desconhecido dos livros de autores sul-rio-grandenses e de pesquisadores atuais da literatura sul-rio-grandense. Esse é um dos exemplos de como, ao pesquisar um periódico, mesmo que denominado de segunda importância por alguns pesquisadores, juntam-se peças para entender melhor a formação do sistema literário sul-rio-grandense

A partir dos conceitos presente na teoria dos polissistemas, pode-se perceber a importância de cada um dos elementos destacados e analisados ao longo deste estudo para a constituição e consolidação de um sistema literário sul-rio-grandense. Nesse sentido, no capítulo inicial foram resgatados trabalhos de pesquisadores que atentam para a revisão de abordagens e de dados já cristalizados no senso comum, como o mencionado artigo do professor Mauro Póvoas, que apresenta o impresso *Rosa Brasileira* como o primeiro periódico exclusivamente literário do Rio Grande do Sul.

Observando os dados levantados por meio desta pesquisa, conclui-se que Julieta de Mello Monteiro foi uma das escritoras mais expressivas do ponto de vista da produção literária no período, era sua a maior parte dos textos veiculados pelo *Violeta*.

O periódico *Violeta* inseriu-se no momento de difusão da literatura do Rio Grande do Sul e, posteriormente, sua redatora contribuiu para a divulgação e manutenção dessa literatura. As publicações literárias veiculadas pelo impresso estabeleceram-se como parte relevante de um sistema maior: o sistema local. O periódico seguiu o modelo ideário romântico, ainda vigente no cenário nacional, em

que os textos em sua maioria abordaram a mulher idealizada, o amor não correspondido, a atração pela morte e a exaltação da natureza, e foi através da exploração das temáticas abordadas no *Violeta* que foi possível, como fora mostrado nas análises, observar a forma como o impresso dialogava com suas leitoras e assim averiguar o lugar de fala das mulheres naquela sociedade, conforme aponta Zahidé Muzart:

Para a avaliação desses periódicos, há que bem situá-los nesse tempo de um feminismo nascente, com outras condições políticas, econômicas e sociais. Somente assim poderemos avaliá-los corretamente. Esses periódicos foram avançados: defenderam os escravos, pregaram o direito ao voto, a igualdade diante da lei, o direito às profissões liberais, o pacifismo... E teceram uma imensa rede de mulheres brasileiras, e algumas portuguesas ou latino-americanas, cuja troca de idéias e de informações foi fundamental para que hoje estivéssemos aqui discutindo periódicos feministas no Brasil (MUZART, 2003, p. 232).

Situado neste “feminismo nascente” o periódico *Violeta* cumpriu seu papel de rede atuando como veículo literário voltado as publicações femininas e podemos afirmar que o *Violeta* operou como precursor de um projeto maior que posteriormente foi desenvolvido pelas irmãs Mello e que obteve maior sucesso: o periódico *Corimbo*, apontado como o impresso de maior duração da imprensa feminina brasileira.

Os objetivos iniciais da presente pesquisa foram alcançados, porém esses avanços ainda são superficiais perto dos caminhos que se abrem a partir desta pesquisa, como a análise da prosa publicada por Julieta, o resgate dos dramas produzidos em parceria com a irmã e outras tantas pesquisas utilizando o impresso *Violeta*.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Bianca Ramires. **O Maruí**: presença literária na imprensa do século XIX. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras). Curso de Pós-Graduação em Letras. Instituto de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS, 2007.

ALVES, Francisco das Neves. Nos limiares da civilização: a imprensa literária rio-grandina na década de 1860. In: Idem. (org.). **Por uma história multidisciplinar do Rio Grande**. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 1999a. p. 49-52.

_____. **A pequena imprensa rio-grandina no século XIX**. Rio Grande: Ed. da FURG, 1999b.

_____. A imprensa literária rio-grandina na segunda metade do século XIX. **Artexto** – Revista do Departamento de Letras e Artes, Rio Grande, v. XI, p. 9-28, dez. 2000.

_____. Violeta: Breve história de um jornal literário no contexto sul-rio-grandense do século XIX. **Revista Miscelânea**, Assis, v. 14, p.123-139, jul-dez. 2013.

ÁVILA, Leila Cruz. **Imprensa e literatura no Rio Grande: o periódico Inúbia (1868)**. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras), Curso de Pós-Graduação em Letras, Departamento de Letras e Artes, Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS, 2004.

Branco, Fernanda de Avila. **A presença e o papel da literatura no jornal caricato O diabrete (1875-1881)**. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras), Curso de Pós-Graduação em Letras, Departamento de Letras e Artes, Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS, 2005.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. **Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul – 1868 a 1880**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia de São Lourenço de Brindes, 1982.

_____. (orgs.). **Imprensa, literatura e história no Rio Grande do Sul: escritores gaúchos**. Rio Grande: FURG, 2005.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos 1750-1880**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

_____. ;CASTELO, Aderaldo José. **Presença da literatura brasileira: das origens ao Romantismo**. São Paulo: DIFEL, 1982. 205 p.

CESAR, Guilhermino. **História da literatura do Rio Grande do Sul**. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1971.

DIMAS, Antonio. **Tempos eufóricos (análise da revista Kosmos: 1904-1909)**. São Paulo: Ática, 1983.

DUARTE, Constância Lima. Literatura e Feminismo no Brasil: primeiros apontamentos. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). **Mulheres no Mundo etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Ideia/Editora Universitária, 2005.

EVEN-ZOHAR, Itamar. **Teoria dos Polissistemas**. 1990. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/translatio/article/viewFile/42899/27134>. Acesso em: 23 jul. 2017.

FLORES, Hilda Agnes Hubner. **Dicionário de Mulheres**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1999.

HOHLFELDT, Antonio. **Jornalismo e literatura: Relações antigas e ambíguas**. [s.n.t.].

_____. **Deus escreve direito por linhas tortas: O romance folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

MELLO, Juliane Cardozo de. **Carlos de Koseritz: reiluminando sua biografia e suas obras românticas esquecidas**. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras). Curso de Pós-Graduação em Letras. Instituto de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS, 2013.

MINASI, Maria Christina Pereira. [Julieta de Melo Monteiro e o sistema literário rio-grandino no século XIX](#). **Enlaces**. Rio Grande, n. 3, p. 43-51, 2006.

OLIVA, Osmar Pereira. Literatura oitocentista montes-clarense: escrita, memórias e leituras. In: **DARANDINA revisteletrônica**, Programa de Pós-Graduação em Letras / UFJF, maio 2010, v. 2, n. 1.

PÓVOAS, Mauro Nicola. **Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX**. 2005. 296p. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

PIVA, MairimLinck. A Sociedade Partenon Literário e sua revista. In: MOREIRA, Maria Eunice (Coord.). **Narradores do Partenon Literário**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2002.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

SOARES, Pedro Maia. Feminismo no Rio Grande do Sul: primeiros apontamentos, 1835-1945. In: BRUSCHINI, M. C; ROSEMBERG, Fúlvia (orgs.). **Vivência: história, sexualidade e imagens femininas**. São Paulo, Brasiliense, 1980. p. 121- 150.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Julieta de Melo Monteiro. In: MUZART, ZahidéLupinacci. **Escritoras brasileiras do século XIX. V.II.** Florianópolis: Mulheres, 2000, p. 306-311.

ZILBERMAN, Regina. Periódicos literários e fontes primárias. In: **Encontro Nacional de Pesquisadores em Periódicos Literários Brasileiros**, 1º, 2002, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: PUCRS, 2003. CD-ROM. p. 1-8.

ANEXOS



Julieta de Melo Monteiro, em foto obtida no túmulo do Cemitério Católico de Rio Grande.

(Foto de Itabajara da Silva Vaz, outubro de 2006)

Exemplar do *Violeta* – 14.04.1875

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO 14 DE ABRIL DE 1875

ASSIGNATURA PARA ESTA CIDADE 500 REIS MENSAES ADIANTADO.	<h1 style="margin: 0;">VIOLETA</h1>	ASSIGNATURA PARA FORA 2\$400 TRIMESTRE ADIANTADO.
---	-------------------------------------	--

PERIODICO LITTERARIO CRITICO E INSTRUCTIVO.

REDACTORA E PROPRIETARIA – JULIETA DE M. MONTEIRO.

N.º 5 ESCRITORIO RUA DE FRANCISCO MARQUES N.º 50 ANNO 1.º

Violeta

Com o presente numero finalisa a VIOLETA o seu primeiro mez de existencia.

Deos queira que o mesmo orvalho que lhe tem dado vida até agora, continue a alimentar-a.

—

EMILIA ADELAIDE. — Acha-se de novo entre nós essa laureada artista; amanhã deve effluar-se o seu beneficio, e é de creder que o povo grandense não desmintá d'esta vez o seu amor pelo bello. Cheias de entusiasmo saudamos a distincta actriz, cujo nome rodeado de louros corre de um pólo a outro levado pela tuba da fama.

—

Recebemos durante a semana os seguintes jornaes:

Rio Grande—DIABRETE, LUSITANO e CENSOR. Porto Alegre—O CAIXEIRO. S. Gabriel—REVISTA GABRIELENSE. Santa Victoria—VICIARIENSE e VIOLETA. Pelotas—PROGRESSO-LITTERARIO. Agradecemos.

—

O CAIXEIRO.

Com este titulo recebemos o 1.º numero da terceira serie de um interessante periodico litterario que se pu-

blica na capital da provincia, traz elle alem de seu bom escripto programma varias poesias, artigos litterarios, critica, etc, etc.

A todas as pessoas de bom gosto recommendamos a leitura deste interessante periodico.

Agradecendo a offerta, fazemos votos pela felicidade do novo campo das lettras.

—

PRELUDIOS.— Com este titulo vai brevemente entrar no prelo, um livro de versos da grandinense poeta J. S. Nalsinho. Será o mesmo livro precedido de um juizo critico de um dos primeiros litteratos da nossa terra.

Assigna-se nesta typographia, preço de cada volume 2\$000 rs.

—

Rosas Litterarias.

NOCTURNO.

FORGET MI NOT.

I

Sim eu vi-te pela vez primeira em em uma melancolica tarde de agosto lembrás te?

As densas camadas da neblina cahio, lentas desdobrando espessa cortina, o sopro glacial do rijo norte sibillava impetuoso, algumas gottas d'agua principiavam a desprender-se da borrascosa athmosphera, e ao

Coletânea da produção literária

A coletânea que segue tem em vista resgatar a produção publicada no impresso *Violeta*, facilitando a leitura aos interessados, já que os exemplares disponíveis não se encontram em bom estado de conservação.

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 24 DE MARÇO DE 1878 - ANO 1, P. N. 2

Periódico n. 2, p. 1

Violeta

Agradecemos sinceramente às ilustres redações do *Artista*, *Gazeta Mercantil*, *Comercial* e *Diário de Pelotas*, as benévolas e imerecidas frases que nos dirigiram pelo aparecimento deste jornalzinho.

Pelo mesmo motivo, confessamos o nosso reconhecimento aos distintos correspondentes desta cidade, para os jornais de Pelotas: *Jornal do Comércio* e *Onze de Junho*, e aos nossos assinantes pelo bom acolhimento que dispensaram à pequena *Violeta*.

A todos um cordial aperto de mão.

Fomos honrados com mais um livro que se intitula *Sombras e clarões*.

Contêm belíssimas produções poéticas escritas pelo poeta rio-grandense Múcio Teixeira, autor também de *Vozes trêmulas* e das *Violetas*, cujas obras correm o mundo das letras atestando um talento privilegiado e uma inspiração ardente e sublime.

Incontestavelmente o ilustre autor é uma glória brasileira.

Com a fé no coração e a crença na alma, eleva-se em estilo realista, em arroubo de entusiasmo e decantando as glórias de nossa pátria, se bem que no lirismo arranca lágrimas de sensibilidade.

Agradecemos a oferta, repetindo o que disse Camões: “Gloriosa pátria que tal filho teve!”.

Rosas Literárias

A MULHER BELA

A mulher estimável, digna de todo o acatamento, a mulher bela em toda a acepção da palavra é aquela que no centro de seu lar pela atividade e inteligência espalha abundância, promove o bem-estar, a paz, a ventura e pelo seu critério, sisudez e ilustração, mantém a boa ordem, economia, trabalho e suave descanso à sombra de extrema amizade e do respeito e veneração.

Oh! Essa é a mulher bela, mil vezes bela!

É o anjo do lar, luz que não se apaga, perfume que delícia, harmonia que eterna ecoa!...

E você sabe qual é o caminho que conduz ao lugar de honra de que eu lhe falo? É pela observância de exemplar virtude, seguindo os passos de uma santa mãe; é no cumprimento de nossos deveres, na retidão e impessoalidade de nossos juízos; é no estudo profundo dos grandes mestres buscando ilustrar o nosso espírito.

A mulher tola, vaidosa, estúpida, indolente e má, que só pensa nos enfeites, nos passeios e em fúteis e perniciosos passatempos, nunca merecerá o nome de bela, embora seja uma deusa em formosura e elegância.

MEDITAÇÃO

A CRENÇA

Crer que há um Deus, um gênio superior, uma vontade Onipotente, e [p. 3] a legenda que deve acompanharmos ao extremo fim desta espinhosa ramagem, a que chamamos vida.

Sempre, desde as eras mais remotas, têm entre os povos selvagens ou civilizados imperado a bandeira da religião, sejam quais forem suas ideias, leis ou convicções:

a luz do cristianismo consegue dissipar as espessas trevas que se amontoam no seio das nações.

Mostrando a igualdade aos homens, os florentes caminhos do bem e da virtude, as sagradas doutrinas que os devem conduzir à mansão de uma bem-aventurança eterna; Deus astro a iluminar-nos a existência do berço ao túmulo! Quem não guarda na inviolável tenda da alma essa dourada crença que nos emana esperanças e consolações, essa infinita resignação nascida da fé religiosa, de certo não vive, vegeta.

Diz o conselheiro Bastos:

“É este sentimento diverso de todos os outros que diminuem com o tempo, emudecem a vista dos perigos, desaparecem à face das desgraças: ele pelo contrário, fortifica-se com o tempo, cresce com a idade e na presença dos infortúnios e nas crises mais arriscadas, exerce a sua maior força e ostenta o seu maior poder”.

A religião é e será sempre a primeira base para uma felicidade perfeita.

E mesmo os homens que se sentem agitados pela febre das lutas políticas, quando um dia sentirem fugir-lhes a ideia do cristianismo devem lembrar-se que um grande autor disse: “Que os povos religiosos podem ser escravos, porém que as nações irreligiosas não podem ser livres”.

É sempre o astro da fé o primeiro a despontar dentre os nevoeiros de nossos infortúnios, quando exaustas as forças adormecemos em meio a esta árdua peregrinação: a fé nos aponta as portas do céu.

E ainda assim o ateísmo caminha sempre, nem a precipitada marcha dos séculos nem as desencadeadas tempestades que se levantam abalando tronos, despedaçando órgãos, soltando bramidos que ecoam, de polo em polo tem conseguido fazê-lo emudecer.

Não há sentimentos nobres para os que não têm fé, para os ateus, a descrença que os envolve não obriga os puros afetos que viçam ao orvalho da fé, da esperança e muito menos da caridade.

O homem religioso pode retroceder a borda do abismo, o céptico desconhece o arrependimento, e por isso quanta cena de horror nos apresenta a história desde Quéops, o maior ateu de que há memória, que convertendo o governo do Egito, levantou a mais violenta tirania, tragédias de sangue onde homens mais encarniçados que os animais ferozes pareciam fúrias do inferno.

Os cépticos dão a sua incredulidade o nome de filosofia, porém o grande Montesquieu costumava dizer:

“A vossa filosofia é o relâmpago assustador que anuncia a escuridão e a tempestade”.

Infelizes que adormecem ao venenoso contato do mal, sono fatal como daqueles que buscavam a sombra da mancenilheira (árvore da morte).

Sem o vívido clarão que irrompe as trevas do espírito será a vida uma noite infinita.

Homens sem crença veem que o naufrágio é certo e seus corpos tão pesados fardos desaparecerão para sempre em um oceano de horrores.

Rio Grande, 1878.

REVOCATA H. DE MELLO.

Periódico n. 2, p. 2

IRIS POÉTICO

DÚVIDAS?

Dúvidas? Não vês que esta alma
É de toda amor e paixão,
Porque perguntas se te amo,
Não crês no meu coração?

Julgas que possa outra imagem
Turbar meus sonhos de virgem?
Não vês que de um puro afeto
És tu tão somente a origem.

Dize o que queres, que aspiras,
Mais sonhos, mais terno amor,
Olha, eu morrera sorrindo,

Se tu quisesses, cantor!

Não, não duvides, crês sempre
 Nesta afeição verdadeira,
 E guarda como relíquia
 Nívea flor de laranjeira.
 J. N.
 7 de outubro de 1875.

CANTO DA ROCEIRA

*Quando atravesso as campinas
 Estreladas de flores,
 Envolta nas peregrinas
 Alvas vestes da manhã;
 Das aves a mais amena
 Susta a doce canção,
 E me diz da cangirena;
 Como é bela esta aldeã!
 (I. V. FERREIRA)*

Sou bem ditosa
 Pois nos meus lares
 Não há pesares
 Não há tristeza,
 Somente há sonhos,
 Grata poesia
 Muita harmonia,
 Ventura e amor.

De manhã cedo
 Pelas campinas,
 Lindas boninas,
 Colho a faltar;
 Pela tardinha
 Sob a aroeira,
 Do rio a beira,
 Soletro – amar.

Depois correndo
 Por sobre os montes,
 Ou junto às fontes,
 Paro a cismar;
 E sonho amores,
 Crenças, venturas,
 Risos, ternuras,
 No pátrio lar.

Não há palácios

Na minha roça,
 Mas nesta cabana
 Que Deus me deu,
 Há mais encantos,
 Mais harmonia,
 Mais poesia,
 Até do que o céu.

Não tenho inveja
 Dos diamantes,
 Sedas, brilhantes,
 Que as outras têm;
 Pois na cidade
 Se há mil fulgores
 Há mil traidores
 Que eu sei também.

Sou bem ditosa,
 Pois nos meus lares,
 Não há pesares,
 Não há tristeza,
 Somente há sonhos,
 Grata poesia
 Muita harmonia,
 Ventura e amor.

NATIVA
 1877

Periódico n. 2, p. 4

Miriádes

A CISMADORA

A tua carta veio despertar em minha alma imensas recordações do passado, não sou ingrata, quero-te sempre do mesmo modo e aqui estou para te provar. Das notícias que me pedes, só te posso dizer que vai tudo pelo mesmo. A maior novidade do dia é a célebre companhia Lupi, que atrai imensa concorrência todas as noites ao circo. Cria eu que para ver os célebres autômatos, porém tenho ouvido dizer a alguns que para lá se dirigem, que vão ver os cavalinhos, do que conclui eu, que tudo que trabalha no circo não passa de cavalo!

Não sei se no teu retiro já te chegaria aos ouvidos a notícia de uma célebre questão que se deu há poucos dias na Praça Municipal, e a qual teve lugar entre pessoas do

nosso sexo? Só o que eu te posso dizer, é que na minha fraca opinião, semelhante procedimento não é próprio de jovens de certa classe, e que bom será que tratem de corrigir-se, pois que isto jamais foi próprio para o sexo frágil, principalmente em lugares tão públicos como aquele em que se deu este fato.

Se isto também é progresso, antes voltarmos ao nosso antigo atraso.

A Violeta, porém, não pretende ser palmatória do mundo, por conseguinte deixa que cada um faça o que lhe aprovar.

Vou agora contar-te algumas novidades que também me foram contadas, porém que todas são segredos, que não devem passar de nós duas, e de outras conhecidas todas pessoas de confiança. Ei-las:

Dizem-me que o C....., que já por natureza era muito mansinho, ainda o ficou mais desde que viu uma simpática morena, que me dizem chamar-se A.... isto, porém não me admira, visto que outra jovem, chara da mãe de N. S., conseguiu domesticar um Lobo que aliás era muito feroz!

Dizem-me que isso aconteceu em uma reunião que houve ali na mesa em uma casa de família, porém como não sei se é verdade peço-te que guardes segredo.

Esquecia-me de dizer-te que saiu a sorte grande ao J. Grude. E ele não quer que se saiba, porém corre até que ele vai brevemente para a Europa. Quem duvidar de semelhante notícia não precisa mais que passar pela casa em que ele habita a Rua dos Príncipes, que ficará convencido, vista a imensa transformação que a mesma sofreu.

Agora que a sorte foi bem empregada não há dúvida alguma, assim como a inveja de um tal Papelão foi tamanha que dizem, pretende enforcar-se! Não sei se será o projeto.

Agora falemos da Violeta; não imaginas como foi bem recebida esta modesta "florinha". A mocidade tanto desta cidade como da cidade vizinha, não lhe tem negado proteção a exceção de algumas jovens que não assinaram, porque os namorados levavam grátis, ou porque preferiam guardar os 500 rs para doce! Coisas que achei muito naturais, visto que é época de economias.

Guarda no teu coração um lugar para a PENSEROSA.

JOGO DA PACIÊNCIA

CHARADA

Sou bem triste, sobre as tumbas
 Constante me achareis!
 E a fundas covas buscai-me
 Pois lá meu coração achareis.

CONCEITO

Dou-vos em chuvas de estrelas
 Tombadas todas de mim.
 Suave, brando perfume,
 Em puro branco cetim.
 AMERICANA.

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 31 DE MARÇO DE 1878 - ANO 1, P. N. 3

N. 3, p. 1

Violeta

Aos nossos assinantes. – Tendo havido um pequeno desarranjo em nosso prelo, foi o número passado deste jornalzinho impresso na tipografia da Gazeta Mercantil, onde se deu um terrível engano ao colocarem as páginas no prelo, pelo que pedimos mil desculpas a nossos favorecedores. Esperamos que isso jamais aconteça.

—

Pelo Sr. Manuel Pereira Bastos Júnior fomos presenteados com um exemplar de seu formoso drama *Aida, a escrava Etíope*. Notar todas as belezas e todas as cenas

arrebatadoras que se encontram no mesmo drama, foi uma tarefa bastante elevada, e nossa obscura pena jamais o tentaria fazer.

Limitaremos, pois, a enviar a seu distinto autor nossas felicitações por seu invejável talento e modéstia.

Agradecemos a oferta.

—

Recebemos, durante a semana, os periódicos *Diabrete*, *Pregador Cristão* e *Progresso Literário*; os dois primeiros desta cidade e o último de Pelotas.

Ao primeiro e último a nossa sincera gratidão pelas amabilíssimas palavras que tão bondosamente nos dirigiram por ocasião de noticiarem o aparecimento desse modesto jornalzinho.

Rosas Literárias

PRESSÁGIO

Era ao cair da tarde, hora das cismas fracas e suaves; os flocos vaporosos inchavam além, no seio luminoso do ocidente.

A brisa passava de mansinho beijando os festões das trepadeiras que enlaçadas de madressilvas e campainhas azuis, molduravam a janelinha de um santuário de virgem.

* *

Sob a copa de um frondoso jasmineiro, Heloisa imersa em doces cismas, enviava nas asas da saudade, um pensamento ao seu poético Abailard. Seu olhar profundo e merencório ia cair sobre um quadro que se divisava através dos vidros da solitária janelinha.

* *

A fraca luz da tarde, que desfalecia pouco a pouco, caía de chapa sobre esse painel, onde viam-se os poéticos vultos de Paulo e Virgínia trocando aquele solene adeus da dolorosa despedida....

* *

Adeus de despedida! Oh, quanta página do livro do coração se despedaça nessa hora, em que sentimos um angustiar imenso, dor da ausência trucidar-nos as fibras da alma.

N. 3, p. 2

Direi como na frase do maviOSO Thomaz Ribeiro:

Num adeus de despedida

Marcha sempre a flor da vida,

Chora sempre o coração.

* *

E Heloisa cismava.

A tarde morosa e bela.

Perto, à beira da praia, marulhavam as esquivas ondinhas, as virações marinhas frisavam de leve o quieto espelho das dormidas águas.

Vinha de quando em quando, um ou outro gemido das melancólicas casuarinas que se debruçavam à margem do caminho, quebrar aquele silêncio banhado de infinita poesia.

* *

Já o derradeiro lampejo do sol havia desmaiado dentre as rubras cortinas do poente, quando Heloisa acordou desse letargo; e sob a lembrança dele do sonhado Abailard, procurou colher uma branca rosa que entreabria, aos primeiros beijos do relento. Porém, a brisa em um caprichoso sopro, dispersou as brancas pétalas da perfumosa flor...

Oh, fatalidade! Murmurou a moça, esfolhara-se a rosa e expirara o dia! O bronze grave e taciturno anunciava Ave-Maria; e, além disso, mostrava o manto da sombria fada das noites.

Rio Grande, 1878.

REVOCATA H. DE MELLO

Iris Poético

A DONA JULIETA MONTEIRO

Pela escolha que fizestes
Do nome de teu jornal,
Provas modéstia e talento,
Que é virtude o teu fanal,

“Violeta” terna e modesta
Que teu espírito iguala,
Que nos prende e nos fascina
Como o perfume que exala.

E no gênio feminino
És a primeira em talento,
Ante te curva-se o mundo,
E ergue-te um monumento.

Em trovas pobres, bem pobres,
Venho homenagem render-te
A teus pés desfolho flores,
Que o gênio faz merecer-te.
Pelotas.

SATURNINA E. ARRUDA

VERSOS A IAIA

Quando o sol além se inclina
Por detrás da cordilheira,
Quando XX XXXXX a bonina
Se verga bela e faceira,
Oh que saudade Etelevina
Daquela quadra fagueira!

Então nas asas da brisa
Que no lago rumoreja.
Ou do mar na face lisa
Onde a garça se espaneja,
Minha alma inquieta, indecisa,
Em busca da tua adeja.

E terna, meiga saudade,
Nas asas da aura queixosa

Recordações da amizade
 Te envio amiga extremosa.
 Da passada felicidade,
 Lembrando a quadra ditosa!
 1878

Miríades

Pelotas

Amável redatora.

Trêmula e vacilante empunho a pena, para acedendo ao seu pedido,

N. 3, p. 3

comunicar-lhe tudo quanto for ocorrendo por este lugar, com relação ao nosso sexo.

Sem mais preâmbulos, e para não desperdiçar tempo, entro em matéria.

O câmbio, infelizmente, tem dado uma baixa assustadora, não porque as cotações tenham sido diminutas nesta praça.

Este fato foi sumamente sentido pela Brandina, e o mesmo aconteceu com as nossas queridas amigas Brazilina e Candoca, que foram acometidas de uma nevralgia diabólica.

Não sucedeu o mesmo com a Alsininha, para quem a sorte sorri com todos os seus encantos.

A Faneca, sempre linda; na última sexta-feira foi a trezena, onde o Sexo Feio suplicava-lhe um olhar, como que dele proviesse a maior das felicidades, atualmente está no Passo das Pedras.

A Amália C. tornou-se céptica e meditabunda melancólica, de folgazões que outra ora era.

Passando os Srs. do sexo masculino, direi-lhes que – o Levy continua a fascinar algumas jovens com o brilho dos seus lindos... brilhantes.

João Netto, aquele tão conhecido João Netto, partiu, deixando-nos saudosas e receando que o rapaz possa voltar da Europa com uma... Cara Metade.

Ratinho, o faceiro Ratinho, anda envolvido com uns amores que por ora não posso divulgar.

Ando morta de amores; o ingrato Jardim tem me posto a cabeça em voltas, e o coração em um abatimento profundo.

O João Francisco, sabendo do negócio, disse-me no baile que Jardim era um bandoleiro e que não confiasse nele.

Quem desdenha quer comprar.

Não me serve o João Francisco; é muito moreno: pelo Jardim jamais me verão efetuar qualquer troca.

Adeus, eu fico muito atacada do coração e dos nervos.

Pelotas, 29 de março.

LILI

À PENSEROSA

Eis-me de novo aqui nestas queridas plagas; cheguei sexta-feira, às duas horas da tarde.

Não imaginas como estou transbordando de alegria, deixei a roça sem saudades, pois bem sabes que força maior me impelia a esta boa terra.

A mãe de Hermengarda mandou convidar a mamãe para vir passar aqui a semana santa e ela pronta acedeu ao pedido. Estou eu, pois como quero em companhia da querida amiga, agora só o que desejo é verte, porém enquanto não poderes vir, vamos conversando por meio de cartas.

Muita novidade tenho encontrado, e até descortinado certos segredinhos amorosos.

E para provar-te que não minto escuta esta conversação que ouvimos há dias.

Como sabes em casa de Hermengarda há um lindíssimo jardim, e após aquele, um arborizado quintal, com portão para a rua da... Ora, uma tarde destas íamos como de costume para o jardim quando ouvimos vozes perto voltamos e escondemo-nos por trás das grandes moitas que fazem infinidade de trepadeiras que ali se enlaçam; então desse lugar espreitamos, haviam três belos vultos no jardim, qualquer deles bem nossos conhecidos, ora vê, um o que falava nessa ocasião estava recostado ao tronco daquela laranjeira que fica de atalaia à saída do caramanchão. Este não era outro senão o primo de Hermengarda, porém não o loiro, o outro, aquele de tipo mais meu simpático moreno e desenvolto como as palmeiras dos nossos pátrios lares.

N. 3, p. 4

Dizia ele para aquele que lhe falava à esquerda, que era o elegante R..... que com olhar indagador encarava atencioso a fisionomia do amigo.

Para mim é a V..... uma rosa em beleza, e a vizinha que lhe fica em frente, a encantadora Iz..... E..... cativa com aquela graça e gentileza que possui, são estas duas as flores que mais sobressaem em meu predileto buquê, se bem que a mimosa Maria do C..... também faz-me curvar submisso ao poder destes belos olhos e aquele espírito e seriedade que para mim tão apreciado é nas moças.

Pois então falou o terceiro vulto que se havia conservado um pouco mais afastado, e parecia distraidamente fitar uma bela estátua de Vênus, só tinha uma afeição, uma simpatia da alma, porém isso é segredo, o que o coração sente não se revela senão a deusa a quem voto meus ternos pensamentos.

Bravo, muito bem, tens muita queda para a poética, exclamaram os dois companheiros, porém eu dizia ao elegante R....., batendo-lhe no ombro, sou bem conhecedor do teu segredo.

Ora escuta, lá para a Rua Vinte de Fevereiro há um esbelto anjinho fiel, retrato deste jasmim do cabo que tens ali no peito, que foi quem roubou-te o coração.

Ora, não sei de quem falas, queres por verdes para colher maduros? Estás enganado.

Não estou não, é ela uma das simpáticas T....., a J..... e não negues, pois eu tenho certeza disso do que dou-te toda a razão, és tão constante naquela rua como é o Cor..... na Rua Uruguaiana, pois ali passa ele garboso montado no seu fogoso corcel e lançando ternos olhares para..... e para não digo.

E aqui fez ponto a tal conversação, pois aproximava-se a noite vimos que os moços se dispunham-se a vir até a sala e tivemos de retirarmo-nos antes que fosse descoberta a nossa curiosidade.

Ainda assim não ouvimos pouco.

Domingo fomos até a Beneficência, onde se realizaram os leilões de artefatos, esteve uma festa bastante agradável. Aí ouvi eu um jovem criticar muito e classificar de mal gosto o toilette de certa morena que trazia uma faixa verde sobre um vestido azul, não sei se ele teria razão, pois eu não revelo a minha opinião a tal respeito, os gostos são relativos.

E com esta despeço-me de ti; por esta vez bem se vê. Alonguei-me muito, mas é que quando te escrevo, esqueço-me de mim mesma.

Adeus, crê sempre na fiel amizade de quem a assina.

A SISMADORA

JOGO DA PACIÊNCIA

CHARADA

Procurai-me entre advérbios
 Pois nunca longe estarei,
 Ao vê-la toda chorosa
 Suspirosa o pratiquei.
 Eu no céu jamais, jamais!
 Sempre na terra estarei...

CONCEITO

Nos régios paços, nas choças,
 Cabanas dos pescadores,
 Onde tristes gemem pobre;
 Sirvo ao velho, sirvo ao moço,

Sirvo a todos, meus leitores.

Rio Grande, 1878.

AMERICANA

Errata: - Na charada do número passado, no lugar em que se lia - Constante me achareis, deve lê-se:

- Constante me encontrareis.

A decifração da mesma é - Jasmineiro.

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 7 DE ABRIL DE 1878 - ANO 1, P. N. 4

N. 4, p. 1

Violeta

SYLVIO RAMIRO

Do notável escritor que se oculta sob este belo pseudônimo, recebemos uma atenciosa carta, que nos veio encher de orgulho e gratidão.

Há aí em cada frase, em cada palavra enfim, o suave perfume da poesia, entrelaçando as mais lisonjeiras e honrosas palavras.

Há na vida do homem, momentos tão cheios de misterioso encanto, que o espírito se sente elevado às regiões etéreas, mas em que, infelizmente não nos é dado poder exprimir o que nossa alma sente!

Foi um desses belos momentos o que gozamos após a leitura de sua apreciável carta.

Sentimos, porém, que a natureza fosse tão mesquinha conosco, que não negasse de todo, os recursos intelectuais de que quereríamos dispor nessa ocasião.

Desejaríamos possuir a sublime pena de alguma das ilustres escritoras de que nos fala, para respondermos as tantas amabilidades que nos dirige o distinto literato.

Infelizmente, porém, só nos é dado agradecermos com rudes frases, visto serem as muitas de que podemos dispor; mas que encerram em si, o cunho da sinceridade.

Ainda uma vez, um voto de gratidão e simpatia, o acompanhe em sua bela e honrosa peregrinação.

—

Colaboradoras – A VIOLETA acaba de ter o prazer de inscrever no número de suas colaboradoras, os simpáticos nomes de quatro jovens pelotenses: são eles os das Exmas. Sras. Saturnina Arruda, Pulcheria Soares, Honorina Torres e Lili.

Agradecemos a essas interessantes jovens o auxílio que nos vem prestar.

—

Recebemos durante a semana os seguintes jornais: *Diabrete*, *Censor* e *Progresso Literário*.

—

Ao *Mercantil* de Porto Alegre e mais jornais da capital, bem como a toda a imprensa rio-grandense, agradecemos as lisonjeiras frases de estima que nos têm endereçado.

—

Excelentíssimas Senhoras e Cavalheiros desta e da vizinha cidade, que nos honram com a assinatura deste jornal, rogamos o obséquio no caso de irregularidades na entrega do mesmo, de o mandarem declarar ao nosso escritório, para providenciarmos prontamente.

N. 4, p. 2

Rosas Literárias

MARINA

(Fragmento)

Quando ela abriu os olhos à existência, os passarinhos com festivos cantos vieram embalar-lhe o berço de ouro, as brisas perfumaram o ambiente com os suaves aromas de baunilha, e as flores entreabrindo-se nos cálices pareciam também querer saudá-la.

Oh! Como tudo então foi riso e festa.

Quando nasceu Marina a flor modesta.

* *

Quando ela fez-se moça e entrou nas salas, onde a lisonja levantou altares; todos curvaram-se ante tanta graça, tanta beleza, tantas mil virtudes; e ela sorrindo a esse cortejo imenso, fugia aos homens, e adorava Deus.

E ainda a terra se vestia em galas.

Quando ela entrava nas festivas salas.

* *

Quando ela amou, os astros mais fulgentes desmaiaram ao brilho de seus olhos, das aves o cantar mais mavioso, nada teve de doce, ante as palavras que de seus lábios se escaparam meigas;

E ela crente, imaginou a vida!

Santo poema de ilusão querida.

* *

Quando ela foi traída, níveas gotas do mais tristonho e dolorido pranto rolaram-lhe nas faces mais mimosas, que os lírios todos que as campinas ornaram.

E a flor tristonha do cruel martírio.

Nasceu no seio desse níveo lírio!

* *

Quando ela para sempre, os lindos olhos fechou as galas ao prazer e as dores, quando da vida, ela esqueceu os gozos, quando sua alma não mais teve crenças, e foi no seio descansar do eterno; o sol cobriu-se de uma nuvem densa as aves mudas, procuram veloz o santo ninho que o Senhor lhes dera, e ela sorrindo abandonou a terra, pobre criança que nascera rindo, e que morrera com um mistério na alma.

E dizem profetas que ao cair da tarde
Quando mais bela é a gentil campina,
As mornas brisas que gemendo passam,
Beijam-lhe a tumba a soluçar Marina.

1878.

NATIVA

O BOTÃO DE ROSA

(Romance)

A beleza deste feiticeiro Boudoir, só faltava alvura puríssima deste perfumoso botão de rosa, que mão de poeta aqui veio depor, sim de poeta, pois qual outro homem ousaria transpor os umbrais deste augusto recinto?

Agora resta-nos saber a quem pertence esta significativa flor, se é destinada a morena Adalgiza ou a loira Helena.

Adalgiza, a melancólica, é sem dúvida a Melpomene deste parnaso, mas Helena, a prazenteira, é sem contradição a amiga do amor, a musa do lirismo, a formosa Erato.

O poeta ama-me, será, pois, o botão [p. 3] de rosa uma das flores da nova coroa de sua caprichosa musa.

Assim falava Helena travesso diabinho de dezessete anos a sua querida prima mimosa, menina que a ouvia muda e sombria.

Mais velha que sua prima apenas dois anos, Adalgiza, órfão e afilhada de seus tios os pais de Helena, ali vivia e reinava como soberana, querida ou direi idolatrada por todos, e principalmente por seu primo o Dr. Álvaro que curvava-se ao capricho de Adalgiza, até... até quase beijar o tapete espesso por onde deslizavam seus pezinhos.

Neste momento, as moças voltavam de um passeio.

Adalgiza deixara-se cair sobre uma Ottemane, a melancolia como sempre, cismava com os olhos fixos sobre o tapete.

Helena de pé com uma de suas mãozinhas firmadas sobre o console, havia ficado distraída por alguns instantes, mas súbito, seu olhar foi cair sobre um botão de rosa branca, que se achava sobre etager, entre uma infinidade de maravilhas do mais apurado gosto.

(Continua)

AMERICANA

Iris Poético

PROTESTO DE IRMÃ

Neste frondoso arvoredado
 Como é doce meditar.
 Como a brisa vem fagueira
 A minha febre acalmar.

(Extraído)

Neste frondoso loureiro,
 - Amor eterno – escreveste;
 Nesse sagrado protesto,
 Oh que ternuras disseste!
 A sombra deste loureiro,
 Aceita um voto de irmã,
 E guarda-o, que será ele,
 Nosso eterno talismã.

Neste sagrado loureiro
 Teu doce nome gravaste,
 Como em meu peito, amizade
 Eterna também deixaste.

Pelo sagrado loureiro,
 Pelos tempos que lá vão,
 Eu te juro que te estimo,
 Como se estima a um irmão.

Pelotas, Chácara das Palmeiras, março de 1878
 ELMIRA

CREPÚSCULO

Agora que a noite desce,
 E o dia saudoso espira;
 Como minha alma suspira
 Saudosa do teu amor!
 Se esta hora era a bendita
 Dos nossos puros anseios,
 Dos nossos sonhos mais belos
 Cheios de crenças e ardor.
 E tu, respondes distante
 Do seio que te estremece;
 Teu ser também não se aquece
 Na doce recordação?
 Não lembras que ontem ditosos,
 Falamos de amor constante;
 E que hoje, longe, distante,

Palpita teu coração!
 Oh deves lembrar-te, eu creio!
 Tua alma é toda poesia,
 Não pode olvidar em um dia
 Protestos de amor sem fim!
 Vem, não tardes, eu te espero
 Cheia de louca ansiedade:
 Que eu morrera de saudade,
 Se te esquecesses de mim!...

12 de maio de 1875

PENSEROSA

N. 4, p. 4

Miríades

CARA REDATORA

Sabendo que por motivos fortes não podiam desta vez, nem a Cismadora, nem a Penserosa, encarregarem-se de noticiarem aos nossos leitores as novidades do dia: vim eu pedir-lhe permissão para o fazer; mesmo por que não quero deixar de dizer também alguma coisa à Cismadora, que bem o merece.

Em primeiro lugar dir-lhe-ei que uma Estrela errante que se vê ora na Rua dos Príncipes, ora na da Imperatriz, e que muitos pretendem adivinhar a quem pertence, reflete seus vividos raios, justamente para onde todos menos pensam; senão perguntem ao Cord....., ou ao Salc...

Qualquer dos dois está bem informado; mas o pior é que ambos são de segredo

Noticio-lhe também que aquela graciosa preceptora, que habita a Rua dos Príncipes, continua a cativar a nossa mocidade que se deixa prender com facilidade nos doces laços que ela sabe tecer. Dois conheço eu agora, que não sabem aonde tem o coração nem a cabeça. Mas cuidado não confundam, olhem que é a B.....

E por sinal que por falar-se em B. lembrei-me de uma conversa que ouvi um dia destes, a qual tinha lugar entre um jovem que tem no nome esta inicial, e uma mocinha muito nossa conhecida.

Dizia ele: V. Ex. não deve negar, pois está bem patente que o T..... conversa horas inteiras com a senhora e por conseguinte... Ao passo que a moça respondeu rindo perdidamente: pois o Sr. ignora que esse moço só gosta de passear pelos jardins, e

que se conversa comigo é porque eu sou íntima; com a mais bela flor que ele ali encontra, a feiticeira C.....na ? Creio que o sujeito era do século passado. Depois nada mais ouvi porque o par afastou-se. O que é verdade é que o tal Sr. B. estava muito enciumado! E isto de ciúme, tenho visto que é uma verdadeira desgraça, e um mal muito contagioso. Atualmente conheço eu umas poucas de pessoas atacadas desse mal; bem faz a Cismadora que diz não sofrer dele, mas eu creio não acontece o mesmo aquele moço moreno; aquele que logo que se levanta vai ver no livro dos significados qual a significação do sonho que teve.

Aconselho à Cismadora que indague disso.

É verdade não quero finalizar sem dizer-lhe que a mimosa Geor.... anda muito tristinha desde a partida de certo mancebo muito nosso conhecido, que por sinal chama-se F.....

Tem razão, eu respeito estas mágoas por que doem mais que a ponta do mais afiado punhal.

Quisera ser ainda muito extensa, porém infelizmente tenho de finalizar por ser já bastante tarde da noite, e o portador desta ter muito medo de demorar-se por causa da polícia. Também não sei que célebre mania é esta de algumas pessoas; está que a Am... diz inteiramente ao contrário disto, isto é, diz que prefere a companhia de certo policial, ao melhor doce que possa haver! São coisas. É verdade que há policiais muito Mansinhos por natureza!

E... adeus até logo que nos falaremos na Praça Municipal.

MARIETA

JOGO DA PACIÊNCIA

CHARADA

Eu vou à tona das águas
Em gemendo a canção
Ao tom dos remos, - na Itália
À voz de infinda paixão.

Rio Grande, 1878.

RIO GRANDE DO SUL - DOMINGO, 14 DE ABRIL DE 1878 - ANO 1, PERIÓDICO N. 5

N. 5, p. 1

Violeta

Com o presente número finaliza a Violeta o seu primeiro mês de existência.

Deus queira que o mesmo orvalho que lhe tem dado vida até agora, continue a alimentá-la.

—

EMÍLIA ADELAIDE: Acha-se de novo entre nós essa premiada artista; amanhã deve efetuar-se o seu benefício, e é de crer que o povo rio-grandense não desminta desta vez o seu amor pelo belo. Cheias de entusiasmo saudamos a distinta atriz, cujo nome rodeado de louros corre de um pólo a outro levado pela tuba da fama.

—

Recebemos durante a semana os seguintes jornais:

Rio Grande – *Diabrete*, *Lusitano* e *Censor*. Porto Alegre – *O Caixeiro*. São Gabriel – *Revista Gabrielense*. Santa Vitória – *Vitoriense* e *Violeta*. Pelotas – *Progresso Literário*.

Agradecemos.

—

O CAIXEIRO

Com este título recebemos o 1º número da terceira série de um interessante periódico literário que se publica na capital da província, traz ele além de seu bem escrito programa várias poesias, artigos literários, crítica, etc, etc.

A todas as pessoas de bom gosto recomendamos a leitura deste interessante periódico.

Agradecendo a oferta, fazemos votos pela felicidade do novo campeão das letras.

—

PRELÚDIOS – Com este título vai brevemente entrar no prelo, um livro de versos da proprietária deste jornalzinho. Será o mesmo livro precedido de um juízo crítico de um dos primeiros literatos da nossa terra.

Assina-se nesta tipografia, preço de cada volume 2\$000 rs.

Rosas Literárias

NOTURNO

Forget mi not

I

Sim eu te vi pela vez primeira em uma melancólica tarde de agosto, lembras-te?

As densas camadas de neblina caíam lentas desdobrando espessa cortina, o sopro glacial resistente do Norte assobiava impetuoso, algumas gotas de água principiavam a desprender-se da borrascosa atmosfera [p. 2] ao longe, muito ao longe reboava o surdo eco do horripilante trovão.

Meus Deus, que tarde tempestuosa aquela, lembras-te?

Tu me apareceste sombrio e triste qual outro Hamlet, tinhas os lindos cabelos em desordem, o rosto banhado de extrema palidez e o olhar iluminado pelo calor da febre.

Vinhas envolto em uma longa capa e as botas cobertas pela poeira das estradas atestavam que havias a pouco chegado de alguma longa jornada, lembras-te?

Depois quando a tempestade passou, tu havias desaparecido também; onde foste?

Não sabias que teu poético vulto deixaria em mim uma indelével impressão?

Para que partiste se a tempestade ficava em minha alma?

II

Correu o tempo, reviraram a quadra das flores e dos gelos, as andorinhas voltaram, mas tu não vieste, onde pairavas? Seguias como um pássaro errante? Quem sabe?

Depois um dia tornei a ver-te. Lembras-te?

Trocamos um olhar longo e profundo.

Então passaste junto a mim talvez pela última vez e deixando cair no laço do meu vestido branco a flor do miosótis murmuraste baixinho, não te esqueças de mim.

Foi a última vez. Lembras-te?

Rio Grande

HERMENGARDA

O BOTÃO DE ROSA

(Romance)

(Continuação do n. 4)

Então a moça leve como uma borboleta buscara a flor, e como dissemos, interrogava seu espírito e interrogava a sua prima, sobre o estranho achado.

“- Essa flor é minha!”. Disse afinal Adalgiza. “– Tenho certeza que me pertence, pois me foi prometida no último baile”.

“- Mas eu sonhei que era noiva e a rosa branca significa casamento”.

“- Vá embora, a flor é minha; não renuncio a ela”.

“- Pois eu também não cedo”. Tornou a zombeteira moça. “- Contudo, experimentemos talvez que com sutileza possamos alcançar a desejada explicação”.

Então tomando uma nesga de papel escreveu.

“- Seja mais explícito ama a tragédia ou a poesia lírica?”. E deixando esta interrogação no mesmo lugar em que achara a flor, tomou o braço a sua prima e a levou para sala...

Dez minutos depois, um menino de dez anos, saltando por uma janela que dava para o jardim, veio cair levemente no interior do camarim.

“- Visto que a isto dar-se o nome de parnaso, e que há aqui musas, eu serei o travesso amor”, murmurou ele, e apoderava-se do papel por Helena escrito, quando a cortina movida lentamente deu passagem a uma formosa cabeça de mancebo.

“- Fernando! Não entres, não quero que profanes este santuário! [p. 3]

Gritou o menino que rindo perdidamente saiu levando triunfante o misterioso papel.

(Continua).

AMERICANA

Miríades

À PENSEROSA

Deu princípio a esta repetindo aquela frase de Hallevey, *coeur sans amour, est um jardin sans fleurs*.

Motivo talvez porque aquela moça dos olhos cor do céu parece tão indiferente a tudo quanto diz respeito a amores.

Não sei se sabes de quem estou falando?

Provavelmente há de recordar-te do último baile a que fomos, e também de certa troca de uma camélia branca que rolou dos loiros cabelos de uma gentil mocinha, lembraste?

Pois a essa é que me refiro.

Que Deus lhe faça desabrochar no coração, a pura flor dos afetos, para que o pobre M... não ande tão desconsolado.

Tenha paciência, pois muita decepção há que venha de improviso cortar-nos a florida esperança...

Ora, escuta essa que eu mesmo presenciei. Estamos em uma reunião. Um elegante, dos que abrilhantam as nossas sociedades, dizia um pouco curvado diante de certa moça bem nossa conhecida:

“- Senhorita, um dia ao menos será indulgente para comigo? Tenha pena de quem sofre, e sacie esta minha curiosidade”.

“- Senhorita, sem dúvida guarda algum talismã nessa bela medalha; diga-me?”.

“- Esta medalha não encerra coisa alguma”, disse a moça sorrindo. “- Desculpe V. Ex., porém não creio, uma senhora de espírito, não traz um objeto desses, sem que aí guarde um retrato de mãe, irmã, de uma amiga, ou então alguma flor simbólica”.

A moça tornou a negar, porém nesse momento caio-lhe o lenço, e ao curvar-se para apanhá-lo, a medalha abre-se, e deixa cair uma sempre-viva (flor de marcela) atada com uma fitinha verde. Imagina tu que indecisões, a moça sem saber o que faria da flor; e ele contrariadíssimo, pois supunha ser ali o sacrário de uma violeta e não de uma sempre-viva...

Ai desilusões, desilusões!

É verdade não sei se já sabes que o simpático filho da Marte, (aquele do botão de rosa) está imensamente impressionado por alguém lá para a Praça Sete de Setembro; tem razão, ela é tão bela e Cândida! E mesmo por que eu já vejo que para ele tem grande influência um olhar lançado através dos vidros de um pia...

São gostos, outrora conheci um moço que dizia inteiramente ao contrário; não gostava das moças que o fitavam através desse prisma.

Não concordo com essa opinião, assim como creio que ele mais tarde não concordava.

Não admira, a época é de contradições, casacas viradas, etc., etc.

Porém passemos de assunto.

Tens ido à Praça Municipal?

Já reparaste como o M... está cativo dos lindos olhos da graciosa Oi...? E o moço das calças verdes, inteiramente Caído pela mimosa Mari...? Disseram-me também que o F... es quer tirar do lance o Ata..., talvez que a moça não lhes queira dar um mau fim, é tão mimosa que não será insensível: nem todos tem coração de gelo.

Contaram-me que a Bela-Flor da Rua Francisco Marques, já se vai sentindo triste com a lembrança da partida daquele que vive sob a bandeira do branco Cisne.

Quase que tenho certeza que isto é [p. 4] verdade, e que a pessoa que assim me disse não estava equivocada.

É verdade, antes de terminar peço-te para agradeceres a Marieta o resumo lembrado a mim em sua interessante crônica.

Adeus, escreve-me, estou saudosa das tuas frases.

Não esqueças.

A CISMADORA

P.S. Sabes o que fizeram, algumas amáveis figuras que tinham ficado com a *Violeta*? Foram assinantes até o momento em que lhes apresentaram o recibo da mesma, então devolveram-na; pensavam que era grátis! Se encontrares alguns destes entes dá-lhes por mim um sorriso de desprezo.

QUERIDA REDATORA,

Depois da minha primeira carta tenho continuado a sofrer que é um deus nos acuda.

O ingrato Jardim bateu a linda plumagem, ou foi amado pela loira da Rua General Osório, qual outro Romeu, passa deliciosos momentos ao lado de sua Julieta.

A ser assim somos dois os descontentes, eu e o Levy. O caso é que tenho andado muito nervosa e creio que já...

Ofereci um padre-nosso
Pra não ver esse rapaz;
Conseguir, de novo, a paz,

Eu bem quero mas não posso;
Se o visse dentro de um poço

Mergulhado bem no fundo,
Teria prazer profundo
Não havia de me afligir;
Mas, não posso conseguir
Essa ventura no mundo.

A Brasilina aconselhou-me que consultasse a cartomante e me acho disposta a seguir esse conselho, pois não é assim que se fere o amor próprio de uma jovem. Também a Faneca aconselhou-me que reunisse um meeting a fim de tomarmos enérgicas providências a respeito desses bandoleiros que vivem a alimentar mil amores, rindo-se depois de tudo e de todos.

Ouvi vários murmúrios em ocasião da última trezena, em desabono do Alfredo Araujo. Este Sr. é um imenso volúvel: agora anda pretendendo uma menina de Piratini, na verdade tem bom gosto, a jovem é linda como os amores.

Adeus, querida redatora, não posso continuar porque uma visita impertinente bate a porta.

Pelotas, 9 de abril.

LILI

JOGO DA PACIÊNCIA

CHARADA

Sem delongas
Quero feito
Não aperto
O corpo ajeito.

Em torno de mim revoam,
Enamoradas falenas;
E vivem de meus olhares
Apaixonadas pequenas.

Rio Grande, 1878
AMERICANA

—

A decifração da charada do n.3 é Cadeira.

Idem da do n. 4 – Barcarola.

Para a de hoje prometemos um doce a quem decifrar.

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 21 DE ABRIL DE 1878 - ANO 1, PERIÓDICO N.6

N.6 , p.1

Violeta

Recebemos durante a semana os seguintes jornais:

Rio Grande – *Diabrete, Lusitano, Pregador Cristão e Censor.*

Porto Alegre – *O Caixeiro.*

Pelotas – *Progresso Literário.*

Agradecemos.

—

Prelúdios. Com este título vai brevemente entrar no prelo um livro de versos da proprietária deste jornalzinho. Será o mesmo livro precedido de um juízo crítico de um dos primeiros literatos da nossa terra.

Assina-se nesta tipografia, preço de cada volume 2\$000 reis.

AIDA – Consta-nos que este belo drama, composição do nosso distinto patricio o Sr. Manoel J. P. Bastos Júnior, brevemente subirá à cena nesta cidade.

Desejamos ardentemente que isto se realize, a fim de termos ocasião mais uma vez de saudarmos seu digno autor, bem como os distintos artistas que se encarregam da interpretação do mesmo drama.

Rosas Literárias

Hosanna!

Os soldados por terra jazem aterrados, as mulheres sorriem por entre lágrimas, a voz da terra que murmura: - Ressuscitou não está aqui! Longínqua ainda se escuta a última nota do cântico de glória, que no espaço murmuram vozes angélicas: pois Ele, cumprida sua augusta missão, consumado o tremendo sacrifício, radiante e majestoso, sobe ao seio de seu eterno Pai!....

E a natureza desdobra o seu aspecto imponente.

Por entre rolos de carmiueus dourados gases, desponta o astro diurno.

Rompe alada orquestra as harmonias do hino da madrugada, o tímido euro, nas folhas da parasita, saudoso tange a fantástica surdina; e nossas almas em saudoso e indizível arroubo aspiram ventura ao místico perfume das flores que entreabrem!

Abril de 1878. R. Heloísa de M.

O Botão de Rosa

(Romance)

(Continuação do nº 5)

Na antessala, as moças encontraram Malvina, sua criada, que a pretexto de [p. 2] dar-lhes conta de diversas incumbências, teve a habilidade de fazê-las demorar meia-hora.

Na sala estava uma senhora que representava seus trinta e cinco anos, era alta, elegante e de maneiras distintíssimas, suas feições simpáticas e formosas tinham irresistível cunho de nobreza, virtude e atração.

Trajava um roupão violeta e camisinha ricamente bordada, seus cabelos levantados deixando descoberta a espaçosa fronte, reunindo-se no alto da cabeça, para depois se despenharem em magníficos cachos.

Esta bela mulher chamava-se Tulia, e era mãe de Helena e de Rafael e madrasta do Dr. Álvaro.

Folheava Tulia um álbum, quando as moças entraram na sala.

Junto da janela em atitude meditativa, conservava-se em silêncio um mancebo belo, simpático, caprichoso e elegantemente vestido: Era Fernando, íntimo amigo do Dr. Álvaro.

As moças deslizaram pelo elegante tapete da sala e cumprimentando ligeiramente a Fernando, foram sentar-se junto de um Console.

Ficou tudo em silêncio durante o espaço de dez minutos, findos os quais murmurou Tulia: “- Meu Deus, que lúgubre é tudo isso!... Dizem que a pessoa que aqui escreveu, como Chatterton sucumbe a pouca ou falta de ar!

E depois (continuou ela em voz alta levantando seus olhos para Fernando) este moderno Hamlet, sombrio ao canto da janela, faz me esquecer que estou em pleno século dezenove em todo o esplendor de um dia de janeiro, poético, como somente nesta estação, em o doce clima tropical.

(Continua)

AMERICANA

IRIS POÉTICO

À SINHÁ

Minha irmã, teu doce nome
Ao peito acorda saudade;
Terna amiga, oh! Flor querida,
Meigo arcanjo da amizade;
Quando triste, solitária,
Divago pelo jardim;
Vêm-me bem doces lembranças,
Sinto saudades sem fim!
Fico triste e cismadora,
A brisa corre louca;
Sinto saudades cruentas,
Saudades de minha irmã.
Nesse cismar vem-me a crença,
Que irei muito breve a teus lares;
Serei então venturosa,
Nunca mais terei pesares.

Chácara das Palmeiras. Abril de 1878.

ELMIRA

À RITINHA

Por que vives assim triste?

Sem achar um lenitivo ...

À pungidora saudade!

Por que sofre o coração?

Por que suspira constante?

Ainda na flor da idade!

Eu sei que a cruel ausência

A alma nos dilacera...

Na manta da nossa vida!

Mas sei que por quem sofremos,

Às vezes sem piedade...

Abandona-nos e perde.

Longe de pensar estou,

Que uma vítima sejas...

Da mais negra ingratidão?

Mas crê que pensar devemos,

Para as mágoas expulsar,

Que nascem do coração.

Pelotas
INCÓGNITA

N. 6 , p. 3

Miríades

ÀS LEITORAS

Estou hoje um pouco propensa a tristezas, não sei se será isto devido à impressão dos solenes mistérios, que desdobram sobre esta época tão lembrada para os fiéis, um lutuoso véu banhado em lágrimas de crentes e arrependidos.

Que querem? Trouxe do berço estas ideias, não me fazem impressão certas teorias novas, vá quem quiser procurando as trevas, que eu irei sempre em busca de luz.

* *

Mas então concluídas as trevas, e tanto que para ser mais perfeita, esplendida e suntuosa a luz e a sociedade desta cidade, triunfa por receber hoje em seu grêmio, os simpáticos e ilustrados jornalistas, Srs. Machado Tavares e Teodósio Martins de Oliveira Lecour e Menezes.

Assim é, que muito coração que sentia se despedaçar ao saudoso crepe que os envolvia, vê de novo raiar uma aurora orvalhada de doces esperanças!

* *

Foram ao benefício da exímia Emília Adelaide? Como esteve ela sublime! De arrebatado entusiasmo, o imenso auditório!

Salve a gloriosa atriz, que por onde desliza deixa impagável rastro; e nos corações, infinita recordação e saudades.

* *

A misteriosa Estrela de quem há dias falou na crônica, a Marieta, continua a gravitar em torno de seu planeta.

* *

Na Praça Municipal quem há que não tenha notado os ternos e expressos olhares, que aquela moça pálida e de olhos lânguidos, lança ao simpático Art.... L....

* *

Aquele elegante filho de Marte (não o do botão de rosa, o outro) continua incompreensível, têm dias em que parece transbordar de alegria, outros em que a tétrica nuvem o envolve, tornando-o até sombrio. Qual o motivo?

Esperamos que a jovem A... nos traduza algumas páginas do seu livro íntimo.

* *

Sei também que a mimosa flor que vive em seco terreno, expande mesmo assim, delectável e puríssima fragrância, o gracioso e vivíssimo matiz, que a mente exalta arrouba do jovem C.

Participo-lhes que a graciosa e bela M. Jus.... foge-nos, deixa-os pueris brincos de moça, para seguindo o seu querido sonho, povoar o espírito de mais sérios cuidados.

Que seja feliz é o nosso ardente voto.

* *

Ontem me dizia um jovem.

“- Feliz daquele que conquistou o coração de sua amiga, da encantadora e severa M. do Car..., eu daria metade de minha vida por vencer a esse odioso mancebo!”.

“- Oh! Creia que seria uma glória maior que todas as de César!”

E eu impassível a ouvi-lo, a receber esta estranha confidência!

E ela, ignorando inteiramente os assomos desta miniatura de Otelo.

Tremo pelo mísero rival!

Aqui faz ponto a

HERMENGARDA

N. 6 , p. 4

JOGO DA PACIÊNCIA

CHARADAS

Se o fizeres, entre risos

Verás o pranto correr.

Pois se é fonte de ventura

É também de agro sofrer.

Anjo de face mimos

Faze assim, dá-me o prazer,

Ò nunca venha, uma nuvem

Tal encanto entristecer.

É glória da qual me afano,

Timbrar augusto brasão.

Estou em armas famosas

Pertenço a ilustre nação.

CONCEITO

Dos mais gentis alegretes

Esmalto as verdes alfombras;

Prefiro as calmas ardentes

A brisa que corre às sombras.

Envolta em manto de pérolas

Seu grito segue a corrente

Do tempo, do mar, do vento,

É fria, chora e não sente.

Se sou velha ou sou menina

Segredo, mas sou mulher,

Do Iris sou, sou da aurora:
E fada sou do pomar.

CONCEITO

Assim a triste existência
Caminha incerta, sem luz;
Por envia estrada, sem norte,
Ao fundo vale da cruz.

AMERICANA

Sou parte essencial de uma flor

Sou parte essencial de uma flor

CONCEITO

Sou parte essencial de uma flor

À AMERICANA

Estou nas formosas campinas,
Nas estrelas, nos amores,
Mas nunca no agreste serro,
Nunca em bosques, nunca em flores.

Escritor, dos mais notáveis!
Mas não das terras de cá
Da França sim, com certeza
Deves buscar-me por lá.

Do nosso Brasil querido
 Uma riqueza esta é,
 Mas não confundas te peço
 Com fumo ou mesmo café.

CONCEITO

É simpática escritora
 Muito nossa conhecida;
 Agora o resto, procura,
 Procura minha querida.

A decifração da Charada do n° passado é – Jacinto.

Houve diversos decifradores que vieram em busca do doce, mas como era só um, coube ao Sr. José Monteiro e Almeida, que foi o primeiro a mandar a decifração.

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 28 DE ABRIL DE 1878 - ANO 1, PERIÓDICO N.7

N. 7 , p. 1

VIOLETA

Recebemos durante a semana os seguintes jornais:

Rio Grande – *Diabrete, Lusitano, Censor e Pregador Cristão.*

Porto Alegre – *O Caixeiro.*

Jaguarão – *A Ordem, Atalaia do Sul e Alvorada.*

Santa Vitória – *O Vitoriense, Eco do Palmar e Violeta.*

Pelotas – *Progresso Literário.*

Agradecemos.

Também recebemos a *Gazeta de Campinas*, importante periódico que se publica nessa cidade, sob a redação dos distintos literatos os Srs. Carlos Ferreira e Quirino dos Santos.

E o primeiro deles, um dos mais ilustres filhos desta cidade, que se orgulha de lhe ter servido de berço, como nós nos orgulhamos de sempre lhes termos merecida particular amizade.

Agradecemos cordialmente a ilustre redação, as lisonjeiras frases de que usou para conosco, noticiando o aparecimento da *Violeta*.

Fênix Literária. Recebemos o 2° e 3° n° das Revistas mensais desta importante sociedade da corte, que obsequiosamente nos foram oferecidas por sua ilustre redação.

Agradecendo tão valiosa oferta enviamos nossas felicitações à mesma sociedade, desejando-lhe longa e feliz existência.

Pombinho – Sob este pseudônimo enviou-nos um cavalheiro pelotense uma bela poesia que imensamente nos honra.

Seu autor, porém, foi por demais lisonjeiro tratando de nossa humilde individualidade, pois nos eleva a um tal ponto que força-nos a não satisfazer o seu pedido de publicá-la em nosso jornalzinho, visto que para isso seria necessário banir o texto de toda a modéstia.

Creia, porém, que a nossa gratidão será eterna.

Prelúdios. Com este título vai brevemente entrar no prelo um livro de versos da proprietária deste jornalzinho. Será o mesmo livro precedido de um juízo crítico de um dos primeiros literatos da nossa terra.

Assina-se nesta tipografia, preço de cada volume 2\$000 reis.

ROSAS LITERÁRIAS

NOITE DE AGONIA

Doze gemidos soltara o bronze, e lúgubre murmurara o eco vezes doze.

Do cemitério no verde álamo seu pio lamentoso soltara, agourenta coruja [p. 2] e melancólica casuarina saudosos ais aos ventos soltara! Ao longe no fundo escuro brilhava por entre as frestas da janela a luz de quatro velas grandes.

*

A sala era vazia de vivo ser; no caixão jazia o lívido moço, glória da pátria, orgulho de seus pais e esperança de sua noiva...

No quarto vizinho ninguém, longe e bem longe eram aqueles que o amavam, apenas na porta um bravo amigo e irmão de armas.

* *

Súbito, ressoa um grito agudo, longo, tétrico e pavoroso, e uma jovem mulher assoma ao fatal recinto. Desvairados olhares lança a uma e outra parte, em passos vacilantes se a cerca do infeliz guerreiro.

E louca apaixonada, tocou a fonte gélida do moço, com seus gélidos lábios...

Depois o gênio da desesperação tomando-a em seus braços a depôs no pavimento aos pés do noivo idolatrado.

* *

Vinte e quatro horas depois duas dores sem nome, duas saudades eternas se desatavam em prantos pelas faces de um jovem guerreiro.

Amizade e amor fraternal!

Qual dos três seria mais digno de compaixão?

NYNY

O BOTÃO DE ROSA

(Romance)

(Continuação do nº 6)

Vamos Helena, levanta-se e acompanha ao piano o Sr. Fernando para que nos faça ouvir uma das suas belas poesias. Helena obedecendo a sua mãe abriu o piano e começou uma dessas harmonias divinas que só mãos profissionais são capazes de reproduzir.

Adalgisa continuava no mesmo lugar, sem olhar para Fernando; só de tempo em tempo, fixando seus belos olhos sobre um magnífico espelho que lhe ficava fronteiro e por onde podia ela seguir todos os movimentos do moço.

Fernando ao apelo expresso pelas vozes do instrumento levantou-se se desculpando que nada escrevera ultimamente, mas que recitaria uma bela inspiração do festejado cantor o Dr. Lobo da Costa.

Depois com o mais belo metal de voz, e com o mais correto e brilhante estilo, fez ouvir a lindíssima poesia que se intitula – Quem és?

A proporção em que Fernando recitava, a face de Helena se coloria de leve rosa e ao contrário a de Adalgiza se tingia de forte palidez e a sua trêmula mão exaltada desfolhava as flores da jardineira vizinha.

Tulia, entregue ao encanto que sua alma elevava, nada reparara, e só deixara o seu êxtase para agradecer e felicitar ao rapaz.

Este ainda se demorou meia hora que decorreu sob o encanto da doce e comovida voz de Adalgiza que muito contrariada tivera de obedecer ao pedido de sua tia.

(Continua)

AMERICANA

N. 7, p. 3

IRIS POÉTICO

NO ÁLBUM

Da Exma. Sr^a. D. Maria Rosália Pereira

É bela no espaço vago

A nuvem gasea e medrosa,
Da relva nos tabuleiros
Destaca-se a cor de rosa.

Do manto longo e sidéreo,
Realça a luz das estrelas
Na face do prateado lago
Marinhas flores singelas...

E vai saudoso mais belo
Da manta o canto noturno;
Em túbio frouxo murmúrio,
Qual voz do gênio assustador!

Reboa a voz dos levitas
Do templo a mística nave,
E repercute das crenças
A virgem, das virgens – Ave!

Há nesta vida belezas
Tão puras tão sem igual,
Relevo do mais perfeito,
Formosas sem rival:
Tal é a diva candura,
Gentil e meiga donzela,
A refletir-te na face,
A par de uma alma singela!

Feliz quem possa acolher-se
A sombra dos teus afetos;

No livro da alma inscrever,
Um nome dos teus queridos!

Abril de 1876.

R. HELOÍSA DE M.

À MINHA IRMÃ

Desse ditoso passado,
Guardo saudades sem fim;
Ai minha irmã adorada
Nunca te esqueças de mim.

Revocata ouve o meu canto,
Espido de doce encanto
Mas gotejar do pranto,
Que a saudade faz nascer,
Lá quando a tarde se inclina,
Envolta em densa neblina,
E morre no mar a ondina,
Não ouves terno gemer?

Não ouves voz terna,
Tristonha, meiga, chorosa,
Falar de quadra formosa
Que além nas sombras morreu,
Não te recorda o passado,
Sonho de amor encantado,
Em que vivia a teu lado
Um santo amor qual o meu?

Não lembras nossos brinquedos
Os nossos sonhos tão alegres,
Nossos risonhos folguedos
Que nunca mais voltaram
Meiga e gentil criatura,
Dentro de tua alma tão pura,
Não sentes passar então?

.....
E que quadra querida,
A mais tranquila da vida.
Oh! Nunca, nunca se esqueça,
Deixa saudade sem fim;
E nós, dois ramos nascidos
Juntos e juntos crescidos,
Devemos viver unidos,
Ao menos em sonhos, sim?

Abril de 1878

J. de M. M.

N. 7, p. 4

MIRÍADES

ÀS LEITORAS

Primeiramente, direi que a nossa querida Cismadora, de novo mudou-se a sua formosa chácara.

Vai a poetisa sombra das laranjeiras pensar no seu querido Romeu.

. Não me agrada o gosto de ir para a roça, quando se aproxima o inverno com seu alvo manto de gelo, que só em lembrar-me faz-me vontade de correr para a cama, e deixar as leitoras sem crônica; não fazia nada de mais, pois também a cismadora deixou-nos, e o que mais é, nem de nós se despediu!

* *

Na festa e procissão da Ressurreição, disseram-me que tudo esteve brilhante; as moças todas muito sérias, os rapazes, idem idem; tudo era devoção e respeito; assim é que eu gosto, já na véspera tinham-se divertido no baile, (os que lá tinham ido) agora só deviam rezar e pensar em Deus.

Olhem, eu por mim era capaz de apostar que se o Tito R. estivesse lá estaria rezando aquela santinha que vive entre Tigres.

Assim como o L... rezaria a Santa Paris.... ou a Santa Judith (logo as duas).

Eu aconselho as duas que não rezem por ele, visto que é tão bandoleiro.

* *

Questionavam, um dia destes, dois jovens bem nossos conhecidos, qual era a mais bela das jovens desta cidade.

Eu, dizia um, sou de opinião que a Amel... P. é a mais bela das flores do nosso belo Rio Grande, se bem que a gentil Sara da Rua do Marquês de Caxias muitas vezes me tenha feito bater o coração.

Pois eu, acrescentou o segundo, não sou da tua opinião, pois são tantas as feiticeiras que conheço que ainda não pude descobrir qual a mais bonita.

Uma noite destas para me divertir me pus a fazer o retrato de uma jovem que me pudesse agradar e por fim decidi o seguinte:

Pedir a Carolina B. da Costa.

Os formosos cabelos que ela tem;

À morena Julinha os lindos olhos,

Que tem cativado a mais de cem!

À Lavínia, as maneiras delicadas,

À Cecília, os sorrisos sedutores,

À Alice, os pezinhos que não pisão,

Ou se o fazem somente é sobre flores.

À Matilde, a elegância que a reveste

À Cornélia, a bondade que fascina,

À Brasilina, os lábios nacarinos,

À Esther, o falar, que me domina.

À Hermínia, o disfarce com que fica,

Quando, às vezes, lhe falo sobre amores;

À Adalgiza, os dentes perolados,

À Amália, os requebros matadores.

Aqui o jovem calou-se; então perguntou o outro é esse o retrato? Olhe que se está pronto ao mesmo tempo que a tua apaixonada será um anjo, será um aleijão; senão, repara bem para o retrato da pobre menina! Ora deixa-me respondeu o P., (pois era ele) não vez que ainda está por concluir; esta noite vou ver se o faço e amanhã cedo te remeterei.

E eu que estava bem próxima, mas que eles nem por sombras suspeitavam fiquei desconsoladíssima por não saber do resto.

Queira Deus que o mesmo após a leitura desta, lembre-se de satisfazer-me a curiosidade; se é que não se escandaliza por esta minha brincadeira.

Olhe, se tiver de zangar-se faça-o o antes com a Rev... que foi quem me arranhou a cópia dos versos: porque eu por certo não os decorei só de ouvir uma vez.

* *

E Deus, perdoem-me a falta de espírito, pois foi esse um mal de que sempre padeci.

MARIETA

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 5 DE MAIO DE 1878 - ANO 1, PERIÓDICO N.8

N. 8, p. 1

VIOLETA

Recebemos durante a semana os seguintes jornais:

Diabrete e Censor – Rio Grande.

O Caixeiro - Porto Alegre

Progresso Literário - Pelotas

Agradecemos.

Também recebemos um logogrifo a nós oferecido e um enigma, produção da Exma. Sra. D. Thereza Mollins.

Por falta de espaço deixam de sair neste número ficando para o seguinte.

Agradecemos.

Correspondência – Da cidade de Pelotas nos foi enviada uma pela Exma. Sra. D. Brandina. Sua publicação deixa de ser feita no presente número, pelo motivo de nos ter chegado às mãos, quando já estava composta a da nossa ativa correspondente, a Exma. Sra. D. Lili. Ficará para o seguinte número.

Prelúdios. Com este título vai brevemente entrar no prelo um livro de versos da proprietária deste jornalzinho, será o mesmo livro precedido de um juízo crítico de um dos primeiros literatos da nossa terra.

Assina-se nesta tipografia, preço de cada volume 2\$000 reis.

ROSAS LITERÁRIAS

CISMANDO

À M.....

Era uma tarde como esta, o céu como agora envolvia-se em nuvens de safira e a atmosfera límpida e serena convidava à suave meditação. Porém minha alma sonhava apenas risos e venturas, sem que jamais uma nuvem de tristeza viesse com o agora nublar seus rosados sonhos.

Foi essa não sei se te recordas, a primeira vez que nos falamos; os passarinhos alegremente nas paineiras e as maravilhas que começavam a abrir em seus frágeis caules embalsamavam o ar com seus saudosos perfumes.

Lembraste? Tuas palavras eram doces como um favo de mel e teus olhares diziam tanto, tanto que eu ideei um futuro coroado de rosas, entre sonhos de amor e sorrisos de felicidade.

Depois a tarde passou; e quando a primeira estrela surgiu no céu nós nos despedimos; não sei se te lembras que então uma nuvem cinzenta veio passar sobre a lua, ocultando-nos por um momento aquele belo painel que se desenrolava diante de nós.

Fatalista como eu sou tomei logo como um cruel presságio para a nossa **[p. 2]** primeira hora de felicidade; tu porém menos crente nessas quimeras (como então lhe chamas-te) talvez nem mais te passasse pela mente semelhante coisa.

E acaso a nuvem mentiu? Acaso teu amor de hoje semelha-se ao de então? Quem sabe, talvez que meu nome já te não recordes enquanto que o teu será para mim um perene talismã.

N.....

O BOTÃO DE ROSA

(Romance)

(Continuação do nº 7)

CAPÍTULO II

É noite. As moças estão em seu lindo Boudoir.

Helena veste um rico pinhoir todo recamado de bordados e tem os cabelos divididos em belas tranças, lê sorrindo uma página do álbum de seu irmão Dr. Álvaro.

Adalgisa veste igual a sua prima, tem os olhos fixos sobre o triste e saudoso livro de Lamartine votara a Graziella, e sua fronte pendida em suave e melancólica cogitação.

Minha prima, ouça, exclama Helena, vai saber de uma coisa que não suspeita, de uma grande desgraça, de uma dor sem nome de um sofrimento misterioso! E desatou a rir perdidamente...

O caso é este, minha prima, ouça é o tal Sr. Fernando quem falta.

Eu a escuto murmurou Adalgisa sorrindo melancolicamente.

“Eu sou romeiro de longa peregrinação, que sucumbe sobre as ardente areias de um infundo deserto, cansei, a luta era sem proveito, a fadiga extenuou-me, a dor, a sede, o abandono e a solidão levarão ao fim da obra da minha destruição! Sim, a minha alma está prestes a abandonar o seu invólucro: morro ao sopro abrasador, furioso suam, minha lívida fronte rolará pelo extenso e estéril areal, sem que uma lágrima de anjo deplora de meu fadário o triste fim!”.

“Mas perdão, amigo, a minha história, triste inglória e fatal manchará o livro do ouro de teus suaves anseios; perdão, nestes afetivos murmúrios recebe a mais sincera e ardente prova de minha fraternal e extinguível amizade”.

Helena finalizando, encarou Adalgiza com a mais cômica e fingida tristeza.

(Continua)

AMERICANA

IRIS POÉTICO

À JULIETA

Ai, irmã, que saudade tamanha,
 Para sempre minha alma acompanha
 Qual chorosa tristonha visão:
 Mesmo em meio dos gozos de virgem
 Vem-me às vezes sombria escuridão,
 Desmaiar tão rosada ilusão!

Tua imagem é sempre a meu lado,
 Como de antes no tempo passado,
 Arroubada no mesmo sonhar,
 Vendo as flores estação dos amores
 Quando além se desdobram as cores,
 De uma aurora de lindo raiar.

Quando as duas nas horas caladas,
 Junto à mesa de estudos assentadas,
 Uma a outra tomando a lição,
 Vinha meiga um sorriso de fada;
 Da mamãe, nosso anjo da guarda,
 Nossa cara e perene afeição.

[p. 3]

.....

Sim, vivamos irmã carinhosa,
 Com as lembranças da quadra ditosa,
 Leda infância banhada de luz;
 Recordando o sonhar de criança,
 Quando ao astro de doce esperança

Nossas crenças brilhavam a flux.

Rio Grande, 1878.

REVOCATÁ HELOISA DE MELLO

ILUSÃO

Era à tardinha,
E a brisa amena,
Viu a serena,
Beijar as flores;
E eu muda e quieta
Junto alameda,
Lembrava amores.

Exma e sozinha,
Sem vir ninguém
Disse-me; - Quem
Te faz penar?..
Ninguém falava,
E eu contemplava,
O azul do mar.

Julguei deserta
Esta paragem,
Sem ver a imagem...
Que a mente anseia!
E a noite vinha,
Sempre eu sozinha,

Na gruta bela.

Então a aragem.

A doce brisa,

Aromatiza,

O vale ao fim;

Volvendo os olhos,

Vi nos rochedos,

Vasto jardim.

E dentre as flores,

Belas, mimosas,

Tão enganosas

Qual borboleta,

Mais agradou-me,

Mais cativou-me,

Meiga violeta.

Pelotas.

INCÓGNITA

MIRÍADES

ÀS LEITORAS

Tem sido esta uma semana em que muita lágrima tem vertido a natureza, não é verdade?

São anúncios do inverno que se aproxima tristonho e choroso, distendendo pelas derradeiras belezas do saudoso outono um sombrio véu de gélidas neblinas.

Ai! Como eu suspiro pelas calmosas noites da estação florida!

Verdade é que há muita noite hibernal bafejada pelo gênio da poesia.

Quando a copiosa chuva despenha-se em vibrante jorro caindo rumorosa sobre o lajedo das calçadas e as rajadas de gélido sopro passam assoviando melancolicamente, lá dentro sob o teto do lar, na doce paz da família. Oh! Que amenos serões!...

* *

E por falar em chuva, lembrei-me; como passaram as horas da noite de domingo?

Sem que o tempo as deixasse apreciar a inspirada Emília Adelaide ou acedendo aos desejos do coração ir gozar por algumas horas o passeio da [p. 4] Praça Municipal.

Distraíram o espírito por outra forma; não?

Pois foi o que fizeram cinco moças e três moços, que se reuniram em uma casa de família bem nossa conhecida.

A jovem A....., um pouco pensativa e suspirosa, recordava o simpático Cor..... soluçando no piano aquela vaga harmonia, que por ele vibrada no saudoso violão, tanto a impressionava.

A J....., a R..... e a M..... do C..... ouviam atentas um belo romance que lhes narrava a simpática dona da casa.

A um canto da sala uma moça morena, cujo nome ignoro, parecia entregue a algum secreto pensamento que a levava para outras regiões...

O J..... e o C..... recostados a janela conversavam em confidência, enquanto o segundo, de quando em vez, lançava ternos olhares a mimosa que trajava vestido azul com laços escarlates.

O R. recostado ao sofá em atitude de quem medita tinha uma das mãos sumida na anelada cabeleira e a outra descansada sobre o coração e sorria uma ou outra vez aos apartes que alguém soltava, cortando por vezes o fio da narração.

E assim passaram as horas dessa agradável noite, que apesar do mau tempo, deixou recordações não menos saudosas que as que vivem ainda de outras passadas tão agradavelmente como esta.

* *

Muita coisa tinha ainda a dizer, porém por hoje, silêncio!

HERMENGARDA

PELOTAS

Querida redatora,

Esta nossa amável Pelotas vai cada vez melhor no que diz respeito ao sexo amável.

Os Romeus tornaram-se raros por tal forma que já se toma por milagre quando é efetuado um casório.

E as minhas camaradas se queixam amargamente desse fato, por motivo de verem os anos se escoar na ampulheta do tempo, sem que a sorte lhe tenha designado o seu romeuzinho.

A não ser algum astuto que já fez hábito em namorar por passar o tempo, não consta, nem se ouve dizer que haja, este ou aquele contrato que diga respeito a matrimônio.

Isto é uma calamidade!

Jovens pelotenses! Uni-vos que da união nasce a força! Eu a mais corajosa dentre vocês, nesse gênero de batalhas, assumirei a chefia da facção revoltosa e da acertada direção que prometo lhes dar em que provirá a nossa felicidade futura!

Não é possível que as coisas continuem por essa forma: da abnegação pela causa civilizadora – guerra ao celibato – da força de vontade e união, tudo se tem a esperar.

Aceitem, pois, queridas companheiras, estas minhas palavras com a mais solene manifestação.

Eia!

Perdoe-me, querida redatora, se no auge de tanto entusiasmo abri um parêntese para dar expansão ao mau humor que me acho agora possuída.

Entremos de novo em matéria.

Castigada como tenho razão de andar com os negócios de cupido, protestei desprezar solenemente a esses senhores que vulgo chamar – moços- a exceção do Artur Ravaza, a esse sim, empregarei (se já não tenho empregado) todo o meu afeto.

Gosto do Ravaza, o que querem... São coisas.

Se com ele me sair mal, risco para sempre, esta vai longe, portanto faço ponto.

26 de abril de 1878.

LILI

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 12 DE MAIO DE 1878 - ANO 1, PERIÓDICO N. disn9

N. 9, p. 1

VIOLETA

Recebemos durante a semana os seguintes jornais:

Diabrete e Pregador Cristão – Rio Grande.

O Caixeiro - Porto Alegre

Progresso Literário – Pelotas

Vitoriense, Eco do Palmar e Violeta – Santa Vitória

Gazeta de Campinas - Campinas

Agradecemos.

Prelúdios. Com este título vai brevemente entrar no prelo um livro de versos da proprietária deste jornalzinho, será o mesmo livro precedido de um juízo crítico de um dos primeiros literatos da nossa terra.

Assina-se nesta tipografia, preço de cada volume 2\$000 reis.

ROSAS LITERÁRIAS

O Botão de Rosa

(Romance)

(Continuação do nº 8)

- És cruel Helena, és criança e feliz, não conheces a desgraça, não entendes os mistérios de ignotos sofrimentos, não reflexionas que este moço não tem pais nem irmãos, que passa na terra, sem outro consolo mais que a santa, pura e fiel amizade de teu caridoso irmão o Dr. Álvaro?!

- Tens razão Adalgiza, sou uma louca, estou sempre disposta a rir, tens razão, a tua prática impressionou-me por tal forma que me ia predispondo as lágrimas, contudo, terás como eu notado, que Fernando é atualmente menos expansivo e mais triste que era outrora.

- Este moço interessa-me vivamente, confesso-te que me causa inexplicável desassossego a repentina mudança que nele observo. Sempre bom e delicado, porém só jovial quando está junto de Rafael, de que é verdadeiramente amigo.

Dizendo estas palavras, Helena suspirou olhando sua prima; meneando lentamente sua bela cabeça, murmurou: - Tens razão, aqui existe algum mistério! ...

Neste momento, Malvina lhe fez notar que era bastante tarde e elas passaram a sua alcova de dormir.

III

Estamos no dia seguinte. As moças às nove horas entrando no seu boudoir foram surpreendidas encontrando sobre uma etageres uma nesga de papel semelhante àquela que ali ficara, porém, contendo estas palavras: “O botão de rosa pertence à estremecida musa do poeta, muito feliz será ele [p. 2] se souber que essa flor foi guardada como lembrança do mais terno e respeitoso afeto!

As jovens notaram que a letra não era do Dr. Álvaro nem também de Fernando, pois fazia muita diferença daquele que haviam visto no álbum.

(Continua)

AMERICANA

IRIS POÉTICO

À LAUDOCENA L. COELHO

Das roseiras da existência.
És um botão desabrochando,
És alva gota de orvalho
Em rósea pétala brilhando.

Tu és a doirada folha,
Do livro dos querubins,
És perfumosa grinalda
De entrelaçados jasmims:

Tu és brilhante safira
Dos tesouros do senhor,
És áurea concha que encerra
Lindas pérolas de candor.
Tu és a canção dileta
Da lira de um trovador,
És a estrela cambiante,
Que irradia em seu fulgor:

Tu és mimosa e sublime
Como um suspiro de amor,
És o símbolo da inocência
Trescalando grato odor.

Tu és um elo dourado
Dessa cadeia de amores,
Que enlaça a pura existência
De teus bons progenitores.

Rio Grande, 1878.
REVOCATA H. DE MELLO

MÃE

Foi palavra por anjos composta,
De um divino sorriso de Deus,
É mais santa que todas as frases
Que os anjinhos murmuram nos céus
Foi palavra por anjos composta,
De um divino sorriso de Deus.

É mais pura que todas as rosas
Que um infante dirige ao senhor,
É mais linda que um sonho de virgem
Que inocente não pensa em amor,
É mais pura que todas as rezas
Que um infante dirige ao senhor.

Tem em si mais perfumes que o lírio

Mais doçura que o mel, que a ambrosia;
 Mais fulgores que o astro brilhante,
 Que as belezas da terra alumiam.
 Tem em si mais perfumes que o lírio,
 Mais doçura que o mel, que a ambrosia.

Foi palavra por anjos composta,
 De um divino sorriso de Deus;
 É mais santa que todas as frases
 Que os anjinhos murmuram nos céus:
 Foi palavra por anjos composta,
 De um divino sorriso de Deus.

Maio de 1878.

J. de M. M.

MIRÍADES

Às leitoras.

Estou triste; a Emília Adelaide deixou-nos, e o nosso Rio Grande caiu de novo em completa monotonia.

Quarta-feira por ocasião da partida do vapor, dizem que muitos olhos se encheram de lágrimas, o que achei imensamente razoável, visto que não se pode ver sem comoção, fugir-nos [p. 3] a felicidade.

O espetáculo de terça-feira esteve sublime; falamos apenas do desempenho que teve a importante comédia, O Tartufo; quanto ao merecimento da mesma não ousaremos dizer coisa alguma, os ilustres nomes de Molière e Castilho são quanto basta para recomendá-la.

*

Falemos agora da única novidade que lá colhemos.

Fui à saída do espetáculo, olha, dizia um moço alto e moreno a quem não tenho o prazer de conhecer: “– Santos, reparaste naquele anjinho que estava no segundo camarote à direita? Pois bem, é a visão encantada dos meus sonhos, não tenho razão?”

Se a pergunta fosse feita a mim, eu diria logo, oh, se tem.

*

Sabem, leitoras?

Ouvi há dias o bandoleiro M..... dizer que na presente época não há quem alimente paixões em segredo; deixá-lo falar assim, que nós lhe diremos o bom julgador por si julga.

Nessa mesma noite, houve alguém que parecia querer provar ao contrário; pois me disse suspirando abafadamente:

Sabe! Aquela gentil Ade..... da Rua vai deixar-nos... essa perfumosa violeta, que ora encanta os sonhos e aspirações daquele que cisma ao marulhar das ondas embaladas pelas virações marinhas.

Oh! Quanto ele é feliz!

*

E infelizmente a falta de espaço faz com que eu por hoje faça ponto.

HERMENGARDA

PELOTAS

QUERIDA BRANCA

As notícias que me pedes da nossa boa terra são escassas, no entanto elas ai vão.

No sábado, houve o baile da Terpsícore que esteve bonito e animadíssimo. As nossas amigas Lídia, Isolina e Olímpia foram o que admirei porque isso é raro. É verdade que eu também há muito lá não vou e creio que o último em que estive foi o do Celso (que infelizmente é hoje casado). Espero que o bandoleiro do Affonso P. dê o dele porque então, tu sabes, não posso resistir. Sempre me tratou com tanta atenção que merece que lhe faça a vontade, apesar de ser uma louca borboleta.

Disse-me uma amiga que ele foi e dançou muito, sendo de crer que então se não lembrasse de mim! Ingrato!

O Zeca Patação lá se achava e muito dançou com uma moça da Encruzilhada que eu e a minha amiga não conhecemos, sei só que era muito simpática e vestida de amarelo, cor de minha predileção.

O Jardim não foi, porque seria? Andará apaixonado? Também nunca vi um moço mais sensível! Desde que aqui está, tem tido uma porção de namoradas, olha que eu não entro no número, mas tu... não sei.... Isto baixinho e aqui entre nós, para que o Eduard M. fique jejuando, entende?

Este também é bonzinho, aposto que já não se lembra daquela mocinha da Rua Santo Antônio?

Os moços são assim mesmo, pobres daquelas que creem nos seus olhares

[p. 4] doces e nos fraseados tentadores.

Bem disse a Lili, que é preciso a revolução, eu me ofereço para ajudante de campo, porque meu coração é já de pedra e impassível. É preciso ensinar estes senhores!

Afinal, ia-me entusiasmando tanto que não te contava os toilettes das moças do baile, mas como o tempo é pouco e como não é de grande interesse, desculpa-me.

No domingo (28), houve um baile do Lucio, estava disposta a ir, porém o tempo opôs-se aos meus desejos.

Devia estar magnífico, a Angelina com certeza esteve lá, porque o simpático Anacleto B. não havia de perder. São bem felizes aqueles corações que mutuamente se correspondem; creio até que sai casamento. Ai, Jesus! Suspiro sempre quando pronuncio esta palavra!... Não sei se sabes, que a Anna Antonia foi embora para Canguçu. O Zeca C. anda cabisbaixo, cheio de saudades, diz que nem pode dormir que o travesseiro é o confidente das suas lágrimas. Eu sinto também a ausência dela, fazendo votos para que o tio Chicuta, a deixe voltar breve para o linitivo dela e do seu Zeca, coitado.

Agora dá-me tu notícias daí, do A. Lins e do A. Tigre. De repente peço a mamãe e vou passear aí por que a Rua dos Príncipes deixou-me muitas saudades. Quando encontrares as filhas do Sr. Jardim, dá-lhes um apertado abraço.

Fui à festa de S. Francisco. Muito boa esteve, cantaram as Farinhas, a Carrubica, as Maureis e outras nossas amigas. A Cerila, lá estava também, estranhei ela cantar, porque a sua voz é harmoniosa e canta com muito gosto.

Foi pena não haver procissão por que eu ia vê-la do colégio Santa Rosa, segundo o convite da Adelaide P., para ver o Santos que ia de anjinho.

Sempre ela e as outras me perguntam por ti. Na festa estiveram aqueles moços que nós sabemos não sei se entendes...

O Levy é que eu não vi (rimei sem querer) também ele agora anda triste não sei por quê; há de dizer-me quem é apredileta dele agora. O Vitor T. esteve na festa, muito alegre, dizem que também se propunha a sair de anjinho!

Adeus, até breve. Esquecia-me de te dizer, a J. está apaixonada pelo Maneca das prendas, ele é bom moço, palavra que não sei que te diga...

Recebe um abraço de tua íntima amiga.

BRANDINA

JOGO DA PACIÊNCIA

LOGOGRIFO

(Novíssimo)

À proprietária da *Violeta*

Anexim

3	1	2	1	4
T	Q	D	T	A

Enigma

Qual é o nome português que têm 5 vogais e duas consoantes e faz parte de uma bola?

24 de abril de 1878
Thereza Molina

Decifração das charadas do número 6:

I – Amarilis III - Pétalo
II - Vagarosa IV - Americana

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 19 DE MAIO DE 1878 - ANO 1, PERIÓDICO N. 10

N. 10, p. 1

VIOLETA

Recebemos durante a semana os seguintes jornais:

Diabrete e Lusitano e Censor – Rio Grande.

Alvorada – Jaguarão.

Progresso Literário – Pelotas.

Violeta – Santa Vitória.

Agradecemos.

JOSÉ PALMELLA – Por notícia dada pela *Gazeta de Campinas*, soubemos que este notável escritor, (o grande apologista do sexo frágil) seguira dessa cidade para a do Rio de Janeiro, aonde ia imprimir um novo trabalho de seu fecundo gênio.

A redação da *Violeta* que teve a honra de entreter relações de amizade com este escritor, quando o mesmo de passagem esteve nesta cidade, enviou-lhe daqui uma saudação cheia de entusiasmo, bem como um saudoso aperto de mão.

LILI – Há duas semanas não recebemos a correspondência de Pelotas. Estará acaso doente a nossa cara correspondente?

Aos assinantes que ainda estão em débito com esta empresa, rogamos o obséquio de o mandarem saldar, visto que se vai proceder a cobrança do 3º mês que tem começo com o presente número.

Agente – Previne-se a todos os interessados que o agente da *Violeta* na cidade de Pelotas passou a ser o Sr. José Izidro da Silva, com quem se podem tratar todos os negócios tendentes ao mesmo jornalzinho.

Prelúdios. Com este título vai brevemente entrar no prelo um livro de versos da proprietária deste jornalzinho, será o mesmo livro precedido de um juízo crítico de um dos primeiros literatos da nossa terra.

Assina-se nesta tipografia, preço de cada volume 2\$000 reis.

ROSAS LITERÁRIAS

O BOTÃO DE ROSA

(Romance)

(Continuação do nº 9)

Helena meditou alguns momentos e concluiu rindo, que averiguaria como Apolo ou o Amor, conseguiria ter ingresso no santuário das musas. Adalgiza não fez o mesmo, mordeu raivosa os lábios e declarou ser seu o botão de rosa.

Por conseguinte, à tarde, as horas que os rapazes buscavam a ventura de verem suas belas, foi também visto um lindo botão de rosa branca sobre os negros cabelos de Adalgiza...

À noite no salão correram as coisas como sempre, harmonia, beleza, luzes, flores e união, só um observador [p. 2] teria notado, que Rafael ria às escondidas, Fernando estava mais pálido, Adalgiza mais alegre e Helena mais pensativa.

O Dr. Álvaro e sua madrasta, sempre os mesmos, delicados, afetuosos e bons.

O Dr. Álvaro era um desses tipos inestimáveis, tinha um caráter reto, honradez que jamais se desmentira, e um gênio cândido e meigo como o de sua irmã.

Ainda muito jovem alcançava um nome célebre, na magistratura era procurado, estimado e desejado nas mais escolhidas e distintas rodas.

As moças o enchiam de afabilidades e algumas no fundo da sua alma o desejavam para esposo. Ele correspondia gratamente a todos, porém depois de sua família, a quem idolatrava os seus privilegiados, eram Fernando e Adalgiza; oh! Adalgiza! O amor fundo de sua alma de poeta!...

O Dr. Álvaro guardava no fundo de sua alma um doce sonho, unir sua sorte a de Adalgiza, porém delicado até o mais súbito degrau, nunca a fizera nem suspeitar essa resolução.

Queria ele sondar o coração da moça, queria ler uma por uma, todas as páginas desse interessante poema, queria conhecer por si mesmo, qual o lugar em que colocava este belo anjo.

Dava tempo ao tempo como se costumava dizer, esperando que os acontecimentos, naturalmente, lhe trouxessem a certeza que tanto almejava.

Por sua parte Adalgiza sentia por seu primo, uma amizade e respeitosa admiração, que quase tocava as raias do fanatismo: mas isso não era amor interessado, egoísta e ocioso. Como só ser essa afeição da alma, que nos subjuga por outrem. Adalgiza amava Fernando, porém por muito altiva, calava este sentimento até que o moço se declarasse...

Ninguém em casa suspeitava tal.

Helena amava também a Fernando, mas apesar de muito expansiva, nunca confiara este segredo de pessoa alguma. O pudor tolhia-lhe a voz e as expansões. Ele, o ardente rapaz, correspondia-lhe com loucura, com delírio; contudo, guardava as conveniências sociais que muito respeitava e temia também, desgostar o Dr. Álvaro a quem idolatrava.

(Continua)
AMERICANA

O DESTINO

O destino semelha-se ao Oceano, seus mistérios são insondáveis como este profundo abismo.

Nossas almas são como os pequenos barcos que afundam nas águas indo a maior parte das vezes sem rumo, como eles divagando na incerteza da vida, até chegarmos ao ponto que deve conduzir-nos o destino.

As ondas que se agitam, se parecem ao destino do desgraçado; representam nossas dores e aflições; quando serenas, nossa alegria e felicidade.

Se vento favorável conduz um barco ao almejado porto representa ele nossas esperanças, nossos sonhos coroados de ventura pelo contrário se este naufraga, semelha-se as nossas decepções, ao desmoronamento de nossos castelos erguidos no ar!...

No mar deitam-se redes à incauta [p. 3] pescada, nós como ela nos deixamos levar, até que nos prendemos a um santo que nos foi enviado pelo destino.

Ao contemplar-nos feiticeiro batel navegando em mar de leite com as velas soltas, cremos ver nele nossas esperanças, nosso vestido de gala para com ele dizermos nosso feliz destino!

Mas se o vendaval bravio, os fazem tombar e logo após o avistamos com as velas soltas, então... vimos representar nele, a nossa descrença o enterro de nossas mais doces ilusões e nessas velas contemplamos a mortalha, o esquecimento da vida!!!

Pelotas
INCÓGNITA

IRIS POÉTICO

À MINHA AMIGA

Maria José Bittencourt,

Em teus olhos gentis, negros, belos,
Leio os doces fiéis de tua alma:
Da existência na terra és exemplo,

Da ternura também tens a palma.

És amiga sincera e querida,
És o anjo do lar, da família,
És a esperança de quem pesaroso
Sofre às noites, cruenta vigília.

E tão puros são os teus dotes,
Como a luz deslumbrante do dia,
És mais terno que um anjo, uma santa
Pois teu nome formoso é Maria.

Pelotas.

SATURNINA E. DE ARRUDA

À

Via primeiro na quadra

Das rosas das ilusões;
Ela era então flor mimosa
Branca rosa dos sertões.

Via depois quando o gelo
Que traz a desilusão,
Cobrira com longo manto
Seu sensível coração!

E mais tarde quando a morte
Roubou-me aquela afeição,
Também via, oh, Deus que magoa,
Via morta em um caixão!

E hoje que para sempre
Ela repousa aí então,
Venho sagrar-lhe este canto;
Um canto de outra aflição.

J. DE M. M.

MIRÍADES

À PENSEROSA

Longe da vista, longe do coração, bem se diz e para isso sobraram razões.

Diga-me, Sra. ingrata, qual tem sido o motivo de seu silêncio?

Não sabe que toda a mulher é curiosa e que eu morro de impaciência nesta solidão, sem saber de todas as novidades?

Para sua confusão saiba que Hermengarda, mais fiel e carinhosa que outras, sacrificou à amizade, o friíssimo dia de quarta-feira e aqui veio com sua boa mamãe e primos passar em nossa companhia. [p. 4] Logo depois do almoço fomos para a sala.

Hermengarda assentou-se ao piano entregando-se as suas poéticas e melodiosas divagações, eu fui concluir o meu bordado, D. R. e mamãe recostada no sofá e bem embrulhadas em seus xales conversavam intimamente.

O belo moreno, cujo canto sabido é que entoa perfeitamente, enquanto apontava a paisagem que ia eu bordando, murmurava as suas jaculatórias.

O louro, fiel retrato do herói de J. M. de Macedo e um desses primos adorados das primas e das titias; muito digno de todas as simpatias, e nada semelhante aos primos de que nos fala Luiz Guimarães; enquanto compunha um bouquet de perpétuas e alecrim, propôs contar-nos tudo que soubesse de mais notável e curioso para a gente moça. Eu aceitei, ficou tudo em silêncio; e sua palavra melodiosa nos fez ciente do que se segue.

É curiosa a rivalidade do jovem guerreiro de negros bigodes e do interessante S.... ambos incansáveis na Rua Pedro II, suspirando pelo feliz momento em que a gentil Julie... chegue a janela.

Pobres moços! Qual deles receberá o ramo de oliveira?

E aquele pobre moço que passa vinte vezes por dia, lá pela Rua do Canal e é mais que cativo dos belos olhos da feiticeira Zeca?

E apesar dos desdêns da moça, sempre terno e submisso.

Isto é que é força de vontade!

O folhetinista Jovani está caído pela menina dos sinais na face e frisadas madeixas.

Oh! Quanto esta vida é transitória e quão breve esquecidos os votos dos rapazes!

Soube também que o tétrico e fatal amador da ingrata viúva, aquele elegante de *pardessus cendre*, tomou outro aspecto; e agora alegre dedica-se ao cultivo das Dalas.

O Carlos M., moço inteligente e bastante querido das belas vai com certeza dar um bom fim ao seu sonho de moço...

Todas estas coisas contou-nos o louro, porém esqueceu dizer-nos a quem destinava o simbólico buquê,...

Enfim, passamos um dia muito agradável; ao jantar muitos brindes as minhas amigas, à tarde, música, poesia e café, à noite despedidas saudosas, tristezas e... esperanças.

Adeus, segue o exemplo de Hermengarda,

Tua do coração,

CISMADORA

P.S. – O moço louro pede-me para dizer-te, que na crônica certifiques ao Zezinho tolo que a *Violeta* não tem interesse em agradar as suas afeiçoadas moças e velhas da Rua Uruguaiana e muito menos a ele.

DECIFRAÇÃO

Do logogrifo do número passado é: Trabalha que Deus te ajudará.

Idem do Enigma: Oceania

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 26 DE MAIO DE 1878 - ANO 1, PERIÓDICO N.11

N. 11, p. 1

VIOLETA

EXPEDIENTE

Recebemos durante a quinzena as seguintes publicações:

Pregador Cristão, [ilegível] – Rio Grande.

Pátria – Jaguarão.

Progresso Literário – Pelotas.

Revista Gabrielense – S. Gabriel.

Gazeta de Campinas – Campinas.

Também recebemos a *Ideia*, interessante periódico literário que vê a luz da publicidade na cidade de Santos, e cuja redenção deve estar confiada a hábeis pessoas.

Agradecemos [ilegível por 16 linhas, devido ao estado deplorável do original].

O DOMINGO – A ilustrada redação deste importante periódico que se publica na corte, honrou-nos com esta coleção do mesmo periódico, que nos veio imensamente lisonjear.

É o DOMINGO uma dessas publicações de subido valor que deve encher de orgulho aos distintos cavalheiros que dela se acham à testa.

Além da parte literária que se acha enriquecida com belíssimos escritos e poesias, é ao mesmo tempo um jornal noticioso e comercial, reunindo assim o útil ao agradável.

A redação da Violeta agradece a honra da permuta.

BIBLIOTECA INDEPENDÊNCIA

- Pelo distinto poeta Sr. Pedro Antônio de Miranda, digno diretor desta importante sociedade de Itaquí, nos foi dirigida uma atenciosa carta que além do título de sócia que nos dá a honra de conceder, obsequia-nos pedindo para a mesma sociedade a coleção do nosso modesto jornalzinho.

Agradecemos tão súbita honra e apressemo-nos em enviar-lhes as nossas singelas VIOLETAS.

AO SR. CAPITÃO JOSÉ PEDRO DE OLIVEIRA – A glosa que nos fez a honra de pedir para o seu belo mote, adiante verá.

Sentimos por não ter saído como desejávamos, porém, fizemos o que nos foi possível.

Não possuímos lira, e esse rude [p. 2] instrumento que tão mal tangemos, parece que ainda mais se desafina quando tratamos de glosas.

DECLARAÇÃO – Da cidade de Pelotas nos foi enviado um pedido da Exma. Sra. D. Brandina Paiva, para que declarássemos pelas colunas de nosso jornalzinho ser ela a autora da correspondência que daquele lugar publicamos, com o nome de “Brandina”.

Está satisfeito o seu desejo.

A GENTE – Previna-se a todos os interessados, que o agente da VIOLETA na cidade de Pelotas, passou a ser o Sr. José Izidro da Silva, com quem se pode tratar todos os negócios tendentes ao mesmo jornalzinho.

PRELÚDIOS – Com este título vai brevemente entrar no prelo um livro de versos da proprietária deste jornalzinho, será o mesmo livro precedido de um juízo crítico de um dos primeiros literatos da nossa terra.

Assina-se nesta tipografia, prelo de cada volume 2\$000 reis.

ROSAS LITERÁRIAS

O Botão de Rosa

(ROMANCE)

(Continuação do n.10)

Algumas linhas sobre o chefe da família e seu filho, o menino Rafael.

Armando Loureiro, homem de quarenta e seis a quarenta e oito anos, era empregado público, estimado de seus subalternos, merecendo grande consideração pela posição que ocupava na sociedade e ainda mais pela sua conhecida probidade e delicado trato.

Seus pais morreram cedo, deixaram-lhe o patrimônio da mais fina educação e de boa soma de contos de reis. Casara muito jovem e desse matrimônio tiveram um filho o Dr. Álvaro.

O seu casamento contraíra por gratidão para com uma família que era estreitamente unida a sua.

Sua esposa falecera pouco depois.

Anos decorrido passara a segunda núpcias, a então por amor sua esposa era jovem e encantadora embelezar-lhe a existência: dera-lhe dois filhos, Helena e Rafael, e amara Álvaro como se fosse seu.

Nada faltava a felicidade deste homem.

Rafael menino de nove anos era elegante, vivo, inteligente, estudioso e muito obediente aos seus pais. Possuía este menino um espírito que surpreendia em tão verdes anos.

Posto isto sigamos os acontecimentos.

São quinze dias passados desde a última noite de que falamos.

As duas moças estão juntos de um rico e elegante toilette, preparam-se para o grande baile que o belo sexo oferece a distinta oficialidade da escola militar.

Helena traja um elegante vestido de gaze azul, adornado de estreitos volantes e graciosa faixa preso ao lado esquerdo por mimoso ramo de brancas margaridas, iguais flores adornando-lhe o colo e a formosa cabeça, [p. 3] luva de puríssima brancura e apertada por rica pulseira de diamantes.

Adalgiza veste um decotado vestido de gaze branco, adornado de vieses de cetim cor de rosa e cuja faixa é apanhada aos lados por *bouquet* de botões de rosas da mesma cor, seu colo e os negros cabelos adornam-se das mesmas flores, luvas cor de cana e lindíssimas pulseiras de pérola.

Sobre um *etageres* está uma salva de prata contendo três *bouquets*, seguros por fita de gorgurão azul, rosa e verde.

Quem entrasse nesse adorável recinto pararia embriagado pelo divino perfume e extasiado pela beleza dessas cores.

Adalgiza dando alguns passos em direção aos *bouquets* para e volvendo para Helena os seus formosos olhos, exclama: - vejo três *bouquets*, nós somos duas, que quer isto dizer, acaso encomendaste três?

AMERICANA.
(Continua.)

IRIS POÉTICO

À C...

Quinze anos!... que idade tão feliz...
Que ilusão nessa quadra juvenil
Teu rosto sempre calmo e bonançoso.
Como nuvem fagueira em céu de abril

Corre-te a vida plácida e serena...
Prazenteira sorris, rosa em botão,
Não abrigas tristezas em tua alma
É sempre jubiloso o coração.
Contempla teu presente e aproveita
Os brincos folguedos dessa idade!...
Não lumbres o provir que muitas vezes
Do passado só nos traz a saudade.

Pelotas
Incógnita

MOTE

Apolo, Minerva e Vênus,
Um conselho projetaram,
Depois dele decidido
A bela – Amélia – formaram.

Capitão J. P. de Oliveira.

GLOSA

Misto de cantos amenos,
Perfumes, lírios sem fim,
Fizeram juntos assim
Apolo, Minerva e Vênus:
Depois juntaram-lhe os trenos
Que os serafins modularam,
E tal encanto encontraram
Nesse conjunto formoso,
Que em pensamento amoroso
Um conselho projetaram.

Ali foi, pois, discutido
Um PORTENTOSO projeto,
Formar um ente direto,
Depois dele decidido;
Fosse ele um ente querido
Foi então o que sonharam,
E entre si consultaram
Um tipo de perfeição,
E cheios de inspiração
A bela -Amélia- formaram.

J. de M. M.

Rio Grande, 78

N. 11, p. 4

MIRÍADES

Pelotas

Cara redatora,

Depois que lhe enviei a minha última, só duas vezes pude ver o Ravaza, por mais que o tenha procurado, não sei onde o rapaz se meteu, passo pelo armazém de cal duas ou três vezes por dia e com tanto caiporismo que - nada a folhas.

Quanto mais me dificultam as ocasiões de encontrá-lo, tanta mais se desperta em mim o desejo de vê-lo. Ardo em uma chama viva e contínua no pampeiro que sopra

rijamente parece-me escutar a sua voz; no crepitar da folhagem que rola levada pelo tufão, parece-me punir um suspiro do ingrato: no próprio silêncio da noite eu julgo ouvir qualquer coisa que me recorda o Ravaza.

“Nas horas calmas da noite
Em que pensarás, meu bem?
Em quem pensarás também
Nas horas calmas da noite?”

Basta, cara redatora; a sensibilidade desde já me reduziu ao Pindo, por tanto não prosseguirei, porque mesmo -mais é matar, - eu temo muito a prisão.

O Alfredo Araújo, aquele muito conhecido volúvel esteve a três amarras no baile do Bachelery; já distribui uma circular convidando as minhas amigas para prendermos e conservarmos ele por espaço de um mês.

Arre maganão!...

- Também me consta que o Meira jurou não mais jogar carambola, - dizem que o menino tem seu namorinho por aí além...

- Do Luiz se conta muita coisa... uns dizem que casa, outros que não; o caso é que ele já namora, o que de antes não fazia!

- No dia 7 de Setembro teremos as nossas eleições, já procedemos a qualificação das votantes, tendo sido excluídas algumas meninas, por falta de... renda.

A Julieta foi uma das excluídas, bem como a Brasilina e se não me engano a Faneca.

Adeus, Cara redatora, até breve.

Lili.

19 de maio de 78.

QUERIDA HERMENGARDA

Estou muito zangada, a proprietária da VIOLETA encheu-a de notícias, e a respeito de lugar para a crônica, nada! Para o seguinte número é necessário vingarmo-nos.

Diz ao moço loiro que o Zé Tolo, pelo nome (tolo) logo viu que era com ele e zangou-se. A vingança não poderia ser mais – estrondosa - ! Devolveu a *Violeta*! E o que mais é escreveu na mesma uma asneira que ninguém entendeu; dirigia-se a ELE, ora o jornal tem é sua proprietária, entendam lá.

Tua Penseirosa.

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 2 DE JUNHO DE 1878 - ANO 1, PERIÓDICO N. 12

N. 12, p. 1

EXPEDIENTE

Recebemos durante a quinzena as seguintes publicações:

O Domingo – Corte.

Gazeta de Campinas – Campinas.

Gazeta de Sorocaba – Sorocaba.

Gazeta Rio Clarense – Rio Claro.

Diabrete, Lusitano e Censor – Rio Grande.

Revista Gabrielense – São Gabriel.

Caixeiro – Porto Alegre.

VIOLETA – Santa Vitória.

Progresso Literário – Pelotas.

Agradecemos.

ROSAS LITERÁRIAS

A MÚSICA

A música predomina em toda a criatura fadada ao sentimentalismo; prende, envolve, arrebatada em seus dulcíssimos enlevos!

Quem há que ali que possa sem comoção, sem entusiasmo da alma, sem uma embriagadora impressão, ouvir esses sons do céu banhados de indefinível melodia?

Quer nos vejamos embalados por esse conjunto de doces harmonias, sublimes inspirações das fecundas imaginações de Weber, Beethoven, Spohr, Schubert, grandiosos cultores da divina música alemã; ou as imortais composições, do tão chorado cantor de Sicília, o mavioso Beline; ou Rossini, gênios desabrochados à voz da barcarola, lá sobre o decantado golfo italiano, ou mesmo na música dramática diletta de Aubert, Grety, Sulby, etc., nomes que legaram à França, gloriosas flores para a sua coroa de artistas; é sempre música a bela encantadora e formosa filha do céu!...

Não falo dessa música chula, das polcas ou habanera, executada apenas, para servir de passa tempo; sons que se vão com a vórtice da dança, sem encontrarem eco nos corações.

Falo da música que nos adormece em vaporosas cismas, dessas óperas cujas execuções profissionais, prendendo-nos o espírito, trazem total esquecimento dos objetos que nos rodeiam para só vermos o executor em meio desse turbilhão de flores artísticas!

Amo a música, ela que nos acompanha desde as faixas infantis até o último marco da vida!

Alegre, ruidosa, verdadeira nuncia de felicidade, quando preside as ridentes fastas de batismo, casamento ou felizes aniversários, cujas datas são inquebrantáveis elos desta cadeia de recordações, que tanto importa ao amor de família. [p. 2]

Plangente, soturna e fúnebre quando sob um véu de crepe, soluça em funeral doloridas notas que unidas aos salmos mortuários, ecoam tristemente no tredo silêncio de lutuoso templo!

Ah! Como eu te amo ó minha música inspirada interprete dos anjos, e por que vagas tu na terra enquanto eles desejam lá no céu?

Doce irmã da poesia, tu fazes olvidar as dores, faltando em torrentes de lirismo às almas apaixonadas.

Salve! Salve! Formosa peregrina! Tu és encantadora sibila, que coroada de gloriosas palmas, segues, deixando inapagável e radiante rastro.

REVOCATATA H. DE MELO

Rio Grande de 78.

O BOTÃO DE ROSA

(Romance)

(Continuação do n.11)

- Não respondeu Helena, eu só pedi dois, porém vejamos e tomando o de fita rosa o entregou a sua prima, dizendo este é teu, o de fita azul é meu, porém ainda temos o de fita verde.

E levantando-o viu que era delicadíssimo, e segurava na fira uma pequena tira de papel escrita assim: “O vate das tristezas, à musa do lirismo”.

- Bravos! Exclamaram as moças, temos romance!

- É o segundo capítulo do botão de rosa branca, disse Helena e se como disseste tinhas direito sobre a flor, é incontestável que o tens sobre este *bouquet*, é amiga confessa que és amada e feliz, pois vives em volta em um delicioso mistério.

No entanto, bem desejava saber quem se encarrega de proporcionar estas belas surpresas. Malvina não se atreveria, sem dúvida, aqui anda alguma misteriosa mão.

É celebre, tu a severidade personificada, dá-te o nome de musa do lirismo?
Não, já uma vez o disse eu, tu és a sombra Melpomene...

Neste momento enluvada mão afastou o reposteiro e a somando a porta Tulia apressou as moças.

Tulia estava formosíssima, ostentando um rico diadema de brilhantes, vestido de veludo preto e um elegante fichú de custosas rendas inglesas.

O digno funcionário público trajava em todo o rigor da etiqueta...

Não sei se na confusão da pressa, ou se de propósito, Adalgiza levou o misterioso bouquet.

Era imponente o aspecto do baile, a poesia e a música sobressaíam entre nuvens de gaze, luzes e flores em grande profusão por toda a parte, o perfume e a alegria impregnando todo o ambiente e embriagando todos os sentidos. Enfim, a gloria representada nessa plêiade de briosos mancebos, zelosos defensores da pátria e verdadeiros sustentáculos do trono.

Os jovens militares, com a amabilidade e garbo que lhe são inerentes, faziam as honras de seu esplêndido baile e os convidados como em retribuição de seu cavalheirismo, [p. 3] ostentavam o maior jubilo e entusiasmo.

Às dez horas fez a família Loureiro uma entrada no baile.

AMERICANA.

(Continua.)

MIRÍADES

Pelotas

Querida Branca,

Tenho estranhado teu silêncio, até hoje não recebi tua carta. Contudo, vou escrever-te de novo orientando-te do pouco que sei.

A procissão do nosso padroeiro teve lugar com toda a polpa de costume, no domingo 5 do corrente.

Não fui vê-la como tencionava no “Colégio Santa Rosa”, por que a Julieta L. fez com que fossemos para a casa de Ena. Lá estava também uma moça de Santana, por nome de Gelina.

Gostei muito da ordem que observou a procissão; moços nossos conhecidos acompanhando a mesma, poucos vi.

Depois fui ao – *Te Deum* –, ao concluir-se este seguiu-se o fogo preso, que como de costume não prestava, mas que agradou pela concorrência que para vê-lo afluiu.

No dia 15 houve um sarau no colégio do Bachelery. Não foi (bem a meu pesar) por ter ferido um dos dedos da mão esquerda.

Uma amiga que lá esteve, disse-me ter sido grande a concorrência; as Farinhas foram, assim como as do João Pedro e consta-me que muito dançaram.

A Ana Antônia escreveu-me de Canguçu, noticiando-me o baile que houve na casa da Câmara, por ocasião da inauguração do telégrafo.

Muitas moças foram à estação de onde faltaram para a de aqui., assim como ela que muito falou com Laranja Filho. Ela diz ter ido ao baile e dançado regularmente, apesar de que sentia vivas saudades do Zeca C. Logo que o tio Chicuta deixe, virá passear até cá.

Do Jardim não te falei mais, visto que até já deixei de cumprimentá-lo

É um ingrato, não merece que seja cumprimentado.

Bem diz o ditado “quem desdenha quer comprar”, é por isso que ainda não desesperei daquela pretensão que sabes...

A Florinha O. dizem que casa com José T.

Não sei se haverá nisso verdade, quase que duvido.

Sabes que por fim sempre casa o Maneca Felipe com a Teresinha? Eu estimo, pois ela é merecedora até de sacrifícios, visto que sua a dedicação neste tempo de bandoleiros falsos.

Deus abençoe este consorcio.

Conheces as Manricias? Breve te falarei dessas moças.

A Ana Izabel anda triste, penso que pela ausência do moço Sr. Lourenço.

Não se deve afligir, porque ele segundo crê voltará.

Participo-te que nos mudamos.

Como sabes temos sempre a nossa [p. 4] merenda, que consta de chá ou café com biscoitinhos finos ou pão de ló. Também não deixamos o nosso conhecido mate, por isso, quando vieres e por aqui passares, sobe e vem tomar um mate; mas não esqueças, traz a erva.

Saudades da mana, e aceita um abraço da tua devotada amiga.

Maio 21 de 78.

YáYá.

À PENSEROSA

Estava saudosa e ansiosa para conversar contigo.

Tinha que contar-te como vais ver, perdoa-me pois, se em primeiro lugar vou tratar de minha obscura pessoa: que queres, estou ainda sob a impressão de uma agradável surpresa, que afastou-me por um pouco de meu mundo de cogitações.

Recordas-te do meu NOTURNO?... singela fantasia publicada em um dos números de nossa VIOLETA?

Pois tão fraca produção, mereceu belas e lisonjeiras frases repletas de elegância, do ameno e inspirado cronista da Ideia, florescente periódico literário, que se publica na cidade de Santos.

O tão distinto cavalheiro a minha sincera gratidão, como tributo a suas tão honrosas e animadoras palavras.

Quanto a novidades não são muitas minha querida, guardo-me para as festas do Divino Espírito Santo e para as almeçadas noites de Santo Antônio e São Pedro, tempo das belas reuniões familiares.

O que sei dizer-te é que domingo passado, a Praça Municipal esteve animadíssima; parece que a flor da nossa esperançosa mocidade havia afluído ali; foi então que tive ocasião de notar que a jovem e interessante Ceci... era alvo das atenções daquele moço chegado aqui há pouco; seu nome acho desnecessário dizer, pois ela bem sabe de quem falo.

O Vasq... jovem elegante e bastante sério é verdadeiramente leal à bela Josep... com bastante desgosto de outras pessoas que mordem-se de despeito. Tenham paciência!

Para outra vez trataremos de certo PENSADOR muito devoto da missa na capela da Conceição.

Adeus. Recuerdos da
HERMENGARDA.

P.S. – A nossa querida Americana pede-te para prevenires A QUEM INTERESSAR, que é esta a última vez que nos preocupamos do Zé Tolo, pois nossas amigas e favorecedores estão aborrecidíssimos de tal assunto.

Roga-te mais, que faças saber ao tal rapaz, (que pelo nome não perca) que a Americana, autora do P. ESCRITO n. 10 da VIOLETA não encontrado nele habilitações para contendias literárias, só lhe responde com as seguintes palavras do ilustre Marquês de Maricá.

“Os insignificantes são como os mascarados, audazes por desconhecidos.”

H.

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 11 DE JUNHO DE 1878 - ANO 1, PERIÓDICO N. 13

N. 13, p.1

EXPEDIENTE

Recebemos durante a semana as seguintes publicações:

O Domingo – Corte.

Gazeta de Campinas – Campinas.

Gazeta Rio Clarence – Rio Claro.

Gazeta da Barra Mansa – Barra Mansa.

Caixeiro – Porto Alegre.

Juventude – Mogi Mirim.

Papagaio – Maceió.

Revista Gabrielense – São Gabriel.

Diabrete, Lusitano, Pregador Cristão e Censor – Rio Grande.

Livramento e Grinalda – Santana do Livramento.

VIOLETA – Santa Vitória.

Agradecemos.

ROSAS LITERÁRIAS

O Botão de Rosa

(ROMANCE)

(Continuação do n.12)

A orquestra dava o sinal para uma quadrilha.

As nossas jovens viram-se rodeadas de cavalheiros que solicitavam a honra de serem acolhidos para seus pares; porém Fernando parara diante de Helena articulando a formula: “Vossa Ex. faz-me a honra desta quadrilha?” E a moça em todo o esplendor da beleza comovida, seguira radiante o feliz mancebo.

O Dr. Álvaro fizera o mesmo dirigindo-se a Adalgiza, e como Fernando alcançara a ventura desejada, com a diferença que Helena tinha o sentido entregue exclusivamente a seu par e Adalgiza dividia o pensamento pelo Dr. E por Fernando...

Pensativo, belo e negligentemente encostado a uma coluna, um jovem militar tinha os olhos ternamente fixos sobre Adalgiza; não perdia um só de seus movimentos, parecia estranho ao alegre regorjear que o rodeava.

A moça não havia reparado que era alvo de tão profunda atenção.

- Estais bela Adalgiza, bela como uma dessas encantadoras visões orientais; mas disse-me nem os prazeres do baile serão bastantes para dissipar esta melancolia que pesa sobre vossa fronte? Murmurou Dr. Álvaro.

A moça corou levemente e levantando os olhos para seu primo respondeu sorrindo: "Não sei porque dizeis tal, eu sou bastante feliz, nada me falta e agora como é natural [p. 2] em todas as moças eu sinto o prazer próprio a tais circunstâncias.

Pois não parece, eu sou um pouco fisionomista e por consequência leio aí o que quer que seja de constrangimento ou tristeza.

- Estás enganado, eu estou muito satisfeita; mormente tendo a honra de ser vosso par.

- Honra não, dai-me a felicidade de dizer por outro modo.

- Pois bem, direi – ventura – e perdoai-me a ser tão pouco expansiva; a natureza dando-me na infância grandes agonias matou em minha alma as louçanias das rosas da mocidade.

- Oh! Não falemos em tal Adalgiza! A quadrilha finda, passeamos, vejamos tudo o que vai pelo baile...

Deslizando pelo salão passaram junto do jovem militar; o acaso permitiu que Adalgiza o olhasse e deparando com o olhar, que desferia como um fluido elétrico, a moça empalideceu e descansando mais fortemente sobre o braço do Dr. Murmurou:

- Meu Deus!

Álvaro viu e ouviu, nada disse: porém em seu peito ficou cravado o espinho do ciúme.

Ainda deram algumas voltas pelo salão, ambos mudos, abatidos, preocupados.

O mancebo pensava neste olhar de fogo, nessa exclamação da moça e seu coração de anjo gemia.

AMERICANA.

(Continua.)

IRIS POÉTICO

A UMA MENINA POETISA

Aos oito anos, quando a alma apenas
Crença meiga infantil inda respira,
Tu queres descrever a natureza
Ferindo as cordas da inocente lira?

Apraz-te ver o terno sabiá,
Acompanhas sorrindo a borboleta,
Falhas do laranjal enternecida,
Colhes modesta e simples violeta.

Oito anos! E mal raiando o dia
Vejo-te já sentada sobre a rocha,
Com lápis e papel, vais escrevendo
O que da santa ideia desabrocha.

Aprecio este gênio angelical
Infantil poetisa, comovida,
Possas tu percorrendo o livro da alma
Colher louros aos mil em tua vida!

Pelotas
Incógnita

MIRÍADES

Pelotas

Queridas leitoras,

Amais a literatura?

Por certo, responder-me-ão as minhas queridas amigas, senão não leríamos o VIOLETA, pois que a isso ninguém nos obriga.

Pois bem, não se admirem desta minha pergunta, pois não é ela sem fundamento.

O caso é que a crônica de hoje, apesar de não lhe faltarem assuntos amorosos (que ficarão para o seguinte número), é exclusivamente literária.

Assim me pediu a redatora deste [p. 3] jornalzinho, ao que eu acedi de boa vontade.

*

Tivemos o prazer de receber os primeiros números da JUVENTUDE, interessante e mimoso jornalzinho que se publica em Mogi Mirim, e que é órgão da classe tipográfica.

Longa e feliz existência é o que lhe desejamos.

*

Também recebemos o n.13 do PAPAGAIO, periódico chistoso, crítico e noticioso, que se publica na capital de Alagoas e que conta já quatro anos de existência.

É escrito com muito espírito, sobressaindo as APALMATOADAS.

Agradecemos.

*

Infelizmente não recebemos por este vapor a bem elaborada GAZETA DE SOROCABA; sentimos imensamente pois muito gratas ficamos com a remessa que dela nos foi feita.

Será desnecessário dizermos aqui que é esse um dos mais interessantes jornais que recebemos, pois basta que se saiba que se acha à testa dele o Sr. Gaspar da Silva.

*

Sentimos que seja tão pequenina nossa VIOLETA que não dê espaço para transcrevermos os elogios que tem sido alvo por parte de quase toda a imprensa do Império, aos quase (perdoem-me a imodéstia), muito desejamos dar publicidade.

Fica, no entanto, gravado aqui mais um protesto de gratidão às ilustres redações do DOMINGO e REVISTA GRABRIELENSE, pelas frases que exprimem quando tratam da nossa VIOLETA.

Dos primeiros destes periódicos já dissemos o que nos ditava a consciência e só temos a desejar-lhe mil felicidades.

O segundo cuja redação está a cargo de pessoas já muito conhecidas, creio eu que tratando de nós, procura sempre emprestarmos aquelas qualidades de que se acha revestido.

O procedimento é próprio de quem pratica e nós jamais esqueceremos.

*

Na cidade de São Paulo está fazendo grande furor o drama (do notável escritor que acima tratamos) que tem por título – O MARIDO DA DOIDA.

A representação do mesmo teve lugar no teatro São José e consta-nos que ao finalizar o drama, o entusiasmo dos espectadores vai ao delírio.

*

Acabam de sair à luz mais dois periódicos, sendo o DEMOCRATA na cidade de Limeira e o BRUGRE na cidade de Piracicaba. [p. 4]

A ambos desejamos longa vida trilhada sempre por floridos caminhos,

*

Está fechada a seção literária e cumpre-nos agora responder à pergunta que nos foi feita por uma de nossas amigas.

Ela: saiba sra. CURIOSA que a Lili, nossa correspondente, não é a que pensa; isto é, não é a Exma. Sra. D. Maria Leonidia Corrêa.

Daqui por diante pedir-lhe-ei que assine a inicial de seu nome, para satisfazer-lhe a curiosidade.

E adeus caras leitoras, não a esqueçam.

MARIETA.

PELOTAS

Saúde e felicidade é o que de coração lhe desejamos.

Muito tem se divertido o nosso amável sexo nos leilões de artefatos que se tem realizado nos salões do teatro, em favor da Biblioteca pública.

A M. A... foi na terça-feira para ver se com aqueles olhos matadores conseguia prender o Pombinho, mas qual! Debalde lhe disse; que um olhar de amor de seus olhos, uma palavra de amor de seus lábios, deveria ser o complemento de todas as felicidades na terra! Não o convenceu! Finalmente ela lhe disse – os teus olhos me matam – e entregou-lhe um mimoso bouquet aonde continha o seguinte acrostico, que depois a Jovina nos mostrou.

Ei-lo:

Para ainda serem mais brilhantes,
os olhos do meu amado
Mesmo cupido engraçado
Beijou-os por um instante!
Infiltrou-lhes tentação
Ninguém já pode igualá-los
Heidi para sempre adorá-los
Os tipos da perfeição.

E digam que que ela não tem aspiração poética!

Depois de termos lido o acrostico, fomos em comissão cumprimentá-la.

“Ó o amor é chama!” por isso bem fazemos nós que não acreditamos nos marmanjos.

A Olim... simpatizou muito com um chapeuzinho que viu em uma desconhecida da segunda ordem, disse que iria fazer uma pequena descrição para lhe mandar.

A minha tocaia estava triste no camarote por não ter ido o seu ROMEUZINHO.

Um mimoso raminho de violetas deu a diminuta quantia de 70\$000, foi um capricho que eu e minhas companheiras sustentamos, para não ver trilhada pelo chão aquela que nos é tão cara!

Querida redatora, termino aqui, prometendo-lhe mais tarde dar-lhe uma melhor descrição.

A DESCONHECIDA

Violeta

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 16 DE JUNHO DE 1878 - ANO 1, PERIÓDICO N. 14

N. 14, p. 1

EXPEDIENTE

Recebemos durante a semana os seguintes jornais:

Gazeta de Campinas –Campinas.

Iracema – Corte.

Mirian - Bragança.

Caixeiro - Porto Alegre.

Diabrete, Lusitano e Censor - Rio Grande.

Livramento e Grinalda – Santana do Livramento.

Vitoriense, Eco do Palmar e Violeta – Santa Vitória.

Agradecemos.

-Tivemos também o prazer de receber a *Escola*, importante revista de educação e ensino, que se publica na sorte e que conta já dois anos de existência.

Não tentaremos fazer a apologia dessa publicação, visto que penas mais abalizadas já se tem encarregado disso.

Limitamo-nos, pois, a agradecer a honra da pergunta.

IRACEMA e MIRIAM são os títulos de dois interessantes periódicos literários que nos foram enviados por suas ilustres redações.

Publica-se o primeiro na cidade do Rio de Janeiro e o segundo na de Bragança (na província de São Paulo). Ambos são escritos com muito gosto e a ambos agradecemos a remessa que nos fazem, desejamos longa e feliz existência.

- A redação da *Violeta* assaz penhora para com a do livramento, pelo honroso cumprimento que a mesma lhe dirige, não encontrado frases com que possa testemunhar-lhe a sua gratidão, envia-lhe daqui um cordial aperto de mão.

ROSAS LITERÁRIAS

Raiara enfim o dia marcado para o complemento de minha sonhada ventura.

Era outra minha existência, tudo havia tomado um aspecto encantador.

A natureza falava para mim uma linguagem inteiramente nova, o sol doirava os píncaros dos montes, as longes planícies, os frisados lagos, as flores e os pássaros: enfim, tudo era deslumbrante!

Ignota voz bradava no espaço e na terra. – Esperança, felicidade e [p. 2] envergava quase sem consciência de mim mesma, entregue a um êxtase, a um sonho de divinal ventura, do qual despertava por vezes, sentindo pelas faces deslizar o pranto, que vinha qual precioso colar de pérolas, tombar sobre o meu peito...

Era o tapiz das salas enastrado de esfolhadas rosas, a juventude folgava em torno de mim como um bando de loucas borboletas: os espelhos refletiam as galas e

louçanias, que surgiu a voz do amor materno como as maravilhas de outrora, a varinha de condão de alguma fada.

Ele o meu primeiro e único amor, visão encantadora, a meu lado sorrís descuidoso.

.....

Neste vagar incerto e febril o acaso levou-nos ao jardim: formoso ostentava-se um branco – Não me deixes – eu tomei-o e justando-lhe um suspiro (flor de minha alma) fui depô-lo naquela mão, que em breve seria minha.

No tronco de um jasmineiro, espontânea se desabraça a flor efêmera, a que o vulgo deu o nome de – amor de homem: o meu noivo tomou-a e sorrindo m'a ofereceu: antes, porém, que eu a trocasse a leve aragem de todo a tinha desfeito.

Ele deu palmas ao seu gracejo e eu curvei a fronte... quase chorei.

A grade do jardim rangeu ao impulso de alguém que se acercara: e nossa atenção foi atraída para aquele lado.

Era um mendigo, sua pálida face sulcada pela desgraça, conservava ainda belos traços, infantis: era terno e choroso e seu olhar, sua boca maviosa e pura.

— Senhor, daime uma esmola por amor desse anjo que tanto vamos ama!

— Fora! Bradou aquele que eu havia divinizado nos meus devaneios de donzela: Fora, miserável, Vadão!!

Eu soltei um grito pungente, e fui cobrir nos braços de minha mãe, que chorava

O pobrezinho seguiu soluçando.

E ele, o verdadeiro miserável, ria, ria qual possesso condenado.

Foi um sonho horrível, acordei aos beijos de minha mãe.

Éramos de novo a sós no mundo!

O BOTÃO DE ROSA

(Romance)

(Continuação do número 13)

Adalgiza pensava no *bouquet* mistério, presente talvez de Fernando; pensava na razão porque não a buscara ele para seu primeiro par; e estes pensamentos cruzavam-se com a lembrança daquele olhar de fogo que encontrara fixo sobre si, e que contem a cidade a segui em sua exaltada imaginação...

— Que fazes pregado a essa coluna Agenor? Disse-lhe que estais apaixonado; não danças, não passeias, não conversas; dizia Collatino ao mancebo dos olhos ofuscantes.

— E creia primo, que se tal coisa se dissesse, seria a pura verdade pois [p. 3] estou louco por aquela formosa mulher que passeia com o dr. Álvaro.

— Tens razão, é bela, cândida espirituosa, modesta, instruída, finalmente, encantadora.

— Es mais feliz que eu, visto que tens a ventura de conhece-la.

— Pois não; tenho muitas vezes com ela dançando em diversos bailes; aquela moça é Adalgiza, prima do Dr. Álvaro, vive com a família de Armando Loureiro, é o fan rica, sobrinha e afilhada deste.

— Porém lá a deixa seu primo, vai tu tirar para dançar; podes requestar por minha conta em riso. Até logo.

Colatino desapareceu por entre o turbilhão de pares que surgiram ao apelo da valsa.

Digamos algumas palavras sobre Fernando e Helena, sua conversação durante a quadrilha.

Fernando ficou alguns instantes em estática e muda contemplação, depois subiu como se tomasse uma resolução murmurou; tendes um lindo *bouquet*, e mais delicado que o de vossa prima.

A florista foi mais feliz que o poeta das tristezas. Oh! A musa do lirismo é bem cruel!

Helena corou e dissimulando sua alegria murmurou: - não compreendo o que ali a dizer. O que é isso de musa e poeta?

— Não sabes? Pois bem, então bem nada sei; porém o botão de rosa branco e o abouquet, infeliz como o pobre vate, tivemos sorte tem diversa, daquela que estavam destinados!

— Diga-me sr. Fernando, já reparou no bom gosto da *toilette* de Adalgiza? Da graça elegante que a distingue? ...

— Oh sim, minha senhora, d. Adalgiza é muito bela, e hoje como sempre. O seu bom gênio inspirou-se.

Um mancebo conheço eu que está deslumbrado por sua beleza, por sua influência magnética.

(Continua)

MIRÍADES

A Marieta

Ao lembrar-me da carrancuda atmosfera de domingo de espírito santo, ainda suspiro, maldito tempo que tão belo projeto derrubou; ainda assim a festa esteve esplendidamente *Talle*.

Contou-me a Car... algumas devoções que por lá se deram, por exemplo, dois mancebos que a porfia buscava um olhar da espirituosa menina que desabrocha entre florida silvas. E um bravo olhar da espirituosa menina que desabrocha entre floridas silvas, e um bravo de marinha, que alcançou a conquista a tanto almejava vestido de gorgorão azul guarecidos de renda.

E assim como estas muitas outras.

Agora vou falar de uma reunião em que estive em noite de Santo Antônio; foi está em casa de uma distinta família, moradora naquela praça encantadora para alguém.

Não fazes ideia que aprazível noite!

Entre uma sociedade pouco numerosas. Porém muito escolhida.

Houve dança – sortes- consultas ao- oraculo de delfos- o fez o [p. 4] jogo dos cartões, entre perguntas e respostas.

Daí colhi alguma coisa de que te vou fazer, sejam os

Havia por lá um poeta bem nosso conhecido, que muito concorreu para que essa noite deixasse saudosas recordações. Repentista consumado, de momento a momento improvisava espirituoso estrofes.

Devido ao tal filho das musas, notava-se o quer que fosse de terno, nos olhares da elegante moça de tolete verde com laços de veludo preto

E não sei por acaso ou combinado o jovem distribuidores dos cartões, quando dirijo a pergunta, o fez com toda a expressão, dizendo:

Dos olhos de tal poeta

Foi que amor lançou a seta?

Ao que ela respondeu um pouco tremula:

Então pergunta-me a mim?

Pois não digo não nem sim.

Também ao guerreiro do botão de rosa tocou a vez de interrogar, o que fez pelo modo seguinte:

Ama aquele moço ausente,

Ou a mim que estou presente!

Ao que a moça do *pince-nez* (a da camélia branca no cabelo) respondeu com toda a graça:

Pergunte a moça gaiata.

A quem deu a serenata.

O moço de bigodes negros e abotoaduras com o símbolo da fé, fez a seguinte pergunta, a moça de coração de gelo:

Leu acaso na minha alma?

E pretende dar a palma?

Tendo a decepção de ouvir esta resposta:

Deixe de disparates

Vá para casa dos orates.

Assim como está, tivemos outras muitas, dignas de mencionar-se.

Asseguro-te que fez impressão a moça do vestido preto e camélias rosenas transas, a certo Hamlet que por lá andava, sóbrio até na lúgubre poesia que recitou ao piano!

O moço de calças de cor de flor de alecrim, e perpetuas brancas no peito, ficou pensativo e desapontado, quando ficou pensativo e desapontado, quando nas sorte de casamento ouviu pronunciar o nome de D.Jul ... Mo... e conta sua expectativa de ser lido o nome de outro cavalheiro, nada desejado por ele.

O S. e o Mac..., contaram os elogios feitos por um cadete a pouco chegando aqui, a loura jul... flor que encanta as vistas, lá para o lado da Maçonaria; assim como decerta pairam muito romanesca alimentada a muito pelo constante Emi... So...

Enfim, se te fosse a aumentar tudo quando vi e ouvi, não haveria espaço que chegasse.

Assim faço ponto.

Tua Hermengada.

P.S: esquecia-me de dizer-te, que não percas ocasiões de dares os parabéns as velhas arrecadadas pela descoberta feita por um celebrem chimico, e apresentado na exposição de fariz.

O meio de conservar uma primavera eterna

Ellae, as cujas que aproveitem.

H.

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 23 DE JUNHODE 1878 - ANO 1, PERIÓDICO N. 15

N. 15, p. 1

EXPEDIENTE

Recebemos durante a quinzena as seguintes publicações:

O DOMINGO e IRACEM – Corte.

GAZETA DE CAMPINAS – Campinas.

GAZETA DE SOROCABA – Sorocaba.

GAZETA DA BARRA MANSA – Barra Mansa.

GAZETA RIO CLARENSE – Rio Claro.

DIABRETE, PREGADOR CRISTÃO, LUSITANO e CENSOR – Rio Grande.

CAIXEIRO – Porto Alegre.

GRINALDA – Santana do Livramento.

VITORIENSE, ECO DO PALMAR e VIOLETA – Santa Vitória.

Recebemos também os n. 4 e 5 das interessantes revistas da sociedade – FÊNIX-LITERÁRIA.

Agradecemos.

AOS LEITORES

Ao encetarmos hoje o segundo trimestre da VIOLETA, faltaríamos a um sagrado dever se deixássemos de gravar aqui um protesto de gratidão a todas aquelas pessoas que se indignaram a protestar a sua proteção já com seus belos inscritos e já com suas assinaturas.

Queremos nós responder a essas tantas manifestações de apreço que temos recebido, resolvemos aumentar o formato da VIOLETA, cientes de que continuará ela a ser bafejada pelas mesmas bonançosas auras.

Este jornalzinho criado exclusivamente para o belo sexo, deve de o mesmo receber toda a proteção.

Nas vossas mãos pois distintas brasileiras, de pomos as nossas singelas VIOLETAS; esperando que jamais as deixeis no abandono.

A todas aquelas em cujos cérebros pulular a luz da inspiração, pedimos que nos auxiliem na árdua, porém bela carreira que encetamos. E ainda mais uma vez nossa sincera gratidão à ilustre imprensa brasileira, que tão lisonjeira se tem mostrado para conosco.

Temos em nosso poder duas correspondências que nos foram enviadas de Pelotas: sua publicação deixa de ser feita no presente número por falta de espaço, ficando para o seguinte.

Aproveitamos a ocasião para pedirmos a todas às senhoras que nos queiram dar a honra de colaborar para a VIOLETA, o obsequio de assinarem os seus escritos, ainda mesmo quando queiram publicamente usar de pseudônimo.

Pedimos também, queiram ter a bondade de pagarem o porte dos mesmo quando vierem pelo correio, visto que no caso contrário... os deixaremos ficar lá.

Por motivos alheios a nossa vontade deixou este periódico de sair à luz no domingo passado, cuja falta fica suprida com o número de hoje, para que continue daqui por diante com a mesma regularidade.

Esperemos merecer desculpa de nossos favorecedores.

Tendo a VIOLETA crescido em formato, sem que, contudo, tenha aumentado a sua assinatura, resolvemos fazer hoje uma nova distribuição da mesma, pedindo, no entanto, as pessoas a quem ela for entregue e que não desejem coadjuvar-nos com a sua proteção, o obsequio de nos enviarem até sábado 29 do corrente; bem como as pessoas de Pelotas o favor de devolverem ao nosso agente o Sr. José Izidro da Silva, na agência do Sr. Meirelles.

N. 15, p. 2

ROSAS LITERÁRIAS

O Botão de Rosa

(ROMANCE)

(Continuação do n. 14)

— Ah, bravos! Eu também conheço esse mancebo apaixonado, exclamamos Helena mudando de cor e tremula de dolorosa emoção.

Fernando com perspicácia de quem leu o segredo da moça, sentiu-se feliz e apressou-se a perguntar pois quem é?

— Podeis ter a certeza que o conheço.

— A pessoa de quem falo creio que não tem a honra de ser por V. Ex. conhecida, refiro-me àquele elegante mancebo que negligentemente se recosta sobre a primeira coluna da esquerda.

— Ah! Respirou Helena, examinando com interesse a pessoa indigitada – na realidade é muito simpático; porém não sabe que ama ele a minha prima?

— Siga V. Ex. os seus olhares, e julgará.

Assim o fez a moça, e concluiu concordando com Fernando.

Acabava de finalizar a quadrilha. Os jovens passeavam entregando-se ao doce enleio de seus amantes corações. O baile seguia em todo o esplendor de suas seduções e encantos; vertiginoso e febricitante; delírio e prazer...

Eis que de novo a orquestra deu sinal para uma valsa.

Agenor alcançava a glória de ser o par de Adalgiza.

O rapaz era belo na extensão da palavra, possuía graça arrebatadora; a farda escarlate assentava-lhe maravilhosamente.

Com todo o desembaraço cingiu seu braço a cintura da moça, e depois voaram por entre o turbilhão de pares; ele ia ébrio dessa loucura que se chama paixão, ela deixava pender a cabeça um pouco para traz, seus cabelos negros catadupas sobre o níveo vestido, a boca entre aberta, os olhos meios cerrados e tão pálida como as estátuas tumulares! Dançavam com tanta graça, tão perfeitamente, que pouco a pouco foram o alvo de todas as atenções.

Em redor de si estava um círculo de jovens que haviam parado para contemplar o belo par; e elas seguiam sempre, como se para eles tudo fora diferente.

A música era de Strauss, a orquestra era regida pelo maestro Mendanha, a cadencia das castanholas requintava a sedução deste sonho de que só despertavam, ao ruído de mil palmas e felicitações.

As primeiras palavras que Agenor pode proferir foram estas: - Conheço que começo a viver, oh! Como é bela esta existência! Quão frívolo me parecia o mundo que outros pintavam tão cheio de beleza! Adalgiza assustou-se desta explosão, e ainda mais da fraqueza desse mancebo, que a via pela primeira vez; e protestando cansaço, foi sentar-se junto de sua tia.

Ali, silenciosa e esquecida do baile, sondou seu coração e estremeceu, conhecendo que diante de seus passos, abria-se um abismo de que a seu pesar não podia fugir.

Amava Fernando; e qual a razão porque a lembrança dessa valsa e desse mancebo, pulsava tão fortemente seu coração? ...

Mistério! ...

— Em que pensa D. Adalgiza?

— Em si, respondeu a moça a Fernando que lhe estendia a mão.

— Consinta V. Ex. que eu duvide e perdoe tal ousadia, porém se assim é, se diz a verdade, diga-o bem baixinho, pois de ordinário as grandes felicidades sucedem-se irremediáveis catástrofes, e eu tenho medo de uma espada – e desatou a rir.

— Compreendo, porém engana-se, o moço tem melhor gosto; e eu sou inteiramente indiferente à isso; não amo e nem serei jamais amada! Ora, [trecho de três linhas ilegível].

Vou esperar com quem dança agora o Sr. Fernando.

— Fernando, rogo-te que me ouças por um instante! Disse alguém batendo levemente sobre o ombro do mancebo, este voltou rapidamente a cabeça e recuou um passo, estupefato, diante do aspecto que apresentava o Dr. Álvaro.

AMERICANA.

(Continua.)

N. 15, p. 3

IRIS POÉTICO

RESPOSTA A' T. M.

Da pomba tinha arrulho
 Dos sabiás o gorjeio,
 Do lírio branco o perfume,
 E de tua alma o enleio;

Tinha na tez peregrina
 Dos círios meiga beleza,
 Nos olhos lumes etéreos,
 Na boca diva pureza;

E não sei que de tristura,
 No todo em forma danoso,
 Sombria fonte inspirada,
 Em canto sempre choroso!

11 de junho de 1878.

Marieta.

Escuta

(A MEU ESPOSO)

Tu queres um canto, desta alma que é tua,
Que é toda carinhos, ternuras por ti
Pois bem ouve, escuta, são novos protestos
Que eu te deixo agora gravados aqui.

Tu sabes que a muito eu guardo no seio,
Teu nome querido, relíquia de amor,
E sabes que as frases de amor que me dizes,
São gotas de néctar de infinito dulçor.

Teus olhos serenos, se volvem-se ternos
Nos meus se fitando com meiga expressão,
Parecem-me chispas dos astros cerúleos,
Parecem-me estrelas de mago condão.

Tua alma urna de santos carinhos,
Erário onde eu guardo meus sonhos de amor,
Tens mais harmonia que os hinos celestes,
Mais doces perfumes que os lírios em flor.

Assim se os maus sonhos de amor e esperança,
Meus doces anhelos resumem-se em ti,
Recebe minha alma, meus hinos sentidos
E os ternos protestos que eu te deixo aqui.

E lembra-te sempre que acima de tudo,

Dois entes eu amo, com ânsia e fervor,
A mãe que guiou meus passos até hoje
E tu que me coroas de esperança e amor!

J. de M. M.

MIRÍADES

Pelotas

Cara redatora,

Devido a imperiosos motivos incorri na falta de não vos enviar nas últimas semanas as minhas costumadas cartas.

Agora, pois, que me acho desembaraçada, vou de novo encetar a nossa importante correspondência.

Sem mais preâmbulos meto mãos à obra.

A descrença continua a perseguir-me de uma maneira atroz: se hoje me perguntarem se há um deus, é de supor que existisse em responder que não.

Tudo isso devo a uns senhores moços bandoleiros que entendem em fazer promessas por mero passatempo.

Mas tronando “vaca fria”:

Muito se diz e muito se conta por cá, de certos meninos que eu conheço...

Mais tarde esclarecerei este ponto...

Conta que o Polidoro está em vésperas de se casar; que é um imenso ratão e que maior parece ainda quando monta em seu lindo alazão.

Dizem também que o A... Cordeiro está apaixonado pela Morena, bom gosto tem o maganão.

O Cardoso sempre discursando, e que discurso profere ele! Santo Deus!...

Mas tornando ao caso, o Artur Cardoso é um tipão! Toda vez que o vejo parece-me um... comendo queijo.

Também seu TOCAIO Artur Ravaza depois que anda com colete comprido já não olha para a gente.

Mete-se no maldito deposito de cal e ferros que nem Satanás arranca.

Júlio, Jardim, Lobato, Sagarra, Levi, Joani, etc., formarão um clube de mil pecados...

Em outra missiva entrarei em detalhes.

O Caetaninho – finalmente – vai unir-se pelos sagrados laços; nota-se que fez boa escolha o MARRECO.

Todavia não se lembram que existe ainda a

Lili.

Pelotas, 20 de junho.

N. 15, p. 4

PENSEROSA

Por quê? Perguntarás tu, e eu responder-te-ei, não conheces a lancinante dor da saudade o aguçado punhal que levemente fere as fibras da alma; não sabes o que é viver sob uma lembrança do passado?

Ah é infinitamente nebulosa a aurora de viver assim, distante de um lugar querido!

Sentir e suspirar pelo gentil clarão que dissipe as névoas da saudade, mostrando-nos a desejada Canaã.

É incontestável que fui tocada pelas negras asas da chorosa tristeza, não é verdade?

Olha, ainda há pouco, procurei escrever alguns versos; porém foi em vão, inutilizei as páginas da minha inseparável carteira, apenas deixei ali esta quadra

Se em teu peito a lembrança ainda vive,
Se em tua alma a saudade delira;

Ao crepúsculo da tarde, chorosa
O meu nome repete e suspira!

Faltam-me inspirações daquelas saudosas noites, passadas aí; lembraste? Quando na janela ficávamos horas inteiras, a ouvir os languidos acordes daquela encantadora harpa, acompanhada pelo soluçar da chorosa flauta, que tanta comoção nos causava.

Aqui também há músicas e cantos, mas é que... falta-me alguém, que pelas horas das cismas, traduza-me o livro do coração.

Quer nas noites claras quando o luar entra em ondas pela janela da minha sala, e passam os [ilegível] da campina segrelhando as parasitas; ou a chuva despenhe-se em torrentes, ao rápido cruzar dos fulvos coriscos; é sempre a minha alma a chamar por ti...

Então recordo esta estrofe do nosso maravilhoso poeta Ignácio de Vasconcellos:

Os ventos que zumbem à noite nas matas,
Me trazem tão gratas lembranças daí!
E as auras, as aves, que cantam à tarde,
Me dizem saudade, me falam de ti!

E com essa finalizo. Recordaste de mim, escreva-me longas cartas, sim, fala-me daí... Adeus!

A CISMADORA.

P.S. Fiz ponto ao que diz a poesia, vamos, pois, à matéria, sem a qual o mundo seria um paraíso.

As velhas invejosas que não sacudam tão cedo o jugo imposto pela sociedade que é necessário respeitar as suas instituições e conveniências.

A mulher ainda não é tão livre como ELAS supõem.

E já que a natureza não as dotou (as tais velhas) de atrativos físicos; e os anos da juventude são idos, ao menos por meio de -estudada- bondade e delicadeza, busquem ser estimáveis.

S.

J. de M. M.

JOGO DA PACIÊNCIA

LOGOGRIFO

(POR LETRAS)

Esta máxima asiática	4765
Perda ou lucro pode dar	174665
Esta rua muito estreita	125447
Isto aperta o calcanhar	67473
É torre será campanários	7674727
Alimento pode dar	45265
Está no seio da donzela	6567
Agora está no altar	1547
Nos outros tempos foi severo	674273
Custa-lhe agora falar	6763
É quadrúpede com certeza	1255447
Entre montes há de achar	17445

CONCEITO

Meu todo é vegetal
 De singular natureza,
 Consiste no meu olêr
 Parte da minha beleza

Uma rio-grandense

Maio de 1878.

N. 17, p. 4

Queridas Leitoras

Para falar-lhes com franqueza estou hoje um pouco atrapalhada com esta crônica pelo motivo de faltar-me inteiramente o assunto.

Felizmente creio que para próxima semana não me acontecerá o mesmo, visto que nas novenas que tem começado hoje, espero encontrar assunto.

Além disso, fui convidada para assistir uma sessão espírita e do resultado da mesma darei também conta as minhas caras leitoras.

Estou ansiosa, e não é para menos, ora haverá alguma coisa mais curiosa do que conversar com os espíritos?

Eu pretendo fazer um sem números de perguntas, que tenho certeza serão todas bem respondidas, ora a sempre de me lembrar uma ocasião em que na presença de um médium, mostrando eu desejo de assistir uma dessas amáveis sessões, ele proporcionou-me ocasião de extasiar-me ante as maravilhas das sublimes doutrinas de Alan Kardec.

Ora caras leitoras vejam lá uma amostra: Eu interrogo o espírito de um ente que me foi caro:

— Diga-me quando irei fazer-lhe companhia?

Resposta: — Oh! Muitas Saudades! Eu contive a custo uma gargalhada, o simpático médium acrescenta: ou a Sra. está brincado comigo, ou então desculpe dizer-lhe não creio que fosse essa pergunta.

Bem, façamos outra experiência: eu comunicarei minha pergunta a uma das pessoas presentes, eu dirijo-me a um dos circunstantes e digo-lhe qual a pergunta que pretendo fazer mentalmente. És mais feliz do que eras neste mundo O médium escreve: “Oh! Se me lembro!”

A vista disto não me pude conter, ri-me a mais não puder, na presença do grande adepto do espiritismo, que aqui para nós, ficou um pouco encavado.

E mudemos de assunto.

Breve falarei sobre a paixão do jovem L... pela encantada Alice, bem como darei notícia as minhas queridas leitoras da descrença da T. do ciúme da Zéca C. e da simpática do M... Pela rua Uruguaiana.

Por hoje basta.

Marieta

**RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 14 DE JULHO DE 1878 - ANO 1, PERIÓDICO N. 18
N. 18, p. 1**

EXPEDIENTE

Recebemos durante a semana as seguintes publicações:

Gazeta de Campinas – Campinas.

Gazeta Rio Clarense – Rio Claro.

Mosaico Ouro Pretano – Ouro Preto.

Esperança – Paraíba Do Norte.

Diabrete, Pregador Cristão, Lusitano e Censor – Rio Grande.

Progresso Literário – Pelotas.

Pátria – Jaguarão.

Vitoriense, Eco do Palmar e Violeta – Santa Vitória.

Agradecemos.

ESPERANÇA e MOSAICO OURO PRETANO – Fomos obsequiadas com a remessa destes dois periódicos que se publicam o primeiro na cidade de Paraíba do Norte e o segundo na de Ouro Preto. Agradecendo as suas distintas redações a honra da permuta que se dignam conceder-nos, prometemos a do primeiro satisfazê-lo em seu pedido.

VIOLETA – O espirituoso periódico que com este título publica-se na vila de Santa Vitória, acaba de passar por um sensível melhoramento, o aumentar de duas páginas.

A nossa VIOLETA cumprimentando a sua interessante “tocaia”, deseja que continue a felicidade a conduzir por suas aprazíveis sendas.

PERDA SENSÍVEL – Domingo passado fomos tristemente surpreendidas com a notícia do falecimento de nosso companheiro dos brincos infantis, o Sr. Antônio Carlos de Castro Filho.

A redação da VIOLETA, consagrando-lhe aqui um voto de íntima saudade, aproveita a ocasião para enviar a sua desolada família os seus sentidíssimos pêsames.

Pedimos às redações de todos os periódicos de fora desta província, que nos dão a honra de permutar o nosso, que quando nos enviarem os mesmos, façam para a cidade do Rio Grande do Sul, e não para a de Pelotas, como cremos que por engano o tem feito, resultando no extravio e demora no recebimento de alguns periódicos.

A pessoa que veio a ser cobrador em nosso jornal, e a quem dissemos já estarmos servidas, rogamos o obséquio de vir a esta casa, para negócio de seu interesse.

PRELÚDIOS – Com este título vai brevemente entrar no prelo de um livro de versos da proprietária deste jornalzinho, será o mesmo livro precedido de um juízo crítico de um dos primeiros literatos de nossa terra.

Assina-se nesta tipografia, preço de cada volume 2\$000 reis.

ROSAS LITERÁRIAS

AO PASSAMENTO DE ANTÔNIO CARLOS DE CASTRO FILHO

*Era uma flor de palmeira
Na sua manhã primeira
Que um céu de inverno murchou.
Álvares de Azevedo*

O teu canto jamais foi esquecido por mim, falava a minha alma dessa quadra bonita e deleitosa, que só uma vez na vida nos é dado a gozar.

Ó infância! Estação das rosas; alvorecer de um dia de verão. [p. 2]

Quando uma saudosa reminiscência deslumbrava ante meus olhos, a rosa tela desse luminoso passado de crença, via-te sempre, companheiro inseparável dos meus brincos infantis!

Então meu coração suspirava.

O destino te levava para longe, destruindo assim o santo laço de uma fraternal...

Mas ai! Hoje de novo volveste à terra natal, vieram as brumas da noite tumular, surpreender-te em meio da romagem!

Agora que tão belo coroava-te a fronte o resplandecente sol da mocidade, irmão, por que foste adormecer sobre o colo do pálido anjo da morte?

Cedo descambou a tarde, estendendo por infinito nublado o crepúsculo eternal; assim perdeu-se dentre as brumas, o balè de teus sonhos de moço.

Esfolharam-se as flores da esperança, nunca mais sorrirás à luz da vida, ideando um porvir.

Nem ao menos na hora derradeira, misturaste aos palores mortuários o ardente beijo de extremosa mãe!

Pobre mancebo, quem sabe? Que poema de concepções sublimes lhe falava no peito juvenil?

Meu Deus! Quão trega é a noite de mistério, a campa é um segredo impenetrável; dorme, pois, viajor, após as trevas, divisarás um mundo dourado em turbilhões de luz...

Além está a plaga santa, sorri para Deus!

E ali sobre a tumba, onde descansa teu corpo envolto em frio sudário, deixa que eu esfole uma lacrimosa saudade, lembrando a passada infância.

Adeus!

REVOCATÁ H. DE MELLO.

Rio Grande – julho de 78.

O BOTÃO DE ROSA

(ROMANCE.)

(Continuação do número 17)

A bela fisionomia de Álvaro tomou uma expressão indefinível; de seu sorriso, de seu olhar, transpirava toda a ventura de que se achava possuído.

Tenho certeza que Álvaro não dorme esta noite, disse loureiro, soltando estridente risada.

Oh! Me tio, não diga tal; meu primo é superior e indiferente a essas banalidades; que importa ele o elogio de uma moça e principalmente de sua prima, uma quase irmã.

Não, minha prima, disse o doutor olhando vivamente, eu sou muito sensível a tudo que parte da Sra. e qualquer louvor seu tem para mim o valor de tesouro.

Muito bem doutor, disse Tulia levantando-se da mesa.

A seu exemplo todas as outras pessoas foram levantando e abandonando a sala de jantar.

Na tarde desse mesmo dia Fernando e Rafael conversaram intimamente.

Ouvimos sua palestra já começada há uns dez minutos. A letra, continuou Rafael, não posso afiançar de qual delas será, escrevem por forma semelhante que difícil seria distinguir se é de minha irmã ou de minha prima; porém o que asseguro é que o nome de Fernando era ali escrito por umas vinte vezes e o de Agenor outras tantas, em diversos caracteres ora em maiúsculas bordadas, ora em minúsculas simples.

Porém não desconfias ao menos de quem será? Murmura Fernando unindo estreitamente a si o delicado corpinho de Rafael.

Sim, desconfio que seria minha irmã a autora de tal estudo, se só tivesse teu nome nada me surpreenderia, mas que me confunde é ver o nome do tal Marte ocupando a imaginação das moças.

Que dizes a isso, não tenhas que é uma usurpação feita por Vênus?

Não brinques meu querido Rafael, não sei o porquê, mas sinto-me tristíssimo com o que me acabas de dizer.

Não sei a razão, — que tens tu com Agenor?

Nada mais que uma decidida de que acho mil vezes merecedor.

Então é isso, força de simpatia que liga o nome dele ao seu. Vamos meu amiguinho o que acabas de me contar, não o dirás a mais ninguém, ouviste bem?

(Continua.)

AMERICANA.

N. 18, p. 2

IRIS POÉTICO

LEMBRANÇA DE MORRER

Quando no frio mármore do sepulcro,
O seio que te amou dormir sem vida,
E aragem no passar triste e chorosa,
Desprender uma queixa dolorida.

Desprender uma queixa dolorida
Que semelha-te a voz de um moribundo,
E o eco a repetir-se entre os ciprestes,
Qual gemido de dor triste e profundo,
De quem lembra um passado venturoso,
Que sumiu-se nas brumas do mistério
Deixando a pós de si pranto amargoso.

Deixando após de si pranto amargoso
Irá tua alma flor dos meus anhelos
Debruçar-se na beira do sepulcro,
E bafejar de amor os meus cabelos.

E bafejar de amor os meus cabelos,

E escutar se meu peito ainda palpita
E se escutando a voz de quem amava,
Na sepultura ainda se agita.

Não deixarás dormir no esquecimento,
Quem tanto, tanto amor tinha consagrado?
Sem ires uma vez sobre seu tumulo
Lançar um triste lírio desfolhado.

Oh não, tua alma é cheia de ternura,
Teu coração é urna de bondade,
Bem sei que embora eu deixe a luz dos vivos,
Há de seguir-me eterna uma saudade!

Penserosa

1875.

EM UM LIVRO

Não posso escutar em teu formoso livro
 Só soletrar uma nota de harmonia
 Um sonho uma ilusão;
 Fala-te das belezas que irradiam
 Da aurora que deslumbra a mocidade
 Se eu amo a solidão.

Se minha alma como a flor das boas noites
 Entre abre nas sombras merencórias
 Do véu crepuscular;
 Tristinha com o canto de barqueiro
 Perdido além por solidões longínquas
 Em noite de luar.

É mesmo como o lírio das encostas
 Empalido [ilegível]
 [ilegível por três versos]
 Banhado das lembranças tão saudosas
 Dos lares paternos.

Não, não posso cantar! [ilegível]
 Alveja entre as ramas do salgueiro
 A lápide tal!...
 Cedo, bem cedo empalidece o arcanjo,
 Levará meu suspiro derradeiro
 À mansão eterna!

R. HELOISA DE MELLO.

Rio Grande – 78.

N. 18, p. 4

MIRÍADES

Amáveis leitoras

A Hermengarda que tinha se comprometido a escrever uma de suas espirituosas crônicas, deixou-nos em branco. Tendo, por conseguinte me tocado o dever de conversar convosco: ora isto a falar-vos a verdade é uma coisa bem difícil para quem como eu nada possui de espírito.

Vamos, no entanto, visto que não há outro remédio.

Só fui a três novenas por motivos de falta de saúde, na primeira pouco colhi o que mereça ser contado, porém nas duas últimas não faltou novidades.

Em primeiro lugar vi um jovem para mim desconhecido, lançando ternos olhares para aquela gentil loirinha da rua dos Príncipes, que, aqui para nós, correspondia com igual afeto.

Vi também o Souza e o Silva, ambos com fisionomia triste e impaciente, assim a modo de espera de alguém que tarda; e na verdade creio que era esse o motivo, visto que desde a entrada de uma moça morena e pálida, que usava um pince-nez trajando vestido preto, guarnecido de laços verdes, o Silva mudou de fisionomia, tornando-se assaz prazenteiro. Não aconteceu o mesmo ao Souza que se conservou triste até o fim da novena, olhando repetidas vezes para a porta da entrada.

Também a Mariquinhas esteve muito devota, somente creio que ignorando o santo a quem pertencia à novena, olhava frequentes vezes para o Artur, creio que o interrogando a esse respeito: o que na verdade era muito natural.

A Olivia foi ali o alvo das atenções de um jovem guerreiro, creio que há pouco aqui chegado. Infelizmente o moço perdeu seu tempo, pois ela em nenhum momento se indignou a olhar para ele.

O R. também lá estava, mas creio que adivinhando que eu tinha alguma coisa a dizer relativo a ele, veio empenhar-se comigo para que o poupasse.

É sinal que ele tinha “culpinhas”, mas enfim, por esta vez passa.

Mudemos de assunto.

Disseram que a simpatia do M... do C..., apesar de toda a sua seriedade, continua a ser muito conquistadora. Digo apesar de sua seriedade porque geralmente todos os moços daqui estão de fisionomias alegres; (nota-se que há exceções).

Mas disseram-me também que há jovem de que acima falo, continua a ter o coração firme. Meus parabéns ao feliz mortal.

Dizem também que o Lobo está verdadeiramente apaixonado pela encantadora Virginia; havendo até quem certifique que breve teremos casamento.

Que ele esteja apaixonado não duvido nada, porém que ele case é que não creio, pois sempre o conheci no número dos maiores bandoleiros.

Consta-me que a moreninha Amélia fez ultimamente em um baile uma bela conquista; eu como não vi, não quero certificar, limito-me a no caso de ser verdade, dar-lhe os meus parabéns.

E até logo caras leitoras, na novena espero a todas ver.

PENSEROSA

JOGO DA PACIÊNCIA

CHARADAS

À NINI

2 – 2 Navega, geme e extasia.

1 – 2 Sente-se, sente-se e assusta-se.

1 – 2 Esta letra e esta cidade encontra-se em quase todas as flores.

1 – 2 No alfabeto esta mulher é um belo nome.

A decifração das charadas do número passado é:

1ª Retrato.

2ª Saraiva.

3ª Salvador.

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 21 DE JULHO DE 1878 - ANO 1, PERIÓDICO N. 19

N. 19, p. 1

EXPEDIENTE

Recebemos durante a semana as seguintes publicações:

O Domingo e Iracema – Corte.

Gazeta de Campinas – Campinas.

Gazeta de Sorocaba – Sorocaba.

Gazeta Rio Clarence – Rio Claro.

O Bem Público – Pindamonhangaba.

Jovem América – S. José dos Campos.

Imprensa Ituana – Itu.

A Sentinela – São Paulo.

Caixeiro – Porto Alegre.

Diabrete, Lusitano e Censor – Rio Grande.

Progresso Literário – Pelotas.

Guarani e Santa Cruz – Uruguaiana.

Também recebemos as bem elaboradas revistas mensais FÊNIX LITERÁRIA.

CORRESPONDÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS – New York.

Agradecemos.

CORRESPONDÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS – Pelo último pacote chegado da corte, fomos agradavelmente surpreendidas recebendo o 1º número da importante revista mensal que com o título acima, que começou a publicar-se em maio último, em Nova York, sob a direção do Sr. H. de Aquine.

Esta revista órgão dos interesses entre o Brasil e os Estados Unidos traz importantíssimos escritos, notícias, etc.

Sentimos que o limitado espaço de que dispõe este jornalzinho não nos dê lugar a transcrevermos o brilhante artigo da redação, que tão lisonjeiro se mostra para com os brasileiros, tendo o primeiro lugar no nosso [ilegível].

Folgamos assaz a dar esta agradável notícia a nossos favorecedores, pois que, com quanto tenha sido geral no Brasil a aceitação do nosso modesto jornalzinho, nunca nos chegamos a persuadir que de tão longe receberíamos tão inequívoca prova de apreço.

Fazemos sinceros votos de pela prosperidade de tão útil publicação.

Tivemos o prazer de receber esta semana mais os periódicos: - O BEM PÚBLICO, JOVEM AMÉRICA, IMPRENSA ITUANA, A SENTINELA E SANTA CRUZ – que se vem juntar ao já acrescido número de que temos a honra de receber e que tão bondosamente se dignam a permutar conosco.

Agradecemos às redações dos mesmos, só temos a desejar-lhes longa e próspera existência.

Conforme prometemos aos nossos leitores, transcrevemos hoje o que disse da nossa singela VIOLETA a ilustrada redação da IMPRENSA ITUANA.

É com a alma a transbordar de gratidão que endereçamos à mesma redação os nossos sinceros agradecimentos.

JORNAL – Fomos agraciados com o recebimento do n. 11 do mimoso jornalzinho que, sob o título VIOLETA, se publica no Rio Grande do sul.

Traz artigos bem escritos, onde rescende o delicioso perfume da modéstia, símbolo da mimosa flor, cujo nome tomou para inscrição.

É redigido pela ilustre brasileira que faz honra a nossa pátria. Ainda bem que vai soando a hora da regeneração da mulher, ainda bem que para o nosso adorado Brasil vem despontando uma aurora brilhante.

Não é esse o primeiro periódico que aparece tendo a sua frente o simpático nome de uma senhora; não, a corte, a campanha e outros lugares tem se vangloriado com este progresso.

Saudando do imo da alma a Exma. Sra. Dona Julieta de M. [p. 2] de Monteiro, desejamos longa vida à VIOLETA, e com satisfação enviamos nosso modesto jornal.

– Em seguida transcrevemos o que disse em seu número de 30 de junho, O BEM PÚBLICO, à ilustre redação nos confessamos gratas.

VIOLETA – Nos veio em mãos o n. 11, do primeiro ano, deste interessante jornal que se publica no Rio Grande do Sul, e de que é redatora a Exma. Sra. Dona Julieta de M. de Monteiro, que nos honra com pedido de permuta; o faremos com satisfação.

Agradecemos.

GUERRA DO PARNASO – A bela poesia que com este título nos foi oferecida pelo distinto poeta Sr. Múcio Teixeira, breve responderemos, deixando de o trazer agora por motivos de enfermidade que a isso nos obriga.

EXMA. SRA. D. EMÍLIA SALDANHA – Foi com a maior satisfação que lemos o seu belo escrito no periódico JOVEM AMÉRICA, a nós oferecido. Como vós, sentimos inexplicável prazer quando lemos um artigo assinado por uma Sra. principalmente quando nele, como no de V. Exa., se revela um apreciável talento.

Assim pois recebei do imo de nossa alma um voto de simpatia e reconhecimento.

As colunas deste periódico ficam ao dispor de V. Exa.

Acha-se entre nós a eminente companhia dramática, da qual empresário o festejado ator Guilherme da Silveira; faz parte da mesma laureada a atriz Ismênia, que ainda há pouco fez as delicias das noites de São Paulo.

É ela bastante conhecida em nosso teatro, pois já em outros tempos seu esplêndido gênio deslumbrou por muitas vezes o nosso ilustrado público.

É de crer que tenhamos uma agradável serie dessas noites que deixam imorredouras recordações.

À Hermengarda – Cá recebemos a sua interessante correspondência, porém como vê, a falta de espaço priva-nos do prazer de publicá-la.

PRELÚDIOS – Com este título vai brevemente entrar no prelo de um livro de versos da proprietária deste jornalzinho, será o mesmo livro precedido de um juízo crítico de um dos primeiros literatos de nossa terra.

Assina-se nesta tipografia, preço de cada volume 2\$000 reis.

ROSAS LITERÁRIAS

UM PENSAMENTO

Que triste é a vida quando a seiva do amor lançada ao solo inexorável destino, não é umedecida pelo meigo orvalho da ventura! Nem sempre, quase nunca germina; e se a germinar, que fruto sazonado não é o seu produto! E que produção, meu Deus, que se torna para sempre um estigma de desejo ardente, é verdade, mas sempre arrefecida pelo gelo do desânimo. Dura condição! Na juventude é submergida no imenso barato da descrença! ...

Nesta quadra risonha de esperanças, descrença é morte – e quão triste é morrer na flor dos anos.

Ah! Que nesta hora, em que traço nestas linhas o que oprime o meu coração, parece que com elas se dilatam as fibras dele... e caio em profunda enfraquecimento.

P....sa.
Rio Grande – 78.

O BOTÃO DE ROSA

(ROMANCE.)

(Continuação do número 18)

Levado seu passeio até as bordas do mar, ali ao fresco da viração marinha, ao brando de travessas ondinhas, e ao último adeus do sol no [p. 3] seu ocaso, decorrera a conversação entre o jovem poeta e seu gracioso e vivíssimo amiguinho.

Agora de volta para casa, caminhavam em silêncio, Fernando pensava: se foi Adalgiza quem escreveu, desgraça, —pois pensa em mim e Agenor, sendo esquecido Álvaro, não, não, meu Deus! — Se foi Helena pôs em paralelo meu o meu nome o do sedutor militar; fatalidade meu Deus! Ah, antes quisera morrer, que ver esfolhar a flor da minha de minha esperança quando começa ainda a desabrochar!

Rafael cismava: o que terá Fernando?

Eu não compreendo a razão por que parece tão aflito; julguei dar-lhe gosto fazendo a narrativa de meu singular achado...

Pede-me segredo para coisa tão simples, é na verdade misterioso este meu amigo.

Absortos em suas cogitações caminhavam quando Fernando sentiu que alguém o seguia, porém não se deu por achado e esperou.

Era uma mulher que lhe entregou uma carta e logo desapareceu.

O moço se aproximou de um lampião para ver se conhecia a letra, mas vendo que lhe era inteiramente estranha, guardou-a indiferentemente.

É episódio romântico meu caro Fernando, que dizes? Não seja alguma cilada, acrescentou rindo:

Nada é de novo, – disse Fernando –, algumas dessas banalidades sociais; talvez um cartão de visita.

O menino pareceu satisfeito, pois continuou o passeio até em casa, rindo e caminhando alegremente.

O mancebo não pensava no papel achado, onde seu nome e o de Agenor se viam a par, como se fossem rivais e turbilhoava lhe também a ideia dessa carta misteriosamente entregue, que por força ele o previa, era de suma importância para ele.

Uma hora depois assentado junto de uma mesa, meditava ele sobre o conteúdo da carta que lhe fora misteriosamente entregue e cujo teor era o seguinte:

— Pouco vos conheço, por conseguinte de parecer inconcebível meu arranjo, porém a vossa opinião mudaria inteiramente se vos fosse possível ler em minha alma a forte e irresistível simpatia que me inspirasses.

— Sou levado por uma louca precipitação, mas o que fazer? Sou um homem que não espera; tenho de ceder à primeira resolução.

— E depois, ainda há de notar que amo pela primeira vez e que esse amor deve ser a que me guiará ao templo da felicidade, ou ser o que iluminará as beiras da minha sepultura...

— Peço-vos amparo, mais que isso, o doce nome de irmão!

— Em troca da mais fiel, mais pura amizade que neste momento vos ofereço, apresentai-me a Armando de Loureiro e a sua família; fazei que o Dr. Álvaro me coloque no número de seus afeiçoados.

— Adeus meu caro Fernando, tenho a cabeça em fogo.

Agenor.
(Continua.)
AMERICANA.

N. 19, p. 4

IRIS POÉTICO

AMOR

Vai bela a noite, mas no céu a lua
Triste suspira de saudade e dor,
E a onda geme quando chega a praia
Místico canto que se traduz – amor.

A brisa passa murmurando um hino,
Por entre os galhos da roseira em flor,
E a rosa escuta-lhe a canção singela,
Depois em troca lhe protesta – amor.

A mansa rola que no ninho aguarda,
Da meiga aurora é festival albor,
Também saúda o criador num canto,
Só de harmonia, de ternura e – amor.

Além do bosque, na cabana estreita
Soa a viola do rural pastor,
E o doce canto que seus lábios soltam,
A terra inteira lhe repete – amor.

No cemitério que o luar clareia.
Nessa morada de tristeza e dor,
Lá mesmo a aragem no passar murmura
Aqui repousa muito santo – amor.

Porque fugires da minha alma ardente,
Que sonha e aspira com sublime ardor,
Se a terra inteira nos repete: amemos
Vamos unidos repetir – amor!

Marieta

CENA DA VIDA REAL

Entreaberta a cortina da janela
Deixava ver de amor, bem vulgar cena
Lucio lia um poema apaixonado
Ao lado de Ceci, gentil morena.

Afastada alguns passos da janela
A velha avó cosia com presteza,
E fitando em Ceci bondosos olhos,
Murmurava consigo, “é uma beleza”.

Mariquinhas criança de seis anos

A quem em casa chamam — meu anjinho
 E que faz mais estragos que um demônio
 Brinca em um canto da casa com um gatinho.

De quando em quando o moço apaixonado
 Ergue os olhos e fita-os na donzela,
 Enquanto ela fingindo-se abstrata
 Olha atenta para o lado da janela.

J.

JOGO DA PACIÊNCIA

CHARADAS

Assente em trono meu, em minha escala
 Nas altas regiões [ilegível por 9 linhas].

A decifração das charadas do número passado é:

1ª Barcarola.

2ª Arpejo.

3ª Aroma.

4ª Celina.

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 28 DE JULHO DE 1878 - ANO 1, PERIÓDICO N. 20

N. 20, p. 1

EXPEDIENTE

Recebemos durante a semana as seguintes publicações:

Besouro, O Domingo, a Escola – Corte.

Gazeta de Campinas – Campinas.

Gazeta de Sorocaba – Sorocaba.

O Pão de Açúcar – Pão de Açúcar.

A Infância – Maceió.

Iguapense – Iguapé.

O Bem Público – Pindamonhangaba.

Mosaico Ouro Pretano – Ouro Preto.

O Caixeiro – Porto Alegre.

Pátria – Jaguarão.

Progresso Literário – Pelotas.

Diabrete, Pregador Cristão, Lusitano e Censor – Rio Grande.

Jornal do Comércio – Alegrete.

Revista Gabrielense – S. Gabriel.

Cruzeiro do Sul – Bagé.

Cruz Altense – Cruz Alta.

Livramento e Grinalda – Santana do Livramento.

Vitoriense, Eco do Palmar e Violeta – Santa Vitória.

Agradecemos.

São da ilustrada redação da REVISTA GABRIELENSE as lisonjeiras palavras que em seguida publicamos e que nos devem encher de orgulho. A verdade do ditado “as coisas recebem-se como de quem vem”.

Ei-las:

“ A VIOLETA, interessante jornal literário redigido pela inteligente poetisa Exma. Sra. D. Julieta de Mello Monteiro, nos tem sido regularmente remetido de Rio Grande, onde é publicado.

A VIOLETA como já o dissemos é um belo ensaio de jornalismo feminil, constituindo um dos primeiros tentames que se faz na imprensa rio-grandense para mostrar que a mulher, além do encanto do lar e da flor mimosa a embelezar o caminho da vida, pode também, na república das letras, nas lutas da inteligência e nos prélios da imprensa, ostentar as mimosas graças de seu espírito.

Mais uma vez saudamos a VIOLETA, desejando que continue em sua nobre missão, buscando sempre no estudo as armas para debelar esse monstro –a ignorância, que ameaça o futuro da pátria, essa nuvem –o preconceito, que retarda nossos passos no caminho do progresso, escurecendo nosso horizonte.”

N. 20, p. 2

A INFÂNCIA – É este o título de um microscópico jornalzinho que começou a publicar-se na cidade de Maceió e que é dedicado à mocidade artística.

O seu primeiro número, que obsequiosamente nos foi enviado, está escrito com muito gosto, revelando bastante inteligência naqueles que o redigem e colaboram.

Agradecemos a oferta e permutaremos com nossa VIOLETA.

O BOTÃO DE ROSA

(ROMANCE.)

(Continuação do número 19)

Por mais que desse trato à imaginação não sabia Fernando, como se livraria deste enredo, que forçosamente teria um trágico desfecho.

De um lado Álvaro, coração de anjo, amando até o delírio; de outro Agenor, coração de leão, generoso e forte, amando com toda a loucura e entusiasmo de seus verdes anos.

Álvaro o amigo desvelado de Fernando, o irmão que ele encontrara na solidão de seus aziagos dias; aquele a quem amava com pureza e gratidão próprias de sua nobre alma.

Agenor a quem pouco conhecia, mas que já amava por um indecifrável mistério, com mais fervor do que desejava: Agenor que lhe oferecia amizade de um irmão!

Que colisão! Fernando não dormiu pensando, e pela manhã nada adiantara, via-se na mesma perplexidade.

Não podendo tomar uma resolução, julgou que o melhor expediente era tomar tempo, a ver se os acontecimentos o teriam por algum modo deste falso terreno; e assim, escreveu Agenor as seguintes linhas:

“À noite irei falar-lhe. Conte com a fiel amizade de

Fernando”

Poucos instantes depois de expedido este bilhete, recebeu o moço a seguinte missiva:

“Estou enfermo, conheço que necessito estar de cama, tenho febre.

Vem fazer-me companhia.

Teu irmão, Álvaro.” [p. 3]

Meu Deus! Pensou o moço, terá ele suspeitado de alguma coisa?! E voou para a casa de Armando Loureiro.

Fernando era filho de um bravo militar que sucumbido pela glória, fora poucos meses depois seguido de sua jovem esposa.

Apenas com oito anos era órfão e sem parentes; não havia ficado rico, porém seu pai na hora extrema não sofreu pensamento no futuro do amado filho; deixava-lhe meios de viver folgado e um nome que lhe dava jus a alcançar o cumprimento de qualquer desejo ou aspiração.

Era Fernando de uma extrema docilidade e seu belo caráter não desmentiu o general Cortez: tal pai, tal filho.

O belo menino passou a infância como vítima do gênio irascível da esposa do seu padrinho; homem bom até o ponto de deixar-se dominar.

Na companhia de Fernando viviam também ali, Laura, boa mulher que fora sua ama de leite e Malvina filha desta e a colaça do menino.

Junto delas encontrava ele a consolação a seus desgostozinhos, e um bem-estar, semelhante aos seus primeiros anos na casa paterna: amava aquela mulher a quem sua mãe às portas da eternidade, dissera: “–Laura, vela por nosso filho. ” E ela assim o fazia.

(Continua.)

AMERICANA.

IRIS POÉTICO

OS OLHOS DELA

(Fragmento.)

Quando a tarde se resvala molemente,
E a brisa a suspirar, murmura “és bela”,
Vejo-a sempre surgir meiga, criança,
Violeta gentil, triste e singela,
Quando a tarde resvala molemente.

Seus olhos têm mais luz do que as estrelas,
Que ela passa a fitar horas inteiras,
Seus cabelos rescendem mais perfumes
Que as mais belas e olentes trepadeiras,
Seus olhos têm mais luz do que as estrelas

Sua alma é um misto santo de ternura,
de bondade, de amor e de poesia;
Seu coração é a urna onde repousa,
Um nome que ela encheu de melodia,
Sua alma é um misto santo de ternura.

Muitas vezes lá quando o dia morre,
E uma estrela no céu surge silente,
Eu a vejo inclinar-se na janela
E cismando fitar o triste poente,
Muitas vezes lá quando o dia morre.

Uma cena de amor que ela nem sonha
Passa-se então não longe da janela,
É ele que a fitando ébrio de gozo,
Escreve-lhe um poema “os olhos dela”
Uma cena de amor que ela nem sonha.

J.

Rio Grande – 78.

VERSOS

NO ALBUM DE MINHA IRMÃ

Quem entre os risos, os festins, as galas,
O amor e as mágoas que esta vida tem,
Não acha uma hora para lembrar saudoso,
A doce quadra que se sumiu além?

Quem não relembra da passada infância
 Gratas venturas que não voltam mais?
 E quem não verte doloroso pranto,
 Quem não repete a soluçar – jamais!?

Ninguém que a quadra em que o viver é sonho,
 E o mundo um vale de perenes flores,
 Também a mente é um turbilhão de risos,
 E um ermo eterno de martírio e dores.

Assim meu anjo minha flor querida,
 Ai quantas vezes a cismar saudosa;
 Chora minha alma recordando a infância
 Flor que no caule já pendeu mimosa:

E tua imagem meiga flor diletta,
 Sombra que eu tinha junto a mim constante,
 Então mil vezes na minha alma acorda
 O amor fraterno de meu seio amante.

PENSEROSA.

OUTUBRO DE 77.

N. 20, p. 4

A...

Ela dormia, o cortinado aberto
 Deixava ver a face empalidecida,
 E ela sorria, mas de um riso triste,
 Como quem tem saudades desta vida.

Ao lado, a mãe curvada pelo sono
 Em fervorosa prece ajoelhada,
 Parece que sua alma a Deus envia
 Rogando pela filha idolatrada

Lá fora o vento bate na janela
 E o trovão faz tremer montes, colinas,
 Cá dentro é tudo triste e ela dormindo
 Sonha talvez da noite com as neblinas.

Mas enquanto que a mãe angustiada
 Reza, inclinado a fronte para o chão,
 Por entre os cortinados sobe um anjo,
 Que arrebatá-lhe a filha e o coração.

78.

MIRÍADES

À CISMADORA

Então que é de ti? Acaso emudeceste com os gelos da presente estação?

Nem uma linha se quer me tens escrito, cedo veio-te o indiferentismo pelo que vai por esta boa terra, ainda há pouco tão querida por ti.

Conservei a esperança que virias para as novenas e festa do Carmo, passares em minha companhia, mas qual, foi em vão esperar.

Enfim, ainda desta vez vai esta cartinha, veja lá se fica sem resposta, olha que amor com amor se paga.

Se bem que no dizer do poeta:

O amor é como aragem que murmura

Da tarde no cair...

Não, não devo continuar, quem poderá crer no que dizem poetas mentirosos por devoção?

Mas... é verdade que passemos a outro assunto.

Ainda guardas aquele retrato que roubastes de um livro de gravuras? Pois crê que há dias (no circo por ocasião da representação dos – Apóstolos do mal -), encontrei um moço tão semelhante a esse retrato, que por certo o original não o seria mais; aquela mesma e espaçosa fronte, e um olhar de pensador que tanto te falava ao coração; (dizias tu) penso que com esta nova não resistirás a vir, mas apressa-te porque o tal desconhecido muito olhava para o camarote, onde havia uma formosa loira de olhos languidos.

Lembra-te daquela mocinha pálida, cujos os negros olhos tinham a expressão tão pouco vulgar? Pois sexta-feira passada à noite na igreja do Carmo ouvi-a confessar a uma amiga, que sentia-se apaixonada pelo jovem Antoni... Silva, é uma simpatia irresistível, dizia ela suspirando, talvez igual a esse afeto que dizes consagrar ao Adol... Frei... mas é que é mais feliz que eu, pois ele parece corresponder-te, tanto que todas as tardes passa lá pela rua da imperatriz.

Eis aí a inconveniência de falar alto, fiquei eu sabedora de dois segredos.

Nessa mesma noite estive com o M.. que veio há pouco da corte, disse-me ele que o Fern... anda sempre melancólico com as profundas saudades que lhe desperta a lembrança da mimosa Georz... dou-lhe toda a razão pois ela parece-me que tem tanto de bela como de constante; feliz mancebo.

Disseram-me, não sei se é verdade, que a encantadora Her... cingirá à capela de flores de laranjeira, um futuro de rosas é quanto lhe almejo.

Por estas notícias poderás ver que o amor aqui ainda não caiu em desuso, como penso que acontece por lá. Adeus querida, ansiosa aguardo a tua resposta.

HERMENGARDA.

P. S. Aí te remeto alguns números da “Gazeta Mercantil”, onde aonde encontrarás incertos os espirituosos folhetins de que te falou o moço loiro.

São interessantíssimos, leia-os com atenção, pois são da lavra do nosso ilustre comprovinciano e ameno poeta Dr. Lobo da Costa.

H.

A decifração da charada do número passado é: Falena.

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 4 DE AGOSTO DE 1878 - ANO 1, PERIÓDICO N. 21

N. 21, p. 1

EXPEDIENTE

Recebemos durante a semana as seguintes publicações:

Correspondência dos Estados Unidos – New York.

Besouro e A Escola – Corte.

Gazeta de Campinas – Campinas.

Gazeta de Sorocaba – Sorocaba.

Gazeta Rio Clarence – Rio Claro.

Imprensa de Ituana – Itu.
Espirito Santense – Vitória.
O Século – Maceió.
Gazeta de Lorena – Lorena.
Jovem América – S. J. dos Campos.
Iguapense – Iguape.
Diabrete, Lusitano e Censor – Rio Grande.
Revista Gabrielense – São Gabriel.
Guarani e Santa Cruz – Uruguaiana.
Vitoriense e Violeta – Santa Vitória.
Cruz Altense – Cruz Alta.
Progresso Literário – Pelotas.
Pátria – Jaguarão.
 Agradecemos.

Durante a quinzena finda recebemos mais os periódicos “IGUAPENSE”, “O SÉCULO”, “O JORNAL DO COMÉRCIO”, “ESPÍRITO SANTENSE”, “O CRUZEIRO DO SUL”, e “CRUZ ALTENSE”; as redações dos quais tínhamos enviado nossa VIOLETA.

Agradecemos a delicadeza.

Às distintas redações da “GAZETA DA BARRA”, “IDEIA”, “JUVENTUDE”, “MIRIM” e “PAPAGAIO” prevenimos que há muito não temos o prazer de seus interessantes periódicos, tendo nós sido pontuais na remessa da nossa VIOLETA.

Também às ilustres redações do “DOMINGO”, “CORTE” e do “CAIXEIRO” (Porto Alegre), avisamos que não temos recebido com regularidade esses interessantes órgãos da imprensa.

Pedimos providências sobre isto.

O BESOURO – Recebemos o n. 16 deste espirituoso periódico que como de costume traz finíssimas gravuras, graciosas e frisantes críticas, etc.

A primeira página, porém, apresenta-nos um triste espetáculo, qual o do estado dos míseros retirantes do Ceará, infelizes sobre quem parece a muito pesar a mão da fatalidade.

Chamamos a atenção do público ilustrado para o citado número do “BESOURO”.

JUÍZO DA IMPRENSA – Damos em seguida a notícia que da nossa “Violeta” deu a distinta redação do “IGUAPENSE” à qual nos confessamos imensamente gratas.

Recebemos o n.14 da “VIOLETA”, periódico critico, literário e instrutivo que se publica no Rio Grande do Sul, do qual é redatora a proprietária a ilustríssima Exma. Sra. D. Julieta de Mello Monteiro.

A “VIOLETA”, de pequeno formato, é, entretanto, um jornal, que faz honra a sua distinta reda- [p. 2] tora, pelos bonitos escritos que faz inserir naquele periódico.

Gratos pela remessa da “Violeta”, prometemos a sua ilustre redação permutar com o “IGUAPENSE”.

AO POETA GLAURO – Recebemos sua poesia, apreciamos muito; em breve responderemos.

Aceite nossos sinceros agradecimentos.

O BOTÃO DE ROSA – Em razão de achar-se enferma a AMERICANA, deixa de sair neste número a continuação do romance do título acima.

Esperamos em Deus que seus males sejam passageiros, bem como que logo se ache restabelecida e continue com seu romance, que felizmente tanta simpatia tem conquistado entre alguns de nossos leitores.

PRELÚDIOS – Com este título vai brevemente entrar no prelo de um livro de versos da proprietária deste jornalzinho, será o mesmo livro precedido de um juízo crítico de um dos primeiros literatos de nossa terra.

Assina-se nesta tipografia, o preço de cada volume 2\$000 reis.

VIOLETA

A TI...

Foi um sonho? Talvez.

Estávamos à beira mar, crepitava ali o facho da poesia.

Além, pela tela da amplidão, estendiam-se nuvens pardacentas; a noite desdobrava um manto frio e nebuloso, e a lua de entre um círculo precursor da tormenta, mostrava-se farta.

Lá muito ao longe do oceano gemia enfurecido.

Sim eu cismava tendo a fronte pendida nas mãos que estavam ali gélidas.

Tu lias-me o teu livro do coração.

O frasco das aragens do mar tornava-te tão pálido, tão pálido meu Deus.

Súbito uma ave de agouro esvoaçou-se sobre nossas cabeças, soltando três gritos horríveis e tétricos; estremeci de medo, deixando nesse momento cair nos seios das ondas uma flor que me havias dado, e que eu guardava como relíquia.

Ainda me lembro, ficamos longo tempo em silêncio, até que com voz tristonha pediste-me “se um dia no futuro voltares aqui, recordas-te de mim”.

A lua de novo ocultou-se.

A viração soprou mais forte e o eco de um canto rude e melancólico rompeu aquela nudez sombria.

HERMENGARDA

Rio Grande

AS FOLHAS DO SALGUEIRO

(Chateaubriand)

Um dia distrai-me a esfolhar um ramo de salgueiro sobre um rio, e a juntar uma ideia a cada folha que a corrente levava.

Um rei que teme perder sua coroa por uma revolução súbita, não se ressentir de mais angústias que as minhas, a cada acidente que ameaçava os destroços do meu raminho.

Oh que fragilidade dos mortais!

Oh infância do coração humano que não envelhece jamais!

Eis aí até que ponto a puerilidade pode descer nossa soberba razão, pois é bem verdade que grande parte dos homens faz pender seus destinos em coisas de pouco valor, como as minhas folhas do salgueiro.

N. 21, p. 3 **IRIS POÉTICO**

LEMBRAS-TE?

Morria a tarde, o sol rubro e esplendecente
Em um leito de safira reclinado,
Mandava o último adeus, ao bosque, às flores,
E um suspiro às boninas do valado.

Sobre as ondas do mar, manso tranquilo,
Vogava uma barquinha nívea e bela;
Cantava o pescador, e ao longe o eco
Repetia a canção triste e singela.

Do jasmineiro as flores odorosas,
Tombavam sobre alfombras de verdura;
E ao longe, muito ao longe a meiga flauta,
Soluçava de amor e de ternura.

Que tarde de emoções, lembrás poeta?
A natureza inteira se expandia,
Entreabrindo-se as flores mais mimosas

Aos bafejos da aragem que fugia.

Foi nessa tarde plácida e serena
Que pela primeira vez nos falamos;
Recordaste, que o amor e que mistério.
Que poemas meu Deus nós ideamos!

Que essa tarde passou bela e serena,
Bem me lembra meu Deus, faz hoje um ano,
E eu sou muito feliz por quem minha alma,
Jamais passou o véu do desengano!

PENSEROSA.

Dezembro - 75.

A GUERRA DO PARNASO

(Ao inspirado poeta Sr. Múcio Teixeira)

Teu brado chamando à guerra
Até meu retiro chegou,
Correu por montes, planícies,
Por toda parte ecoou.

Ao som dos mesmos seguiram
Valentes batalhadores
Mas vivandeiras tremeram,
Qual treme no caule as flores.

Porque seus seios são mistos
Da mais suave ternura,
E só defendem lirismo
Porque em seus peitos perdura.

Jamais pegaram em armas
E quando as fere o canhão,
Só se defendem soltando
Gemidos de aflição.

A tenda em que o realismo
Ufano, alegre, domina,
Vivandeiras do lirismo
Não levaram carabina.

E mesmo porque se ousada
Alguma chegasse a ela,
Dez passos recuará
Deparando a sentinela.

Conhecem? É moço ardente,
 Fronte espaçosa, altaneira,
 Quer que o chamem realista,
 Mas... ele é Múcio Teixeira.

J.

Rio Grande – 78.

A CASA DA COSTUREIRA

À HERMENGARDA

Tem três cadeiras só, a um lado uma mesinha
 Onde ela à noite escreve seus versos amorosos,
 Ao outro costureiro, ao fundo o podre leito,
 Onde ela vê em sonhos futuros bem formosos.

À cabeceira um quadro representando a virgem
 Protetoras fiel dos pobres desgraçados;
 Na parede alguns quadros pequenos e já velhos,
 Com retratos queridos de entes já finados.

No meio da salinha, pendente uma fita
 Divisa-se a gaiola de um terno passarinho,
 E sobre o parapeito de única janela
 Cresceu um pé de cecem no meio de um vasinho.

N. 21, p. 4

MIRÍADES

CARAS LEITORAS

Há muito que tempo que não conversamos e desta vez não me faltam novidades para contar-vos.

Como sou pouco amiga de preâmbulos, não me faço esperar, mesmo porque estou adivinhando a impaciência com que estão me ouvindo.

Alguns dias atrás, indo eu passear na praça Municipal, ouvi a seguinte conversa entre duas jovens moradoras lá para os lados da Caridade Nova.

— Sabes, dizia a mais alta, cujo nome principia por L, o A Soeiro está cada vez mais apaixonado, a Chiquinha disse que ele não faz outra coisa senão passar pela rua Zalony, e há até quem diga que muito em breve teremos casamento.

— Ora, acrescentou a outra, eu não posso crer nisso, pois não mais talvez que três meses atrás eu o ouvi dizer que nunca tinha amado, nem acreditava que houvesse esse afeto que alguns dizem tão ardente, pois ele nunca tinha gostado de moça alguma por mais de uma vez e que acreditava que isso era o que também acontecia com os outros.

— Pois crê, continuou a L., que desta vez está mesmo “caidinho”, também, segundo dizem, ele tem bom gosto, eu não sei porque não conheço a jovem.

A chegada do Carlos T... interrompeu a conversação; também já não tinham dito pouco.

Contaram-me que depois da partida do simpático Lobo da Costa, Rio Grande tornara-se um verdadeiro deserto para aquela menina da rua... a verdade agora me recorda que ele me pediu segredo para esses tão poéticos amores, não há remédio, vou fazer-lhe a vontade.

Basta que ela, eu e ele saibamos do quem se trata.

É verdade que uma das grandes novidades que tenho a dar-vos é a do Vasques ter “virado a casaca”, não sei se este termo serve só para a política, ou se também

pode ser empregado em assuntos amorosos; mas enfim, vamos ao caso. Ninguém ignora que outrora esse jovem rendia culto a interessante Jos... da rua General Osório, pois bem, agora há quem certifique que ele fez presente de seu “sensível” coração a uma galante menina da rua Conde de Porto Alegre. Será isso verdade?

É o que nos resta saber.

Também certo “bicho feroz” entre nós muito conhecido, tem ultimamente faltado aos seus deveres (pois não há dúvida que certos juramentos, são deveres que nunca se devem faltar) e nós só temos a dizer-lhe que se continuar assim, enviaremos um telegrama àquela mimosa moreninha da rua Pedro II. Veja agora o que faz.

Dizem que o Antônio P... anda agora muito passeador pela rua Uruguaiana; disse-me um amigo do mesmo que ele procurava naquela rua um dos órgãos mais necessários à vida, e que bem contra a vontade dele lhe tinham roubado.

Referia-se, sem dúvida, ao coração; eu como sou muito míope não me ofereço para ajudá-lo a procurar, porém vou ver se a Julinha (possuidora de uns olhos vivos e belos) quer se encarregar disso. Tenho muita pena do pobre moço. Como é que há de viver assim?!

Ultimamente tenho notado que a “estrela errante” tem de novo se dirigido para a rua da Imperatriz; cada vez seus raios são mais brilhantes; diz a L. que esta “estrela” é precursora de boas novas.

Ela lá terá suas razões, não acham?

Marieta.

JOGO DA PACIÊNCIA

LOGOGRIFO

Oferecido à charadista Nyny

É provocação portuguesa	6,3,1,8
Esta medida antiga	3,4,5,1
Sendo esta cultivada	1,5,4,2
Ele a fome lhe mitiga.	5,1,2,4

Conceito

Só por letras, e com jeito,

Dás o nome de sujeito.

Colibri.

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 11 DE AGOSTO DE 1878 - ANO 1, PERIÓDICO N. 22

N. 22, p. 1

EXPEDIENTE

Recebemos durante a semana as seguintes publicações:

Besouro, O Domingo, a Escola – Corte.*Gazeta de Campinas* – Campinas.*Gazeta de Sorocaba* – Sorocaba.*Imprensa Ituana* – Itu.*Diário de Campos* – Campos.*Angrense* – Angra dos Reis.*A Sentinela* – São Paulo.*O Século* – Maceió.*O Bem Público* – Pindamonhangaba.*Mosaico Ouro Pretano* – Ouro Preto.*Gazeta de Lorena* – Lorena.*Gazeta Rio Clarence* – Rio Claro.*Espírito Santense* – Vitória.*Caixeiro* – Porto Alegre.

Diabrete, Lusitano e Censor – Rio Grande.

Livramento e Grinalda – Santana do Livramento.

Santa Cruz – Uruguaiana.

Jornal do Comércio – Alegrete.

Cruzeiro do Sul – Bagé.

Cruz Altense – Cruz Alta.

Vitoriense, Eco do Palmar e Violeta – Santa Vitória.

Agradecemos.

JUÍZO DA IMPRENSA – Da distinta e simpática redação da Iracema, são as belas e lisonjeiras frases que orgulhosas em seguida transcrevemos, aproveitando a ocasião para testemunhar a mesma redação os nossos sinceros agradecimentos.

VIOLETA – A graciosa e aromática flor serve de título a um singelo *bouquet* literário que se publica na cidade do Rio Grande do Sul.

As auras odoríficas espargidas pelas cetinosas pétalas demonstram que as cultoras desse canteiro tratam com suma habilidade e delicadeza, honrando assim a tarefa à qual se incumbiram.

As diversas folhas recendem inspiradas poesias, e sentimos não termos os primeiros números para melhor avaliarmos esta interessante publicação; toda via o IRACEMA nos arroubos do mais cordial entusiasmo envia seus agradecimentos à inteligente redação da VIOLETA, augurando-lhe uma existência de sorrisos e venturas.

OBRAS IMPORTANTES – Acabaram de sair à luz e acham-se à venda na casa de seu autor, na ladeira da Glória n.5, Corte, as seguintes importantes obras:

GRUBER LEHRBUCHER – Gruber, a língua francesa I e II, curso, 8. Auflage. 2\$000.

Gruber, a língua inglesa I e II, curso, 5. Auflage. 2\$000.

Gruber, a língua alemã I e II, curso, 8. Auflage. 2\$000.

Gruber, Praktischer Lehrgang zur Erternug der Portugiesischen Sprache. 2\$800.

N. 22, p. 2

PRELÚDIOS – Com este título vai brevemente entrar no prelo de um livro de versos da proprietária deste jornalzinho, será o mesmo livro precedido de um juízo crítico de um dos primeiros literatos de nossa terra.

Assina-se nesta tipografia, preço de cada volume 2\$000 reis.

ROSAS LITERÁRIAS

ZULMIRA

À...

Zulmira era formosa como a madona de Guido, certamente Buonarotti o estatuário florentino não lhe teria dado um perfil mais artisticamente belo.

Seus olhos eram suavemente banhados de doce languidez, não eram dois diamantes na penumbra de negros cílios.

Engolfada em um turbilhão de quimeras ou loucas utopias atravessava este longo Saara que chamamos de vida.

*

Um dia ele tão belo como o lúcido ideal de suas criações de donzela, passou em seu caminho, e talvez como o judeu da legenda hebraica deixou inapagável rastro de dor e desolação.

*

E ela o amou como Julieta e Romeu o sonhador, por ele ideou em dourados sonhos as decantadas noites de Veneza, a seu lado atravessar o azulado golfo ao som das arrebatadoras volatas dos noturnos menestréis.

Sonhou molhar os ardentes lábios nas inspiradoras águas da fonte de Vaucluse, lembrando ali os inditosos amores de Laura e de Petrarca .

Mas... foi tudo uma deplorável ilusão.

*

Zulmira era um anjo... e ele... semelhava-se àquele viajante de que se fala a balada alemã, que o satanás vendera a sua sombra.

Assim ela foi como a flor que desabotoa pela manhã e pela tardinha deixa cair as pétalas ainda impregnadas de suave essência.

Ele, infeliz precinto que vaga pelas sombras da noite em busca de perdão.

HERMENGARDA.
Rio Grande – 78.

O BOTÃO DE ROSA

(ROMANCE)

(Continuação do número 20)

Assim passaram-se os anos, Fernando cresceu belo e melancólico; era poeta, a saudade de sua alma, derramava ele em cantos.

Chegava a idade de cursar uma das academias do império, deixou, pois, o seu padrinho recomendando-lhe Laura e Malvina.

O tempo corria, as notícias que o velho recebia eram lisonjeiras, o moço fazia prodígios, era um verdadeiro talento.

O velho havia alugado uma casinha para as protegidas de seu afilhado, dava-lhes uma pequena mesada, que junto ao produto do trabalho das boas mulheres, fazia o suficiente para sua subsistência.

Quatro anos apenas decorriam que Fernando estudava, quando em uma manhã a esposa de seu padrinho, foi encontrada morta na cama.

O velho recebeu tão forte abalo com esta perda, que dois meses depois estava morto.

Não tendo herdeiros, a sua fortuna foi juntar-se com a de Fernando a quem verdadeiramente amava.

O moço achava-se enfermo quando chegou a triste notícia, sua nobre alma chorou sinceramente a perda do homem que lhe serviu de pai e que finalmente deixava-lhe tudo que possuía.

A dor veio agravar seus incômodos físicos e os médicos aconselharam-no a ir restabelecer-se na sua província.

Este conselho e a necessidade de velar seus negócios, receber sua nova fortuna e aclarar algumas dúvidas, fizeram ele decidir por partir.

— Não volto mais, disse ele a seus amigos.

— Por que? Perguntaram-lhe. **[p. 3]**

— Não sei, mas conheço que não voltarei!

— Isso é poesia meu visionário, voltarás para concluir teus estudos e acalmar nossas saudades.

Deixou Fernando pender a fronte tristemente e duas lágrimas escorregaram-lhe as pálidas faces.

(Continua.)
AMERICANA.

IRIS POÉTICO

A ELE

Por noites de luar quando de manso,
 Beijar a lua os ramos do salgueiro
 A cuja sombra tristemente eu durma,
 O sonho derradeiro.

Se a brisa te trouxe entre suspiros,
 Uma queixa, um soluço, uma oração,
 Recorda-te de mim, que inda há de amar-te
 Meu pobre coração!

Recorda-te de mim, dos nossos sonhos,
 Dessa quadra de amor, de felicidade,
 Embora já nem reste uma esperança,
 Relembra com saudade.

Pois na minha alma a tanto amor e crença,
 Tanto anelo meu Deus, tanta esperança,
 Que ei de guardar lá no meu sepulcro
 Teu nome na lembrança!

N. 22, p.4

MÍRIADES

CARAS LEITORAS

Ainda desta vez toca-me o dever de entretê-las, ou de aborrecê-las, creio que todas opinaram pela última; que querem, Deus não quis me dotar de espírito e eu por mais diligencia que faça para obtê-lo ainda não o consegui: pelo contrário tenho descoberto que isso de espírito não pode ser forçado e, por conseguinte resigno-me a não o ter.

Porém a culpada de terem ainda hoje de me aturarem, é a Hermengarda, que não esteve disposta a tomar o seu lugar. Quase que me zanguei com ela, mas...enfim, isto é, de quem anda apaixonada, tem seus caprichos, está talvez compondo algum poema, e, por conseguinte não esteve para não o interromper.

Paciência.

Ora eu empreguei este sermão imenso antes de começar, pelo motivo de faltar-me assunto desta vez; mas enfim vou contar-vos o pouco que sei.

A Bela R..., disse-me alguém, está transbordando de felicidade tem uns dias, não sei qual será a causa, porém há quem diga que a chegada do “cisne”, trouxe-lhe essa alegria, é que sem dúvida ele, o cisne, foi portador de boas novas.

Havia de ser isso.

Ainda hei de perguntar ao H. para ver se ele me diz alguma coisa a esse respeito.

Também consta-me que o M., aquele de que nos falou outro dia a Hermengarda, escrevi seu nome no número de adoradores da encantadora Elfr...A....e diz que: “vencer ou morrer”.

Gosto desta divisa.

Quem sabe se o moço quer imitar César: — Cheguei, vi e venci.

Veremos.

É verdade, já ia me esquecendo de contar que Mariquinhas trocou o nome que tinha no coração, agora no lugar de P... tem ela V...

Não acontece o mesmo com a Mal...da rua ...que conserva-se firme do ...segredo.

E como estou hoje mais do que insípida, resolvi-me a não vos incomodar por mais tempo.

Adeus.
MARIETA.

JOGO DA PACIÊNCIA

LOGOGRIFO

Oferecido à insigne charadista Nyny.

Com quatro diferentes letras
Três silabas vou formar,
O seu todo que o defira
Que as pode alcançar.

A primeira com a terceira
De utilidade será,
A terceira com a primeira
Quase o mesmo mostrará.

A segunda com a primeira
 Que frescura que ela dá
 Mas também algumas vezes
 Abraçada se verá.

A segunda com a segunda
 É coisa que pouco há,
 Qualquer delas invertida
 Um alimento dará.

Digno de ásperos castigos
 Sempre a primeira será
 A segunda com a terceira
 Compaixão inspirará.

CONCEITO.

Do mundo sou a figura
 Inda um pouco oval

Sou também admitido
 Nas festas do carnaval.

COLIBRI.

A decifração das charadas do número passado é a seguinte; decifração do quadro:

Ovar
 Vara
 Aral
 Rala

Idem do logogrifo, — Álvaro.

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 18 DE AGOSTO DE 1878 - ANO 1, PERIÓDICO N. 23

N. 23, p. 1

EXPEDIENTE

Recebemos durante a semana as seguintes publicações:

A Escola – Corte.

Mosaico Ouro Pretano – Ouro Preto.

Progresso Literário – Pelotas.

Pátria – Jaguarão.

Revista Gabrielense – S. Gabriel.

Cruzeiro do Sul – Bagé.

Santa Cruz – Uruguaiana.

Diabrete, Pregador Cristão, Lusitano e Censor – Rio Grande.

A Grinalda – Santana do Livramento.

Agradecemos.

PROGRESSO LITERÁRIO – Tendo notado que há muito esse interessante jornal não acusa o recebimento da VIOLETA, temos a informar à distinta redação do mesmo, que temos sido pontuais na remessa de nosso jornalzinho, e que ignoramos se ele tem ou não chegado ao seu destino.

O BOTÃO DE ROSA – Ainda infelizmente pelo motivo que noticiamos outro dia, deixa de continuar no presente número a publicação do romance do título acima.

PRELÚDIOS – Com este título vai brevemente entrar no prelo de um livro de versos da proprietária deste jornalzinho, será o mesmo livro precedido de um juízo crítico de um dos primeiros literatos de nossa terra.

Assina-se nesta tipografia, preço de cada volume 2\$000 reis.

ROSAS LITERÁRIAS

JURAMENTO DE UM DIA

(NARRATIVA.)

(À JÚLIA FIGUERÔA)

Jayme e Emelina viram-se pela primeira vez no cair do crepúsculo, soava Ave-Marias, o sol de a muito se atufara além, nos longes das serranias, no imo do bosque o sabiá soltava a derradeira nota de seu canto repassado de saudade.

Emelina encostada ao peitoril da janelinha de seu gabinete, fitava melancolicamente a empalidecida face de sultana das noites, o espírito abandonara-se as suas fantasias de moça, buscando com afã o almejado ideal, uma alma irmã da sua e assim repetia ela essa estrofe de João de Aboim:

É difícil meu Deus sobre a terra
Almas duas iguais encontrar,
Uma vez encontradas, por força.
Força oculta as terá de ligar.

Oh! Emelina tinha razão quem que na florida quadra da mocidade não suspire por um doce amor, como diz Hallevy: Coração sem amor é jardim sem flor. Quem não aspira encontrar um peito onde se abrigue um luminoso raio desse sentimento que Pigmaleão tanto almejou para sua formosa Galateia.

Sentir os prantos de um infinito afeto, palpitar as adoradas sensações de um amor que se desabrocha pura e sincero, não é realizar um dos mais aguerridos sonhos da vida?

O amor para certas almas é uma necessidade, [p. 2] umas das poucas ambições do homem que compreende a poesia do coração, almas a transbordar de sentimentalismo, repletas de emoções delirantes, ardentes, capazes de lançarem-se ao abismo num arroubo de paixão, é do amor que nasce a gemedora fonte do lirismo, sem ele os nomes de Laura, Beatriz, Natércia, Eleonor e tantos outros não seriam immortalizados, felizes daqueles que sabem divinizar, esses são os verdadeiros poetas, eu penso como Lopez de Mendonça, diz ele: — Não me admira que o amor puro e sincero, que a paixão vertiginosa e louca se vão encontrar

nos romances de Frorian e nas poesias de Madame de Desboulieres, nos pastorinhos que vagam com seus rebanhos pelos montes.

Emelina era uma dessas criaturas, que importava que não tivesse a fronte abrasada pelas lavas da poesia se ela transbordava-lhe o coração?

Na aurora da vida quando vimos o horizonte dourado pelos clarões da felicidade, quando a existência se desliza plácida e límpida, como as prateadas águas do arroio correndo dentre esmeraldinas margens, quando tu se nos apresenta através de um prisma encantador, ainda assim desejamos sempre a realização de um bem ignorado que muitas vezes por um feliz acaso se nos apresenta qual fugido astro deslumbrado os véus do porvir, ou passa rápido e fugaz deixando-nos para sempre imersos em trevas.

Assim foi a aparição de Jayme a Emelina afastou-a desse mundo de cogitações, fitaram-se por um momento trocando um desses profundos e amorosos olhares que tão bem traduzem as páginas do coração.

O tempo havia corrido, e na alma de Emelina o gelo de esquecimento não tinha de todo apagado a suave impressão causada por essa aparição momentânea.

Quando de novo o simpático vulto de Jayme transpôs aquele sitio, porém desta vez não passou qual fugitiva sombra, cegou-o o fogo lançado por esses olhos ardentes e enlanguescidos como os da Haidéa, a grega.

E quem poderia fugir a Emelina?

Jayme amou-a com delírio e paixão, a princípio a maldita dúvida a incerteza vinha de quando em vez povoar de sombras o gáseo firmamento que mais tarde a doce confiança tornou infinitamente luminoso, quantos planos de ventura que sublimes devaneios fruíram essas duas crianças. E tão bela a quadra das ilusões porque há de passar tão breve? À tardinha Emelina cantava e Jayme acompanhava no piano, nas longas e frias noites de inverno faziam amenos serões, enquanto Emelina e sua mãe bordavam ou costuravam, Jayme as distraía lendo as sublimes páginas de Rafael, de Lamartine, ou a pedido da moça as tristezas à beira mar, de Pinheiro Chagas, e assim nesta doce união passavam os dias e os meses sem que o mais leve sopro frisasse o sereno regato onde se refletia esse grupo feliz.

Parecia que o gênio da tristeza fora para sempre expulso dessas benditas paragens.

(Continua.)
REVOCATA H DE MELLO.

IRIS POÉTICO

SOU TRISTE

Sou triste como o eco de um gemido,
De um seio já sem crença e sem amor;
Como em meio de um bosque solitário,
A saudosa cantiga do pastor.

Sou triste como o goivo do sepulcro
Banhado pelas lágrimas do céu:
Como o pranto dolorido da viúva,
Chorando o terno esposo que perdeu.

Sou triste como a frágil parasita,
Que o vento na passagem derrubou;
Como é triste lembrarmos essa quadra,
Que tão bela nos foi, mas que passou! [p. 3]

Sou triste como ouvir em horas mortas.
Nas janelas o vento sibilar;
Como em meio de um campo solitário,
Da coruja o terrível gargalhar!

Sou triste como em meio do naufrágio,
Ouvir do marinheiro a voz queixosa,
Só tendo por resposta a voz do vento,
E o bramido da onda revoltosa.

Sou triste como a planta que definha,
Sem orvalho, sem sol, só entre abrolhos;
E como ela eu morrera muito cedo,
Se não visse uma luz, a de teus olhos.

PENSEROSA.
Dezembro - 76.

A MEIA NOITE

Agora que o silêncio das desoras
Envolve a terra em sombras de tristezas,
E a lua lá no céu gentil vagueis,

Esplendida de luz e de beleza:

Voa, voa, minha alma apaixonada,
Vai levar um suspiro delirante
Àquele que me inspira, que me eleva,
Em sonhos de ventura e amor constante.

Diz-lhe tudo, porém se após tu vires
Que outra imagem lhe ocupa o pensamento,
Volve veloz e vem morrer comigo,
De que serve o viver neste tormento!

Perdoa-me cantor se neste instante,
Eu deixei apagar da esperança o lume,
É que eu sinto que a febre me devora,
Ai a febre terrível do ciúme!

J.
Novembro - 75.

ANHELOS

Eu quisera meu anjo formoso.
Junto a ti os dias passar,
Teu olhar tão singelo, tão meigo,
Minhas vistas sentir ofuscar:

Tua voz de harmonias repleta
Meus ouvidos poder deleitar.
Teu semblante teu ar donairoso
Minha sina na vida guiar:

Meu juízo crivar-se em teu cérebro
E um só ser o nosso pensar,
Pena, gozo, tormento, alegria,
Eu e tu, em um só partilhar,

Dos meus lábios, um osculo puro,
Em tuas faces chegar a libar;
E depois... em arroubo celeste
Para sempre este mundo deixar!

P....S.
Rio Grande – 78.

MIRÍADES

Queridas leitoras

Pela primeira vez que tenho a ventura de vir conversar convosco, sinto-me bem acanhada, visto que não possuo nenhum desses recursos necessários para entreter-vos.

Contudo não quis negar-me ao pedido que me foi feito e farei aquilo que estiver ao meu alcance.

Quarta-feira tendo eu ido ficar em companhia de minha cara amiga Nyny para passarmos juntas o dia de N. S. da Glória, entretínhamos a noite com a leitura de livros de nossa predileção, quando fomos interrompidas pelos maviosos acordes de um violão. Eu sou imensamente apologista de serenatas e a Nyny do mesmo modo, foi, [p. 4] pois, por conseguinte muito agradável a impressão que sentimos.

Pouco depois ouvimos a simpática voz da estrela que cantava uma modinha, creio que a sua predileta e que muito nos agradou.

Depois ouvimos uma outra voz que a Nyny certificou-me de ser o M... porém não asseguro visto ter pouco conhecimento desse jovem. Só o que posso assegurar-lhes é que ambos cantaram com muito gosto e que inspiraram a L... uns versinhos bem mimosos.

Sábado estive em uma reunião familiar que muito me agradou e que estive muito animada.

Aqui como em toda parte onde se acham pessoas moças de ambos os sexos, notaram-se ternos olhares e meigos sorrisos.

Nada disso, porém me surpreendeu, pois na verdade era muito natural, o que me despertou atenção, foi a seguinte conversação que animou-me a contar-lhes pelo motivo de que pretendo guardar incógnito o meu nome.

Teve o mesmo lugar entre um moço que me disseram chamar V. S. M. e uma moça moreninha a quem ouvi chamar Lindocá.

Dizia o mancebo – Você (gosto desse tratamento) não costuma ir aos bailes de instrução?

- Não senhor eu sou pouca amiga de bailes, aprecio mais essas reuniões familiares, não acha que a gente se diverte mais?

- De certo, você é tal e qual a minha tia Francisca, ela também diz que não gosta desses divertimentos e que aprecia muito mais ficar em casa e comer um pedaço de charque frito.

- Porém eu (acrescentou a moça) não gosto de charque, já vê o senhor que não tenho a honra de parecer-me com a Sra. sua tia.

Eu estava encantada da conversação, porém infelizmente um chamado da dona da casa, privou-me de ouvir este primor, pelo que fiquei bem sentida.

Disse-me a mimosa que sabia coisas muito interessantes de tal mancebo, e que nos havia de contar;

até lá fica ao dispor de suas leitoras.

YAYA

P. S. — Neste momento acabo de receber um bilhete da redatora da VIOLETA, em que me pede para fazer-lhes cientes da seguinte cartinha que a ela foi enviada. Eila:

“Segundo me disse a Pituca, a menina E...A. anda com ciúmes de um certo cadete por este andar agora de namoro com uma mocinha da rua dos Príncipes.

IZOLINA.

Quem seria a interessada pelo cadete?

Ignoro pois não a conheço, sei apenas que a E. A. é merecedora de grandes sacrifícios.

H.

JOGO DA PACIÊNCIA

CHARADAS

1 – 2 Este verbo no cabelo é réptil.

2 – 1 Este rio aflige e é dignidade.

- 1 – 2 Algarísmo que alegra e aflige.
 1 – 2 Astro e no jogo defende a praia.
 1 – 1 Afirmativa, de tirar o pão, é nossa parenta e sentimento doce.
 2 – 2 Sinônimo de pura que junto desta mulher tem o poder de inspirar.

YÁYÁ.

A decifração do logogrifo do número passado é: Maracá.

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 25 DE AGOSTO DE 1878 - ANO 1, PERIÓDICO N. 24

N. 24, p. 1

EXPEDIENTE

Recebemos durante a semana as seguintes publicações:

CORRESPONDÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS – New York.

Gazeta de Campinas – Campinas.

Gazeta de Sorocaba – Sorocaba.

Gazeta Rio Clarence – Rio Claro.

O Bem Público – Pindamonhangaba.

Gazeta de Lorena – Lorena.

Mosaico Ouro Pretano – Ouro Preto.

Eco Feirense – Feira de Santana.

Espírito Santense – Vitória.

O Papagaio – Maceió.

Jovem América – S. José dos Campos.

Diabrete, Lusitano e Censor – Rio Grande.

O Caixeiro – Porto Alegre.

Livramento e Grinalda – Santana do Livramento.

Revista Gabrielense – São Gabriel.

Progresso Literário – Pelotas.

Cruzeiro do Sul – Bagé.

Santa Cruz – Uruguaiana.

Pátria – Jaguarão.

Vitoriense, Eco do Palmar e Violeta – Santa Vitória.

Agradecemos.

JUÍZO DA IMPRENSA – Bondosa como sempre a redação da “REVISTA GABRIELENSE” mais uma vez nos quis animar, procurando refletir sobre nós, como abaixo se vê, um raio dessa brilhante inteligência que tanto a distingue.

Agradecemos fazendo votos de felicidades dessa interessante Revista.

“A delicada e mimosa VIOLETA continua a derramar no ambiente literário os doces perfumes que exalam as produções de suas inteligentes redatoras.

Os dois números 17 e 18 que temos em vista desse interessante órgão da imprensa rio-grandense, que advoga a causa do sexo gentil, vem exornadas de delicadas flores, de belos artigos que revelam em suas autoras prometedora futuro nas lides da imprensa, nos torneios da inteligência.

Para prova do que avançamos, transcrevemos a seguinte poesia. ”

Segue a poesia – fragmento – produção de nossa colaboradora e parenta Revocata H. de Melo.

Assaz penhoradas para a distinta redação do “CRUZEIRO DO SUL”, transcrevemos em seguida as delicadas frases com que o colega dignou-se falar de nossa singela VIOLETA.

“Temos recebido regularmente o periódico VIOLETA, publicado no Rio Grande, do qual é principal redatora a nossa comprovinciana Exma. Sra. D. Julieta Monteiro.

É uma publicação literária dedicada às moças, podendo dizer-se que é um *bouquet* de odoríferas flores que estão a trescalar o mais agradável perfume para os que tem a ventura de tocá-lo.

Fazemos votos pela sua prosperidade e duração, cumprimos afetuosamente a Exma. Colega.

GAZETA DE SOROCABA – Temos continuado a receber com regularidade o interessante jornal deste nome.

Parece que de dia para a dia mais importante se torna esta publicação, que tem por redator o distinto poeta, romancista e dramaturgo Sr. Gaspar da Silva.

É por todos os princípios digna da proteção do público ilustrado e nós do imo da alma lhe a desejamos.

NOVA PUBLICAÇÃO – Fomos obsequiadas com o n. 2 da “Revista Militar Brasileira” que acaba de sair à luz na cidade do Rio de Janeiro.

Os artigos contidos no citado número e assinados por Graça Junior, A. J. de Amaral, Espírito Santo Junior, M. Emerich, F. C. da Luz e M. G. revelam muita inteligência e aptidão para as lides da imprensa por parte de seus dignos autores, a quem saudamos com entusiasmo, desejando mil felicidades a sua empresa.

Agradecemos, estabelecendo a permuta.

ECO FEIRENSE – Recebemos os números 3, 6 e 7 deste jornal que há pouco começou-se a publicar-se na Feira de Santana (Bahia), É o mesmo propriedade de uma associação e tem diversos redatores.

Os números que temos à vista acham-se repletos de interessantes artigos, tanto de interesse público como literários.

As Exmas. Sras. que nos quiserem honrar colaborando com a VIOLETA, avisamos pela segunda e última vez, que não serão publicados todos aqueles escritos que não trouxerem por extenso a assinatura da autora, pelo que será desnecessário teimar.

Entretanto, saberemos guardar o incógnito para o público, quando elas assim o desejarem.

ERROS – Escaparam-nos alguns no número passado deste jornalzinho, especialmente na pontuação da narrativa “Juramento de um dia”.

Por essa falta involuntária pedimos desculpa a nossos favorecedores, bem como esperamos suas esclarecidas inteligências pronta correção dos mesmos.

PRELÚDIOS – Com este título vai brevemente entrar no prelo de um livro de versos da proprietária deste jornalzinho, será o mesmo livro precedido de um juízo crítico de um dos primeiros literatos de nossa terra.

Assina-se nesta tipografia, preço de cada volume 2\$000 reis.

ROSAS LITERÁRIAS

O BOTÃO DE ROSA

(ROMANCE.)

(Continuação do número 22)

Nessa ocasião voltava ao seio de sua família o Dr. Álvaro, moço com quem Fernando ligara-se intimamente: suas almas haviam-se abraçados, viviam unidas, eram irmãos por laço forte e misterioso mesmo para eles.

Fernando conhecia toda vida de Álvaro.

Partiram juntos, durante a viagem foram sempre os irmãos extremosos.

A chegada, Fernando por pedido de seu amigo, foi acompanhá-lo à casa de Armando Loureiro e onde por este esperando, recebeu as demonstrações de consideração e simpatia.

Fernando sentia-se pior, talvez a viagem fosse a causa dessa alteração: necessitava ter Laura em sua companhia; mas que faria Malvina?

O mundo é tão exigente!

Falou a Álvaro no embarço em que se achava a moça. E o Dr. Ofereceu-lhe generosamente um quarto na casa de sua família.

Fernando aceitou sob condição de entrar Malvina para o serviço de Helena e de Adalgiza. **[p. 3]**

A família necessitava de uma criada nas condições daquela moça; foi, pois, a proposta aceita com prazer, e Malvina encontrou ali o que jamais acharia em parte alguma.

Os desvelos de Laura, em breve restituíram a saúde de Fernando; a amizade de Álvaro deu-lhe a paz ou a tranquilidade perdida; porém não partia, cumpria-se o seu pressentimento, não podia partir, estava preso para sempre.

Amava com delírio a irmã de Álvaro, nunca vira nada mais belo, mais perfeito, mais soberanamente encantador; porém como já dissemos em outra parte, a dúvida a incerteza, o receio de desagradar ao Dr. Álvaro era tudo um martírio, para aquela natureza excepcionalmente delicada.

O poema de sua vida poder-se-ia intitular:

— Sombras e luz: — tinha dias de tão horrível desalento, fúnebres espições, assim como outros da mais poética doçura, da mais delirante felicidade; dias, em que, para ele que tanto sofrera, encontrava a realidade dos mais belos e idealizados sonhos.

Malvina descobrira a paixão de Fernando por Helena e jurara contribuir para essa união, que preencheria todos os votos de seu irmão de criação.

Tinha a moça se unido intimamente com Rafael, que era fanático por Fernando.

Despendia ela para com o menino de todos os carinhos e cuidados possíveis: ele retribuía-lhe com grande confiança e amizade.

Um dia Rafael disse a Fernando: — sonhei que casavas com Helena, que finalmente era meu irmão!

— Oh! Não faz ideia de quanto éramos todos felizes! Meu pai, minha mãe, Álvaro, todos sorriam a essa feliz união.

— E D. Adalgiza?

— Oh! Não sei porque, não a vi no meu rico sonho.

— É porque talvez não me quisesse para ser seu parente...

— Olha Fernando, essa tua pergunta fez nascer ao meu espírito uma desconfiança.

(Continua.)
AMERICANA.

JURAMENTO DE UM DIA

(NARRATIVA.)

(À JÚLIA FIGUERÔA)

Uma tarde, porém, Jayme parece não estar tranquilo, um novo pensamento o preocupava, sentou-se perto de Emelina e lhe disse melancolicamente, escuta-me: - Não sei porque venho um negro presságio alterar a minha serena ventura, tenho tanto medo de abandonar este paraíso, deixar-te, tu que foste o meu anjo salvador, a nevada pomba que coroaste meus sonhos com o viçoso ramo da bendita paz, quão dolorosa me seria esta separação, quantas lagrimas e recordações, não é verdade? Que vezes sufocada em pranto não irias falar de mim aquela estrela que

como fanal de amor preside as nossas juras e protestos? E mais tarde quando esta fulgida quadra, e a minha cismadora sombra perpassassem por tua lembrança, já então embevecida por nossas afeições não verteis uma saudosa lágrima. Mas não, que digo eu, perdoa-me Emelina, bem sei que o teu amor não é rosa de um só dia, não fiques melancólica e chorosa, esquece estes pensamentos, são sombras fugazes, já passaram, de novo cintila o nosso astro não com o pálido reflexo do satélite, mas com o cambiante clarão da estrela, levanta a fronte Emelina.

— Oh! Porque me falaste assim Jayme, tenho medo desse pressagio, bem sei que a estrela afugenta o vulcão, mas também quantas vezes o raiar de uma aurora esplêndida precede os densos nevoeiros? Quem me diz que está felicidade não será um gozo transitório um sonho que de que em breve terei de acordar?

— Mas Emelina para que havemos de amargurar estes preciosos momentos, a vida é curta não se desperdiçam as horas de ventura, não desanimes, bem cedo veremos realizado o nosso fagueiro sonho.

— Meu Deus! Que vida feliz naquela pitoresca casinha, debruçada a beira do riacho, quando à tardinha fomos passear a várzea, admirarmos [p. 4] a natureza, ver a róseas grinaldas de bromélias enlaçadas as frondosas sapucaias, ouvir o melodioso canto do sabiá oculto nos jambeiros, o gracioso bando de marrequinhas espanejarem-se nas lagoas vizinhas e mais que tudo quando o campanário anunciar Ave-Marias ouvir te teus castos lábios a fervorosa oração do despedir do dia como eu serei imensamente feliz a teu lado, que existência invejável, não dourada pelo ouro, mas pela sagrada afeição de uma alma que é toda tua.

MIRÍADES

LEITORAS MINHAS

Estou hoje verdadeiramente propensa à poesia; tanto que do princípio vou apresentar-lhes uma elegante estrofe, que pelo vigor e estilo de pensamento, tenho certeza que vos impressionará; é um primor poético na primeira página de uma carteira de mesa. Ei-la:

Meu cravo roxo rajado
 Meu botão de relicário
 Inda pretendo ir contigo.
 A presença do vigário.

Bela inspiração, feliz daquele que a mereceu.

Existia entre nós uma ilustração portentosa.

Conhecem a velha dos pós de arroz? Certa carcaça antiga com os olhos de centopeia (perdoem o plágio) pois deu-lhe agora para intitular-se grande sabichona, tanto que fala perfeitamente inglês, o francês, o alemão e todas língua que há nesta terra.

Que fenômeno, falar todas as línguas que há na terra, aqui anda ampla metáfora, será bom ser mais explícita.

As leitoras conhecem o Castor e o Pólux, dos nossos dias? Pois são dois “dandys” que muito tem dado o que pensar às moças, é incontestável.

Ainda não sabem de quem falo? Dos inseparáveis Souza e Silva; o primeiro assegurou-me alguém, está verdadeiramente cativo da graciosa de Faust..., que quando ao outro anda ideando um poema intitulado “Branca”.

Aprovo, o nome é poético.

Por que será que o mesquita tanto passeia pela rua Andrades Neves? Desconfio muito de certos belos olhos de uma moreninha... é o mesmo que um militar muito assíduo à praça da Matriz, já ouvi dizer que a pálida Josef... é o imã que o atrai ali.

Enfim, isto de maiores.

Não quero, não posso, não devo contar.

Vou agora vos mostrar três cartinhas remetidas à redatora deste jornalzinho.

Creio que o despeito é o causador de tais missivas, vamos a elas.

“Disse-me Dolores que o Dr. M... está apaixonadíssimo por uma santa Virginia da rua Pedro II, se isto é certo temos mouro na costa.”

AMÉLIA R.
18-08-78.

“O cadete está inteiramente apaixonado pela jovem E...A..., porém ela volta-lhe indiferença.

Luisinha. “

“Disse-me a encantadora Pituca que a E...A...ficara muito zangada comigo pelo o que eu disse no domingo e jurou-se vingar-se.

Menina, eu não tenho culpa, quem disse foi a Pituca – IZOLINA”

E aqui saudosa me despeço.

Hermengarda.

A decifração das charadas do número passado é:

1ª Serpente

2ª Senador

3ª Desgosto

4ª Soldado

5ª Simpatia

6ª Castália

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 1 DE SETEMBRO DE 1878 - ANO 1, PERIÓDICO N. 25

N. 25, p. 1

VIOLETA

Recebemos durante a semana as seguintes publicações:

O Besouro, O Domingo, A Iracema e a revista da *Sociedade Fênix Literária* – Corte

Gazeta de Campinas - Campinas

Gazeta de Sorocaba – Sorocaba.

Gazeta Rio Clarense – Rio Claro.

A Sentinela - São Paulo.

Imprensa Ituana - Itu.

Gazeta de Lorena - Lorena.

O Mirin - Bragança.

Gazeta da Vitória - Vitória.

Jovem América - São José dos Campos.

O Bem Público - Pindamonhangaba.

O Sapucaense - Sapucaia.

O Paraense - Curitiba.

Diário de Campos - Campos.

O Século, O Papagaio, A Infância, A Verdade e o *Vigilante* – Maceió.

Diabrete e Lusitano - Rio Grande.

Cruz Altense - Cruz Alta.

Revista Gabrielense - São Gabriel.

A Grinalda - Santana do Livramento.

A Violeta - Santa Vitória.

Agradecemos

ALFAS DE MOÇO – Com este título acabamos de receber um belo livro, produção dos distintos acadêmicos Srs. Silva Jardim e Valentim Magalhães.

Compõem-se a primeira parte da citada obra, de ensaios críticos, nos quais seu autor revela talento e vocação pronunciada para esse gênero literário.

É pequeno o espaço de que dispomos e nenhum recurso intelectual, pelo que deixamos de citar aqui as muitas belezas deste trabalho.

É a segunda parte um ramalhete poético, cheio de encantos e perfumes, sobressaindo da nossa fraca opinião as poesias “Minha mãe” e “Lirismos”, verdadeiros mimos literários.

Agradecendo a delicada oferta que nos foi feita, permitindo-nos os jovens literatos que da nossa obscuridade lhes enviemos os nossos parabéns por seus esplendidos talentos.

ROSAS LITERÁRIA

O Botão de Rosa

(Romance)

(Continuação do nº 24)

Fernando estremeceu, pensando que bastaria essa desconfiança, para plantar um punhal no coração do seu melhor amigo; e para desfazer qualquer impressão que o menino pudesse guardar, apressou-se a dizer-lhe:

- Não, crê que o meu maior desejo, é ser teu irmão, mas isso é impossível, rogo-te que sejas discreto; seu sonho ficará entre nós, não falemos mais em tal...

O menino meditou por algum tempo e após murmurou: - Malvina gostou do meu sonho e achou-o possível.

- Malvina é simples e me quer muito, por essa razão acha felicidade no que desejo.

- Tu também não crês em coisa alguma, sempre **[p. 3]** triste, sempre bisonho; bem diz minha irmã, que és muito sério e nada gostas de expressões.

- Mas a que propósito falou- te ela de mim?

- Eu te digo: um dia dos últimos passados, passeávamos no jardim quando minha irmã colhendo um lindo cravo branco, me disse que o pusesse na casa do teu "frak". E por que não lhe fazes tu presente da flor? Lhe perguntei, ao que me respondeu pela forma que eu disse.

- Não sou expansivo?! Suspirou Fernando; que me dera ter concessão para os transbordamentos de minha alma! ...

Rafael era vivíssimo, mas afinal era criança; prosseguiu, pois, com volubilidade: - minha irmã e minha prima, sentem por ti uma respeitosa diferencia; são cultoras de tua mimosa arte, por conseguinte sentem-se atraídas para o seu Apollo. Minha irmã que é mais travessa tem fantasiado e cismado tudo, por exemplo: ela na sua linguagem chama-se Erato, Adalgiza é Melpomene, tu o vale das tristezas etc, etc.

— Queres tu que eu leve à Helena um botão de rosa branca, como lembrança tua? Hoje em nosso jardim, havia uma dessas flores; era lindíssima.

— Não, D. Helena, ele não me perdoaria.

— Vamos ao jardim, tu colhes a flor, e eu vou leva-la ao parnaso (é como minha irmã chama o "boudoir"), anda, vamos, fico responsável pelas consequências: e desatou a rir.

Fernando riu também, e como é bem verdade, que o amor alimenta-se de chimeras e puerilidades, seguiu o conselho do pequeno e as coisas passaram-se, como já descrevemos no começo deste pequeno romance.

Só me falta dizer, que no momento em que Fernando colhia o botão de rosa, era observado por Adalgiza que se ocultava por trás do transparente da janela que dava para o jardim; cuja foi por Malvina levantada, poucos momentos depois das moças terem partido para o passeio.

A moça criada obedecia a Rafael, pois raras vezes faltava a Fernando, e sempre em presença dos donos da casa.

A flor encontrada no “etageres” foi logo conhecida por Adalgiza, que guardou o seu segredo.

Seguiremos a nossa narração.

Entrando na alcova do Dr. Álvaro, Fernando ficou surpreendido de encontrar ali um médico a Armando Loureiro. O enfermo tinha as feições alteradas, parecia sofrer muito.

— O nosso doente, disse o médico, tem alguma febre, mas asseguro-lhe que é mal passageiro, não tenha cuidado; o calmante de hora em hora, muito sossego e amanhã estará completamente reestabelecido.

Ficando só com seu filho, e Fernando, Armando Loureiro recomendou ao último que não consentisse que Álvaro falasse muito, e que ao sair o avisasse, pois não queria que seu filho estivesse só. Findas essas palavras, retirou-se.

Fernando chegou sua cadeira para junto do leito e tomando ternamente entre as suas, uma das mãos de seu amigo, fixou-o com maior ansiedade.

— Sofro muito, meu amigo, o corpo desfalece e o pobre coração lentamente se vai despedaçando; este amor será o meu sudário, tenho disso um horrível pressentimento.

— E talvez uma infundada desconfiança como já por diversas vezes o tem sido.

— Não agora tenho quase certeza do meu infortúnio, vi, fui indiscreto e paguei-o imediatamente.

— Não se altere, Dr., lembre a recomendação do médico.

— Oh! O médico! O médico é um louco, pensa talvez que estou constipado.

Não conhece que tenho na alma mais do que o inferno, a própria morte.

(Continua.)

AMERICANA

JURAMENTO DE UM DIA

(NARRATIVA)

(À JÚLIA FIGUERÔA)

(Continuação do número 24)

O funesto presságio de Jayme não havia sido em vão, a fatalidade ou o destino enfim, chamavam o moço a outros lares, era preciso partir, abandonar aquele éden onde habitavam duas criaturas divinas, que tanto o amavam.

- Emelina dizia a Jayme, não me despedaces a alma, breve serei contigo, tem fé e esperança em Deus, julgava que a vida do homem era destituída de dores e privações? Entre as rosas também se deparam cardos, Oxalá que bem cedo a minha volta suspenda esse manto nebuloso que de hora em diante valerá nossa existência. Ao menos nas atribuladas horas de saudade afogarás as lágrimas no colo de tua mãe, e eu só no mundo onde um peito amigo onde descansa a fronte? Qual a consolação para as minhas acerbadas dores? Só a doce esperança, assim sejamos resignados, não chores, escuta estes versos escritos ontem após uma insana vigília:

Adeus vou partir Emelinda
Vou deixar-te oh meu sonho de amor,
Mas por Deus não olvides a crença
Que dá vida a teu pobre cantor.

Não te esqueça de mim à tardinha,
Quando a brisa beijar-te os cabelos,
Quando os sons de saudoso piano
Relembrem meus puros anelos.

Não te esqueça de mim branca rosa,
Alvorada de um dia sem fim,
Não te esqueças nas horas silentes
Suspirares o anjo por mim.

Não te esqueças de mim se o destino
Afastar-me para sempre de ti
Se morrerem nos gelos do campo
As esperanças que louco fruiu.
Não te esqueças de mim doce virgem
Meu santelmo nos véus do porvir.
Não esqueças os gratos momentos

Que passamos num ledor sentir.

E mais tarde ao volver-te a lembrança
Esta quadra ditosa e feliz,
Se eu dormir na algidez do sepulcro
Dá teus prantos ao pobre infeliz.

A moça o escutava chorando.

— Jayme bem vejo que são gerados pelo sentimentalismo de um grande amor, mas não temas o olvido, jamais por tua lembrança passará na minha alma uma sombra do esquecimento.

— Perdão, às vezes vem a cruel dúvida.

— Mas quantas vezes terei jurado por minha mãe, um amor de além-túmulo.

(Continua)
REVOCATA H DE MELLO

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 7 DE SETEMBRO DE 1878 - ANO 1, PERIÓDICO N. 26

N. 26, p. 1

VIOLETA

SETE DE SETEMBRO.

Completa-se hoje o 56º aniversário da Independência nacional.

É mais uma página gloriosa que se volve no grandioso livro dos tempos. É mais uma tradição que o espírito nacional afaga e engasta no diadema do vasto Império do Cruzeiro, esse gigante que dorme a um recanto da América, a sonhar a opulência do futuro.

O grito da liberdade partindo das formosas margens do Ipiranga reboou em todo o país em cujos pulsos pesavam as algemas da escravidão.

Como a chispa do raio aclara o espaço e deixa rastros de luz na amplidão, esse grito rompeu as trevas agrupadas como mas e a disforme nos horizontes da pátria, deixando nas páginas da história tradições heroicas que constituem os créditos da nossa soberania e heroísmo.

Neste dia em que inspiradas de verdadeiro jubilo solenizamos o mais vultuoso acontecimento da nossa pátria, corre-nos o dever imperioso de fazer parte do coro que entoia hinos de gratidão aos mártires da liberdade, cujos nomes perdurarão em nossa memória e nas páginas brilhantes da grande história nacional.

Viva a memória de S. M. o Sr. D. Pedro II!

Viva a memória dos mártires da liberdade!

Viva a Augusta Família Imperial!

Viva o glorioso 7 de Setembro!

SETE DE SETEMBRO

Salve brilhante sol da liberdade.

Salve aurora do mais glorioso dia para todos aqueles brasileiros que sentem no coração a chama do patriotismo.

Exultemos.

O dia de hoje recorda-nos que para sempre estão quebrados os grilhões da escravidão.

Nós, mísero povo, que oprimido gemia, podemos desde então, desde esse feliz dia cuja data nos vem hoje recordar, soltarmos o brado de vitória.

Em nossos ardentes corações não deve jamais deixar de pulsar o doce sentimento de gratidão, não deixemos, pois, neste glorioso dia erguemos um entusiástico viva à memória do Augusto herói do mesmo.

Viva a memória de S.M. o Sr. D. Pedro II!

Viva a nação brasileira!

Viva S.M. o Sr. D. Pedro II!

R. Heloísa de Mello

EXPEDIENTE

Em razão de desejarmos por alguma forma comemorar este glorioso dia, resolvemos dar hoje o nosso jornalzinho, deixando de fazer amanhã.

JUÍZO DA IMPRENSA. – São das distintas redações do “SAPUCAIENSE” e do “MIRIN” os seguintes lisonjeiros juízos: do “SAPUCAIENSE”:

A VIOLETA. – Eis o título de um jornalzinho que nos veio do Rio Grande do Sul.

Modesto como a flor de seu nome, despertando ameno pela sua leitura, interessante como o pode ser a mais bela página dessa literatura ligeira, [p. 2] de fácil estilo, que tanto instrui, como recria, eis o que sentimos à leitura do seu número 21 com que sua redatora e proprietária a Ex.ma Sra. D. Julieta Monteiro, nos acaba de honrar.

Seja bem-vinda a “VIOLETA” e que em seu caminho só encontre lírios e rosas que perfumem o canteiro de onde saiu.

À sua redatora enviamos-lhe os nossos sinceros parabéns pela sua feliz ideia e esclarecido talento.

Permutaremos. “

Do “Mirim”:

“À “VIOLETA” publica-se no Rio Grande do Sul sob a redação da Ilma. Sra. D. Julieta Monteiro; é um jardim onde se colhem belíssimas rosas literárias, cujo aroma delicado é pregoeiro da civilização e progresso daquela heroica província.”

A ambas o nosso sincero agradecimento.

Por falta de espaço deixaram de sair no número passado, as seguintes notícias:

Recebemos pelo último vapor o n.7 da “REVISTA DA FÊNIX LITERÁRIA”, cujo vem ornado de belos escritos e maravilhosas poesias.

Traz também como de costume uma espirituosa crônica.

Com o presente número começa o segundo semestre dessa interessante publicação, à cuja redação agradecemos a honra da remessa bem como fazemos votos por sua perene felicidade.

Fomos obsequiadas com os números 6 e 7 da “VERDADE” e o 5 do “VIGILANTE”, interessantes periódicos que se publicam na capital de Alagoas.

Agradecemos a remessa e permutaremos.

Também fomos honradas com a remessa da “GAZETA DA VITÓRIA”, bem elaborada folha que se publica na cidade Vitória, província do Espírito Santo.

Agradecemos desejando à mesma mil prosperidades.

Pelas redações do “SAPUCAIENSE” (Sapucaia) e “PARANAENSE” (Curitiba) fomos remetidos os citados periódicos em troca de nossa singela “VIOLETA”, que lhes tínhamos enviado.

Agradecemos a honra.

Pelos ilustrados redatores do “Domingo”, os Srs. F. d’Almeida e C. Regazoli foi-nos remetido o Prospecto da sociedade “Auxílios Mútuos dos Empregados do Comércio.”

Tem por fim a mesma sociedade:

“1º. Propagara a instrução entre os seus coassociados.

2º. Servir de amparo, mediante a distribuição de “quantias”.

3º Defender interesses da classe, em cujo seio se levanta, pelos meios que a discussão e quaisquer outras deligências legais, facultarem.”etc, etc.

Recomendamos a todos esta, utilíssima sociedade, desejando que seus dignos fundadores vejam sua brilhante ideia coroada por feliz êxito.

À INFÂNCIA. – Como resposta ao pedido que nos fez a interessante redação desse mimoso jornalzinho, só temos a dizer-lhe que desde que fomos obsequiados com o primeiro número do mesmo, temos enviado com pontualidade a “VIOLETA”, o que continuaremos a fazer.

ROSAS LITERÁRIAS

O Botão de Rosa
(Romance)
(Continuação do nº 25)

O meu amigo é muito cioso, disse Fernando, imagina coisas até impossíveis. É necessário que fale pouco e com muita calma: ora conte-me por alto e sem alterar-se, que coisa originou essa dor imensa que o tortura. [p. 3]

- Eu te digo, Adalgiza possui uma mimosa carteira que lhe deu meu pai no dia dos seus anos; minha prima traz sempre consigo aquele precioso objeto, e eu confesso-te, que era grande e minha curiosidade de saber o que continha; o nosso proporcionou-me uma ocasião ao levantar da mesa de jantar, não sei que jeito deu minha prima ao seu vestido, que fez cair o lenço; e com a ponta do pé, sutilmente atirei a carteira que tinha no bolso, eu curvei-me imediatamente, apanhei-lhe o lenço; e com a ponta do pé sutilmente atirei a carteira mais para o fundo, de modo que ela não a visse: logo que pude, apanhei-a e fui para o jardim: lá sob a copa do jasmineiro, e por trás da estátua de Vênus, abri tremendo a minha sentença de exílio ou de morte.

E sabes tu, o que havia ali? Não imagine; trágicas fantasias, lúgubres atrofies escritas a lápis, e um botão de rosa branca já seco, porém ainda perfumoso! Confesso-te que chorei e choraria toda a tarde, se Tulia a minha boa amiga, minha segunda mãe, não viesse em meu socorro. Não tive tempo de esconder a carteira, contei-lhe tudo, não se mostrou surpreendida, disse-me que há muito era senhora do meu segredo, consolou-me, buscando persuadir-me que Adalgiza falava-me; porém eu não sou criança, é bem verdade que na carteira não havia um nome de homem, mas aquele botão de rosa era muito eloquente.

Quem lhe deu?

De onde veio? ...

Ó Fernando, sou muito desgraçado!

Só então que Álvaro encarando atentamente o seu amigo, reparou que estava lívido. Oh! Acrescentou ele, bem veio na tua emoção que como eu, estás convicto de que devo perder a esperança.

— Não, murmurou o moço, não é esse o meu pensamento; Vejo que infelizmente essa desconfiança ficará eterna em vosso espírito: e se ousasse... dar-vos um conselho! ...

- Diga meu Fernando.

- Em primeiro lugar, que é da carteira!

- Dói a minha boa mãe, para que pusesse ao [ilegível] em qualquer parte dos aposentos de minha prima.

- Pois bem, agora é necessário tratar de reestabelecer-se e casar-se logo;

- Assim pensa também a boa Tulia, mas vejo-me tão desanimado!

- O Dr. é modesto a ponto de desconhecer a superioridade que distingue dos outros mancebos. Que mulher seria capaz de vê-lo indiferentemente? D. Adalgiza, moça de espírito cultivadíssimo e alma sensível, não podia viver a vosso lado sem sentir-se verdadeiramente impressionada. Não pense mais nisso, meu amigo, nada de transgredir com a vontade do médico; basta de palavras.

(continua)
AMERICANA.

JURAMENTO DE UM DIA

(Narrativa)

À Júlia Figueiroa.

(Conclusão)

— Dá-me como prova esse ramo que tens ao peito, essas violetas, talvez mais lindas e perfumosas do que aquelas com que Alceu comparava os cabelos de Sapho; será um fiel talismã que trarei sempre junto ao coração.

— Pois bem, façamos uma troca; em pagamento das violetas dá-me um anel de teus cabelos selado solene juramento.

— Sim, juro por tua vida, por tua adorada mãe e pelo pálido astro que neste momento derrama prateados raios sobre tua cândida fronte que as nossas almas serão unidas na vida e na morte.

Eram já três anos e Jayme nunca mais voltara aquele sítio. Um dia porém não sei se o acaso ou não do Onipotente o conduziu ali. Era uma manhã de inverno sombria e triste como devem ser as almas dominadas pelo remorso.

Jayme ao avistar a cozinha de Emelina, sentiu o coração comprimir-se; o passado que por tanto tempo fora por ele olvidado, desdobrou-se ante seus olhos; oh, que saudade, que desesperação sem nome! Em vão procurou divisar através da vidraça [p. 4] do gabinete o rosto angelical da moça, tudo estava mudado, a relva crescera em redor daquela poética vivenda, o musgo e a hera cobriam-lhe as paredes, não mais viçavam no jardimzinho as formosas violetas.

Tudo fenecera com a sua bela cultura; o abandono reinava ali, Jayme percorreu todos esses lugares que lhe traziam dolorosas recordações; quantas lágrimas derramamos ele ali no silêncio de uma saudade imensa e de um pungente remorso.

Procurou alguém que lhe dissesse o que era feito dessas criaturas; então soube que depois da morte da velhinha, a filha ficara com as ideias alteradas, entregando-se a uma desesperação tal que perdera a razão; coitadinha enlouquecera de dor.

À tardinha costumava assentar-se à soleira da porta e quando via alguém, apontava lá para o fim da estrada e dizia chorando: ele não voltou mais, depois desatava de pescoço um veludo negro de onde pendia uma medalha, e abrindo-a beijava uns cabelos, repetindo sempre, ele não votou mais.

Assim viveu ainda alguns meses esse anjo, até que a virgem, o chamou para junto de si. Jayme dirigiu-se ao cemitério procurou com afã em todos os epitáfios ler o nome daquela que tanto o amara, porém não encontrou: é que no túmulo de Emelina não havia mais que uma singela cruz enlaçada por uma coroa de flores silvestres.

Revocata H. de Mello.

IRIS POÉTICO

SEGREDO

Ninguém tente saber qual a causa
Da mortal palidez do meu rosto,
Não perguntem se eu guardo um mistério,
Se me mata um secreto desgosto!

Não indaguem também porque cedo,
A tristeza cobriu meu semblante:
Nem porque minha palidez fronte
Pende o peso de dor cruciante.

Ah, não tentem sabê-lo, há segredos
Que ocultá-los do mundo "mister";
Porque os homens mil vezes sorriem,
Das ternuras da pobre mulher.

Nunca uma alma encontrei que entendesse
De meu seio os secretos martírios:
Nem achei nunca um peito bondoso,
Que tentasse mudá-los em lírios!

São os homens estátuas de gelo,
A pregarem a fria razão;
E é por isso que as vezes sorrio,
Quando os ouço jurarem paixão.

E é por isso que eu sofro em silêncio,
Sem jamais uma queixa soltar,
E mil vezes meus lábios sorriem,
Quando apenas desejo chorar!

Marieta.
Janeiro – 75.

JOGO DA PACIENCIA

CHARADAS

- 2 – 2 Fazenda e móvel que diverte.
1 – 2 Criminosa que fere e é aprasível aos que padecem.
1 – 2 Na música este astro anda no mar.
2 – 2 No céu este advérbio estuda os astros.
1 – 1 – 1 – 1 Esta nota e esta outra num livro é a primeira e serve nos de consolo.

A decifração das charadas do número passado é: - 1ª Famalicão - 2ª Embarcação -
3ª Caneta - 4ª Felicidade.

**RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 15 DE SETEMBRO DE 1878 - ANO 1, PERIÓDICO
N. 27**

N. 27, p. 1

VIOLETA

Recebemos durante a semana as seguintes publicações:

O Besouro, O Domingo, A Iracema e a Revista da Sociedade Fênix Literária – Corte.

Gazeta de Campinas - Campinas.

Gazeta de Sorocaba – Sorocaba.

Gazeta Rio Clarense – Rio Claro.

A Sentinela - São Paulo.

Imprensa Ituana - Itu.

Gazeta de Lorena - Lorena.

O Mirin - Bragança.

Gazeta da Vitória - Vitória.

Jovem América - São José dos Campos

O Bem Público - Pindamonhangaba

O Sapucaense - Sapucaia.

O Paraense - Curitiba.

Diário de Campos - Campos

O Século, O Papagaio, A Infância, A Verdade e O Vigilante – Maceió

Diabrete e Lusitano - Rio Grande

Cruz Altense - Cruz Alta.

Revista Gabrielense - São Gabriel.

A Grinalda - Santana do Livramento.

A Violeta - Santa Vitória.

Agradecemos

À GAZETA RIO CLARENSE. – Foi com o maior prazer e orgulho que lemos a lisonjeira notícia que nossa obscura individualidade dignou-se dar essa interessante folha em seu número de 18 do meu passado.

À sua distinta e simpática redação a quem temos a honra de conhecer muito de perto enviamos nossos votos de reconhecimento, enlaçados a um cordial aperto de mão, deixando de transcrever aqui seu bem elaborado artigo, por ser bastante extenso, e a nossa “VIOLETA” muito pequena.

A atualidade. – Tendo nos remetido a “Violeta” à redação desse importante órgão da imprensa, fomos agradavelmente surpreendidas quando ao recebê-lo em troca de nossa modesta “flor”, deparamos com as seguintes lisonjeiras frases escritas à margem do mesmo.

“Ilma. Exma. Sra. D. Julieta M. Monteiro.

“Tivemos o distinto prazer de receber pela primeira vez, o seu bem redigido jornal sob o título de “violeta”, já há muito conhecido pelos nossos colegas de imprensa.

Apenas recebemos o n.º 21 de 4 de agosto do corrente ano.

Tomamos, pois, a liberdade de remeter em troca de tão interessante periódico a nossa modesta “Atualidade”

No primeiro número que sair, o nosso órgão, trataremos da bem conceituada “VIOLETA”, e da sua Exma. Redatora, segundo a informação que obtivemos por alguns amigos que conhecem de perto. – “Bendito de Carvalho. ”

Gratas por tanta bondade, enviamos ao colega os nossos agradecimentos. **[p. 2]**

Renascença. – Com este título começou a publicar-se na corte um interessante jornal literário.

É mais um valente batalhador que se apresenta na vasta arena da literatura para atestar o progresso das letras do nosso caro Brasil.

Do “imo” da alma lhe desejamos mil venturas, tendo convicção de que as gozará atendendo a que sua redação acha-se a cargo de uma inteligente plêiade de estudiosos mancebos.

O CAIXEIRO. – Fomos obsequiados com o 3º número deste jornalzinho, que começou-se a publicar em Santana do Livramento.

É propriedade dos Srs. Tubino e Melo, e dedica-se exclusivamente à literatura e crítica.

Agradecemos a permuta e desejamos feliz existência ao novo “lidador”.

Recebemos pela primeira vez “O FUTURO”, periódico de pequeno formato, que se publica na Cachoeira (Bahia) e o “[ilegível]” de São João da Barra (Rio de Janeiro)

Agradecemos a delicadeza da troca.

Atendendo a falta de espaço, resolvemos de ora em diante publicar a revista dos jornais recebidos, todas as quinzenas, deixando de o fazer como até agora semanalmente.

ROSAS LITERÁRIAS

O BOTÃO DE ROSA

(Romance)

(Continuação do nº 26)

Depois de mais algumas palavras animadoras, Fernando despediu-se de seu amigo prometendo voltar pela manhã do seguinte dia.

Ao transpor a porta encontrou as senhoras de casa, que vinham passar algumas horas com o enfermo: parou para cumprimenta-las e também para observar o encontro de Adalgiza com seu primo; e por mais que quisesse chamar em seu auxílio toda a presença de espírito, não pôde deixar de corar, ao encarar aquela formosa moça, que com tanto mistério guardava o botão de rosa que havia sido enviado por ele.

Por que o guardava ela? ...

Supunha-o talvez da outra pessoa, ou fatalidade os conduzia, enganando-a, ao abismo do mais horrível precipício!

Essa flor não era a mesma? ... Fernando não pôde deixar de sorrir, sentindo o expandir sua alma a este vislumbre de esperança...

Depois dos cumprimentos do estilo “Adalgiza que ia na frente chegou junto do leito de seu primo, interrogou-o sobre sua saúde, com toda a meiguice de sua feiticeira voz e com aquele interesse, que só encontramos nas pessoas que verdadeiramente amam.

Fernando satisfeito com a expressão que tomara a fisionomia de Álvaro, retirou-se.

Meia hora depois, era o nosso poeta recebido em casa de Agenor; o moço militar abraçado Fernando, o fez sentar, pedindo-lhe licença por alguns instantes, para concluir um urgente bilhete, que se via começado sobre uma rica secretaria.

Enquanto o moço escrevia, fazia Fernando um rápido exame sobre tudo o que o cercava. Em primeiro lugar notou o esmero com que o mancebo estava vestido e que tão bem condizia com sua não vulgar beleza.

Em frente à secretaria, havia uma elegante harpa e junto sobre uma pequena mesa de mosaico um delicada estante, onde se via ainda aberta uma partitura.

A sala era guarnecida por pequena mobília estofada de azul.

Nas cantoneiras, jardineiras de cristal ostentavam a opulência de suas flores; sobre os “etagères” uma esfera, alguns estojos e infinidade de livros.

Fernando atravessou a sala e foi buscar um livro, que estava aberto sobre o sofá; era a “Nebulosa” de Joaquim Manuel de Macedo: marcava o canto do trovador na despedida à sua harpa: “Minha harpa saudemos o instante da morte.” [p. 3]

Enquanto entretinha-se por esse modo, Agemor fez soar um tímpano, a cujo argentino apelo apareceu um mulatinho a quem encarregou de levar logo a seu destino, o bilhete com tanta pressa ou interesse escrito.

Finalmente poderemos conversar, disse ele a Fernando.

Estou encantado respondeu este, tenho certeza que falo a um moderno “ilegível”. Flores, música, poesia, perfume e belezas: Ora, diga-me, é filho de Marte ou de Apolo?

— Não sei, meu amigo, sou um homem cuja história é breve, porém extraordinária. Agemor pendeu a fronte ao peso de doloroso pensamento.

Fernando delicado como sempre recolheu-se ao silêncio é só após alguns minutos é que, diligenciando afastar o pesado véu que parecia envolver o belo militar, perguntou-lhe se gostava do poema do ilustre brasileiro.

— Sim, gosto muito, como trabalho literário é padrão de glória para nossa pátria; e depois há ainda para mim aí um grande atrativo: é a analogia que em muitos pontos existe mim e o simpático vulto desse infeliz Trovador. Um dia, muito breve, contar-vos-ei a minha história...

— Espero que ao menos, disse o poeta rindo, não tereis como o herói de Macedo uma ingrata “Peregrina”.

— Pois eu temo muito que até nisso haja um ponto de semelhança entre nós; mas deixemos as minhas bem ou mal fundadas apreensões e falemos no que mais me interessa.

— Sim, venho dizer-vos que vereis cumpridos vossos desejos, logo que o Dr. Álvaro se reestabeleça; atualmente está prostrado ao peso de abrasadora febre: o médico

diz que é incômodo passageiro, porém eu não sou muito crente nos tais diagnósticos.

(Continua)
Americana

ÍRIS POÉTICO

MEU NOME

*Meu nome é triste e [ilegível];
Como o derradeiro alento,
Dos lábios de um moribundo,
Na hora do passamento.
É como o eco do bronze
No seu dobrar agourento.
J. P. Ribeiro*

Meu nome é triste e sentido
Como da vaga o gemer;
Eco de um canto perdido
Que vai nos ermos morrer:
Não diz amor nem ternura.
Não tem perfume ou magia;
É pobre flor da espessura
Batel sem norte nem guia.

Meu nome é triste lamento
Da onda beijando a praia,
Merencório pensamento
Ou flor que na haste desmaia;
Tem mais tristezas que o dobre
Do sino no fim do dia;
Meu nome é mesquinho e pobre
Jamais inspira alegria.

Meu nome é o grito agoureiro
Dos mochos do cemitério;
É soluço derradeiro
Da alma que guarda um mistério;
Meu nome é flor sem perfume.
É luz que aos poucos se esvai,
É pranto, mas de ciúme
Que mudo desliza e cai.

Penserosa

AUSENTE

A tarde era formosa, a brisa vinha
 Mansamente beijar do lago as flores;
 O sabiá cantava na aroeira
 E o espaço se vestia de esplendorosas

Do sol os derradeiros mornos raios
 Batiam de mansinho na janela,
 Onde eu triste cismava em ti pensando
 Oh! Em ti dos meus sonhos maga estrela.

Tudo dizia amor e poesia,
 Tudo ali respirava felicidade
 Só meu peito, do teu longe distante
 Te enviava um suspiro de saudade.

Rio Grande.

N. 27, p. 4

MIRIADES

LEITORAS MINHAS.

Eis a nossa esperançosa mocidade alarmada com a luta dos partidos; ao menos valha-nos esse ardor patriótico a quebrar a monotonia de que se achava acometida nossa sociedade, esse torpor e aborrecimento causados pela sensível falta de divertimentos, bailes, e ainda mais pela ausência da eminente companhia do Guilherme da Silveira.

Que tempo insípido, meu Deus, mas... tornando ao caso creio que os jovens conservadores já têm o trunfo como certo, e assim é que preparam um esplêndido baile, discursos, recitativos, etc. só em artigo flores vai encomendar quatro cestos cheios. O madamismo acha-se na maior influência e é de notar-se que muito coraçãozinho “liberal” pensa sem o menor escrúpulo, no baile, nos “conversadores” (quero dizer conservadores) nos doces e em mil atrativos que lá encontrará, a despeito de seus correligionários.

*

O jovem Othelo de que há tempos vos falei alcançou ver realizado o seu sonho, sem que para isso fosse necessário recorrer às trágicas paródias; quando menos se esperava a menina virou folha e leu no novo capítulo o mais terno dos romances...

Ah, leitoras o Mello está mesmo caidinho pela mimosa Elf. ... , enquanto as encantadoras O. ... e C. ..., vão arrebatando outros corações.

A moreninha querida do M. também assegurou-me que o simpático porto-alegrense recém chegado vê-se inteiramente entregue às douradas cadeias da graciosa e elegante Adal. ... B. e que o conquistador Levy vai com suas belas cantilenas embalando a pálida daqui e a morena de Pelotas.

Pela conversação de duas vizinhas, descobri mais que o C. ... está entusiasmado pela espirituosa e galante Henri... A. ..., assim como o cadete deixa-se morrer de zelos e ansiedade pela jovem Elfr. ... A. E eu aproveito a ocasião de perguntar ao simpático Abr. ... até onde pretende levar sua crueldade, pois que eu posso assegurar-lhe que a mocinha dos cabelos frisados tem muito provado a constância do nobre sentimento.

*

Agora posso falar-lhes do mimoso bogari da rua U. ..., isto é, da bela M. do C. que tem tido o poder de prender um galhardo tenente de marinha a ponto de se achar este inteiramente cativo dos olhos daquela fada.

As cândidas açucenas A. e J. Mont. ... passam esquivas por entre a turba que se extasia, dizem “alguns” que há preferência, porém eu não as vejo.

Ah, é verdade esquecia-me de dizer que Izol. ... talvez sem o saber com suas graças apaixonou o moço dos óculos azuis.

Fecho a crônica com chave de ouro.

Grande sucesso na literatura! Está no prédio a interessante biografia da – “Mulher nariguda ou arte de caluniar por inveja.”

Hermengarda

A decifração das charadas do número passado é: - brincadeira, - retiro, - fálua, - astrólogo, e – família.

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 22 DE SETEMBRO DE 1878 - ANO 1, PERIÓDICO
N. 28

N. 28, p. 1

EXPEDIENTE

A imprensa brasileira continua a dispensarmos a sua proteção, como se verá nas seguintes notícias que da “Violeta” deram os “simpáticos” colegas da “Gazeta de Lorena” e a “Violeta”, a quem nos confessamos gratas:

“Este mimoso e delicado ramalhetezinho literário, vem sempre “ilegível” o inebriante perfume das mais esquisitas e preciosas flores.”

Os números que temos à vista (22, 23 e 24), além de lindíssimas composições literárias e espirituosas escritos traz algumas poesias de verdadeira inspiração e merecimento.

Da “Gazeta de Lorena”:

“Violeta”, a flor mais modesta do jardim; porém que mais perfuma. “*Bouquet*” literário delicadamente enfeixado pela talentosa d. Julieta Monteiro, no Rio Grande. Recebemos os números 22 e 23.”

Procedimento inqualificável. – só assim se poderá chamar aquele que acabam de ter “ilegível” os nossos assinantes residentes na cidade de Pelotas.

Durante um trimestre enviamos ao Sr. José Isidro da Silva, quantia muito superior a cem jornais, para que ele na qualidade de agente distribuísse aos nossos assinantes redações, etc.

Quase ao concluir-se o trimestre enviamos ao mesmo Sr. os recibos para que ele procedesse à cobrança, visto que o pagamento é adiantado.

Grande porém foi a nossa surpresa, quando ele nos mandou dizer que todos os assinantes negaram-se a pagar pelo motivo que a “VIOLETA” não publicava mais crônicas daquele lugar, deixando por isso de interessar aos assinantes.

Não quisemos crer que entre tantas pessoas não houvesse uma que se interessasse pela literatura e que todas fossem assinantes por mera curiosidade de novidade, pelo que resolvemos encarregar a outrem da cobrança.

Pelo novo agente acabamos de ser participado que as pessoas negam-se ao pagamento, dando como motivo justo não ter recebido jornais durante todo o trimestre (!!!)

Não sabemos, pois, de quem não devemos queixar e só temos a dizer que procedimentos dessa ordem não tem palavras que o qualifiquem.

Consta-nos que não espíritos de maldade que se empenham em fazer murchar a pobre inofensiva “Violeta”, porém, se assim for, participamos-lhe que por enquanto não conseguiram o que tanto almejam, visto que ao passo que se davam esses acontecimentos em Pelotas, excelentes resultados nos participavam ter os nossos agentes da Corte, Bagé, Santana do Livramento, Jaguarão, etc. Os quais os senhores João P. Monteiro, Nunes & Filho, capitão Pinheiro, Eugênio Camacho etc.

Agradecemos às distintas redações da “Gazeta Rio-Clarense”, “Espírito SANTENSE”, “REVISTA GABRIELENSE”, “ECO DO PALMAR”, e “VIOLETA”, as transcrições que se têm dignado fazer dos escritos publicados ao nosso jornalzinho.

À D. (ilegível). – Não foi possível dar publicada aos apontamentos que nos mandou, pelo motivo de que ofendiam alguns jovens, a quem como a senhora não desejamos desagradar. O que se pôde aproveitar (ilegível) à nossa cronista e em lugar competente verá.

Espero que as não zangará conosco, e nos mandará escritos menos fortes: sim?

N. 28, p. 2

VIOLETA

Modesta e singela como sempre, entre hoje e nossa “Violeta” no seu segundo semestre de existência.

Creemos que finalmente temos cumprido com o nosso programa o que é forçoso confessar, há muitos têm desagradado, visto não nos ocuparmos com a vida alheia.

Triste realidade.

A cada momento ouvimos falar em progresso civilização, amor ao estudo, etc, etc, porém em balde procuramos vê-los, não sabemos aonde se ocultam.

A maior parte da nossa mocidade detesta as letras porque aborrece o estudo e se acaso alguma vez busca um jornalzinho da ordem a “Violeta” é apenas para ler a parte crítica.

Como, porém, todas as tem exceções: consegue-se lutando com algumas dificuldades manter a existência de jornalzinhos literários.

Não se zanguem conosco aqueles em quem couber a “carapuça” e aceitem os nossos cordiais agradecimentos os que com suas valiosas proteções têm concorrido para que se possa cultivar esta frágil e pequena “flor”.

ROSAS LITERÁRIAS

O Botão de Rosa

(Romance)

(Continuação do número 27)

— Esperarei meu caro Fernando, ainda que, - sendo franco, - muito me custa; pois confesso que é sonho das noites e lida dos dias, o pensamento dessa hora de suprema felicidade.

— É necessário moderar esse ardor, meu bravo; esperemos a hora soar : quem espera sempre alcança.

— Amo e muito, não sei superar quero ter certeza da minha sorte.

— E quem poderá ter essa certeza? Oh! Na terra é tudo precário! E a felicidade pelo amor é tão incerta! ...

— Mas não me aconselhas-te a esperar?

— Sim, a esperança é virgem caridosa, que só nos abandona por umbral da eternidade.

— Porém vejo que a melancolia preside esta palestra. Pensais que será impossível a realização de minhas aspirações?

— Não, por que o pensaria? Não sois vos tão digno de alcança-lo? ... Não havia intenção nas minhas palavras, disse-vos que a vida é transitória e precária porque assim o penso; e sobra a esperança, asseguro-vos – que dela emanam todas as venturas, se é que existem.

Por algum tempo ficaram ambos mudos e tristemente pensativos; para isso demasiados motivos tinha Fernando e Agenor? Quem o poderia adivinhar? ...

— Um abraço, meu caro Agenor, até breve; disse Fernando tomando o seu chapéu. O moço abraçou-o, protestando de novo a sua inexplicável simpatia.

No dia seguinte quando Fernando acordou, encontrou um bilhete de Álvaro. Era concebido nestes termos:

“Meu Fernando

Tinha o médio muitíssima razão, confesso que foi nescio em negar a sua ciência.

Estou quase reestabelecido...

Adalgiza e Tulia foram minhas enfermeiras...

Oh! Quisera estar sempre enfermo;

Adeus, sinto-me bastante feliz!

Teu Álvaro.”

Compreendo murmurou Fernando, não foi o médico nem o seu calmante; Adalgiza e o amor. Eis o segredo desse grande milagre.

Depois do almoço o nosso poeta foi ver [p. 3] o seu amigo, felicitá-lo, e instar fervorosamente para que apressasse o seu casamento, em seguida foi à casa de Agenor participa-lhe a boa nova dessa inesperada melhora e dizer-lhe que o dia seguinte seria o de sua apresentação em casa de Armando Loureiro.

Fernando havia resolvido provocar a fatalidade precipitando os acontecimentos.

Tinha confiança nesses mancebos tão singularmente fora do comum.

É meia noite, Álvaro dorme tranquilamente; seu criado, simpático homem que, o ama como a um filho, descansa meio adormecido, abre uma cadeira de balanço.

Tulia e Armando Loureiro conversam em meia voz em sua alcova: trata-se do casamento de Álvaro com sua prima Adalgiza.

(Continua.)
AMERICANA

ÍRIS POÉTICO

MOÇO PÁLIDO E POETA

Olhos azuis são sem graça,
Doce de uvas e passas,
Peixe gostoso é sardinha.
Ave sem fel é pombinha,
Laranja boa é seleta,
Moço pálido é poeta.

Fruta amarela é melão,

Quem tira alheio é ladrão,
 Peixe oleoso é tainha,
 Carta pequena é cartinha,
 Cupido é que atira seta,
 Moço pálido é poeta.

Mal dos moços é paixão,
 Mulher tem bom coração.
 Ciúme é “bicho domado”
 Filho de marte é soldado,
 Quem nada sabe é pateta,
 Moço pálido é poeta.

Moça baiana é iaiá,
 Bom cantor é o sabiá,
 Uva é fruta da parreira,
 Quem tudo diz, diz asneira,
 É bom seguir linha reta,
 Moço pálido é poeta.

Moço faceiro é pachola,
 Tempo feliz é o de escola,
 Filho de rei é infante,
 (Dizem que é bom ser constante),
 O que não vive vegeta,
 Moço pálido é poeta.

Flor perfumosa é o jasmim,
 Mesa branca é alfenim,
 Saia pequena é saiote,
 Capa comprida é capote,
 Criança é sempre inquieta.
 Moço pálido é poeta.

Rio Grande – 78.
 Ignota.

A UM JASMIM

Foste dado no momento
 Da mais suprema ventura,
 Selastes um juramento
 De constância e de ternura.

Em ti espera-se a história,
 De um sonho belo e rosado,
 De um poema de criança.
 Lindo poema encantado
 Em ti enterra-se a história

De um sonho belo e rosado.

Guardar-te-ei junto a meu peito.
 Como relíquia sagrada
 Té a hora em que pra sempre
 Eu desça ao seio do nada;
 Guardar-te-ei junto ao meu peito
 Como relíquia sagrada.

Mini.
 Rio Grande – 78.

N. 28, p. 4

Miríades

LEITORAS MINHAS

NIHIL EST OCCULTUM QUOD NON REVELATEUR foi o que murmurei eu na “soirée” de sexta feira, quando vi o inefável prazer que se desenhava no semblante do “bogari” da rua Uruguaiana quando lhe anunciaram a chegada do T. ...

Eu é que tanto ansiava por descobrir quem era a causa daquelas poéticas cismas em que às vezes a encontrava, pude enfim contar vitória.

A Julinha esteve em perfeito demoninho; aqueles olhos sedutores atiraram setas em mais de quatro corações: - e tudo isto sempre dizendo “quem não tem quem lhe queira bem.” Entre os jovens que naquela noite vi curvados aos caprichos dessa vestal, sobressaía o F. ..., eu dou-lhe toda a razão.

E o Claudio? Esse esteve como sempre conquistador; a princípio julguei-o preso aos encantos de A. ...; mais tarde da moreninha Qui... (que qui pra nós estava também um pouco impressionada) e finalmente quando recitou pareceu-me vê-lo inspirado dos olhos da travessa moreninha que o acompanhava ao piano.

Qual seria a preferida? Seria aquela que ele em segredo disse a alguém ser a mais bela?

O tempo nos mostrará.

A Ame... esteve uma verdadeira borboleta; ouvia dizer que delirava; faz ela muito bem.

No entanto enquanto ela voava, ligeira nas asas de valsa, alguém murmurava como Álvares de Azevedo.

“Morrerei ó moreninha em segredo!
 “Um perdido na terra sou eu!
 “Ai teu sonho não morre tão cedo
 “como a vida em meu peito morreu!

Enquanto isto se passava, o Toscano fazia diabruras e rezava à virgem do Carmo. O Alcântara dançava muito, mas sempre com aquela seriedade que todos lhe conhecem; e a moça de azul, conservava-se melancólica. Desconfio que faltava-lhe “alguém”.

Agora passemos a outro assunto:

Disse-me a Ziphera que a D... está muito apaixonada pelo E... da rua 20 de Fevereiro, o que a V. B. continua a sentir o coração ferido pelo Dr.

Também consta-me que o interessante Brasi... cativou o coração de R.T.

E quem não se renderia aquela fada?

Mas... reparo que é tarde, adeus até breve.

MARIETA

JOGO DA PACIÊNCIA

CHARADAS

Podes ver-me em qualquer vida	1º
Ou mesmo num militar	1º
No casamento eu estou	1º
No demônio me basta achar	1º

CONCEITO.

Tenho por ela sofrido
 Mil dores no coração,

Mas nela sou sempre firme,
 Não mudo de opinião.

N.

1 – 1 – 2 Na mitologia esta interjeição é um animal um homem.

1 – 3 Na parede esta mulher é termo do mar.

1 – 1 – 1 – 1 – 1 – 1 Esta nota é interjeição, num livro é tempo de verbo, e ainda é sinônimo caiporismo.

1 – 2 Elemento na boca é meu coração.

2 – 2 Diz-nos o coração a esta mulher é um belo nome

**RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 29 DE SETEMBRO DE 1878 - ANO 1, PERIÓDICO
 N. 29**

N. 29, p. 1

VIOLETA

Recebemos durante a quinzena as seguintes publicações:

Revista da Fênix Literária, O Besouro e O Domingo – Corte.

Gazeta de Campinas – Campinas.

Gazeta de Sorocaba – Sorocaba.

Gazeta de Lorena – Lorena.

O Bem Público – Pindamonhangaba

Gazeta Rio Clareense – Rio Claro.

O Sapucaense – Sapucaia.

O Lábaro – S. João da Barra.

Diário de Campos – Campos.

Mosaico Ouro Pretano – Ouro Preto.

Espírito Santense, Gazeta da Vitória, Sete de setembro e A Ideia – Vitória.

O Caichoeirano – Cachoeira.

Jovem América – São José dos Campos

O Arauto de Minas – S. João del Rey

O Cansação – Sergipe

Correio de Nazareth – Nazareth.

O Século, O Papagaio, A Verdade e O Vigilante – Maceió.

O Mirin – Bragança

Revista Gabrielense – São Gabriel

Cruz Altense – Cruz Alta

Santa Cruz e Ramalhete – Uruguaiana

A Grinalda e O Caixeiro – Santana do Livramento.

Vitoriense, Eco do Palmar e Violeta – Santa Vitória.

Diabrete, Frisador Chei Vão, Alvorada, Lusitano e [ilegível] – Rio Grande.

Agradecemos.

A IGREJA EVANGÉLICA

É fora de dúvida que o Evangelho o código cristão, aquele criado pelo Cristo o Redentor, contém as puras doutrinas de uma sã filosofia: aquela que está ao alcance de todos os conhecimentos intelectuais, e que razoavelmente derrama o pão benéfico do espírito.

A igreja romana está hoje em grande decadência, devido a uma teologia errônea e ambiciosa.

Seus adeptos que só olham os seus interesses pessoais têm em vista hipocrisia para melhor fanatizar o povo, tornando-o estúpido, com crenças absurdas que são a vergonha do século, o auto de fé do retrocesso.

Devemos, pois, optar pelo progresso da igreja evangélica, despida de aparatos e luxo, refletindo porém a luz verdadeira que enobrece e engrandece, fazendo-nos caridosos e amantes do próximo, segundo a doutrina do grande mártir do Golgothe, tão alterada pelo padre romano.

Felizmente nesta cidade já temos uma igreja evangélica, franca a todos aqueles que desejam ouvir a palavra de Deus.

JUÍZO DA IMPRENSA. – Do “Cachoeirano”, interessante periódico que vê a luz da publicidade na cidade da [ilegível] Espírito Santo são as animadoras e lisonjeiras palavras com que o maior orgulho e sincera gratidão, em seguida transcrevemos:

Violeta – Com este título está sendo publicado no Rio Grande do Sul um pequeno jornal que tem por principal base de seus assuntos a literatura, a crítica e a instrução. É sua fun- [p. 2] dadora a Exma. Sra. D. Julieta de M. Monteiro, sobre quem recai o honroso encargo da redação.

A “Violeta” é habilmente redigida e cientificamente bem elaboradas por senhoras.

Felicitemos por ver no nosso país radiar uma luz nascida do espírito feminino, que parece condenado às trevas por um sentimento de ignorância e duras práticas de seus detratores.

Sem motivo para o ser, o sexo feminino tem sido considerado de nenhum proveito nas ciências porque os que podem e os que imperam têm entendido que este sexo é fraco em tudo, muito embora a natureza esteja apontando nele inteligências fortíssimas, entendem ainda ser uma quimera.

A realidade é que a “Violeta” por si só forma um grande baluarte da ciência instrutiva e mais será se houver imitadoras.

Fazemos-lhe voto de prosperidade e de longa e invejável vida.

Agradecemos a remessa do n.º 24 e enviamos como permuta o nosso insignificante “Cachoeireiro”.

O *Caixeiro* – Só agora recebemos o n.º 23 do bem elaborado jornal que com o título acima se publica na capital da província e cuja ilustre redação acaba de nos penhorar sensivelmente, não só pela transcrição que nos dá a honra de fazer de uns modestos quadrinhos que ousamos oferecer ao mavioso e simpático poeta Marcio Teixeira como pelas honrosas palavras com que se dignou tratar de nós na mesma ocasião.

Será perene a nossa gratidão.

O *Ramalhete* – É este o título de um belo jornalzinho literário que começou a publicar-se na Uruguiana e que é propriedade do Sr. Carlos Marques de Couto.

Desejamos-lhe longa e próspera existência, e que o belo sexo a quem é dedicado jamais deixe de dispensar-lhe sua honrosa proteção.

Sob o título “Cansanção”, foi-nos remetido um periódico que se publica no Sergipe e que diz ser “jornal para todos”.

É primorosamente redigido e muito nos honra a permuta com a “Violeta”.

Da capital do Espírito Santo recebemos o 1º número de um mimoso periódico noticioso e literário que ali começou a publicar-se e que tem por título “Sete de Setembro”.

É propriedade dos jovens estudantes do Ateneu Provincial, e redigido com bastante inteligência.

Agradecemos a remessa e prometemos permutar.

Com o título de “A Ideia” recebemos os dois primeiros números de um interessante jornalzinho que começou a publicar-se em Vitória (Espírito Santo).

Tem por divisa “Ubi concordia, Victoria Semper”.

Ao novo órgão da mocidade que a continuar como começou prometo muito para o futuro, só temos a desejar mil prosperidades.

Da cidade de Jaguarão nos foi remetida a “Ideia”, órgão juvenil conservador.

É um pequeno periódico exclusivamente político, redigido com habilidade e entusiasmo.

Gratas pela remessa, desejamos aos noveis políticos felicidade para a sua empresa.

Durante a quinzena recebemos pela primeira vez o “Eco Liberal”, “O Cachoeirano” e o “Correio de Nazareth”, que se dignaram trocar com a “Violeta”.

O último desses periódicos conquanto ainda ao seu primeiro trimestre, noticia ao público que vai desaparecer da área jornalística, pela [p. 3] falta de proteção que infelizmente tem tido.

Sentimos profundamente esse acontecimento.

À Exma. Sra. D. Emilia Saldanha. – Recebemos sua carta e poesias, que infinitamente agradecemos.

Damos hoje publicidade à primeira poesia e fulgamos de ter como colaboradora deste jornalzinho tão inteligente Sra.

As Exmas, Sras. DD. Colibri e T.M. avisamos que recebemos suas charadas e logogrifo que agradecemos.

Por falta de espaço deixam de sair hoje, ficando para o seguinte número.

ROSAS LITERÁRIAS

O Botão de Rosa

(Romance)

(Continuação do n.º 28)

Em seu “boudoir”, junto a uma mesa de charão e tendo aberto diante de si um álbum, Helena adormeceu com a face sobre um retrato de Fernando.

Do lado oposto, porém sobre a mesma mesa, Adalgiza escreve em sua carteira: súbito, para e olhando atenta e sombria o lindo painel que tem em sua frente, balbucia: - sim, bem o vejo, adormeceu sobre o seu retrato! E tomando a pena continua a escrever.

Porém o reposteiro afasta-se sutilmente e uma mulher moça e pálida, vem descalça cautelosamente debruçar-se por trás de Adalgiza, e avidamente seguir com os olhos, os caracteres que esta vai agitada e febrilmente traçando.

Esta cena durara talvez um quarto de hora, mas Adalgiza largou a pena; e a indiscreta moça que lhe rouba o segredo, em bicos de pés rapidamente desaparece.

A bela prima do Álvaro guardava o seu segredo, sob a capa de sombria tristeza; ninguém em casa pudera jamais suspeitar o que guardava dentro de sua alma.

Dotada de extrema sensibilidade, de admirável força de vontade e de pronta e impetuosa resolução, sabia conter pela educação os assomos de sua alma...

Com dez anos perdera seus pais; era cedo para ficar só no mundo; o sofrimento, a dor, a extrema agonia, conduziam-na ao delírio por espaço de setenta dias; os seus parentes pasmaram diante dessa dor, nunca vista até então nessa idade tão juvenil: reserva-se que perdesse a razão, porém por felicidade vieram abundantes lágrimas.

Por muitos meses vivem no silencio e nas lágrimas, sem aceitar outro qualquer lenitivo ou consolação; mas um dia cedendo aos rogos de seus parentes que tanto o amavam, recebeu seus professores e em companhia de Helena, votou-se inteiramente ao estudo.

Fez prodígios, recebeu prêmios, felicitações, tudo com estoica indiferença; semelhava a Dea, a formosa cega de Victor Hugo; passado inconsciente por entre a turba entusiasmada...

(Continua.)

AMERICANA.

IRIS POÉTICO

À TARDE

Nas longas horas do cair do dia
 Não sei por que, mas a minha alma anseia...
 Será descrença que me envolve a vida
 Ou triste sopro que a saudade ateia?

A noite estende seu lúgubre véu
 Nos vastos ombros do imenso espaço:
 O dia foge, e no céu estrelas,
 Saúdam a noite num estreito abraço.

[p. 4]

A flor que ria-se ao nascer da aurora
 Beijando o tronco que lhe deu o ser,
 Desdobra as pétalas e suspirando diz
 O nome ingrato que nos faz sofrer!

Nas brancas nuvens que no céu passeiam
 À débil luz quando o dia morre,
 Julgo avistar teu olhar divino
 Qual tremula estrela que o céu percorre!

Furtiva e bela no silencio ameno
 Saudosa sombra que nos céus vagueia,
 As nuvens seguem teus mimosos passos
 Os anjos o riso que teu peito anseia.

Do campanário mortuário canto
 Que na alma acorda fatigal sofrer
 Saudosa lágrima nos beijando a face,
 Vai junto ao seio do amor morrer!!

EMILIA SALDANHA
 S. José dos Campos

MIRIADES

CARAS LEITORAS

A semana foi estéril em novidades, pelo que vejo-me em sérios embaraços para fazer esta crônica.

Não sei se quarta-feira foram à Pelotas, e por conseguinte se apreciaram algumas interessantes cenas que ali houveram.

Eu não fui, porém a Chiquinha disse-me ter visto lá grande parte de jovens desta cidade.

O P. L., por exemplo, que não sabia como dar (ilegível) à sua felicidade (pois hospedara-se na mesma casa que a sua querida) e por conseguinte não fazia senão repetir aquela quadrinha do mavioso poeta E. Cibrão:

De manhã tive uma esperança,
De tarde tive um sorriso
Tive à noite um juramento
Em sonhos o paraíso.

Só o que nos resta saber é se na verdade o moço tinha razão para dizer isso ou se não passavam de “projetos da imaginação”.

A Maria do Carmo disse-me que não gostou do passeio.

Não me admirei eu logo fiz ideia disso mesmo.

Não me dirão que graça poderia ela concentrar ali?

São coisas está que o T. achou que esta festa não podia ser em melhor ocasião, visto que assim aliviou as saudades que tinha de certa jovem muito nossa conhecida, e que sem dúvida o faziam dizer de quando em quando:

“Saudade gosto amargo de infelizes”

A Nyny contou-me que o Vasques andava muito melancólico depois que ausentou-se a sua querida J. porém eu não acreditei porque consta-me que ele antes da partida desta (talvez por ser previdente) já tinha uma predileta.

Que constante!

Não sei por que estes moços não tomam todos o exemplo da estrela errante ou mesmo do Palhares fieis em extremo, só o que tem é cada dia gostarem de uma.

Também a culpa é do coração, não acham?

É verdade que quero finalizar sem dizer-lhes que aquele simpático jovem da rua Riachuelo cujo nome é Alf... R... está cada vez mais encantado da “praça sete de setembro”

Não sei qual será a razão, porém desconfio que é por “patriotismo”.

E adeus vou passar a tarde com a Mimosa que me disse ter muitas novidades para contar-me relativas à travessa Julinho, à mimosa Lavínia e ao moço dos óculos azuis.

Marieta.

Decifração das charadas do número passado: 1º - Amizade, 2º - Pantaleão, 3º - Calmaria, 4º - Fatalidade, 5º - Ardente e 6º - Amalia.

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 13 DE OUTUBRO DE 1878 - ANO 1, PERIÓDICO N. 31

N. 31, p. 4

ÍRIS POÉTICO

Desilusão

Porque vieste procurar minha alma
Que no silêncio definhava aos poucos?
Porque vieste alimentar meu seio,
Com tuas juras, teus protestos loucos?

Melhor não fora que eu morrido houvesse
Sem ter na vida te encontrado um dia?
Sem ter ouvido de teus róseos lábios
Tanta promessa de eterna magia?

Oh! Sim, mil vezes porque então ávida
Corria triste, mas serena e doce,
E a paz ditosa que eu então gozava,
Hoje pra sempre me deixou, finou-se!

Marieta

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 20 DE OUTUBRO DE 1878 - ANO 1, PERIÓDICO N. 32

N. 32, p. 2

ROSAS LITERÁRIAS

Marcos

(Fantasia)

À HERMENGARDA.

Há pensamentos que são orações disse um grande escritor francês, e eu o creio porque quando penso em Marcos essa triste vítima da fatalidade, minha alma parece orar.

Pobre Criança!

Conheci-o quando os gelos da morte começaram a envolver-lhe a existência. Tinha vinte e três anos.

A tísica essa cruel enfermidade que persegue os filhos do gênio, apoderara-se daquela preciosa vida. Oh Deus porque não poupasse os dias do pobre poeta, o único ente talvez que me podia compreender!

Um dia era num salão de festas, as luzes, as flores e os arrebatadores sons da orquestra confundiam-te. A mocidade sorria, era feliz, e a velhice recordando seus venturosos passados, era presa de um delicioso sonhar.

Só eu, não sei porque indiferente a esses prazeres, cismava em meio deles nos cruéis contrastes desse malfadado mundo.

É que enfrente a mim viera sentar-se Marcos, um mancebo triste e pensativo que buscava quem sabe, um meio desse turbilhão, o esquecimento de uma dor oculta.

Uma tosse cavernosa vinha de quando em quando assaltar o infeliz mancebo, e ele seguia como eu com o olhar indiferente a esses felizes pares que voavam presos no delírio da valsa.

Indiferente digo eu: quem sabe talvez que ele viesse ali para ver ainda uma vez a mulher que lhe roubara o coração e o precipitara no abismo da dor.

Quando esses pensamentos assaltou-me, um cruel ciúme apoderou-se de mim, essa mulher era feliz, era amada por um poeta, esse tinha sido sempre o meu mais ardente anelo.

Poeta da alma julguei- o eu a princípio, porém mais tarde soube que ele tangia com indizível primor sua saudosa lira.

Foi essa a primeira vez que o vi, tempo depois viemos a dar-nos como irmãos. Me disse ele uma vez em que passeávamos no jardim da casa de sua família, lhe ofereci um perpetua:

- Porque não nos havíamos conhecer a mais tempo?

- Porque não apareceste [p.3] quando ainda fosse tempo de salvar-me? Não vez que estou mais perto de Deus que dos mortais? Para que queres despertar em meu seio esse doce afeto que tão desgraçado me fez?

E uma lágrima rolando pela sua pálida face veio orvalhar o seio da constante flor.

Triste orvalho pensei eu comigo, e uma dor funda, sem nome apertou-me o coração.

Eu sempre fui fatalista.

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 27 DE OUTUBRO DE 1878 - ANO 1, PERIÓDICO N. 33

N. 33, p. 2

Marcos
(Fantasia)

À HERMENGARDA.

(Conclusão.)

Uma vez depois já o desditoso Marcos não se levantava do leito. Eu via cheia de mais cruciante dor aproximar-se o momento supremo daquele infeliz.

Não sei descreve o que então se passava em mim, às vezes desejava que a morte me roubasse a existência no momento em que Marcos deixasse para sempre este mundo de misérias.

Porém outras vezes... Pensava em minha pobre mãe.

Meu Deus quanto sofri... Ele também o desgraçado poeta era preso de infinitas amarguras. Era bastante inteligente para que deixasse de compreender o seu estado, e ele via junto a si dois entes que o estremeciam, dois corações que jamais poderiam achar consolo quando o perdessem.

Sua mãe, pobre criatura de quem pelo muito que me quis jamais me poderei olvidar, e eu que o cercava de afagos, procurando embora com custo distraí-lo das lúgubres ideias que de instante a instante o assaltavam.

Uma noite, lembro-me bem, a lua pálida e formosa vaga no manto anilado do céu e as brisas vinham de mansinho dizer segredos apaixonados aos cactos que abriam junto a janela do quarto de Marcos.

A janela do quarto estava aberta, fazia um calor de sufocar, estávamos em janeiro e era esplêndido o panorama que se desenrolava aos nossos olhos. Essa foi a noite fatal.

Pelas onze horas ele pareceu repentinamente melhorar, a febre abandonou-o e a tosse quase que de todo se extinguiu, estes prenúncios, porém só alegraram a infeliz velha que supôs de bom agouro.

Eu sentia que as lágrimas me arrebatam com ânsia. Marcos conheceu a minha dor e com um doce e melancólico olhar pareceu querer tranquilizar-me.

Desditoso, queria dar-me aquilo que ele não encontrava para si... Depois chamou-nos mais para junto de si e disse-me: - Toma de hoje em diante o meu lugar junto desta pobre mãe que não tarda a perder seu querido filho.

Foi impossível conter os soluços por mais tempo, chorei e chorei muito.

Só então que a mãe do moribundo conheceu que ia perdê-lo.

A infeliz abraçou-me chorando como louca [p. 3] eu não tentei consolá-la porque eu mesma não encontrava alívio para essa cruciante dor. Ele assistia mudo e lívido a essa cena de desolação.

Depois... O anjo da morte venho lentamente descendo e estendeu suas asas sobre o poeta. Marcos inclinou a suarenta fronte no seio de sua mãe, tomou-me a mão e expirou.

Há dores que se não podem descrever e são como diz Casimiro de Abreu: “Dores fundas, agonias lentas”.

Eu desde então não sei o que se passa em mim, a imagem de Marcos passa continuamente por diante de meus entristecidos olhos e parece dizer-me o derradeiro adeus...

Pobre poeta, infeliz flor que murchou ao alvorecer da existência. Lá nas alturas onde ora habita não esqueças aquela que te consagrou e consagrará eternamente um afeto puro, nobre, sem fim.

H.

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 3 DE NOVEMBRO DE 1878 - ANO 1, PERIÓDICO N. 34

N. 34, p. 2

Júlia
(Fantasia)

Júlia era uma virgem bela e casta. Seus pais eram fanáticos por ela, orgulhavam-se de possuir uma filha, que reunia todos os dotes que podem ornar a fronte de uma moça, beleza, candura e inocência.

Mas... Júlia foi uma infeliz, porque seu pai era ambicioso, sua primeira ambição era o ouro e depois um casamento vantajoso para sua encantadora filha.

Bárbaro! Julgava que a maior felicidade do mundo constituía na riqueza, porém o coração de Júlia só ambicionava um amor verdadeiro.

Pobre Júlia, era o modelo das filhas era digna de uma admiração a toda prova.

Um dia fui ver minha pobre Júlia. Oh! Já não era a mesma beleza de outrora, suas faces empalideceram, seus olhos belos tornaram-se languídos, habitualmente alegres volveram-se a uma tristeza mórbida.

Ah! Quantas vezes com uma dor no coração contemplei aquela imagem divina, aquela beleza arrebatadora e que tão cedo, no entanto a vida lhe fugia lentamente.

E, no entanto todos os extremos que lhe votava seu pai, mudaram numa indiferença horrível, qual mudança repentina aquele coração estremeceu? Mistério...

Uma tarde formosa de dezembro fui vê-la, saímos juntas, ela enfraquecida, e eu amparando-a em meu braço com todo o cuidado, guiando-lhe os passos trêmulos e incertos, seguíamos ela absorta numa meditação profunda e eu magoada pelo seu lastimoso estado.

Júlia minha boa amiga, porque te deixaste morrer ainda tão cedo. Que te falta? Não és feliz? Não tens uma mãe que te adora? Um pai que é o seu maior orgulho? Diz-me Júlia? Qual é a causa dos teus sofrimentos? E tu sofres muito... Apieda-se de ti o coração mais inexorável.

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 10 DE NOVEMBRO DE 1878 - ANO 1, PERIÓDICO N.35

N. 35, p. 1

EXPEDIENTE

Recebemos durante a quinzena as seguintes publicações:

Correspondência dos Estados Unidos – New York.

Revista Fênix Literária; O Besouro; e O Domingo – Corte.

Gazeta de Sorocaba – Sorocaba.

Gazeta de Campinas – Campinas.

Gazeta Rio Clarence – Rio Claro.

Imprensa de Ituana – Itu.

Gazeta de Lorena – Lorena.
A Sentinela e O Liberal – S. Paulo.
Diário de Campos – Campos.
Iguapense – Iguape.
Gazeta da Barra Mansa – Barra Mansa.
O Sapucaense – Sapucaia.
O Eixo Liberal – Aracaju.
O Angrense – Angra dos Reis.
O Popular – Santo Amaro.
O Termômetro – Nazaré.
O Progresso – Cachoeira.
Mosaico Ouro Pretano – Ouro Preto.
Baixo Amazonas – Santarém.
O Arauto de Minas – S. João del Rey
A Estreia; O Papagaio; e A Verdade – Maceió.
O Porvir – Cuiabá.
O Cachoeiro – Cachoeiro.
Espírito Santense; A Ideia; e Sete de Setembro – Vitória.
O Liberal da Vigia; O Espelho e O Orvalho – Vigia.
O Fígaro e O Caixeiro – Porto Alegre.
Progresso Literário – Pelotas.
Revista Gabrielense – S. Gabriel.
Saudade – Jaguarão.
O Livramento; Eixo da Fronteira e A Grinalda – Santana do Livramento.
Cruz Altense – Cruz Alta
Eixo do Palmar e Vitoriense - Santa Vitoria.
Cachoeira do Sul – Bagé

Recebemos os 6 primeiros números do *Espelho*, periódico literário, crítico e noticioso que acaba de encetar sua publicação na cidade de Vigia, província do Pará.

São diretores dos mesmos os Srs. Manoel Epaminondas de Vasconcelos Palheta e Augusto Ramos Pinheiro, aos quais enviamos nossos agradecimentos pela remessa que nos fizeram de seu interessantíssimo jornal.

Permutaremos.

Às ilustradas redações da *Gazeta de Sorocaba* e *Revista Gabrielense*, não encontrando palavras com que possamos exprimir a gratidão que possuímos pelas lisonjeiras frases que continuamente nos endereçaram, enviamos sinceros protestos de perene gratidão e estima.

O *Século* interessante folha que se publicava diariamente na capital de Alagoas, acaba de suspender sua publicação. [p. 2]

A redação de Violeta sente profundamente esse fato que vem privar-nos da leitura desse bem regido periódico.

Errata – No número passado deste jornalzinho no escrito intitulado “Dia dos Finados”, deu-se um pequeno engano que nos apressamos a corrigir.

No lugar em que se lê “as vibrações embalam as tranças do sombrio arvoredor”. Deve ler-se “as vibrações embalam as franças do sombrio arvoredor”.

Roga-se ao Sr. A. F. C., ex-cobrador deste jornalzinho, o obsequio de vir até esta casa aonde sua falta é assaz sensível, e ainda mais a dos recibos ou importe dos mesmos, que o citado Sr. se esqueceu de trazer-nos.

VIOLETA

Ensaio Literário – Damos em seguida a honrosa mensagem que esta florescente sociedade enviou à imprensa desta província, testemunhando-lhe a mágoa de que se achava possuída pelo passamento da inspirada poetisa porto-alegrense, Amália Figueroa, de quem nos orgulhávamos de ser próxima parenta.

Ei-la:

Modesta cultora das letras pátrias, esta sociedade não podia ser indiferente a essa morte que veio encher de luto a literatura que possui o belo livro intitulado *Crepúsculos*, atestado sublime do talento da sua autora, por isso, enlutada, dirige-se à província que teve a glória de ser o berço de D. Amália Figueroa, manifestando-lhe o pesar de que se acha possuída, por este infausto acontecimento, prestando assim uma homenagem de respeito à memória da escritora distinta, da ilustre e inspirada poetisa que finou-se.

Juízo da Imprensa – Continuam a ser assaz lisonjeiros para nós os juízos que da frágil *Violeta* tem feito a imprensa ilustrada.

Os que seguem pertencem às distintas redações do *Iniciador* e do *Porvir*, o primeiro da cidade de Corumbá e o segundo da cidade de Cuiabá, Mato Grosso.

Do *Iniciador*:

A *Violeta*, que se publica no Rio Grande do Sul, é um pequeno, mas interessante jornal literário, crítico e instrutivo, do qual é proprietária e redatora a ilustrada poetisa D. Julieta de M. Monteiro, que dá às nossas patrícias um belo exemplo de amor às letras.

Do *Porvir*:

Violeta - Interessante jornalzinho que se publica no Rio Grande do Sul, sob a redação de uma jovem, a Exma. Sra. D. Julieta.

Seja bem-vindo mais este representante da esperança futura.

O *Porvir*, aceitando com jubilo a remessa, retribui-lhe a delicadeza.

- A redação da *Violeta* confessa--se grata ao tão benigno acolhimento que lhe dispensam seus colegas.

ROSAS LITERÁRIAS

ADEUS I

*Memórias de um passado,
Cenas de mago encanto,
Vinde, oh! Vinde outra vez amargurado
Transborda o coração, correi meu pranto!*
Lamartine

É, pois, verdade que te perdi, ó minha irmã?!

Adeus eterno, grito despedaçador que solta a mais horrível saudade, o desalento de perdidas esperanças, a tortura de uma angustia sem nome! **[p. 3]**

Oh! Do fundo do meu tétrico desespero eu ouço o funéreo dobre que se repete - é morta, é morta!

Amália, ó minha doce irmã, pôde a mão do acaso da fatalidade nossas almas separar? Nunca mais ouvirei a tua voz? Nunca mais trocaremos risos de alegria?!...

Espavorida eu ouço do sacerdote as preces e no fundo da minha alma da agonia o dobre funerário, repete ainda, - é morta, é morta!

Desaparece às bordas do sepulcro, do suspirado porvir o nosso sonho; e de novo o dobre vibra da realidade sombria a nota derradeira!

Adeus irmã, adeus, esta minha alma
Afeita às dores de um cruel sofrer,
Junta aos tormentos que a lacera sempre
O tormento fatal de te perder!

R.
6 de novembro.

JULIA

(Conclusão.)

Ela sorriu e meditou ainda... finalmente disse:

- Ah! Sim devo viver, viver!

- Sim minha boa Júlia, tu não vez a vida é tão bela...

Sim, a vida é bela para os que não sofrem e eu que me serve a vida, com o coração chorando sempre e sem uma esperança?

Ela já nem podia falar, caiu em meus braços desmaiada....Que transe amargurado para meu coração, que votava à Júlia uma amizade sincera, tentei reanimá-la, porém estava morta era um cadáver.

Uma tarde fui depor na sepultura de Júlia uma coroa de violetas, ia aproximar-me da campa, porém vi que uma pessoa ali se conservava de joelhos e parecia orar, esperei que o visitante da campa da minha amiga terminasse sua oração.

Porém já surgia a noite e eu dirigi-me, ali estava um jovem, tinha os olhos cerrados, porém minha presença despertou-o daquele letargo, fixou seus olhos em mim, parecia conhecer-me, entregou-me uma carteira que trazia sobre o coração, depois curvou a fronte e desatou um suspiro, estava morto.

Abri a carteira, pois tive um pressentimento, talvez eu soubesse porque tão cedo se finara a minha pobre Júlia.

Encontrei o retrato uma madeixa e descobri o mistério. Júlia amava e era amada com delírio por aquele que morrera junto dela.

E ele era pobre, muito pobre! para ser esposo de Júlia e seu pai a odiou por amar um pobre artista. Ela filha exemplar, preferiu a morte a desobedecer-lhe.

E eu que fatal coincidência assisti a morte de ambos.

J.G.

Rio Grande.

Iris Poético

MISTERIO DE UM CORAÇÃO.

(Fragmento.)

Todos lhe viam pálidas as faces
E a compleição franzina, delicada;
Mas se acaso diziam-lhe – o que sofres?
A triste respondia-lhes – eu... nada.

Tinha sempre envolvida a nívea fronte

Num manto de tristeza e de amargura,
Mas não falhava nunca contra o mundo
Só vivia a sonhar com a sepultura.

A coroa gentil da mocidade,
Circundava-lhe a fronte empalecida, [p. 4]
E a infeliz crença inda na aurora,
Já não guardava crenças nesta vida.

Um dia ouvi dobrar o campanário,
E um enterro passar para o cemitério;
E triste perguntei – Quem é a morta?
Responderam-me – a moça do mistério.

Um suspiro cruel e angustioso
Desprendeu-me então do pobre peito;
É que eu sabia que a infeliz criança,
Levara oculta dor para o frio do leito.

J.

Rio Grande – 78.

Miriades

LEITORAS MINHAS.

Como tenho andado enferma a bastante tempo, não tenho frequentado divertimento algum e, por conseguinte, estou sempre sem novidades para contar-vos.

O que ainda vale é que a Yáyá e a Nyny não se descuidam das festas, e de lá trazem-me sempre alguns apontamentos.

Agora pergunto eu; por que razão não escrevem elas as crônicas?

Porque são umas preguiçosas, que tomando o exemplo de Hermengarda, dispuseram-se a deixar sempre para mim essa difícil tarefa.

Enfim, vamos resignadas a este grande sacrifício.

*

Neste momento recebo um bilhete de uma amiga que diz ter muito a contar-me; infelizmente não podendo eu ir já vê-la, tenho que guardar as novidades que lá souber, para o seguinte número.

Adeus.
Marieta.

JOGO DA PACIÊNCIA

CHARADAS

1 – 1 – 1 Não é boa e está alegre este artigo que é mulher.

1 – 2 No alfabeto esta ave vive a rezar.

A decifração das charadas do número passado é: 1ª – Amélia, 2ª – Salteador, 3ª – Astronomia, 4ª – Canário, 5ª – Charada, 6ª – Cadete e 7ª – Patacho.

**RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 17 DE NOVEMBRO DE 1878 - ANO 1, PERIÓDICO
N. 36**

N. 36, p. 1

EXPEDIENTE

Por falta de espaço deixaram de sair no número passado deste jornalzinho as seguintes notícias:

Acabamos de ser obsequiadas com a remessa de mais dois periódicos, sendo o *Liberal da Vigia*, folha política redigida com ilustração e entusiasmo, e o *Orvalho* (ambos da mesma cidade) periódico literário e recreativo dirigido com sumo gosto pelos Srs. XXXX e R. N. da Costa.

Nossos protestos de gratidão aos dignos redatores pela agradável permuta que nos vem proporcionar.

O *Termômetro* é o título de um novo jornal que, em substituição do *Correio de Nazaré*, acaba de aparecer na cidade deste nome na província de Pernambuco.

Agradecemos os números em que fomos obsequiadas e desejamos que o distinto colega só encontre flores na estrada que tem a trilhar.

Permutaremos.

Também recebemos pela primeira vez o *Popular*, periódico publicado na cidade de Santo Amaro, na província da Bahia.

Editor do mesmo o Sr. Ignácio Xavier de Santa Barbara.

Os escritos contidos no *Popular*, tanto políticos como literários estão primorosamente escritos, pelo que se torna recomendável essa publicação.

Agradecemos.

Roga-se ao Sr. Antônio Ferreira Cardozo, ex-cobrador deste jornalzinho o obséquio de vir até esta casa aonde sua falta é assaz sensível, e ainda mais a dos recibos ou importe dos mesmos, que o citado Sr. se esqueceu de trazer-nos.

PRELÚDIOS - Com este título vai brevemente entrar no prelo um livro de versos da proprietária deste jornalzinho, será o mesmo livro precedido de um juízo crítico de um dos primeiros literatos da nossa terra.

Assina-se nesta tipografia, preço de cada volume 2\$000 reis.

ROSAS LITERÁRIAS

O Botão de Rosa
(Romance)
(Continuação do n.29)

Pouco tempo depois da época em que Adalgiza foi recebida pela hospitaleira casa de Armando Loureiro, seguiu Álvaro para seus estudos.

A menina cega pela violenta dor que acabrunhava sua existência não fez reparo ou talvez nem viu seu primo; este pelo contrário, sentiu-se [p. 2] atraído para essa natureza excepcional e levou gravado em seu nobre coração a imagem dessa menina formosa que chorava a felicidade perdida como quem tem certeza que não a encontrará jamais.

Álvaro profundo pensador, grande entusiasta das maravilhas da natureza, passou por entre as seduções feminis, com aquele respeito e admiração que é preito, e a que tem direito toda a beleza e perfeição; mas o seu coração inteiramente ocupado da imagem da singular menina, não quis de forma alguma associar-se nos sonhos de sua fantasia, nem tão pouco no deslumbramento de seus olhos.

Volveram os anos e cada vez que Tulia escrevia a seu enteado, depois das notícias da família, repetia-lhe: - Adalgiza é uma mimosa flor que gentilmente desabrocha e cujo perfume é um melancólico abatimento, para o qual ainda não foi possível achar o remédio.

O moço sorria, murmurando: - oh! Pudesse eu despertar aquela mimosa criatura, mostrar-lhe os sorrisos perdidos e a felicidade pela qual já não espera!

Nele a ideia avultava, identificou-se com ela, sonhou grandes venturas e criou para o porvir – o paraíso de Álvaro e Adalgiza; - Assim o repetia para si mesmo nas suas longas douradas vigílias.

Ao voltar à casa de seu pai, o Dr. Álvaro sentiu-se obumbrar-se lhe a razão diante de tanta luz, a beleza da moça ia além do que imaginava ele; a mocidade circundava-lhe a de uma auréola deslumbrante, era o anjo da poesia ou a fada misteriosa de algum conto fantástico.

O mais sabe o leitor, amou-a, viveu dela e para ela...

Americana.
Continua.

A FLOR E O LAGO

Na beira de um lago tristonho e queixoso,
Um pé de saudade sozinho cresceu,
E as águas do lago banharam a planta
Que cedo, bem cedo de flores se encheu.

Na hora suave das Ave-Marias,
A brisa do manso passava nas fores,
E sempre as beijava com todo o carinho.
E as tristes coitadas falavam de amores.

Um dia, passara-se então muito tempo,
Volvidos os meses, mudara a estação,
E o lago sereno secara aos ardores
Dos raios ardentes de um sol de verão.

Porém o arbusto mais triste e mais belo
Não sente ardentias da nova estação;
E a brisa ainda escuta-lhe a queixa sentida,
Que o eco repete por todo o sertão.

Assim de meus olhos secaram-se os prantos
Que um sonho desfeito me veio arrancar;
Porém as saudades que na alma ficaram,
Só podem os gelos da alma ceifar.

Mariela

Rio Grande

QUEM SOU EU?

Quem sou eu? Perguntei às florinhas
Aos regatos, às brisas do val:
Tudo mudo ficou, e eu chorando
Perguntei ao vizinho rosal:

- Quem sou eu que no meio dos gostos
Em que as outras se julgam ditosas,
Busco em balde um sorriso, uma esperança,
Uma aurora de quadras formosas?

[p. 3]

E o rosal tristemente fitou-me,
Suspirando depois respondeu:
- És a criança que vive chorando
Tua sorte dizer não sei eu.

Triste então como pobre vivente
Que só ama o que é atro e funéreo,
Quis saber quem eu era, e se acaso
Minha sina seria um mistério.

E ao goivo, aí à flor da sepultura,
 Perguntei com tristeza sem fim:
 - Diz-me, acaso tu sabes quem sou?
 E a florinha esfolhou-se ante mim.

Eu então já descrida, entre prantos
 Como a flor que o tufão desfolhou,
 Escrevi no meu livro crenças:
 Nada espero porque nada sou.

NO ÁLBUM DA MINHA IRMÃ

Ah! Se eu tivesse uma lira
 De mimosa inspiração
 Te ofertaria Julieta,
 Uma linda - produção.

Mas... se na lira eu cantasse
 Os sofrimentos da vida,
 Em vez de flores e [ilegível]
 Diz-me – o que dar-te querida?

Para que serve os arpejos
 De um coração sempre triste,
 Se apenas dentro da alma
 A saudade ainda existe.

J. Garnier
 Rio Grande

DORMINDO.

Venham outras perfumosas,
 Buliçosas,
 Beijar-lhe a frente gentil;
 Venham gotas de sereno,
 Doce e ameno,
 Ouvir-lhe o sonho febril.

Escutem se ela murmura,
 Frase pura,
 Cheia de terna afeição;
 E se meu nome em queixumes
 De ciúmes
 Pronuncia com paixão.

Mas se ele acordar choroso
 Suspiroso
 E perguntar-lhes por mim,
 Dir-lhe-ei que fui distante,
 Delirante,

Sonhar ternuras sem fim.

Deixai crê-o que contente,
Indiferente,
Jamais penso nele, não;
Só assim será constante
Terno amante;
Terá firme o coração.

Pois se souber que minha alma,
Quer a palma,
De um tão intenso sofrer;
Amanhã sem piedade,
Por maldade,
Deixar-me-á de dor morrer.

Marieta
Rio Grande.

MIRÍADES

CRONICA

(O que fazem corações)

Caras leitoras com tão prolongado silêncio não se têm alguma vez lembrado de mim? Aposto [p. 4] que não, pois olhem que a muito me teriam aqui se não fora o desejo de que me viessem rogar, pedir, etc., mas enfim, aqui para nós é um defeito de toda a mulher.

*

Vamos agora à leitura de minha carteira. Conhecem certo Bernardim, maravilhoso cantor de serenatas, coração ferido pelos ardentes olhares de Beatriz? Ah que choroso menestrel, escutem-lhe as canções e verão que sentimentalismo.

Também os males do coração se tem tornado epidêmicos, se não vejo qual é a causa do Caripuna tanto a gostar da rua da Uruguaiana, sem dúvida alguma atraído pelas divas centelhas com belos olhos da gentil ame...

Assim como o jovem pupilo cujo coração teima em palpitar descompassadamente, sempre que seu proprietário por um acaso furtivos olhares à encantadora Avelina.

Corações, corações, bem dizia a mimosa Marieta, nesta época de ingratos mais vale ser um bom moço do cofre de prata.

*

Ora imaginem que as travessas e elegantes Adeline, Alice, Henriqueta, Herminia, Cecilia, Judite, e Fausta ainda a pouco praticaram um roubo de corações, cujos danos sem dúvida armaram um processo nos tribunais do cúpido e... eles presos pelas inquebrantáveis cadeias do ser humano.

Tudo por causa dos corações.

Assim anda a sofrer as dores da ausência o pobre Carlos Masseran, bem como o Toscano e Freitas a divisarem visões pela rua da Uruguaiana.

O Cunha, Galdino e outros incansáveis em busca dos sorrisos de uma graciosa moreninha.

Só pela teima dos corações.

Por isso creiam sinceramente que e não possua a vossa.

Hermengarda.

JOGO DA PACIÊNCIA

CHARADAS IMPROVISADAS.

Infeliz, ou infelizmente,
 Todos neste mundo tem:
 Esta agora é uma medida,
 Quem não decifra? Ninguém.

Ele me diz que amanhã
 Deve ser um lindo dia:
 Inda é bom vamos à festa,
 Que ventura, que alegria.

Posso ser branca ou amarela,
 Posso ser prata também;
 Tenho grande serventia
 Não ignoro a ninguém.

Neste agora sulco as águas
Mas não os mares de além;
No todo sim, vou distante,
Vou ver se encontro meu bem.

2 – 1 Esta ave é animal e moeda.

1 – 2 Tempo de verbo e mulher no jardim.

Yáyá.

Decifração das charadas do número passado é: - 1ª – Maria e 2ª – Carola.

AVISO

A todos nossos favorecedores tanto deste lugar como de fora dele que ainda Não se acham em débito com esta pequena empresa, rogamos por obséquio de mandarem o quanto antes satisfaz a suas assinaturas, pelo que lhes ficaremos gratas.

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 1 DE DEZEMBRO DE 1878 - ANO 1, PERIÓDICO N. 37

N. 37, p. 1

EXPEDIENTE

Em razão de começar outro mês da *Violeta* com o mês de dezembro, deixamos de dar jornal no domingo passado, cuja falta estamos convictas que nada perderam os nossos fornecedores, visto que o último número da *Violeta* ficou concluído no mês da semana.

Recebemos os 3 primeiros números do *Ideia*, interessante órgão do Clube Literário Democrata, da cidade de Pelotas.

Os bem elaborados artigos que encontramos no *Ideia*, a variedade de mimosas poesias, [ilegível]? e que acha-se à cargo de uma distinta redação.

Felicitemos o colega a quem desejamos mil prosperidades.

Deutsche Zeitung – É este o título de um importante periódico alemão que acaba de ser enviado, e que se publica na capital do império sob a ilustrada redação do Sr. H. A. G.

Não podemos pessoalmente julgarmos esta publicação, visto que não temos a honra de sermos conhecedoras do idioma germânico do Sr. H. A. G.

Da capital do Ceará recebemos o *Independente*, bem redigida folha que se dedica a defender a causa pública.

Agradecemos a delicada permuta.

Pela digna diretoria da Biblioteca Rio-Grandense que obsequiosamente nos ofereceu um exemplar dos estatutos da mesma cidade.

Agradecemos a oferta, recomendando a Biblioteca ao público ilustrado.

Do Alegrete recebemos o manifesto que o *Jornal do Comércio* dirigido aos seus colegas e assinantes, que por ocasião do terrível atentado que o mesmo jornal foi vítima na noite de 30 de outubro.

Lamentamos este fato, fazendo votos para que o digno colega encontre a justiça que merece.

Com o título – *Ribeirada* – nos foi enviada uma crítica em forma de verso, escrita por um pindamonhangabense.

Seu autor revela no citado escrito muito espírito e gosto para o gênero literário de literatura.

PRELÚDIOS - Com este título vai brevemente entrar no prelo um livro de versos da proprietária deste jornalzinho, será o mesmo livro precedido de um juízo crítico de um dos primeiros literatos da nossa terra.

Assina-se nesta tipografia, preço de cada volume 2\$000 reis.

N. 37, p. 2

VIOLETA

Completam hoje duzentos e trinta e oito anos que um dos fatos mais gloriosos de Portugal abrilhantou a sua rica e imortal história.

Ribeiro, Almada e outros heróis do primeiro de dezembro de 1640, cheios de valor e patriotismo libertaram os nossos antepassados no jugo despótico da usurpadora Castella, aclamado rei príncipe português D. João IV e proclamando a independência daquele abençoado país.

A redatora deste pequeno periódico não pôde deixar passar despercebido tão memorável dia, e do imo da alma saúda os ilustres portugueses, seus irmãos de sangue e nossos verdadeiros amigos.

Viva a independência de Portugal!
Viva o memorável dia 1° de dezembro!
Viva a memória de D. João IV!

*

Mil seiscentos e quarenta

Vaga enorme que arrebenta,
 Santelmo imenso que aumenta,
 As glórias de Portugal!
 Quanto mais as quinas triunfantes
 Que quebram ferros arrogantes,
 E se levantam gigantes
 Pela ideia liberal!

Pasma o mundo a contemplá-los,
 Na luta sem intervalos
 Rincham briosos cavalos
 De valentes esquadrões;
 Castella ousada estremece
 Ante a coragem que cresce,
 E o brilho que resplandece
 Dos lusitanos pendões.

**RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 8 DE DEZEMBRO DE 1878 - ANO 1, PERIÓDICO N.
 38**

N. 38, p. 1

EXPEDIENTE

Recebemos no mês findo as seguintes publicações:

O Besouro, O Domingo, Deutsche Zeitung, Revista da Fênix Literária e Renascença
 – Corte

Gazeta de Sorocaba – Sorocaba

Gazeta de Campinas – Campinas

O Paranaense e O Gaúcho – Curitiba

Gazeta da Barra Mansa – Barra Mansa

Iguapense – Iguape

O Independente – Fortaleza

Jornal da Tarde – Campos

A Democracia, A Estreia, O Vigilante, O Papagaio e A Verdade – Maceió

Gazeta Rio Clarence – Rio Claro

Mosaico Ouro Pretano – Ouro Preto

Arauto de Minas – S. João del Rey

Eco Feirense – Feira de Santana

Cansação – Sergipe

O Eco Liberal – Aracajú
Imprensa Ituana – Itu
Gazeta de Lorena – Lorena
O Iniciador - Corumbá
O Independente – Mogi Mirim
O Popular – Santo Amaro
Espírito Santense – Vitória
O Mirim – Bragança
A Sentinela – São Paulo
O Futuro – Cachoeira
O Sapucaense – Sapucaia
O Fígaro e O Caixeiro – Porto alegre
Saudade – Jaguarão
A Ideia e Progresso Literário – Pelotas
Revista Gabrielense – São Gabriel
O Livramento, Eco da Fronteira e A Grinalda – Santana do Livramento
Cruz Altense – Cruz Alta
Pregador Cristão; Gazeta Militar, Alvorada e Lusitano – Rio Grande
Santa Cruz – Uruguaiana
Eco do Palmar e Vitoriense - Santa Vitoria.
Cachoeira do Sul – Bagé

Do Maceió recebemos a *Democracia*, órgão popular de propriedade do Sr. Hygino de Carvalho.

Agradecemos a honrosa troca e desejamos à *Democracia* uma longa e venturosa existência.

É com grande pesar que noticiamos aos nossos leitores que acaba de suspender sua publicação a interessantíssima *Gazeta de Sorocaba*, a qual era publicada na província de São Paulo, sob a redação do ilustrado Sr. Gaspar da Silva.

Jornal da Tarde é o título de um novo e interessante periódico que nos foi enviado da cidade de Campos aonde o mesmo é publicado.

Não tem cor política e é propriedade do Srs. Minucci & J. Wendling.

Gratas pelas remessas, só temos a desejar aos dignos colegas mil felicidades para a sua empresa.

Também recebemos pela primeira vez o *Independente*, a interessante folha parcial que vê a luz publica em Mogi Mirim, e que conta já com seis anos de existência. [p. 2]. É proprietário e redator da mesma o Sr. Antônio Felix de Souza Brito.

Agradecemos a permuta.

Acham-se entre nós desde quinta-feira os distintos escritores Srs. Gaspar da Silva e Assis Brasil.

É o primeiro destes cavalheiros o ilustrado redator da *Gazeta de Sorocaba*.

A obscura redação deste jornalzinho congratula-se com a sociedade de rio-grandense por ter em seu seio tão distintos e ilustrados publicitas.

D. Narcisa Amália – Segundo nos conta essa ilustre escritora, uma das maiores glórias brasileiras, acha-se atualmente redigindo o *Resendense*.

Parabéns a esse periódico.

De uma de nossas simpáticas colaboradoras, residente na cidade de Pelotas, é a interessante crônica que hoje publicamos.

Agradecemos, esperando que a travessa Solitária continue.

De volta de sua viagem, acha-se de novo entre nós a distinto e filantrópico médico Sr. Dr. Landell.

Esta redação a honra de cumprimentá-lo

Roga-se ao Sr. Antônio Ferreira Cardozo, ex-cobrador deste jornalzinho, o obsequio de vir até esta casa aonde sua falta é assaz sensível, e ainda mais a dos recibos ou importe dos mesmos, que o citado Sr. se esqueceu de trazer-nos.

Rosas Literárias

SOBRE O TÚMULO DA MELANCOLIA POETISA D. Amália Figueirôa

Crepe! Lágrimas! Saudade! Vinde, oh vinde perfumar o leito onde repousa a cantora dos Crepúsculos. E vós sentidos os beijos dispersos no silêncio da noite pela brisa, perpassai de mansinho sobre os braços da cruz de seu túmulo, soletrando trêmula: saudade!

Vida! Sonho enganador cujo despertar é o túmulo; por que não animaste este anjo que em sua rápida passagem pelo mundo deixou seus tristes cantos no brando harpejar de sua lira? Morte que tão inexorável partiste aquela delicada existência embalada nos acordes da poesia!

Mas que digo, ela não morreu porque seu nome corre de página em página como adorno da inteligência apreciada. Foi qual uma flor que perfumando a vida em sua carreira cheia de amor e luz, fujo para o seio de Deus, para lá espargir os raios seus, sobre os que lhe tributam saudades.

Pesarosa lastima a perda que sofre a literatura e não podendo sobre o seu túmulo dispersar uma saudade, envio estas linhas à sua família.

(Continua.)

O BOTÃO DE ROSA

(Romance)

(Continuação do n.37)

Generalizou-se a conversação, falou-se de política, literatura, artes, flores e mil coisas interessantes.

Às dez horas serviu-se e meia hora depois deste, retiraram-se Fernando e Agenor.

A noite era esplêndida, a rainha dos astros [p.3] atirava seus clarões sobre as belezas da arte e da gentil natureza; o perfume da flor de laranjeira embriagava os sentidos, e os tentava à brancura de suas pétalas de Cyrio Catus, debruçado sobre as grades do jardim.

Esta poesia refletida nas almas da poeta e do músico, os predispôs à expansiva confiança.

Caminhando devagar e por vezes interrompendo o passo; parando aqui e ali, conversavam de seus amores: Agenor pintou com vivas cores a paixão que alimentava por Adalgiza, por tais palavras, inferiu Fernando, que o moço vira a doce esperança de ser correspondido.

O poeta lembrou da palidez e da emoção do Dr. Álvaro, durante aquelas horas de provação para ele que tanto amava Adalgiza, sofrendo o martírio do ciúme de quem era constante presa. A este pensamento, a ideia do estado angustiado de seu amigo, tomou mais força a revelação de um pensamento, que já tivera uma vez e apressou-se a fazer também a sua confiança relativa ao Dr. Álvaro, que amava também a formosa Adalgiza, e mesmo que sem nunca tivesse a ela dito, firmava nela toda a esperança de sua futura felicidade.

(...)

Aqui o moço parou extenuado, passou a mão pela fronte ardente e exalando um longo suspiro, tomou o braço de seu amigo murmurando: continuemos, quero procurar um meio de passar o mais rápido possível, as horas, que me separam do homem, que tem em seu poder a sentença da vida ou de minha morte: diz-me uma

secreta voz, que o Dr. Álvaro é digno de ser meu competidor, não dá o credor tão simpatia, filosófica e fisionomia ao homem vulgar.

AMERICANA.
(Continua)

MIRÍADES

PELOTAS

Amável redatora

Peço-lhe que dê à luz em seu caminho em seu conceituado jornalzinho esta correspondência, isto é, no que caso que ache digno.

Vou dar-lhe umas notícias desta terra.

Tudo vai em progresso, o namoro é moda; trata-se casamento e namora-se às vinte. O Camilo tem casamento com uma moça cheia de atrativos, e faz o que pode.

Camilo aceita um conselho, não sirvas de obstáculo à menina A. da rua do Imperador, deixa que ela siga sua senda, olha as coisas se sabem e depois?

Lembra-te do velho adágio “quem avisa, amigo é”, também costumava dar teus passeios lá para a Santa Cruz.

Bem que arrastas tuas asas de cúpido, pela menina M.

Se não te comportas enviarei para Porto alegre a lista de tuas namoradas. Também nem tanto! Enquanto que a boa L. conserva-se fiel aos seus pensamentos tu praticas atos destes... É tudo assim, deixam a sinceridade, amor e ternura por bonecas que a moda enfeita.

Ninguém te conhece melhor que a S. que me disse que eras um bandoleiro hipócrita. Segundo o que o Sérgio me disse, o Camilo está escrevendo a sua biografia para enviar para a capital... É uma mistura de trecho, tem trecho de Paulo e Virginia, e outro de Julieta e [p. 4] Romeu. O rapaz é feliz, e ta tua bela ainda conserva em seu mimoso pescoço a lembrança de A., amor que lhe destes antes da partida. São tantas as correspondências que não te sobra tempo de fazer os teus acostumbrados passeios à beira do rio, onde se refletem os amores de Julieta e Romeu.

Solitária.
Continua.

Minha cara Marieta.

Pensei que não voltavas, que fazes tu nesta mui heroica vila? Aí há o que quer que seja, além das cebolas e melancias; tens esquecido o Rio Grande, as tuas amigas, as crônicas da Violeta e até que sei eu? O jovem loiro e o poeta do Rio de Janeiro.

E por falar na Corte, participo-te que estou resolvida a remeter para lá o teu retrato; não posso tolerar a hedionda figura da feia Genoveva, que fizestes seguir em teu lugar, acautela-te, olha que não sou amiga de mistificações.

Não quisestes vir nas novenas, apenas como de grande favor, prometes estar aqui no dia da festa.

Eu por hora só fui a uma novena a qual estive brilhante, lá estava o Chiquinho, tu sabes qual é? Aquele do bigodinho.

O Aristóteles simpático da Mariquinhas esteve sempre em conversação animada com um cadete moreno, e possuiu-se de tal entusiasmo ao ver a loira Teresinha, que se esquecendo que estava no templo do Senhor, principiou-se a recitar esta mimosa estrofe:

À beira da estrada ficava a casinha,
da bela Tereza, que ninho de amor
Tereza a formosa, que sempre sustinha,
No lábio um sorriso, na trança uma flor.

Ela que ouviu proferir seu nome ruborizou-se e começou a desejar-lhe de quanto em quanto seus matadores olhares.

A meu lado achava-se a travessa Josefina sem a sua inseparável amiga Rita, que repetia mais de cem vezes o nome do jovem Porfirio; ao que acudia a primeira: que entusiasmos é esse? Acaso não te recordas da Lídia Augusta...? Eu estava aborrecidíssima, na igreja não gosto de ouvir palestras; procurei fazer ouvidos de mercador, mas estava escrito que eu nesse dia, não podia fugir do tagarelar destas criaturas.

Infelizmente ficava por detrás de mim uma velha (vergonha das sexagenárias) que se entretinha com suas netas, perguntando-lhe: Por que estais tão tristes? Quem é teu namorado? Tanto moço aqui na igreja, aposto que pensas no Flodoardo ou no mocinho dos óculos azuis? A menina mais ajuizada que sua avó, suspirou e nada respondeu.

Poucos momentos depois acabou a novena, da qual dei graças a Deus; mas que oh felicidade! Ao sair da igreja encontro a noticiosa A. que muito contente me deu dois estrondosos beijos, e tomando-me o braço, exclamou: tenho muito que contar, que descobertas maravilhosas, que grande Colomba sou eu. Não era “Calombo” aquele sujeito que descobriu o Novo Mundo?

Em primeiro lugar, participo-te que que se acha entre nós, Assis Brasil, e por esse fato desnorteadas mil cabeças juvenis, querendo todas à força conquistar o inabalável coração do poeta revolucionário cujo poder é tal que com apenas um olhar, conseguiu fazer a Mimosa esquecer o sentimental Barreto.

Digo-te mais.... Nada, nada, gritei eu, essa notícia vale por todas; guarda a tua coleção de descobertas para outra ocasião.

Vê tu quanto tens perdido! Adeus, cá te espero amanhã.

Rio Grande, de dezembro.
Nyny.

ERRATAS – Além de outras que o leitor facilmente corrigirá deram-se as seguintes do número passado deste jornalzinho.

No terceiro verso da segunda quadra da poesia “Um Sonho”, em vez de “E surgiram da alma as áureas flamas” deve ler-se “E surgiram do além as áureas flamas”.

Segundo verso da segunda quadra, em vez de “Do lindo quadro desmaiava a côr”, leia-se “Do lindo quadro desmaiara a côr”.

Segundo verso da última quadra da poesia “Prisioneira”, em vez de “sonhando venturas, porém só no senso” leia-se “sonhando venturas, porém só nos céus”.

**RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 15 DE DEZEMBRO DE 1878 - ANO 1, PERIÓDICO
N. 39**

N. 39, p. 1

EXPEDIENTE

Recebemos os dois primeiros números do *Gaúcho*, pequena, porém, bem elaborada revista mensal que sábio à luz publica na capital do Paraná.

O *Gaúcho* dispõe de hábeis pensar, pelo que é de crer que terá longa e feliz existência.

E isso é o que nós, sinceramente, lhes desejamos.

A permuta que nos pede com maior prazer será feita.

Do Ilmo. Sr. Dr. Luiz da Silva [ilegível] muito digno secretário da Biblioteca [ilegível por 7 linhas].

Iniciativa é o título de um bonito jornalzinho que nos foi remetido de Campinas (São Paulo), aonde o mesmo se publica.

Ao digno campeão que tão [ilegível] às lides da imprensa, só temos a felicitar desejando-lhe [ilegível].

Permutaremos.

A 2 do concorrente começou-se a publicar em Bagé um periódico crítico e literário com o título “O Ferro-Carril”.

O número primeiro, que à vista e cuja remessa nós agradecemos, traz além de um programa primorosamente elaborado, vários artigos em prosa e verso, aonde se encontra muito espírito e gosto.

Ao [ilegível] desejamos mil prosperidades.

Às distintas redações “Gazeta de Lorena” e [ilegível, 4 linhas].

ROSAS LITERÁRIAS

SOBRE O TÚMULO DA MELANCOLIA POETISA D. AMÁLIA FIGUEIRÔA.

(Continuação do n. 38)

Perdoem a linguagem, é fraca, porém é o coração quem fala.

Morta! Oh não, não morre
Quem só sonha a eternidade;
Lá morre na solidão
Da natureza um gemido,
Do cipreste solitário
Vai findar no seio erguido.

Desmaia a lua no céu,
Chora a fonte, geme a noite,
Suspira, a onda azulada;
Da brisa cessa o açoite;
Meu Deus, que tanto sofrer
Parece a terra abater,

[p. 2]

As liras solução prantos
As sombras ouço gemar.
Mas, vede riem-se as nuvens
Segredando junto a Deus,
Não sabe? Festejam elas
Mais um arcanjo nos céus.

Por que tão cedo partiste
Deixando a triste harmonia,
Dos prelúdios que embelezam
Os louros da poesia?

Oh! Bem sei, sonhaste rindo
Melhor sina aos cantos teus;
Então esqueceste o mundo
Para só cantar nos céus.

Como o triste soluçar de longa noite

Vem o baixo tremular de minha lira,
Sobre os frios lençóis de tua tumba
Animar a saudade que delira.

Quantas vezes não sonhaste desferir
Teus arpejos lá do céu na amplidão;
Quando o gênio te beijava a branca face
N'um sonhar que só cria o coração?

Hoje as liras de pungente soluçar
Ao ouvirem repetir os cantos teus,
Sentem o crepe desfolhar uma saudade
Nesses cantos que a ti, sobem Deus.

Poetisa, de saudade aceita o culto
Que sincera vai beijar a campa tua;
É tão puro como o orvalho sobre a cruz
Alta noite quando só, suspira a lua.

S. José dos Campos.
Emília S.

O BOTÃO DE ROSA

(Romance)

(Continuação do n.38)

Logo pela manhã do dia seguinte, Fernando recebeu esta positiva carta:

Sr. Fernando

Necessitava falar-vos, mas como? Era inteiramente impossível; deliberei, pois, escrever-vos, fazendo que por intermédio de minha mãe, fosse parar às vossas mãos esta misteriosa e interessante missiva para vós.

Conheci o vosso amor por Helena e prometi a mim mesma que faria o possível pela felicidade daquele a quem minha mãe o doce e santo nome de filho.

Como se o destino se propusesse a ajudar-me o menino Rafael que vos estima e deseja para cunhado, (mesmo sem o pensar) tem servido para minhas experiências e indagações.

Não posso ser explícita, como desejava, porém, direi o que se torna mais necessário para a sua felicidade para que tomeis cedo uma resolução.

Asseguro-vos, que tanto Helena como Adalgiza adoram-vos. Helena oculta-o pelo pudor próprio de sua cândida juventude, de quem tem surpreendido o segredo.

Aquela guarda alguma esperança a vosso respeito, tanto que em sua carteira, escreve quanto pensa, e guarda vosso botão de rosa branca, aquele destinado à Helena, como me assegura Rafael.

Enfim, na carteira de Adalgiza li uma fatal resolução, é necessário um golpe decisivo, que termine pelo vosso casamento com Helena; do contrário o que será de vosso amigo Álvaro?

Não levais a mal o meu procedimento, fui guiada por boas intenções.

Evitai grandes desgostos a esta família que vos estima.

Malvina.

Esta inesperada carta submergiu Fernando na mais profunda cogitação:

Na tarde desse mesmo dia, à sombra da frondosa [p. 3] acácia, abria Helena seu predileto livro e admirada encontrou dentro o seguinte bilhete.

Helena:

Conheces o meu ardente amor? Sim, tenho disso certeza! Queres ser minha esposa?

Fernando.

Oh! Sim! Murmurou a moça.

- Mas como veio parar aqui este bilhete? E mergulhou sua pálida fronte, entre as ardentes mãozinhas.

AMERICANA.
Continua.

MIRÍADES

PELOTAS

(Continuação do n.38)

Matilde seu pensamento é sempre o mesmo. Caminha, [ilegível, 4 linhas].

Tinha-te feito melhor justiça, mas agora vejo que és o segundo volume de teu irmão.

Depois que soube dos resultados da [ilegível, 4 linhas].

O tocaio do Sérgio, o Pires, ainda [ilegível, 2 linhas].

A menina J. da rua [ilegível, 3 linhas]. Qual será a preferida.

O M. C. anda triste, não sei se por recordações do passado, pois ainda crê no amor de além-túmulo.

A J. do retiro anda embebida em novos amores com o M. Ribeiro. Tanto que renegou a vida, não há quem a veja aqui. Nesta semana foi em companhia de algumas amigas ao seu poético retiro, ela alegre e expansiva fazia rir suas amigas com gracejos de amizade.

A S. [ilegível, 31 linhas].

Nada mais por hoje.

Até breve.

Solitária.
Pelotas, 78.

Minha cara Marieta.

O tempo impediu-te de vires à festa que contra toda a expectativa transferiu-se para a segunda-feira, assim ficamos todas enganadas, tu sem festa e nós sem Marieta.

És capaz de aí ficar eternamente, oh! Marieta sonhadora de utopias, oh misto incompreensível! Egoísta, enquanto almas sensíveis deploram [p. 4] sua falta, tu na solidão, como diz nosso chorado poeta:

...longe das turbas que se chocam
Da modéstia no céu, oculta a tudo
Tua alma na oração mandas a Deus
E te distrais na solidão do estudo.

Aprovo muito teu amor pelos estudos, mas reprovo a indiferença por aqueles que te amam e principalmente por mim.

Posto isso, desenrolo a coleção de novidades que me enviou a “noticiosa” A. Can.... Al.... idolatrada jovem e romântica moreninha de pince-nez, aquela que desdenhou o amor do pobre Cres....

O simpático Emilio Soa.... sempre querido de sua estremeçada e formosa Mar.... que tão orgulhosa de sua afeição é a primeira a confessá-la.

E sobre a rua Uruguaiana, citaremos o elegante e conquistador Palh.... novo Alexandre nos campos do deus vendado, vai invencível ferindo os corações de mimosas e cândidas meninas.

Sabe também continua a “noticiosa” que está entre nós o famoso Ferra....mas já não é como de antes, agora pensa saudoso no casamento que deixou por lá pelas plagas ditosas onde foi buscar a luz que dá o estudo e encontrou a que dá o amor.

Ai amor, amor labareda consumidora fatal causante dos arreperamentos de um pobre guarda livros que ainda a poucos dias desvairado passeava em seu gabinete exclamando: é inevitável, terei a sina do infeliz Larras.

“Por tua causa desespero e morro...
Leviana sem dó, por que mentias? ...”
“Desventurado”
“Notre existence est un livre,
Qui nous tombe écrit des cieux”

Como Mery, exclamo eu ao avistar aquela interessante moça, dizia um dos nossos elegantes ao passar pela rua vint. de....encarando comovido a gentil Avel.... Marq....tenho-a amado sempre e ela... sempre ingrata!...

Adeus amiga, já vez que a tal “Calomba” é excelente descobridora.

Au revoir.
Rio Grande, 12 de dezembro.
Nyny

**RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 22 DE DEZEMBRO DE 1878 - ANO 1, PERIÓDICO
N. 40**

N. 40, p. 1

EXPEDIENTE

Recebemos durante a quinzena as seguintes publicações:

O Futuro; Besouro; e O Domingo – Corte.

Correspondência dos Estados Unidos – New York.

Imprensa de Ituana – Itu.

Gazeta de Campinas – Campinas.

Gazeta de Lorena – Lorena.

Diário de Campos – Campos

O Progresso – Cachoeira.

Iniciador – Corumbá

Eco Feirense – Feira de Santana

O Cachoeirano – Cachoeiro

O Arauto de Minas – S. João del Rey

O Popular – Santo Amaro.

Mosaico Ouro Pretano – Ouro Preto.

Espírito Santense; A Ideia e Sete de Setembro – Vitória

Gazeta da Barra Mansa – Barra Mansa.

Eco [ilegível, 1 linha].

Gazeta Rio Clarence – Rio Claro.

Revista Gabrielense – S. Gabriel.

A Ideia – Pelotas

Santa Cruz – Uruguaiana

Eco da Fronteira e [ilegível] – Santana do Livramento.

Victoriense e *Violeta* – Santa Vitória

Gazeta Militar, [ilegível], *Lusitano*, *Pregador Cristão* – Rio Grande.

Agradecemos.

Acompanhando o Futuro importante folha que se publica na capital do Império e que se dedica aos interesses do comércio e lavoura, recebemos uma honrosa carta de seu ilustrado redator, o Sr. A. Coimbra, que nos veio assaz penhorar.

Gratas por tão imerecidas provas de apreço e consideração, enviaremos de ora avante a nossa modesta folha a essa distinta redação.

MARIPOSAS – é o mimoso título de um volume de poesias com que breve pretende mimosar as letras pátrias, seu digno autor o inspirado distinto poeta Lobo da Costa.

[p. 2]

Parabéns à literatura e ao nosso jovem comprovinciano.

Nesta tipografia aceitam-se assinaturas para esse livro.

Roga-se ao Sr. Antônio Ferreira Cardoso, ex-cobrador deste jornalzinho, o obséquio de vir até esta casa aonde sua falta é assaz sensível e ainda mais a dos recibos ou importe dos mesmos, que o citado Sr. esqueceu-se de trazer-nos.

PRELÚDIOS. - Com este título vai brevemente entrar no prelo um livro de versos da proprietária deste jornalzinho, será o mesmo livro precedido de um juízo crítico de um dos primeiros literatos da nossa terra.

Assina-se nesta tipografia, preço de cada volume 2\$000 reis.

ROSAS LITERÁRIAS

O BOTÃO DE ROSAS
(ROMANCE)
(Continuação do n. 39)

Instantes depois, Helena a lentos passos volvia a seu boudoir; e tendo ali encontrado Malvina, perguntou-lhe para a experimentar: - quem entrou aqui? Quem é a pessoa ociosa que me procura divertir com intempestivas surpresas? Diz, raparigal!

Era a primeira vez que a meiga moça assim se via a falar, Malvina pálida, tremula e lacrimosa, se lançou a seus pés exclamando: - eu sou essa pessoa, minha senhora, se V. Ex^a. Julga, que eu mereço castigo, aqui estou eu, pronta a recebe-lo.

Mas creia, que nunca pessoa alguma no mundo, teve mais puras intenções que eu; aquilo que foi praticado, só tinha pôr fim a felicidade de V. Ex^a. E de outra pessoa a quem muito estimo; e que inteiramente ignorava o que eu fazia, pois, o autor de todos esses pueris tramas era o Sr. Rafael.

Neste momento afastando o reposteiro se mostrou Adalgiza, estava lívida e toldava-a a frente uma nuvem de intraduzível e doloroso mistério.

Malvina assustada levantou-se e procurando a porta saiu vacilante; ia fora de si, temia mais a esta sisuda moça que é a galhofeira Helena, e além disso, ela lá tinha suas razões.

Adalgiza acompanhou-a com o torvo olhar e vendo-a desaparecer atirou-se sobre uma ottomane conservando-se muda e taciturna.

Helena, linda, bela, comovida, sentou-se junto de sua rica secretaria e escreveu a seguinte e simples resposta ao bilhete do poeta.

Fernando
Desnecessário é dizer aquilo que sabeis.
Aceito a vossa proposta.
Helena.

Depois chamando Rafael, lhe deu o escrito acrescentando alto: - vai levar a Fernando, a ele só!

A estas palavras, Adalgiza dando um salto da ottomane ficou de pé estupefata, e Rafael partiu risonho e feliz, como se estivesse de muito tempo, habituado a estas importantes mensagens.

Erato e Me'poneme olharam-se por alguns segundos em silencio, ambas pálidas, mais que pálidas, lívidas.

A primeira risonha, formosa, quase divina era a etérea imagem da esperança. A segunda trêmula, gélida, desvairada, era a figura de uma bela louca.

Que disseste? – murmurou surdamente, - pois tu escreves a Fer..nan..do...

Sim, disse sua prima correndo para ela e abraçando-a; - sim, e agora saberás se foi justa a minha resolução, ou se podes taxar-me de leviana. [p. 3]

Tomando de dentro do seu livro o bilhete de Fernando, o apresentou.

Continua.
AMERICANA.

IRIS POÉTICO

A NOIVA

Ela tão belo qual botão de rosa,
Desabrochando sob um céu de amor;
Trajando [ilegível, 10 versos].

H.

Rio Grande..

A MINHA VISÃO.

Não fui em meio às festas e ruídos
Que imagem avistei que me fascina;
Fui no meio de um bosque solitário,
Fui em meio de plácida campina.

Via, e disse-lhe: - estrela deslumbrante
 Dos meus sonhos vem ser o mago anhello;
 Das minhas noites cândidas, o astro,
 Das minhas ilusões o sonho belo.

E ela a visão querida, entre suspiros
 Atirou em meu seio aguda seta;
 E desde então amei-a, pois não sabem?
 Essa doce visão, era poeta.

Rio Grande – 1878.

N. 40, p. 4**MIRÍADES**

CARÍSSIMAS LEITORAS.

Cabe-me desta vez a honra de entreter-vos se a tanto me ajudar engenho e arte.

As novidades não são muitas, quais que exclusivamente cifram-se nos festejos havidos com a nova da estrada de ferro; estiram esplêndidos e cremos que os que se preparam para o princípio do ano estarão esplendíssimos; pelo menos iguais à iluminação da alfandega na noite 2 de dezembro.

Enfim, deixemos a estrada de ferro, a alfandega etc. e falemos os assuntos que mais interessam as queridas leitoras.

Quarta-feira passada estive em uma agradável reunião na casa da nossa querida Nyny.

Dançou-se até às 3 horas da madrugada, reinando sempre a maior animação; Noêmia fez como de costume inúmeras travessuras e o Silvinha esteve continuamente curvado aos caprichos de Mimosa.

Também um jovem que trajava calça branca e gravata cor do ciúme, mostrou bem o que lá o levava eram os belos olhos da Ce....pois desde que esta retirou-se não quis mais dançar.

A Amélia mais galante que nunca parecia ter jurado aos seus deuses que naquela noite deixaria sofrer martírios ao pobre E. P. S. que embalde solicitava (com aquela ternura que é peculiar) o prazer de dançar com ele ao menos uma marca.

Também nos jogos de prendas não quis dizer coisa alguma quando o pobre moço foi para a berlinda; isto também é muita maldade.

Enfim, ela diz que

“O amor é uma ilusão”

Não sei se ela continuará o verso do imortal Alexandre Herculano.

Deixemos-lhe em paz.

Conta-nos que algumas jovens da nossa sociedade se preparam para nas próximas noites de Reis irem felicitar algumas famílias, desejando-lhes boas festas.

Aplaudimos a ideia, e aconselhamos a Nyny que não deixe de esperá-las, pois temos certeza que a casa dela será uma das primeiras.

E como não ser assim se o M...é do número dos cantores.

Até breve.

Yayá.
Rio Grande.

JOGO DA PACIÊNCIA

CHARADAS

2 – 2 Esta mulher, é e mulher.

2 – 2 Faz fogo corro e guarda objetos.

1 – 1 – 2 Pronome, advérbio e tempo de verão que é mulher.

3 – 1 Faz no cabelo, afflinge e é vestimenta:

1 – 1 – 1 – 2 Elemento chimera é base que tem a água o reúne muitas ilhas.

A decifração das charadas do número passado é: 1. Rebôa; 2. Garrafa; 3. Lampião; 4. Matilde; 5. Lanterna; 6. Faminto; 7. Solidão; 8. Repente; 9. Thereza; 10. Mágoa.

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 29 DE DEZEMBRO DE 1878 - ANO 1, PERIÓDICO N. 41

N. 41, p. 1

EXPEDIENTE

Pergunta-se ao Sr. ANTONIO FERREIRA CARDOZO, quando pretende dignar-se visitar-nos, trazendo em sua amável companhia os recibos ou importe dos mesmos, que por nós lhe foram confiados.

Ignoramos se S. S. é cego ou surdo, e, por conseguinte continuaremos a chamá-lo.

Nova Aurora é o belo título de um periódico, recreativo que de Quissaman, (na província do Rio de Janeiro) nos foi enviado.

É propriedade do Sr. A. G. do Espírito Santo a quem felicitamos pela sua interessante publicação.

Pela brilhante escolha que faz de artigos literários tanto em prosa como em verso, torna-se recomendável a leitura da *Nova Aurora*.

Agradecemos e com prazer enviamos à *Violeta*.

Da cidade do Pão de Açúcar na província das Alagoas, recebemos o *I Paulo Affoman*, periódico imparcial, noticioso, comercial e literário, que a pouco encetou ali sua publicação, sob a inteligente redação do Sr. Achilles Balbino de Lelles Mello.

Ao novo órgão do progresso nossas felicitações.

Permutaremos.

Temos continuado a receber com regularidade a interessante *Gazeta Rio-Clarense*, cuja redação acha-se atualmente a cargo do nosso simpático e inteligente comprovinciano Sr. Cypriano Porto Alegre.

VIOLETA

FALECIMENTO – A sociedade rio-grandense acabou de perder um dos seus mais belos ornamentos.

A 26 do corrente deixou de pertencer ao número dos vivos, o distinto jovem Sr. João de Souza Reis.

A implacável mão da fatalidade não poupou aquela preciosa existência que tão feliz parecia sorrir.

A sua desolada viúva nossa prima D. Ercília de Mello Reis, os nossos sentidíssimos pêsames.

JUIZO DA IMPRENSA. – É-nos grato registrar as lisonjeiras frases de animação com que os dois distintos colegas do *Vigilante* e *Sete de Setembro* noticiaram o recebimento de nosso obscuro periódico.

Temos consciência de que são imerecidas essas frases, o que faz que ainda tenham mais jus a nossa gratidão.

Leia-se:

Do “Vigilante”.

VIOLETA. – Recebemos este importante periódico literário que se publica na província de S. Pedro do Sul.

No pantheon do jornalismo brasileiro se há algum que, pela singeleza e variedade de seus escritos, pelo bem elaborado de seus artigos, ilustra o império do cruzeiro – é a Violeta.

É redigido pela Exma. Sra. D. Julieta M. Monteiro, ilustre poetisa brasileira que no lidar insano da imprensa tem revelado talento e ilustração, adquirindo justos espontâneos elogios que muito a honram, honrando também a sua pátria.

Do “Sete de Setembro”.

VIOLETA – Do Rio Grande do Sul obtivemos [p. 2] este periódico que veio perfumar com o seu aroma literário, a humilde redação do *Sete de Setembro*.

A pela Exma. Sra. D. Julieta Monteiro deve ter glória de ser proprietária e redatora instrutivo periódico.

ROSAS LITERARIAS

O MOÇO DO GORRO NEGRO

Tinha eu na época de que vou falar-vos quinze ridentes primaveras a engrinaldar-me a frente: idade feliz de hilariantes fantasias em que a alma sorri vendo-nos vacilar entre os folgedos infantis e as rosas da adolescência.

Nesse tempo tinha eu por costume levantar-me muito cedo para decorar minhas lições de francês e de geografia e sempre me colocava à janela do gabinete, de onde devassava todo o jardim de uma casa que ficava na fronteira à nossa casa.

Então via-o trazer uma cadeira e a pôr em meio ao jardim e ali sentar-se ficando por longo tempo em atitude de quem medita. Que belo moço era ele, muito pálido, dessa palidez que diviniza e fala às almas sentimentais. Usava um lindo gorro de veludo negro sobre a alvura da espaçosa frente formava um belo contraste.

Havia naquele todo um quê de melancólico e poético semelhante às azuis campanulas do vale: quem o visse ali tão só, tomá-lo-ia por um cultor de belas artes com ideias ainda alteradas pela vigília de um profundo estudo buscando ao ar da manhã e às mil belezas da natureza dar livre expansão a seus pensamentos de artista.

Erro na suposição.

(continua).
Hermengarda.
Rio Grande.

O BOTÃO DE ROSA

(ROMANCE)

(Continuação n. 40)

Então é certo que eras a musa do poeta, (disse a trêmula e pálida moça, fingindo gracejar), e a que termo sabias tu desse amor.

- Asseguro-te que a muito! Não que seus lábios me dissessem, mas os teus olhos e coração.

- Não pensava achar-te tão ciente nessa difícil linguagem, és tão cândida, tão ingênua...

- Não o digas ironicamente Adalgiza, pois assim: talvez a minha mesma ingenuidade que foi que me fez ler a sua alma pura, a felicidade que aspirava a minha mesmo sem o saber.

Quanta candura! Eras discreto, sabias guardar o teu segredinho.

- Não, eu jamais ocultaria de ti o menor pensamento, a menor circunstancia de minha vida; porém crê, temia enganar-me e cair no ridículo.

Tinhas razão, isto é bem triste! Oh, o ridículo! (murmurou despeitada) e sabe uma coisa Helena, eu às vezes também ridicularizo-me faço parvoíces, enfim, sou verdadeiramente tola!

- E como estás alterada para dizer tudo isso! Ia dizer que falas a verdade! Acho-te outra, hoje não és a mesma, diz, que tens tu?

Adalgiza faltava volubilidade e ironia, tinha os lábios secos, a fronte húmida, e cintilante os olhos: entre os dedos apertava os bilhetes de Fernando; e de quando em quando lia e relia, interrompendo o que dizia Helena para mentalmente interrogar-se: - e o botão de rosa branca? E o bouquet misterioso?

Ouvindo as últimas palavras de sua prima Adalgiza, meneou a cabeça, e sem dúvida ia responder-lhe que estava enganada, quando Túlia aparecendo inesperadamente, participou as moças que Fernanda pedira alguns instantes de atenção em particular a Armando Loureiro e o mesmo fizera Agenor ao Dr. Álvaro.

- Sei o que quer Fernando, disse Helena corando e entregando aa sua mão o bilhete do poema, que ela nesse momento havia tirado dentre os dedos de sua prima.

Lido o bilhete, Túlia sorrindo abraçou a filha e a felicitou por ter alcançado aquele excelente partido, com o qual já muito tempo sonhava em seu coração de mãe.

Depois levou-a consigo.

Adalgiza não a quis acompanhar, protestando a necessidade de alguns momentos de solidão Deram-se as conferencias, porém a de Agenor e Álvaro não transpirou, apenas foi o poeta admirado como confidente: quando perguntavam alguma coisa sobre isso, o Dr. Álvaro respondia apenas o seguinte: - ainda é cedo, esperemos...

O casamento de Helena foi motivo de grandes alegrias, todos o desejavam, todos o aplaudiam, isto é, menos Adalgiza, de quem não se podia saber a opinião, visto achar-se enferma na cama.

A pobre moça tinha realmente fortes dores de cabeça, porém esse era apenas o resultado de suas físicas agonias. Era horrenda a tortura por qual passava.

Ela tão triste, tão sombria; ela de a muito não sorria quando Fernando lhe apareceu.

(Continua).
AMERICANA.

IRIS POÉTICO

FEBRE

Aí eu sinto que a febre devora
Minha fronte de enferma
[ilegível por 7 versos]

Amanhã nesta hora em que a lua
Como agora vagar lá nos céus,
Se a teu lado soar um suspiro,
Se escutares descerem-te, - adeus.

E minha alma que deixa este mundo,
Já cansada de tanto sofrer,
Vou ao céu, mas na última hora,
Vou ainda um adeus te dizer...

Aí eu sinto que a morte já chega,
Soou a hora do meu triste fim:
Neste instante de imensa agonia
Te suplico que rezes por mim.

Abril de 1874.

VEM

Vem, a noite tem tantos encontros,
As estrelas tamanhas fulgor,
Que a minha alma ao seu lado precisa
Avistar um futuro de amor.

Tu não ouves as tépidas brisas
Segredarem amores sem fim?
Vem, não tardes, minha alma te espera
Vem depressa para junto de mim.

Cá o céu tem um manto mais puro
As florzinhas do vale têm mais cor;
Vem não tarde, talvez, oh que sabe
Se sem ti morrerei meu amor.

M.

Rio Grande.

SEM TÍTULO.

(Modinha)

Perguntas se te amo muito?
Oh, não me perguntes flor,
Bem sabes que eu daria tudo,
Ai tudo por teu amor.

[p. 4]

Quando os teus olhos formosos,
Cheios de meiga expressão,
Se envolvem ternos, saudosos,
Toda eu me abraço em paixão.

Talvez que seja loucura
Falar-te com tanto ardor,
Mas tu que entendes minha alma
Bem sabes que é tudo amor.

Só há na vida um instante,
Que o amor se muda em loucura,
E quando a nuvem do ciúme
Transtorna nossa ventura!

Porém, passava essa hora]
 Volto de novo a te amar;
 São zelos de quem quer muito
 De quem nasceu para adorar.

MIRÍADES

CARÍSSIMAS LEITORAS

Até que afinal eis-me de novo entre vós.

Nada me seria capaz de arredar daquele lugar aonde encontrei inúmeros atrativos, a não ser a chegada do grande Antônio Pedro.

Porém a fama vós, e por conseguinte eu não quis ter o mau gosto de não vir apreciar o artista.

Vim, fui e na quarta-feira vê-lo trabalhar no império do Sal Timbeneo.

Não sei o que o que vos digo leitoras sobre esse belíssimo drama e sobre incomparável artista.

Só o que vos posso assegurar é que vos foi uma noite de deixar saudosas recordações.

Gil no seu espirituoso papel nada deixou a desejar graças ao seu belo talento artístico. D. Maria Lima e Magalhães tiveram belos momentos; e.... enfim, mais ou menos todos os artistas trabalharam bem.

Leitoras se alguma de vós não foi ainda ver trabalhar Antônio Pedro, aconselho vos que não percais a ocasião.

Eu o que sinto é que desde essa noite a enfermidade me tenha prostrado no leito deixando eu assim de malgrado para ir vê-lo sempre como desejava.

Preparam-se grandes festejos para solenizar no 1 e 2 de Janeiro anossa próxima estrada de ferro.

Ou tudo ou nada.

Agora que não se vive senão sonhar com um espetáculo é que temos outros divertimentos, isto sem falar na abertura do Rink.

Não há dúvida, pôr o lado que se encara, o nosso Rio Grande só se vê progresso.

Até nos corações há adiantamento; de antes (no tempo de Camões) amava-se um só ente e por este era-se capaz de morrer, ou por outra morria-se com facilidade quando por acaso não se era correspondido, ou havia algum outro empecilho ao casamento.

E hoje? Dizem que a Luiza tem três apaixonados e que não faz senão dizer que acha pouco.

Não sei se ela na verdade acha mesmo ou se apenas pretende mostrar espírito, se é este o motivo lhe aconselho que não diga mais, visto que é um muito espírito muito... muito... sem graça.

O mesmo acontece com Egy... L... (que segundo dizem) só amou uma vez na vida e promete ser firme até morrer. Gosto muito desta fidelidade; O que dizem leitoras?

O Dr. É que está cada vez mais volúvel; depois que soube que a velha... votava-lhe grande paixão o pobre moço não para, é uma perfeita borboleta; há quem diga que ele não sossega com de que ela o apanhe.

Cruzes, melhor sorte lhe dê Deus.

É fazer o mesmo que o cadete, depois que soube que a Ritinha queria conquistá-lo, não passa por lá nem que o matem. Não sei se já fizeram a experiência.

Muito mais tinha eu para contar-vos, porém como já disse estou de cama e por conseguinte é com sacrifício que escrevo, apenas para cumprir os desejos de uma amiga.

Assim ficará para a primeira ocasião.
Marieta.

A decifração das charadas do número passado é: 1. Idalina; 2. Armário; 3. Eulália; 4. Penteador; e 5. Arquipélago.

JOGO DA PACIÊNCIA

CHARADAS

À Nyny

Não podem me chamar de boa, 1
 Nem má poderão chamarme; 2
 Nos ares voa revoa,
 Ao longe sempre a soar-me.

Muito respeito a do tigre 2
 E gosto imenso da clave, 1
 Uns buscam do fando a vida
 E outros da morte a chave.

S. José do Norte.
 Marieta.

Eu posso ser de camelo,
 E mesmo de outro animal, 1
 Danço tanto que adormeço,
 Não há dançador igual. 2
 O que eu guardo espanca a treva;
 E da vida o melhor leva.

Noemia.

1-1-1 Não é boa por cima da razão é tempo de verbo e mulher.

1-1-1 No carneiro é verbo e contração que dá luz.

1-2 Esta nota quando eu não falo a verdade tem fome.

1-1-1 Sem companhia de um livro é tempo de verbo que muito aprecio.

1-2 Esta criminosa no cabelo é coisa de momento.

1-2 No alfabeto e no livro de orações é uma mulher.

1-2 Não é boa esta cidade que nos aflige.

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 6 DE ABRIL DE 1878 - ANO 2, PERIÓDICO N.43

N. 43, p.1

VIOLETA

EXPEDIENTE

Após uma interrupção de três meses, motivada aos princípios de desgostos de família e mais tarde por motivos particulares, aparece hoje de novo a singela “Violeta” a implorar a proteção do público ilustrado.

Como sempre diligenciando por agradecer, especialmente ao belo sexo a qual se destina, tem resolvido fazer algumas alterações em seu programa, tais como trazer de quando em quando trazer uma ligeira notícia sobre modas, ou outra qualquer dessas distrações que tanto agradam a maior parte do sexo frágil.

Assim espera a continuar a merecer o franco acolhimento que até então lhe tem sido tão benignamente dispensado.

Aos nossos assinantes que tinham adiantado em pagamentos com esta pequena empresa, avisamos que nada sofrerão os seus interesses com a interrupção que acaba de ter este jornalzinho, visto que teremos o cuidado de indenizá-los dessa falta.

Agradecemos a todas as redações que mesmo durante o tempo em que este esteve interrompida a publicação deste periódico, não deixaram de enviar-nos os seus.

Além dos que costumamos receber, temos mais a acusar o recebimento dos seguintes:

O Repórter importantíssimo jornal diário que desde o começo do ano publica-se na Corte, e que cabalmente corresponde aos fins a que se propôs.

Tendo à sua frente pessoal habilitadíssimo é de crer que tenha longa e feliz duração.

O Eco do Paraná bem redigido periódico comercial literário e noticioso que há pouco encetou sua publicação na cidade do Paranaguá.

A publicação é hebdomadário e tem por proprietário o Sr. Florêncio Rodrigues Vianna.

A Imprensa Artística interessante e mimoso jornal que acaba de sair das oficinas do Diário de Campinas na cidade deste nome, e que vem repleto de belos artigos e poesias.

A Atualidade órgão do partido liberal da capital de Minas Gerais; publica-se três vezes por semana sob a redação de diversos, e é propriedade do Sr. J. C. da S. Campos.

O Correio do Natal interessante folha política, moral e noticiosa, que sob a inteligente redação do Ilm. Sr. João Carlos Wanderley vê a luz publica na capital do Rio Grande do Norte.

A Gazeta Mecânica órgão da corporação de maquinistas da província do Pará , folha habitualmente redigida pelos distintos maquinistas Srs. Francisco P. P. Cirne de Lima; Pedro de Alcântara C. Mota e Antônio Castilho da Fonseca.

O Pernilongo, interessante jornal literário , noticioso e recreativo que nas oficinas do Regenerador acaba de sair à luz.

A Giquitaia espirituoso periódico crítico e noticioso que se publica em Vigia (Pará), de propriedade do Sr. Raimundo S. das Chagas.

O Psiu! Jornalzinho jogo sério que acaba de aparecer nesta cidade.

A Aurora pequeno jornal literário publicado em Santana do Livramento, tendo por proprietário o Sr. D. B. Tubino.

A todos os distintos colegas nossos sinceros agradecimentos.

Temos determinado a fim de darmos maior merecimento ao nosso pequeno jornal, publicarmos nele a biografia de senhoras ilustres brasileiras e estrangeiras, e principalmente Rio-Grandenses; para o que receberemos que com maior gratidão os dados que nos forem transmitidos para esse fim. Não só aceitaremos, mas, até muito encarecidamente pedimos às pessoas patrióticas e amantes de literatura que nos ajudem para tal fim.

O exemplo da mulher que se tem distinguido, não deve ser indiferente, e, quiçá, vai iluminar muitas inteligentes feminis que dormem aquecidas pela indiferença, despertando com a narração deslumbrante dos altos feitos de nossa gloriosas ascendentes e não menos ilustres contemporâneas.

Com o jornal de hoje distribuimos um número que já se achava composto, quando a fatalidade nos veio obrigar suspender a publicação.

N. 43, p.4

IRÍS POÉTICO

LÁGRIMAS E SAUDADES.

À memória do meu idolatrado irmão
Manoel Firmo da Silveira,
Alma perfume dos jasmims dos céus:

Vagava aqui perdida em terra alheia,
Subiu aos pés de Deus.

(Juveniano Monteiro).

Irmão querido, dorme o eterno sono,
Ai! Jamais eu terei carinhos teus;
A cruel parca arrancou-te a vida
Longe do lar, e dos cuidados meus

Cheio de crenças, nenhum trabalho insano,
Tua nobre alma procurava alento;
Frustrados foram teus ridentes sonhos,
Caíste inerte ao redemoinhar do vento.

Baixastes à campa na manhã da vida
Cheio de sonhos do mais santo amor,
E assim findaste uma existência linda
Em quanto eu gemo na orfandade e dor.

Na hora extrema de tão curta a vida,
Quando tua alma ia voar a Deus,
Soltaste um brado de cruel angustia,
Dizendo a todos: quero ver os meus!

Mas só viste quando já sem vida
Baldados foram beijos fraternos;
E eu abracei-te com fervor, com ânsia,
Triste lembrando não te ver jamais.

Choro, soluço, e chorei sozinha
Essa saudade que não terá fim;
E, junto à lousa sob que repousas,
Direi constante: - pede a Deus por mim.

Choro de balde tão cruel ausência,
 Terrível golpe me abisma a alma.
 Meu Deus! Minora este sentir atroz
 Dá-me um alívio, minha dor acalma!?

Pelotas, 25 de dezembro de 78.

Maria José da Silveira.

DESALENTO

(Fragmento.)

Y la profunda pena que me agita
 Ruga mi frente de dolor nublada.
 (Heredia.)

E vai à tona das vagas,
 Sem crenças, vario, corrido,
 Baixel sem rumo – meu peito –
 Em um mar de dores perdido;

E no deserto infinito,
 Funério tredo sombrio,
 Além além vagueia sem norte.
 Entregue a fundo martírio;

Mas quer as praias da vida
 Volver um último – adeus, -
 A timoneira – esperança-
 Que luta contra escarcéus;

Ai solta um brado supremo
 Evoca-a – sombra querida –
 Mas não confia, sucumbe,
 Não volve as praias da vida! ...

j. de M. M.

Rio Grande – 79.

A MULHER.

A mulher, cuja beleza
Física, em si só resume
Faltando a graça e a pureza,
É uma flor sem perfume.

Antes não seja tão bela
E tenha dotes Moraes,
Ah! Sem estes, pobre dela,
Os outros são bem fatais!

A um coração sincero
A uma alma virginal,
Como achar-lhe o rosto ferno,
Desprezar-lhe o divina!

MARGARETHE.

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 13 DE ABRIL DE 1879 - ANO 2, PERIÓDICO N. 44

N. 44, p.1

FALECIMENTO

Na terra a dor, [ilegível, 10 linhas].

A fatalidade que nestes últimos tempos parece não querer abandonar-nos, acaba de vir de novo enlutar esta obscura redação.

A nove do corrente riscou-se do número dos [ilegível] o nome de D. Joaquina Maria Soares.

Não podemos dizer que sua passagem neste mundo foi rápida, visto que a finada baixou o túmulo na idade de oitenta e três anos; no entanto, a profunda saudade que de si deixou no coração de seus inúmeros parente e amigos [ilegível, 36 linhas].

N. 44, p. 2

EXPEDIENTE

A todos os nossos assinantes tanto deste lugar como de fora dele, e especialmente aos de Bagé, que ainda se acham atrasados em seus pagamentos para com a pequena empresa da Violeta, rogamos o obsequio de mandarem satisfazer essa importância o mais breve possível, visto que entramos em novo trimestre.

VIOLETA

Após as trevas de uma semana de martírios, prantos e sofrimentos, surge brilhante aurorado feliz dia que nos vem recordar a gloriosa ressurreição de Cristo. Salve, salve o filho de Deus que veio ao mundo para remir nossas culpas.

Salve, salve astro brilhante que a dezoito séculos passaste pelo mundo.

Ante a tua onipotência, ante a grandeza de teu ser curva-se submissão o mísero mortal.

Cantam as aves, voa o inseto e as flores mais gentis se abrem em seu verde caule.

A natureza inteira exalta, e as nuvens purpurinas da madrugada abrem-se de par em par para dar entrada no céu glorioso criador de todas as coisas.

O Saci é o título de um bem elaborado periódico órgão ultramontano maçônico, que acabamos de ter o prazer de receber da província de S. Paulo.

Tem por editor o Sr. Antônio Tapera e é redigido pelo Sr. Virgílio Marciano Pereira.

Ao novo órgão da publicidade mil felicitações.

Permutaremos.

Sob o pseudônimo de Maria Mèluk de Arnin, está publicando na Gazeta de Campinas uma série de artigos intitulados – A mulher perante a Ciência e a História -, uma talentosa jovem filha de Campinas (Segundo refere-se a mesma folha.).

É com maior prazer que damos esta notícia às nossas caras patricias, restando-nos apenas o pesar de não podermos transcrever aqui estes belos artigos, visto a sua extensão e o pequeno espaço que dispomos neste jornalzinho.

Estas linhas não têm por fim animar distinta escritora, visto que jamais nos julgaríamos aptas para o fazer, porém sim saldá-la, enviando-lhe de nossa obscuridade um entusiástico bravo, não só ao seu belo talento senão que também ao grandioso assunto que procurou.

Também da Gazeta de Lorena deparamos com um bellissimo folhetim (produção do Sr. Olímpio Catão, ilustrado redator da mesma folha), cujo assunto principal é a caridade e nobreza da alma da Exma. Sra. D. Lucia Canlida, de Oliveira, distinta lorenense.

Como é de nosso propósito não deixar no esquecimento nenhum desses dotes pelos quais se pode recomendar uma senhora, chamamos atenção das leitoras para o citado escrito, ao mesmo tempo que nos curvamos respeitosas ante as virtudes da distinta senhora.

IRÍS POÉTICO

A PREMATURA MORTE DE MEU IRMÃO

MANOEL FIRMO DA SILVEIRA.

Falecido prematuramente na colina de
S. Lourenço

Qual meteoro que na luz um só momento,
Tua existência foi precoce asinha:
Morreste jovem com um sorriso nos lábios
Como um inocente que para a mãe caminha.

Como um arbusto que se enflora em Maio,
Todo ostentando vicejante gala,
Tua alma pura em aspirar sublime,
Levanta o treno, mas... soluça e cala.

É triste o ver-se na manhã florente

Flor prateada por gentil rocio,
Vir a tormenta, com tufão cruento
Varrer-lhe as pétalas e atirá-la ao rio.

E assim eu vi-te no verdor dos anos
Por belo prisma tua vida ver;
Depois imóvel, macerado, frio,
Que estavas morto me custava a crer.

N. 44, p. 3

Eras o arrimo na orfandade minha,
E o companheiro na querida infância;
A tua morte me lacera as fibras
Do coração na mais terrível ânsia.

Irmão querido, de sublime afeto
Do lar, distante tu morreste, oh céus;
Sim entregaste tua nobre alma,
Saudoso e pobre relembrando os teus.

Quando partiste para a fatal viagem,
Da qual voltaste sem calor, sem vida,
Tu me disseste – até breve – e eu triste
Hoje soluço ao lembrar [ilegível].

Silêncio! ... [ilegível, 6 linhas].

DESALENTO.

.... Não [ilegível, 27 linhas].
É triste, mas foi a sorte
Que o destino me preparou;
Eu mesmo fui a culpada,
Foi o amor quem cegou-me:
Julguei que um peito de bardo,
Podia abrigar amor;
Julguei porque ele jurava,
Jurava com tanto ardor!

Tentar agora esquece-lo
Impossível meu Deus;
Se eu vivi de seus olhares,
Vivi dos afetos seus,

Se a minha esperança, meu sonho
Minha ventura sem fim,
Era sonhar um futuro,
Com ele junto de mim!

Como tentar esquece-lo?
Como buscar outro Norte?
Se eu vejo luzir ao longe
Por meu fanal só a morte!
Se a minha esperança é já finda,
Se a minha crença se esfolhou,
Adeus meus sonhos de moça.
Tudo para sempre se finou.

25 de maio de 1987.

Marieta.

ROSAS LITERÁRIAS

PENSAMENTOS.

A formosura não tem mérito por si só; quando não acompanhada das virtudes que na mulher são indispensáveis para a boa marcha da sociedade, é um dom inapreciável que torna a mulher um ser sublime, e então tem a glória de, em sua riqueza, ser a aspiração mais ardente, a recompensa mais preciosa que o homem possa ter sobre a terra.

-

Na mocidade é bem raro que a mulher seja inteiramente feia; a graça e o frescor da juventude, a doçura do seu semblante, e sobre tudo a candura e inocência de sua alma cobrem-na de um véu muito favorecedor. E, quando ela cõnschia modestamente da falta de beleza trata de com afinco supri-la com os dotes intelectuais e morais, então tem completa vantagem sobre a formosura morna e desengraçada de algumas delambidas.

[Ilegível].

N. 44, p.4

Um marido grosseiro torna-se abominável a uma mulher de educação.

-

Ter vinte anos e nunca ter amado, se não é um impossível, é pelo menos um fenômeno.

-

Às vezes falhamos um pouco naquilo que mais nos ocupa o pensamento.

-

Grande desgraça deve ser se virmos a precisar daquele à quem procuramos desprestigiar.

-

A mulher de espírito acha consolo em sua desgraça, conversando com seus livros ou depositando sobre o papel os segredos do seu coração.

-

Há datas tão dolorosas na vida que seria impossível tentar as riscar da mente.

-

Aqueles que são por sua livre vontade, não devem se queixar quando são desgraçados.

-

Pagar aquilo de um dia criticamos, é a coisa mais certa que existe no mundo.

-

A união de dois entes cuja educação é inteiramente diversa, jamais pode ser feliz.

-

Aquelas dores que não confiamos a ninguém e que guardamos no íntimo do coração, são as que nos levam para o túmulo.

-

A mulher sonhadora, deve conservar-se celibatária, pois não haverá homem algum que a compreenderá devidamente.

CHARADAS

2 – 2 Do navio a mulher dos;

1 – 2 Aperta, alumia, e fala de paixões.

1 – 2 O advérbio tem avó que segura a pena!

1 – 1- 1 O templo da música, seguia e cantava;

1 – 1- 1 Oitava na música, na música, ordena de longe.

1 – 2 A variação tão fria! é para caldo!

2 – 2 Feição de português no Pará é, barrete!

2 – 2 Letra de fumar é homem.

1 – 1- 1 A acusada da roda, e tira a metade do tolo de longínquas eras,

3 – 2 A vestimenta mourisca foi estragada na celebre batalha.

1 – 1- 1 Tomba na estrada da cara de quem tem má sorte.

1 – 2 – 1 Do martelo à carapina em passo moroso vai sem companhia o jovem Lobo da Costa.

2 – 2 Da filha do céu e da terra o catálogo é o jovem Mucio Teixeira.

2 – 2 A chuva com a mulher é um privilégio.

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 20 DE ABRIL DE 1879 - ANO 2, PERIÓDICO N. 45

N. 45, p. 1

EXPEDIENTE

AMOR À LITERATURA

Em nome de uma associação que nesta cidade acaba de ser fundada e cujo título nos está a dizer os fins a que a mesma se propõe.

Foram seus fundadores alguns inteligentes e [ilegível, 6 linhas]

N. 45, p.2

VIOLETA

A EDUCAÇÃO DA MULHER.

Esta é uma das principais senão e primeira das bases da nossa felicidade.

Inúmeros escritores de ambos os sexos se têm ocupado deste assunto pelo que pouco ou nada nos resta a dizer: contudo expenderemos humílima opinião.

Não somos do número daquelas que julgam a mulher apenas apta para o serviço doméstico; apesar de que algumas penas assaz abalizadas o tem julgado.

Também não concordamos com a educação exclusivamente literária, pois a ser assim não sabemos o que se tornaria o lar doméstico, quando o homem, o chefe da família tivesse de abandoná-lo para cuidar de ses afazeres próprios de seu sexo, para enfimprocurar os meios de subsistência para a sua família, e a esposa encerrada em seu gabinete ocupasse-se com seus estudos, deixando a casa entregue apenas a seus fâmulos?

Em nossa fraca opinião existe o meio termo.

Não estamos habilitadas a aconselhar as mães de família, especialmente neste ponto, visto a nossa pouca idade, os nenhuns conhecimentos que temos e enfim não sermos mães.

Contudo, animamo-nos a repetir, o meio termo aqui como em todas as coisas aparece-nos o melhor método a seguir.

A menina deve compreender desde os seus primeiros anos, o que um dia deve vir a ser, isto é, uma boa dona de casa.

Ser arranjada, cuidadosa em seus afazeres (que os deve ter desde que suas forças a permitam), econômica, estudiosa, etc. etc.

Não queremos dizer que devam criar as meninas em completa prisão: não, elas devem ter horas consagradas ao trabalho psíquico, ao moral e às distrações próprias de sua idade.

Triste de quem não teve ao menos as felicidades da infância.

Triste de quem nem nessa ideia foi feliz.

Mais tarde quando em nós se desenvolve o gosto pelo belo, já não necessitamos que nos mandem estudar, e mesmo quando nossos muitos afazeres nos roubam todos os instantes, temos na noite a hora da tranquilidade, a melhor para essa bela ocupação.

O estudo é sempre útil, e é incrível quando há pessoas que dizem não saber para o que servem as letras.

Enfim, dos pobres de espírito é o reino dos céus.

Apesar das novas ideias, dessas que a cada instante ouvimos pregar, aconselhamos à mulher a religião.

Aquela que não crê em Deus, jamais pode ser cumpridora de seus deveres.

E ainda mais, é abominável a mãe de família sem crenças religiosas.

Sempre a fé em Deus, porém nunca o estúpido fanatismo.

Apesar de nada termos dito, concluímos aqui, atendendo ao tamanho de nosso jornalzinho.

ROSAS LITERÁRIAS

PENSAMENTOS.

Há pessoas que possuem um orgulho tal, que acham que as mais devem orgulhar-se em lhes poderem prestar algum serviço, e elas julgam-se humilhadas até em lhes agradecer.

-

A instrução que nenhum peso nos faz nas horas de felicidade, torna-se de grande utilidade quando a sorte nos é adversa.

-

Aqueles cuja a vida é passada na ociosidade, acham sempre pouco o trabalho dos laboriosos.

-

N. 45, p.3

Não é verdadeiramente criminoso aquele que após o delito sente chegar-lhe o arrependimento.

-

Receber uma injúria de nós ladrões que deviam falar com carinho, é uma apunhalada que deixa cicatriz eterna.

Rio Grande – 79.

IRIS POÉTICO

NÃO DESCREIAS.

Em resposta à poesia [ilegível, 26 linhas].

É que o poeta tem de dor a sina;
 Entes fadados a viver cantando,
 Misturam rosas aos ferais ciprestes,
 Tristes [ilegível, 7 linhas].

Oh este vale a que chamamos mundo,
 Este deserto só de mágoas cheio,
 Não, não merece teus sentidos prantos,
 Pois não compreende tão profundas dores.

J. de M. M.

Rio Grande – 79.

 TRISTEZA.

Não sei que tristeza imensa, que dor tão profunda, meu Deus,
 Vem qual nuvem de desgraça
 Turbar róseos sonhos meus.

Às vezes quando à tardinha
 Na mão a face apoiada,
 Relembro passados gozos
 Sonhos da alma apaixonada.

Parece que a meus ouvidos
 Soa voz desconhecida,
 Então talvez da que outrora
 Era por fim tão querida.

Não sei apenas conheço
 Não ser mais quem fui outrora era por mim tão querida.

Não sei apenas conheço
 Não ser mais quem fui outrora!

Nuvem de dor abafou-me
Sorrisos inda na aurora.

Penserosa.

Rio Grande – 79.

N. 45, p. 4

O ESTUDO.

É no estudo apurado das letras
Que a mulher deve procurar a luz,
Não nos bailes, nas salas festivas
Onde a louca vaidade transluz.

Estudar é buscar um futuro
Nobre, santo, querido por Deus,
Estudar é buscar no trabalho
Desvendar das ciências os véus.

Estudai, pois ó flores singelas
Meigas virgens que em trevas viveis,
Que áureo prêmio de vossos trabalhos
No saber muito breve achareis.

Rio Grande – 79

CONTO.

OFERECIDO À DISTINTA E ESTUDIOSA MENINA

M...A...P...

Estudar é lei divina
É a bíblia da mulher;
Do que serve uma menina
Sem a luz do saber?

– P. M. –

Uma menina muito jovem
Jovem de muita instrução,
Perguntou à com companheira:

Por fora sobre a camisa,

Por dentro no coração.

Nyny.

RIO grande – 79.

1 – 2 Esta nota tem o leão e canta.

1 – 2 Esta porção de água é um homem que nos apresenta diversas vistas.

2 – 1 – 2 No cemitério é contração que corre e anuncia festas e pesares.

1 – 2 No ar esta mulher é um verso.

Marieta.

Rio Grande – 79.

A decifração das charadas do número passado é: – Bordoada. – Novela. – Caneta. – Sereia. – Missiva. – Tigela. – Carapuça. – Agapito. – Remoto. – Aljubarrota. – Caipora. – Talentoso. – Realista. Regalia.

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 11 DE MAIO DE 1879 - ANO 2, PERIÓDICO N. 47

N. 47, p.1

EXPEDIENTE

Devido a um pequeno desarranjo ocorrido em nosso prelo, fomos obrigados a não dar jornal domingo passado, o que bastante nos contrariou.

Da benevolência de nossos assinantes esperamos merecer desculpa para essa falta involuntária.

*

Grito do Povo é o expressivo título de um periódico que acabamos de receber da corte, aonde o mesmo se começou a publicar.

É publicação política, recreativa e noticiosa.

Não nos diz qual ou [ilegível, 34 linhas].

*

Segundo nos informaram findou sua carreira jornalística A sentinela interessante órgão político e católico, que sobre a distinta redação do Dr. João Mendes de Almeida, publicava-se em S. Paulo.

*

A Colibri – Recebemos e agradecemos as charadas que se dignou oferecer-nos.

N. 47, p. 2

Sentimos apenas não sabermos a quem temos o prazer de dirigirmos.

*

A República – Fomos obsequiados com os dois primeiros números do quarto ano deste importante jornal, órgão do club republicano acadêmico.

Redigido por uma plêiade de distintos acadêmicos entre os quais acha-se o nosso ilustre e simpático comprovinciano Sr. Assis Brasil, tem a República a esperar um futuro brilhante.

Saudamo-la, e com o maior prazer, enviar-lhe-emos a nossa pequenina Violeta.

*

Silva Jardim – Filho da fecunda inteligência deste novel, porém já muito distinto escritor, é o livro que temos à vista e que devemos obsequiosidade de seu ilustre autor.

- Gente do Mosteiro – Interessante livro de crítica, é mais uma folha de louro que para a sua já muito rica coroa acaba de conquistar o Sr. Silva Jardim.

Nós que embora na obscuridade, aplaudimos sempre com entusiasmo as grandes ideias e os arrojados cometimentos, enviamos-lhe seu mimoso presente.

*

Conforme se achava anunciado saiu à luz na capital do império o Eco das Damas, de propriedade da Exma. Sr. D. Amélia Carolina da Silva & Cia.

Este periódico que se dedica aos interesses da mulher, traz artigos de muito merecimento e gosto, pelo que se torna digno da atenção de todas as pessoas de bom gosto.

Recomendo-o especialmente às senhoras de quem deve merecer toda a proteção, agradecemos às suas dignas proprietárias o número com que nos obsequiaram.

ROSAS LITERÁRIAS

O BOTÃO DE ROSA

- ROMANCE.-

(Continuação do n.46)

Trata-se do casamento de Fernando (pensou a moça) e querem a minha opinião: é bem verdade que a sorte brinca com os meus sentimentos! E tomando de súbito uma resolução chamou em seu auxílio o Dr. Álvaro, pois volvendo os olhos para ele disse-lhe à meia voz; valha-me meu primo, não insista que me chamem à discussão, eu estou aqui perfeitamente bem; não sei de que se falava, mas ainda que seja de coisa muito interessante, eu presido da questão; não me acho disposta para a palestra.

- Minha prima segue a maioria, não discute, [ilegível] a de suas palavras: Disse o Dr. Álvaro e demais está absorvida sua atenção no deslumbrante espetáculo que nos apresenta o esplêndido céu que desta janela descortinamos...

O moço estava louco de alegria, entrevira nesta escusa de sua prima, uma prova de decidido afeto e o desejo de ficar ali junto dele.

Branca e Agenor olharam-se, ambos estavam pálidos, e seu doloroso olhar dizia: somos dois desgraçados, que faremos agora se nossas esperanças estão mortas?

Branca amava Álvaro com a mesma loucura, o mesmo devaneio, com que Agenor amava a formosa Adalgiza: sim porque o amor daquele mancebo era entusiasta e puro. Como deve ser o verdadeiro afeto em um juvenil coração.

Tulia protetora de seu enteado acudiu sorrindo com estas palavras: - Nós aceitamos e concordamos com a razoável escusa que nos dá Álvaro. Adalgiza ainda sofre, deve, por conseguinte, conservar-se tranquila, respirar o perfume que pela janela vem nas asas da brisa, e ouvir apenas por desfástio as jaculatórias de seu primo.

N. 47, p. 3

Depois voltando-se para o Barão continuaram a interrompida conversação.

O Dr. Álvaro pálido e contrariado [ilegível, 48 linhas].

AMERICANA.

IRÍS POÉTICO

SENSITIVA

[Conto à luz do luar]

Nascem na doce quadra da esperança,
 Na fagueira estação da primavera;
 Afagaram-na as auras da bonança,
 Oh que doce viver o dela era;
 Nascem na doce quadra da esperança.

Crescem como as boninas do valado
 Encantando aos felizes que a cercavam;
 Seu viver era um sonho auri-rosado,
 Seu falar harmonias que encantavam,
 Cresceu como as boninas do valado.

No grande mundo entrou medrosa, esquiva
 Qual cândida e modesta violeta
 Nos salões chamaram – sensitiva –
 Chamaram-na os poetas - flor diletta –
 No grande mundo entrou medrosa, esquiva.

Cercaram-na de afagos e carinhos,
 Sua estrada [ilegível] de mil flores:
 Como vivem no campo os passarinhos
 Ela feliz vivia entre esplendores;
 Cercaram-na de afagos e carinhos.

N. 47, p. 4

Porém ela passava indiferente
 Entre tantos encantos ilusórios:
 E dizia-lhe o mundo – vem descrente
 Não julgues meus protestos transitórios.
 Porém ela passava indiferente.

Só um ente encantava-lhe a existência
 Pois só do amor ela vivia;
 Era um dote feliz da providência
 Era um anjo de amor que lhe sorria;
 Só um ente encantava-lhe a existência.

Mãe, era o nome doce que lhe dava
 Sensitiva a crença encantadora,
 Que sorria de amor quando osculava
 Dos meus sonhos gentis meiga cultora.
 Mãe, era o nome doce que lhe dava.

Na vivenda feliz, abençoada
 Onde tudo era amor, crença e poesia;
 Um dia foi bater a mão gelada
 Da parca que, que desgraça anuncia;
 Na vivenda feliz abençoada.

Desde então não sorrio mais Sensitiva
 Pobre flor que perderam na orfandade,
 Das salas do prazer tornou-se esquiva,
 Só a visão a vagar na soledade:
 Desde então não sorrio mais sensitiva.

Mais tarde, um dia aí nessas paragens
 Viu-se passar mulher pálida e bela;
 E a brisa murmurava entre as folhagens
 Podre louca, infeliz, aí triste dela.
 Mais tarde, um dia aí nessas paragens.

Era apenas a sombra da crença
 Que contente e feliz ali vivera;
 Morrerá-lhe o sorriso da esperança,
 Das venturas do mundo ela descrera:
 Era apenas a sombra da crença.

Rio Grande -79.

VIDA NA ROÇA.

Levantar quando a criança desponta,
 Ver o gado pastando no val,
 E ir ainda tontinha de sono
 Tomar leite no fresco curral:

Despois leda correr nas campinas,
 Colher flores agrestes, mimosas.
 Escutar os trinados das aves,
 Das coceiras cantigas saudosas:

À tardinha na beira da estrada
 Ver a tropa passar, e o tropeiro
 Recordar em seu canto saudoso,
 Doce infância áureo tempo fagueiro:

E mais tarde, lá quando da noite,
 Negro (é) se entendeu pelos ares,
 Ver bailar as alegres roceiras
 Ao som meigo de alegres cantares:

É a vida querida da roça
 Doce vida que eu sempre amarei:
 Ai dos dias ali desligados
 Que profundas saudades guardei!

Rio Grande – 79.

PENSEROSA.

JOGO DA PACIÊNCIA

CHARADAS

Oferecidas à redação da VIOLETA.

1 – 2 Na música fabrica um inseto no qual é bebida.

1 – 2 Conjunção hipotética e tempo de um verbo forma um jogo.

2 – 2 Planta é teia procura nas mãos.

1 – 1 Na música na música este artigo é peso.

Rio Grande – 79.

Colibri.

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 18 DE MAIO DE 1879 - ANO 2, PERIÓDICO N. 48

N. 48, p.1

EXPEDIENTE

Vinda da capital da província, acha-se entre nós, aonde veio fixar sua residência, a Exma. Sra. D. Ana dos passos e Figueiroa, digníssima [ilegível] da sempre lembrada poetisa Amália Figueiroa.

Respeitosas a cumprimentamos.

*

Com mimoso título [ilegível, 47 linhas].

N. 48, p. 2

ROSAS LITERÁRIAS

O BOTÃO DE ROSA

- ROMANCE.-

(Continuação do n.47)

Branca empalideceu de comoção e tremula encostou-se ao braço do elegante cavalheiro.

Adalgisa seguiu-os com o olhar e suspirosa pensou: - tão belos! ... quão felizes seriam! ...

Agenor acompanhando o olhar de Adalgisa sentia que as feridas de sua alma sangravam horrivelmente: e, no entanto, confessava de si para si, que Álvaro era digno do amor dessa divina mulher.

Contudo quis lançar um dado à sorte, experimentar o destino, provocar talvez a fatalidade!

D. Adalgiza (disse ele) V. Ex. deve perdoar-me, deve ser indulgente para o grande crime, que ousou perpetrar neste momento, nesta hora a mais feliz de minha vida, visto que posso abrir-lhe minha alma dizer sem que alguém me ouça aquilo que V. Ex. já de a muito terá lido no olhar de seu respeitoso escravo: sim, que amo, que o amplo sonho de minhas aspirações é vê-la minha esposa! ...

Perdão, esta linguagem é talvez imprópria, inconveniente, porém eu sei que perdida esta ocasião alguém mais feliz que eu se apossará de meu tesouro, de minha esperança, de minha vida! ...

O moço no entusiasmo louco no maior auge de sua exaltação, quase em delírio, envolvia a moça naquele olhar de que outrora falamos, olhar que só ele possuía; ardente, amante, poderoso irresistível!

A moça atônita encarava esse belo e ousado mancebo a quem amava com ternura inexplicável a quem (apesar de seu sisudo caráter) não se resolvia a severamente repreender.

Em seu pensamento se cruzavam as singularidades desta noite tão fecunda de emoções para ela; as mãos convulsivas apertavam-se, o corpo pendia languido e suas famosas tranças como duas serpentes debruçando-se sobre o níveo vestido iam beijar o tapete.

Era assim tão sedutora tão maravilhosamente, que poderia representar o gênio da poesia ou o anjo que guarda a ambula sagrada.

Mas o tempo urgia, era necessário tomar uma resolução, fazia-se mister responder a esse moço tão interessante, implorando de seus lábios a mágica palavra a que se abriram as portas do almejado templo.

Neste momento por um rápido movimento, Agenor encontrou o investigador, olhar do Dr. Álvaro; estremeceu e em súplice juntando suas mãos , murmurou: D. Adalgiza, fale, eu lhe rogo pela memória de seus idolatrados pais, responda, posso esperar?!

(Continuar-se-á.)

AMERICANA.

Recordação.

(Fantasia)

Lembraste-te Francina daquela tarde calma e suave de primavera?

O céu era azul pruro e divino, e a atmosfera impregnada do suave perfume das violetas e acácias, tornavam aquele sítio ditoso, num poético paraíso.

Nossas almas eram dos puros cisnes vogando elegantemente no lago das esperanças; nossos pensamentos louquinhas borboletas a voarem de flor em flor.

Lembraste-te Francina?

*

Um ano se passou sem que eu te visse querida amiga, porém jamais decorreu sem que eu beijasse teu retrato, sem que eu apertasse ao coração o querido ramalhete de perpétuas sobre o qual nós havíamos jurado amizade sem fim, um amor fraternal...

N. 48, p. 3

Será possível que se quebrem os elos desta tão santa afeição?

Diz Francina, a imagem daquela tarde que juntas passamos na tua chácara e que tantas confidências nos fizemos mutuamente, ainda perdura em tua ardente imaginação.

*

Eu sou a violeta que humilde [ilegível, 11 linhas].

IRÍS POÉTICO

À JULIA MONTEIRO

Tu [ilegível, 12 linhas]

Nota de santa harmonia
Das harpas dos querubins,
Sonho de amor, luz brilhante
Perfume de alvos jasmims.

Tudo que diz poesia,
Encanto, perfume, amor,
Vejo em Julia reunidos,
Casto lírio do Senhor.

Rio Grande – 79

Era uma rosa esfolhou-se,
 Era uma nuvem, passou;
 Era um astro eclipsou-se,
 Era um junquilha murcho.

J.

Pobre arcanjo de Deus, morrer tão [ilegível, 13 linhas].

N. 48, p. 4

QUANDO ELE CANTA.

[A PEDIDO.]

Quando ele canta, lá no céu a estrela
 Triste demais já não tem fulgor:
 Quando ele canta o sabiá é mudo,
 Só fala a alma que nos diz – amor-

Quando ele canta, da purpúrea da rosa
 Cobrem-se as pétalas de mortal palor;
 E o cálix pende, porque sente o fogo,
 Daquele canto que respira – amor-

Quando ele canta, a merencória brisa,
 Abate o voo, vem ouvir também;
 Quando ele canta nem suspira a fonte,
 Porque o seu canto mais belezas tem!

Quando ele canta, a natureza inteira,
 Extasiada nem se move até;
 E em nossos seios nesse instante nasce,
 O amor, a crença, a felicidade, a fé!

Seu meigo canto que da nossa alma eleva
 Num doce arroubo às regiões dos céus.
 É como o incenso que o altar perfuma,

Ele se eleva para os pés de Deus!

Marieta.

Resposta à Cicília.

Não sei se sabes tu amiga estremecida
 Que o lírico gentil, caiu da moda agora;
 E tudo que é real, pelo clarim da fama
 Se apregoa no mundo, e pelo espaço fora.

Por isso me é impossível mandar-te o que me pedes
 Um canto, um canto cheio de amor e de ternura
 Mas para que não te zangues julgando a má vontade
 Envio-te um abraço repleto de doçura.

A tarde está gentil, mas como fora “crime”
 Falar-te das aragens, das brisas perfumosas.
 Só te direi que venhas que nós cá te esperamos
 Colhendo para ofertar-te, jasmims, cecens e rosas.

JOGO DA PACIÊNCIA

LOGOGRIFO

Minha primeira somente,
 Apelido é português,
 E decifras com certeza
 Logo da primeira vez.

Com metade da segunda
 Posso estar na tua mesa;
 Na cozinha e no comer,
 Me encontrarás com certeza.

A segunda por si só

Existe na sacra história,
E o manjar que fabricou
Lhe deixou eterna glória.

Enfim, a tertia em teu corpo
Busca querido leitor,
Pode ser pequena ou grande
Pode ser branca ou de cor.

Agora a segunda e prima
Tendo uma vogal no meio,
Não queiras dormir sob ela
Aí foge si, tem receio.

Fui rei e na antiga história
Poderei ser encontrado.
Fui sábio, e agora te digo,
Está ou não está decifrado?

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 1 DE JUNHO DE 1879 - ANO 2, PERIÓDICO N. 49

N. 49, p. 1

EXPEDIENTE

Sendo nós [ilegível, 46 linhas].

VIOLETA

A MULHER E SEUS DIREITOS

Muitas mulheres têm na sociedade representado papel importante, conseguindo tanta glória que grande parte dos homens bem pode invejar; aos que vos julgam, senhoras de uma natureza inferior à nossa, apresentarei na história

N. 49, p. 2

exemplos de Judith, Semiramis, Joana D'Arc, Catharina da Russia, Carlota Corday, M. de Stask e George Sand.

F.C. de San-Tiago [ilegível].

É incontestável que a mulher é um anjo do lar, ente fraco por natureza, porém fadado a grandiosas missões; quer desempenhe os deveres de mãe, filha ou esposa, tem sempre uma tarefa árdua imposta primeiro pelas sagradas leis do coração, depois pela sociedade sempre vigilante, sempre pronta ao castigo severo, embora muitas vezes justo. Assim também, porque não havia a mulher nascer para grandes cometimentos? O que importa a fragilidade da matéria, quando o espírito pode alar-se, e a ideia rebentar cintilante, sublime e grandiosa! O gênio, esse meteoro deslumbrador, desconhece os sexos; desde a antiguidade, em quanta fonte feminino tem ele derramado suas brilhantes fagulhas?! A mulher que por meio do estudo e das letras busca a ilustração, a ciência, o dourado pomo da sabedoria aclarando o espírito; e desterrando a ignorância, é mais digna de louvores e de admiração que o homem; porque nem (pela sua sensibilidade, meiguice e natural ternura) se poderá jamais afastar dos labores do lar; e luta para o estreito âmbito da esfera doméstica, dar amplo espaço às suas aspirações de glória. É errôneo o pensar e até dizer que a mulher é dada às letras falta aos deveres domésticos.

Protesto! – Conheço bem de perto uma senhora que apesar de dominada pela enfermidade e tendo a seu cargo numerosa família, criancinhas, a quem jamais faltou cuidado e carinho imposto pelo dever de mãe extremamente amorosa; não deixou por isso de estudar, procurar livros científicos, e no silêncio das noites ilustrar seu espírito; e mais tarde quando suas filhas chegaram à idade do conhecimento, a ajuda de de um ilustre mentor infiltrou-lhes o amor pela literatura, dando-lhes bons e proveitosos livros, assim como a educação doméstica, que é a paz e a união da família...

Deixe-nos por hastear nosso estandarte e soltarmos o grito não da rebelião, nem da revolta anarquista, mas sim do apelo ao templo de Minerva, a luta em prol de nossos direitos.

- Revocata II. de Mello.

Rio Grande.

O MOÇO DO GORRO NEGRO.

(Continuação n. 42)

Vivia eu na incerteza, a labutar numa multidão de conjecturas, era preciso de um só golpe terminar esta luta entre o coração e a razão, mas como? Pensava eu... Enfim, por uma dessas manhãs em que com toda a poesia da alma fitava aquela fisionomia correta e insinuante, aquele todo de romântico pensador, venho-me uma ideia feliz percorrer a mente.

Por várias vezes havia visto uma senhora idosa e extremamente simpática, encostada às grades do jardim a fitar com toda a ternura e enlevo de uma alma de mãe, o rosto descorado e belo do moço de gorro negro, era sua progenitora não havia de duvidar.

Então busquei relacionar-me com ela.

*

Estávamos em dia de São João, o sol esplêndido, a atmosfera límpida e serena anunciava uma verdadeira noite de festa.

Eu estava convidada para uma dessas reuniões tradicionais que se costumam fazer em louvor ao milagroso santo.

N. 49, p3

Quis então por um capricho ou antes para obter um meio de falar aquela senhora, pedindo uma camélia branca que pela manhã havia visto aberta no seu jardim.

(Continuar-se-á).

Hermengarda.

Rio Grande.

O BOTÃO DE ROSA

(ROMANCE)

(Continuação n. 48)

Sim... [ilegível, 22 linhas].

(Continuar-se-á).

AMERICANA.

IRIS POÉTICO

APÓS UM SONHO

Foi um sonho que eu tive, passou.
 C. Ferreira.
 Foi um sonho meu Deus; que dor horrível;
 Eu sonhei que de mim tu te olvidaras,
 E amava com ânsia outra mulher;
 E [ilegível, 9 linhas].

Mas enfim despertei, fitei teu rosto,
 Vi teu olhar repleto de doçura
 E de novo meu Deus eu fui feliz:
 Tu és a maga estrela de meus sonhos,
 O [ilegível] que achei no meu deserto,
 A brisa que me afaga e bem me diz.

CARTA À CISMADORA

Bom dia Cismadora, quantas semana não escreves teu nome na nossa Violeta?
 Cansei-me de esperar; zangas-te conosco.
 Ou andas a idear algum poema esplendido que em trevas vá lanças os pobres
 “Lusíadas”?

(Como dizia alguém, que por sinal coitada aspirava chamar-se literata.)

Também para que digamos lá muito grande não era a aspiração; é um nome
 exótico,

que por Deus de bom grado trocaria por Quitéria, Honorata ou Manfurina.

Mas deixemos de lado essas asneiras.

E falemos de ti, dos teus escritos.

Talvez se te contasse que o lirismo está prestes a morrer, para nada presta.

E então..., mas que vejo, neste instante parece que Varela (a sua efígie) da moldura desprega-se zangado; e Casimiro oh Deus! Que olhar me deita; nada, nada deixemos nós de graça.

Eles foram dois reis, e como sabes quem foi rei terá sempre a majestade.

Dois esplêndidos reis, mas as coroas que sobre as orgulhosas frentes punham, não eram de ouro não, eram mais nobres, pois formavam-nas os loiros mais virentes.

Mas que queres querida, sempre (em segredo direi) teve o lirismo para mim um condão irresistível; nos puros realismos deste mundo, encantos não encontro; mas... ainda vejo que alguém me fita “carrancudo” vê lá se adivinhar podes quem seja.

Dos “novos ideais” defensor bravo.

Então não falas?

Aparece-me agora, vejo-te sorrir.

Adivinhastes, é o meigo cantor da Violetas das “sombras e dos clarões” “tremulas as vozes”.

E que sei eu, de mil e mil encantos que nem sei como vivem num invólucro tão franzino meu Deus!

Enfim concluo.

Por ver que contra mim acham-se em “fúria”, os mimosos cultores da poesia:

Em outra vez falarei, e então querida te direi o que sinto ao ver que foges da liça que por ti com ânsia clama.

Adeus, nos muitos erros que encontrares nesta célebre carta, não repares “foi escrita com pressa” e toma a nota, que não há carta alguma de [ilegível] que não tenha este apêndice ridículo.

Rio Grande – 79.

JOGO DA PACIÊNCIA

CHARADAS

1 – 2 Esta nota é uma parenta que eu como.

1 – 1– 1– Do carneiro este instrumento quando estou alegre é contração que dá luz.

2 – 1 Para a cabeça aflige no quarto.

2 – 2 Para o frio este número pôs-se na cabeça.

1 – 1 – 1 Na mitologia fiz por compaixão e no romance é instrumento.

1 – 2 Esta nota está no céu e no mar.

A decifração das charadas do número 46 é: Pedroso; Linguado; Carioca; Navegante; Soldado; e Claraboia.

Idem das do número 47: Cícera; Seve; Salvatela e Cicio.

Idem do logogrifo do último número: Salomão.

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 15 DE JUNHO DE 1879 - ANO 2, PERIÓDICO N. 50

N. 50, p. 1

EXPEDIENTE

Com o título – Gazeta de Notícias – começou-se a publicar [ilegível, 26 linhas].

O - Farol – é o título de um novo jornal que apareceu na Estância, velha província do Sergipe.

É de pequeno formato, porém escrito com gosto e ilustração.

Sua propriedade pertence a uma associação.

Fomos obsequiadas com os primeiros números, que agradecemos, retribuindo com a singela Violeta.

Recebemos [ilegível, 15 linhas].

N. 50, p. 2

Agradecemos a muito distinta redação do Espelho a agradável surpresa que nos proporcionou com a sua publicação de seu mimoso e lisonjeiro acróstico oferecido a esta redação.

Ainda uma vez nos vemos nos vimos forçadas a faltar com a Violeta aos nossos assinantes.

É para nos bastante sensível a falta desse compromisso, infelizmente, porém vimos-nos obrigadas a tela, visto que a falta de empregados nestes últimos tempos a isso nos obriga.

Esperamos merecer desculpa.

VIOLETA

Cara redatora

Sei que como eu é sincera entusiasta dessa cintilante constelação de nossa pátria, do gênio predestinado e sublime do laureado poeta o jovem Mucio Teixeira.

Assim devemos a transbordar de orgulhoso jubilo saudar a cidade do Rio Grande pelo prazer de o ter tido em seu grêmio ainda mais uma vez.

Infelizmente foi apenas de passagem, se bem que luminosa como só em ser as dos radiantes meteoros.

O paquete que seguiu domingo para a corte conduziu a seu bordo o nosso ilustrado e distinto comprovinciano, o festejado cantor da “Vozes Trêmulas”, das odorosas e inmurhecíveis “Violetas”, das poéticas “Sombras e Clarões” deslumbrantes.

É cheia de ufania que recordo que a terra abençoada que deu o berço a Mucio Teixeira, foi o meu querido torrão natal; esse lugar tão bem traduzido nesta linda estrofe de um dos nossos poetas.

Hosana valente cidade guerreira
Que alerta vigias nas raias do Sul;
Os campos mais verdes te servem de esteira,
Te serve de [ilegível] o céu mais azul.

Mucio Teixeira possui o condão da poesia a par de uma irresistível simpatia; suas frases fluentes, ricas de inspiração, repletas de linda imagens, fazem com que as pessoas que gozam de sua convivência, votem-lhe uma amizade fraternal e profunda admiração.

Concordais comigo cara irmã, não é assim?

Nós a que ele tantas vezes tem chamado de irmãs e procurando sempre provar-nos essa sagrada afeição, com efusão da alma, saudamos sua estada aqui; e saudosas em nossas preces, rogaremos aos céus para que uma perene felicidade o acompanhe em sua gloriosa romagem.

Rio Grande.

Revocata H. de Mello.

ROSAS LITERÁRIAS

O Botão De Rosa

- Romance-

(Continuação do n.49.)

Branca ao ver tão intempestiva e inopinada fuga, ergueu-se despeitada; e convidando seu pai a despedir-se, ia retirar-se, quando Adalgiza pediu-lhe alguns momentos de particular atenção.

Os amigos rivais tiveram de abandonar o “campo de batalha” e delicadamente retiraram-se à janela fronteira, deixando assim ampla liberdade às duas jovens.

O Barão foi pachorrentamente tomar o seu lugar, visto que as meninas tinham negócios a tratar, disse ele.

Armando Loreiro declarou que sua filha casava em oito dias e entrou nos preliminares da festa.

Tulia sorria feliz. Helena junto de seu noivo embevecida ouvia as palavras de seu pai; e Fernando no mais deleitoso recolhimento de espirito, levava aos lábios um lenço que só ele vira sobre o tapete junto de sua cadeira, e que pelo perfume

N. 50, p3

[ilegível, 12 linhas].

N. 50, p. 4

IRIS POÉTICO

SEGUNDA CARTA

À

CISMADORA

Então nada de novo? Pois nem mesmo
 A leitura de cartas como as minhas
 Consegue por uma hora, um só momento.
 Distrair-se de ideias tão queridas?
 Conversa, dize, escreve, conta as outras
 Os segredos dessa alma de criança,
 Fala de amor, perfumes, passarinhos,

(Mas perdão, isso é lírica lembrança
 E a quadra atual é só matéria)
 Dize se conversaste, se enfim viste.
 O Mucio, esse “tremendo” realista.
 Que tem um coração que em meia hora
 Abriga duas dúzias de “crianças”
 Do sexo gentil;
 Desnecessário me parece dizer-te.
 Dize se ele te leu o seu poema
 “Chinóca”, onde se abrigam tantas graças,
 Tantos encantos Deus! Que é me impossível.
 Descrevê-los aqui, falta-me espírito.
 Enfim,
 Pega em tua arma e corre ao campo
 A arena do combate é vasta, imensa
 Defende o “ideal” ou o “realismo”.
 Mas não fiques assim horas inteiras
 A meditar na solidão do quarto.
 Em desafio a luva atira ao “Lobo”
 Que na “Costa” calado se tem posto
 Desde que a guerra ao ideal mimoso
 O puro idealismo há declarado...
 E.... alonguei-me muito; aqui aguardo
 Positiva resposta, e sem demora
 Pois fico a tomar chá enquanto espero.

Não te esqueças de mim, guarda-me o lírio
 Para prima ocasião em que nos vermos.

**

Rio Grande – 77

CHARADAS

1 – 2 Interjeição, bicho doméstico e magistrado.

2 – 1 – 1 – 1 Altar advérbio da música e tempo de verbo é arbusto.

2 – 3 Esta vasilha em casa tens esta oficina.

2 – 2 Sorte na boca é tecido.

Todos fogem de assim obter... 1, 8, 3, 2

Essa cor parecida do céu... 4, 7, 6, 5

Mesmo sem o metal ver... 3, 6, 1, 2

E gozar, o que o céu te concedeu 2, 5, 2, 3

1 – 1 Eu tenho e nó temos afabilidade.

1 – 2 Todos nós temos neste rio uma comitiva.

4 – 2 A morte corre no cemitério.

Colibri.

A decifração das charadas do número passado é:

Fatia, Lamparina, Toucador, Capacete, Padeiro, Falúa.

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 29 DE JUNHO DE 1879 - ANO 2, PERIÓDICO N. 51

N. 51, p.1

EXPEDIENTE

Além dos jornais que costumamos receber, temos a acusar mais o recebimento dos seguintes:

A Nebulosa periódico instrutivo, literário e noticioso que se publica quinzenalmente na corte, sob a distinta redação dos Srs. P. A. Nabuco de Araújo e J. Simpliciano M. Braga.

Traz importantíssimos artigos e belíssimas poesias, tornando-se a sua leitura por este motivo assaz recomendável.

Agradecemos a seus dignos redatores a remessa do terceiro número da “Nebulosa” e esperamos que continuem a honrar-nos.

A Opinião folha dissidente, habilmente redigida pelos Srs. Victor Monteiro e Afonso Peixoto.

Começou-se a publicar-se em S. Paulo a 6 do corrente e traz artigos primorosamente que honram aos seus ilustres autores.

Além desses tem um bonito folhetim, e duas poesias da nova escola.

Agradecemos a honra da permuta.

O Plantão pequeno jornal que se publica no Maceió sob a redação de Vulcano e Argos.

É crítico, noticioso e literário.

Gratas pela remessa prometemos troca.

As ilustradas redações do Correio do Natal, Tribuna, Revista Gabrielense, Guarani e Santa Cruz, agradecemos as lisonjeiras notícias que se indignaram dar ao receberem a obscura Violeta.

Aproveitamos a ocasião para avisar a redação do terceiro destes periódicos, que atualmente é com grande irregularidade que recebemos a interessante Revista, o que é assaz sensível para nós, visto que a apreciarmos tanto quanto merece.

Também recebemos os recebemos os “Escritos Efêmeros” do Sr. F. Moreira do Vasconcellos.

É um pequeno, porém precioso livrinho contendo diversos romancesinhos e variedades, entre os quais se torna notável o “Cabinda”, pelo belo asilo que seu distinto autor emprega.

A imprensa tem sido unanime na apreciação desse folheto, tornando-se, por conseguinte desnecessária a nossa fraca opinião.

Felicitemos o Sr. Vasconcellos, um brilhante astro a fulgurar no esplêndido céu de sua pátria, e agradecemos-lhe o exemplar de seu livro com que nos obsequiou.

O ilustrado redator do Guarani (do Sergipe), distingui-nos, enviando-nos como prova de consideração e simpatia, o seu simpático retrato.

Foi uma agradável surpresa que nos fez S. S., a quem nós confessamos imensamente grata.

N. 51, p. 2

JOGO DO DISPARATE – Neste typ. Vende-se este agradável divertimento próprio para as noites de São João, São Pedro.

Compõe-se de 36 perguntas rimadas, e outras tantas respostas.

Preço da Coleção – 1:500.

ROSAS LITERÁRIAS

O CANTOR DO CEMITÉRIO

Na primavera de 70 senti-me aborrecida do bulício da cidade e desejei respirar o ar puro e livre dos campos.

Em uma poética madrugada do mês de dezembro seguimos eu e minha família para chácara de um antigo amigo da casa, aonde pretendíamos passar alguns dias.

Ali parecia-me que ávida me sorria, de manhã cedo quando levantávamos para o nosso passeio antes que o sol tivesse nascido, eu fitava o céu e sempre me parecia que estava mais belo do que nunca, gostava de ficar as águas do arroio levemente frisadas pelas brisas matinais, extasiava-me ouvindo os cantos melódiosos dos diversos passarinhos que saudavam o nascer da aurora, e colhia com mais entusiasmo aquelas flores incultas que me pareciam se fosse possível terem uma alma, telas – iam semelhante a minha.

Eu e Clorinda (a única moça da casa aonde nós achávamos) estávamos tão ligadas desde a infância, pelos laços de amizade, que quem nos visse juntas criam que éramos duas irmãs.

A tarde antes que o sol se sumisse e nos deixasse passear, sentávamos nós a sombra de um frondoso jasmineiro que havia a saída da casa, e ali conversávamos no nosso futuro, ao contrário de quase todas as moças nós não o víamos cheio de

venturas, pelo contrário muitas vezes acontecia que ficávamos com os olhos cheios de lágrimas, porque em vez de sonharmos com grinaldas de flor de laranjeira, sonhávamos com coroas de saudade e perpetuas que uma iria depositar na sepultura da outra.

Diziam-nos em casa que nós éramos românticas, eu creio que não era assim, muitas vezes o nosso coração adivinha...

Algumas vezes ríamos de nossas próprias loucuras em sonharmos goivos na quadra em que as outras sonham rosas, então não conversávamos mais, uma lia alto para a outra ouvir, eram os nossos livros prediletos as páginas da juventude de Lamartine ou a Graziela do mesmo autor.

Uma tarde estávamos nós de tal modo embevecidas na leitura deste último que o sol já de a muito se havia sumido e nós nem nos recordávamos do nosso passeio costumado, era quase que a hora do crepúsculo, quando Clorinda que por um momento parara a leitura para descansar, disse-me: - Amanhã iremos fazer um passeio lúgubre porém que eu faço muitas vezes, quero falar-te do cemitério, iremos visitar o túmulo de Esmeralda, a amiga que depois de ti me era a mais cara, sim lhe disse eu e então a merencória sombra de um salgueiro poderá contar a sua história, que me tens dito ser tão infeliz. A minha alma sofre e meu coração morreu, porque bem cedo se fizeram em pó a esperança, as crenças e os sonhos que eu criara na minha ardente imaginação. Eu te contarei a história me disse Clorinda, porém primeiro prometer-me-á de escrever, ela servirá de exemplo a essas mulheres caprichosas e loucas que falam em amor sem jamais ter compreendido o verdadeiro sentido dessa palavra e mostrará aos homens que ainda existem mulheres capazes de verdadeiros sacrifícios, embora já não estejamos na época de Corina e de tantas outras.

Eu prometi o que Clorinda me pedira e retornamos para casa

Continua.

N. 51, p.3

?

Corria a noite, no espaço faiscavam cintilantes, dourados clarões de luz; e a lua langue sultana; despertava vaporosa, mandando raios à luz.

*

Eurico já não te lembrás?

No cimo das serranias tombavam as orvalhadas prateadas ao luar, e a toada do barqueiro, além das águas do rio, despertava o meu cismar.

*

Tinhas o olhar inspirado, expressivo, iluminado como, como embebido na fé; mas no palor do semblante, na desordem dos cabelos, semelhavas um Hamlet...

*

E eu te disse. Eurico, um dia, quando eu for como a florinha que a nortada derrubou, e no sigilo da campa quedar a pálida fronte, sonharas com quem te amou?

*

Tu suspiraste eu me lembro; e baixinho murmuraste: - teremos um sonho só; se fores, peço-te abrigo, ao menos irei contigo, pela escada de Jacob.

*

E agora que a noite é linda, o jasmineiro vacila beijado pelo luar; pergunto se te esqueceste dessa promessa firmada ali à beira do mar?!

Rio Grande – 79.

Hermengarda.

ÍRIS POÉTICO

O DESCRIDO

Não perguntem sua história,
 Não tentem sabe-la, não;
 Já teve amor, teve crenças,
 Hoje não tem coração.

Desce a noite, o céu tem astros
 Cheios de vivo esplendor;
 Brincam na praia as ondinhas,
 A brisa murmura – amor –
 Desce a noite o céu tem astros
 Cheios de vivo esplendor.

Os vagalumes nos ares,
 Com seus luzeiros incertos
 Voam, revoam travessos
 Pousam nos galhos quietos.
 Os vagabundos nos ares

Com seus luzeiros incertos.

Na terra tudo tem galas,
 Nos ares tudo harmonia,
 No firmamento esplendores,
 No coração – poesia –
 Na terra tudo tem galas,
 Nos ares tudo harmonia.

Só ele passa insensível,
 Frio, mudo indiferente;
 A multidão chama – descrente –
 Só ele passa insensível
 Frio, mudo indiferente.

Rio Grande – 79.

Penserosa.

N. 51, p. 4

ALICE TELLES PRERIRA DA CUNHA

Leio em ti tanto mistério
 Tanta história em seu florir.
 Que semelho e estar-te olhando
 Vaidosa a todos curvando
 Sobre um trono do porvir!
 - Carlos Ferreira –

Alice meiga e formosa
 Engraçadinha e mimosa,
 Semelha um botão de rosa
 A baloiçar-se no hastil;
 É como a luz encantada
 Que doura o céu da alvorada
 Quando além de madrugada
 Surge risonha e gentil.

É linda como as ondinas
 Como as flores purpurinas,
 Ou como as notas divinas
 Que vagam aos pés de Deus;
 Travessa qual borboleta
 Brincando viva, inquieta,
 Buscando tocar a mela
 De seus sonhos cor dos céus.

Seus olhos têm tal viveza
 Dentre essa ingênua beleza,
 Nesse todo da pureza
 Que envolve a casta cessem;
 E a voz singela inspirada,
 Suave, brando, afinada,
 É como a nota encantada
 Que a brisa suspira além...

Quem pode ver-te criança,
 Sem retratar na lembrança
 Esse sorrir de esperança,
 Que paira nos lábios teus!
 Sim, eu sei, depois de ver-te,
 Quem poderá esquecer-te,
 Deixar de muito querer-te,
 Dileta filha de Deus?!

Tu que perfumas a vida,
 Que fazes sempre querida
 Essa existência florida
 De teus lares paternais;
 Terás, - eu creio na sina –
 Brilhante ante estrela divina,
 Serás a luz peregrina,
 Sempre junta de teus pais!

Revocata H. de Melo.

Rio Grande – 79.

TEUS OLHOS.

Encanta-me a luz tão bela
 Que disse teus olhos vem.
 Luz que tem nos céus a estrela,
 Na terra tu... mais ninguém! ...

Longe da luz dos teus olhos,
 Tateio em trevas sem fim,
 São eles os puros astros,
 Que ao céu conduzem-me enfim.

Ao céu da felicidade,
 Dos santos gozos do amor;
 Teus olhos, sim são teus olhos
 Cheios de vida e fulgor.

Nas minhas horas de mágoas,
De sofrimentos cruéis,
Eu que descreio do mundo,
Só eles me são fiéis!

Naquela meiga ternura
Com que se fitam nos meus,
Minha alma deixando o corpo,
Feliz transporta-se aos céus.

E quando sob um cipreste
Eu durma o sono sem fim;
Lá mesmo serei ditosa
Se eles chorarem por mim!

MARIETA.

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 6 DE JUNHO DE 1879 - ANO 2, PERIÓDICO N. 52

N. 52, p. 1

EXPEDIENTE

Aos nossos assinantes a quem de coração agradecemos a proteção que até hoje nos tem dispensado, pedimos mil desculpas pela irregularidade de com que ultimamente tem sido distribuída a nossa pequena folha.

Com a entrada do novo mês e trimestre faremos todo o possível para que não se reproduzam essas irregularidades, esperando também que não nos abandone o favor público.

*

Da corte recebemos o Correio Comercial que ali se começou a publicar no mês p. p. É órgão do comércio e da lavoura, e publica-se sob a redação de dois distintos cavalheiros:

Agradecemos a delicadeza do colega, e desejamos-lhe perenes venturas.

*

Temos continuado a receber com regularidade os interessantes periódicos Gazeta Rio-Clarense e Imprensa Ituana que por mais de uma vez se tem ocupado do interessante assunto – a educação da mulher.

*

Também ultimamente a bem elaborada folha denominada Iguapense publicou sobre o mesmo assunto um belo folhetim, cabendo-nos o agradável dever de agradecer a seu distinto autor a citação honrosa que no mesmo se digna fazer de nosso obscuro nome.

ROSAS LITERÁRIAS

O cantor do cemitério

O dia seguinte amanheceu esplendido, o céu de um azul puro e sereno refletia-se nas águas do arroio, os passarinhos cantavam alegremente e as mimosas flores pareciam que tinham criado mais vida e beleza.

Só minha alma era triste porque seu natural era assim e porque eu esperava com ansiedade a tarde em que deveríamos fazer o passeio lúgubre, onde eu deveria saber uma história, quem sabe bem semelhante à minha.

A tarde finalmente chegou e eu e Clorinda dirigimo-nos ao cemitério que não distanciava muito de nossa casa.

Era quase a hora do crepúsculo, a hora das saudades e da melancolia até para aqueles em que a vida é serena e bela como um mar de rosas.

N. 52, p. 2

Era, pois, nessa hora solene em que o dia expira que chegamos ao cemitério. Clorinda triste e chorosa conduziu-me até o túmulo de sua querida Esmeralda, meu Deus que túmulo aquele tão cheio de poesia, se eu ao menos tivesse certeza de ter um igual quando morresse, iria mais consolada.

Cercava-o uma grade branca, aonde se enroscavam as mais mimosas parasitas. Nos quatro cantos da pedra erguiam-se colunas de mármore que sustentavam vasos aonde cresciam sempre vivas e perpétuas brancas.

Continua.

O BOTÃO E A ROSA

- ROMANCE –

(Continuação do n. 50)

Apenas alguns segundos e no interior da casa retine a companhia, soam de novo os indistintos gritos, predominando a vos de Armando Loureiro, nestas palavras: - Não o deixem escapar!

A este brado, todos se levantam assustados: o Dr. Álvaro convida os dois mancebos a segui-lo; o Barão e as moças seguem inadvertidamente o mesmo caminho.

Entre as alcovas da frente e a sala de jantar havia do lado esquerdo uma saleta, cujas janelas davam para uma área, que ficava no centro dessa famosa habitação; essa saleta comunicava por um lado com o corredor que levava à sala de visitas, e por outro com a sala de jantar.

Esta peça de tamanho regular; quadrada de espaço para três janelas elegantemente rasgadas. Bem no centro fora colocada uma grande mesa, (precioso atestado de progresso artístico), sobre o qual havia uma esfera, mapas, papéis, estojos, livros, caixas, tinteiros, lápis, pinceis, etc. De um lado estava um belo piano de ERARD, tão rico como aquele que vimos na sala de visitas; e na mesma parede, fronteira às janelas, preciosa estante pegada de bons livros.

Entre as janelas, e ocupando os espaços, cruzetas, banquinhas e cadeiras.

Tudo isto sobre severo tapete, sombreado pelos transparentes de cristal.

Sobre o papel de cor perola que cobre as paredes, sobressaia um retrato de tamanho natural: representando um belo homem de trinta a trinta e cinco anos; trazia algumas decorações. Aqueles que não houvessem conhecido este personagem ao encontrá-lo por ali, buscariam a interrogar o passado e surpreendidos perguntariam de si para si: _ onde encontrei esta correta fisionomia? ... eu com certeza o vi, ou alguém que muito se parecia com este retrato!

Não era no passado e sim no presente que descobriríamos aqueles traços...

Que fazia este misterioso retrato colocado ali, naquele recinto denominado – sala de estudos? – Logo o saberemos.

Em menos tempo do que levamos a fazer esta ligeira descrição; chegou toda a companhia a sala de jantar.

Tulia e Malvina ali estavam de pé, pálidas e perturbadas; Rafael sorria animando-as. Das portas que davam para o interior a única que estava aberta, era guardada por dois criados.

Que há? Perguntou o Dr. Álvaro à sua madrasta.

Nada, respondeu Armando Loureiro. – Nada, foi mera brincadeira de um gracioso sujeito que lá está estendido na cozinha roncando como se dormisse há uma hora; o caso é fácil de explicar, o mísero ébrio encontrou portas abertas e escada deserta

N. 52, p.3

e entrou procurando lugar onde sem perigo pudesse descansar a vertiginosa cabeça; deixá-lo pobre diabo, tem boa fisionomia, nenhum mal poderá ele porvir.

Malvina e Rafael foram a causa de toda essa balburdia, enfim, nenhuma mulher perdoa essas pieguices, mas nenhum rapaz! Ora o Sr. Rafael que lição para os seus brios! ...

Rafael baixou a cabeça e Armando Loureiro continuou: meus senhores e senhoras, peço perdão pelo susto que a meu pensar lhes cansou, volvamos à sala e fique esquecido este pequeno incidente.

Continuar-se-á.

Americana.

TU E EU

Tu és o lírio viçoso, branco, mimoso e gentil; nascido em manhã formosa dos nossos dias de abril.

Eu sou o goivo funéreo, nascido no cemitério, sem receber doce gota do meio orvalho do céu: florinha que nasce inculta e pobrezinha vegeta até sentir da morte o véu!

Tu és suspiro de uma alma que vive para adorar, de um coração que suspira, mas suspira por amar.

Eu... gemido dolorido, de um moribundo talvez; ou queixa que o vento leva, leva e não traz outra vez.

Tu és estrela brilhante, de um venturoso mortal, és luzeiro, és diamante, terás ditoso fazer.

Eu... nem sei mesmo dizer-te o que hoje eu sou, ou serei: Batel sem norte vagando, lâmpada já se apagando, sonho de dor, que até quando durará, nem mesmo eu sei.

Assim, não mais me procures, busca esquecer-me por Deus:

Vai, deixa eu seguir na vida, adeus para sempre, adeus.

Rio Grande – 79.

Marieta.

DESPEDIDA

À...

Eu vou partir; quem sabe até quando a tétrica mão da fatalidade nos terá separados?!

Eu sinto em mim o gelo do desânimo, sinto uma dor sem nome oprimir-me o sensível coração.

Lembrar-te-ás tu de mim quando longe eu for?

Pensarás algumas vezes na pobre criança que tanto te tem sabido amar?

Quem sabe...

Esta descrença, este desânimo, este desfalecimento que de mim se apoderou ao deixar-te, não serão prenúncios do esquecimento mortal que de ti se apoderará, logo que não me vejas?

Talvez.

Adeus, pois, queira o céu que se um dia olvidares os nossos santos protestos, a mulher a quem ames te vote apenas desprezo ou indiferença.

M.

N. 52, p.4

ÍRIS POÉTICO

AS NOVAS IDEIAS

À PROPOSITO DE UMA CRITICA

Na época fatal em que o lirismo expira
 Não é me dado cantar senão mundanas galas;
 Pois bem, não falharei em rosas, nem perfumes:
 Conquanto é bem real que há rosas pelas salas.

Oh frio realismo, oh torpe e inexorável
 Diz-me o que ei de cantar que agrade a tua escola?
 As galinhas? O gato? As couves lá na horta?
 Meu Deus! Que realismo em minha mentirola

No que ei de me inspirar? Nos lírios da campina,
 Nos arbustos gentis, nas rosas borboletas?
 Não, que tudo emudece quando o lirismo morre
 Só crescem girassóis, matando as violetas.

Pois bem, se não encontro jamais o que me inspire
 Desde que nas áureas nuvens o ideal alou-se,
 Adeus musas gentis, de mim não mais se lembrem
 Que com o ideal, o estro meu finou-se.

Rio Grande – 79.

Penserosa.

O ANJO CAÍDO

Eu vi a comitiva passar para o cemitério,
 Para onde conduziam o misero inocente;
 Levavam-no num leito da cor do azul sidéreo,
 Envolto em nívea graça mimosa e transparente.

Nos lábios da criança pairava um meigo riso
 Que era talvez, quem sabe? Desprezo pelo mundo;
 No céu já entrevendo dourado paraíso
 Deixava sem desgostos este deserto imundo!

Lá dentro da morada sombria da igualdade,
 Alegre o aguardava com anciãs o coveiro;
 Era um mancebo ardente, de altiva majestade,
 Que ouve senão me engano, chamar – Guerra Junqueiro.

À beira do sepulcro, canções de dor intensa
 Mil vates que eu conheço tristonhos murmuravam; depois tudo ocultou-se da cal
 nuvem densa
 E quantos, quantos olhos meu Deus então choraram!

Na lapide marmórea que então lhe colocaram,
 Sem cruz, sem atavios, sequer sem um sinal,
 Alguns que no outro tempo curvados o adoraram,
 Gravaram-lhe sorrindo: Não voltes Ideal.

Rio Grande – 79.

Jogo da Paciência

CHARADAS

- 1 – 2 Esta letra no teatro é uma dama.
 - 1 – 1 N'um livro, e no corpo é fruta
 - 1 – 2 É criminosa e dentro do leite é mulher.
 - 2 – 2 Não é essa, nem é minha, é de pedra.
- Marieta.

A decifração das charadas do número 50, é:

Togato, Aracamiri, Tonelaria, Sinabáfo, Cortez, Cortejo e Libitinário.

Idem da charada em quadro – Coralina.

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 13 DE JUNHO DE 1879 - ANO 2, PERIÓDICO N. 53

N. 53, p. 1

EXPEDIENTE

Infelizmente vimo-nos obrigadas a deixar morrer logo no nascer o nosso projeto de distribuir juntamente à Violeta meia folha de papel com anúncios.

Fomos forçadas a assim proceder pela mesma razão que tem feito com que nosso pequeno jornal seja publicado tão irregularmente, a qual é como já dissemos, –a falta de empregados.

Logo que sejamos melhor servidas, voltaremos à nossa ideia.

*

Em Jaguarão começou-se a publicar a 6 do corrente um pequeno periódico crítico e literário, intitulado – Grinalda.

Recebemos o primeiro número, e agradecemos desejando-lhe longa existência e ... muitos assinantes.

*

Na cidade de Cachoeira na província da Bahia, reapareceu o Futuro pequeno periódico de propriedade de uma associação.

Há seis meses em que havia sido retirado do campo do jornalismo, dando seus redatores por essa ocasião motivos justificáveis.

Desejamos-lhes felicidades.

Com o título A Ideia apareceu em São Paulo mais um interessante periódico redigido por uma plêiade de distintos e inteligentes acadêmicos.

Publica-se mensalmente, é de formato regular e tem oito páginas que se chama repletas de bons escritos.

Ao novo trabalhador, existência longa e feliz.

*

O Sr. Eduardo Fernandes Lima, acaba de publicar em São Paulo um folheto do artigo 5º da constituição do Brasil, em face da razão e do dizeito: é escrito em

linguagem enérgica e positiva, desmentindo nele o que no prefácio de sua obra diz modestamente o ilustre jovem.

– São ensaios de quem pela primeira vez arca com o dificultoso manejo da pena.

Recebemos o exemplar que nos foi enviado.

*

O ilustre e simpático escritor português Sr. Gaspar da Silva, ex-redator da interessante Gazeta de Sorocaba, acaba de publicar um folheto intitulado – Carta de um Imigrado –.

Esta carta dirigida ao Sr. C. Castello Branco é em resposta ao seu –Cancioneiro Alegre–, livro que (segundo nos consta, pois, ainda não o lemos),

N. 53, p.2

tem por base desprestigiar os poetas brasileiros e a quem mais admira os portugueses também.

O Sr. Gaspar da Silva nesse folheto mais uma vez demonstra os raros dotes intelectuais com que a natureza se aprouve em dotá-lo.

Também tomando a defensiva dos poetas seus e dos nossos patrícios, o distinto escritor mostrou que o que levava a assim proceder não era somente o amor à pátria e sim o amor à justiça e à verdade.

Pela nossa parte como brasileira que somos, agradecemos-lhe com efusão as frases que sua autorizada pena sobre nossos irmãos de berço dignou-se escrever.

ROSAS LITERÁRIAS

O CANTOR DO CEMITÉRIO

O epitáfio era singelo, dizia assim:

Aqui repousa Esmeralda.
 Dos não inda na flor
 Só dezoito primaveras,
 A pobre mártir de amor,
 Viandante que passares,

Curva o joelho no chão
Por alma da virgem bela
Ergue a Deus uma oração

Nos ajoelhamos junto aquele túmulo aonde tudo parecia dizer candura e oramos por longo tempo, nossas lágrimas regaram a pedra que cobria os restos daquela criança mártir na aurora da vida.

Depois dei o braço a minha pobre amiga e procurei afastá-la dali, vamos lhe disse, sentarmos a sombra daquele salgueiro, o lugar é sombrio e triste, e antes que a noite chegue tu deves me contar esta triste história que me prometeste.

Pouco depois Clorinda principiou assim:

- Eu vou contar-te uma história tal qual ouvi dos lábios de Esmeralda, eu fui sempre sua confidente e até a sua última hora fui seu anjo consolador.

-Esmeralda tinha 17 anos na época em que principiou o seu poema de amor, era em uma noite de festa, o céu parece que se preparava para aquela cena, porque ostentava o seu manto de anil, bordado dos mais puros diamantes, a terra vestia-se de galas e as flores que se balançavam suavemente nos caules mandavam ao céu os seus mais embriagantes perfumes.

Meu Deus que noite aquela dizia Esmeralda, foi essa a primeira vez que o vi, era um mancebo de porte elegante, seu rosto moreno e pálido tinha todos os traços que se pode desejar a um homem a quem se possa chamar belo, seus olhos tinha o fogo da inspiração e o brilho do entusiasmo, quando senti aquele olhar fitar-me meu coração palpitou de um modo desconhecido até então e minha alma creio que voou ao céu de onde só voltou quando deixei de sentir o fogo daquele olhar, porém aquele momento talvez um dos mais felizes de minha vida, ficara eternamente gravado no meu coração.

Desde esse momento amei-o, sim amei-o com todas as forças da minha alma, porém desse amor cheio de martírio e sofrimento que se alimenta no segredo do coração, desse amor que conduz mil vezes ao abismo sem que nossos lábios tenham animo de pronunciar uma única palavra.

Acredita-me este amor é o mais verdadeiro, mais puro e mais santo, é assim que os poetas devem amar e, no entanto ele era poeta e não compreendia o meu coração.

- Olha o verdadeiro amor não é aquele que se explica por meio de palavras e sim o que se deixar adivinhar por meio de um olhar furtivo.

Depois dessa feliz noite só o vi uma vez porque breve ele partiu, o seu destino quem sabe talvez a sua feliz estrela chamaram o longe, muito longe.

Desde então eu deixei de ser feliz.

Clorinda fez uma pausa e depois me disse: -Talvez te pareça impossível que se possa amar a um desconhecido que se encontrou na vida apenas duas vezes? Podes crer-me eu conheci outrora uma mulher que amava um retrato de um desconhecido, que chorava por ele, e dedicava-lha as suas inspirações e sabes tu porque?

Era que esse homem tinha a coroa do gênio e o eco de seus triunfos ecoava na alma ardente dessa mulher e o que esses entes inspirados por Deus não conseguiram, quem poderá fazê-lo?

Ninguém!

Assim o amor que Esmeralda consagrou ao belo, foi que a levou ao túmulo. Dois meses depois que ele partiu, ela estava me disse sua tia, tão pálida e abatida que não parecia a mesma, desejavam deixar a cidade, s almas que sofrem não gostam dos ruídos que anunciam festas e prazer, a vida do campo tem mais beleza porque encerra em si mais poesia.

(Continua.)

RIO GRANDE DO SUL – DOMINGO, 20 DE JULHO DE 1879 - ANO 2, PERIÓDICO N. 54

N. 54, p. 1

O CANTOR DO CEMITÉRIO

A tia de Esmeralda que era a parenta única que lhe restava e que adorava a sua sobrinha, acima de tudo nesse mundo, resolveu fazer-lhe imediatamente a vontade.

Foram então que vieram habitar aquela casinha poética que já te mostrei e que quase se oculta a sombra das laranjeiras.

Desde logo o simpático semblante de esmeralda cativou meu coração, bem sabes sempre simpatizei com os tristes, assim nossas duas almas se compreenderam bem, e eu agradecia ao céu o ter enviado a minha solidão uma amiga.

De manhã cedo quando eu me levantava já avistava passeando no jardim, ou então vi-a na janela de seu quarto que era poeticamente rodeado de madressilvas, ia vê-la e dávamos longos passeios, ela era o ente mais

N. 54, p. 2

triste que tenho conhecido, vivemos quase que sempre juntas durante cinco meses e duas ou três vezes apenas a vi sorrir, meu Deus que amor aquele, que imenso martírio, ela contara-me entre soluços e sua triste história, na qual não há como tu talvez creias apenas uma vítima, não, houve outro mártir.

Recordas-te daquela noite de luar em que passeamos juntas te mais tarde e me fizeste parar para escutar um canto longínquo?

É verdade lhe respondi, tu me prometeste contar a história desse canto e da pessoa que o executava a quem disseste que o chamavam o cantor do cemitério.

Pois bem disse Clorinda, o cantor do cemitério amava Esmeralda a três anos, viva sonhando o seu amor sem que jamais tivesse um raio de esperança, bem sabes o nosso coração não pode ser governado, assim o de Esmeralda fugia do de Manfredo enquanto o dele procurava o dela.

Imagina o que Manfredo sofria com o amor de Esmeralda, porém aquela chama que ele procurava apagar cada vez ateava mais.

Ela contou-me que uma vez depois de ter chegado aqui, uma noite em que lendo um dos sentidos cantos do divino poeta que lhe roubara o coração, ela em vão preocupava em conter os soluços, pareceu ouvir um fraco movimento junto a janela,

pouco depois se ouviram os acordes de um violão e uma voz triste e comovida começou a cantar o ultimo canto do trovador da Nebulosa.

Minha harpa saudemos o instante da morte,
Que é lúcida aurora de eterna vitória,
O túmulo para os vates é trono de glória,
A vida é um jogo do inferno e da sorte.
O jogo quebremos, ao trono subamos
E belo o triunfo minha harpa morramos.

Aquele canto descrente e cheio de dor ecoou-lhe na alma e uma lágrima de compaixão rolou-lhe pela face empalidecida pelo sofrimento. Pobre criança murmurou ela eu imagino o seu suplicio pelo meu.

Se ao menos ele tivesse visto aquela lágrima, porém nem isso vio.

Desde então fugia sempre e ele sempre procurava vê-la.

Um dia meus Deus, que dia triste e desgraçado, Esmeralda levantou-se mais tarde que de costume e não fizemos o nosso passeio costumado, eu fora a ver e achei-a tão abatida que não quis desampará-la, fui a seu querido jardim e apanhei todas as flores que achei abertas, vamos coroar teu quarto. Quem sabe, murmurou ela sorrindo, se hoje será o dia do meu noivado.